



VAIN

BOOK ONE OF THE SEVEN DEADLY SERIES

FISHER AMELIE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Para Bruce,

Você viveu o tipo de vida que estamos todos destinados a viver.

Você pegou suas mãos e cavou-as no chão. Você sabia que servir aos outros era a sua vocação e você respondeu com um sonoro e imediato, *sim*, sem dúvidas, sem hesitar. Eu fui abençoada por te conhecer, por te chamar de pai...

E nós vamos sentir mais a sua falta do que você poderia imaginar.

P.S.: Pura Vida!

Prólogo



Vaidade é uma aflição debilitante. Você está tão absorto em si mesmo que é impossível amar alguém *diferente* de si mesmo, deixando-o fraco sem nem sequer notar. É muito triste. Você não tem ideia do que está faltando também. Você nunca vai conhecer o verdadeiro amor e sua vida vai passar por você.

Mas você vai ver.

Um dia você começa a piscar e a névoa vai se dissipar. Você vai descobrir que o que uma vez foi definido murchou em cabelos grisalhos e pele enrugada. Frenético, você vai olhar em torno de si, na esperança de encontrar aqueles que juraram adorar você, mas tudo o que você vai encontrar são molduras vazias.

Capítulo 01



Seis semanas se passaram após a graduação e Jerrick estava morto há três delas. Você teria pensado que isso já seria o suficiente para todos nós fazermos uma pausa de nossos *hábitos*, mas não foi.

Inclinei-me para cheirar a linha de cocaína em minha frente.

— Brent parece muito tentador hoje, não? — Eu perguntei a Savannah, ou Sav como eu a chamava para abreviar, quando levantei minha cabeça e limpei meu nariz.

Savannah voltou seus olhos vidrados para longe da sua mistura de Special K com O.J.^[1], a cabeça oscilando de um lado para o outro.

— Sim, — ela preguiçosamente arrastou para fora. — Ele parece quente esta noite. — Seus olhos vidrados se animaram um bocado, mas pouco. — Por quê?

— Eu estou pensando em dizer ‘Olá’ para ele. — Sorri maliciosamente para minha pseudo-melhor amiga e ela sorriu tortuosamente de volta.

— Você é uma vadia. — Brincou ela, cutucando minha perna bronzeada com suas unhas perfeitamente cuidadas. — Ali nunca vai

— Sim, ela vai. — eu disse, levantando-me e alisando minha saia apertada.

Eu podia ser considerada uma dicotomia de armários. Eu nunca mostrava muito de pele, porque, bem, o meu pai teria me matado, mas isso não me impedia de escolher peças que deixavam a língua dos meninos abanando. Por exemplo, tudo o que eu tinha era apertado que nem uma segunda pele, porque tinha o corpo para isso, e porque *sempre* me davam o que eu queria. Eu amava a forma como os meninos me olhavam. Eu amava o jeito que eles me queriam. Fazia-me sentir poderosa.

— Como você sabe? — Sav perguntou, sua cabeça pendendo fortemente para trás e para a frente na parte de trás do sofá de couro no escritório de seu pai.

Ninguém tinha permissão para estar naquele quarto, festa ou não, mas nós não nos importávamos. Os pais de Sav foram para a Itália por um capricho, deixando sua casa com o inevitável destino para o ‘Buraco’ de fim de semana, como nós o chamávamos. O Buraco era o código para onde quer que decidíamos "buraquear" no fim de semana.

Meu grupo de amigos era, correndo o risco de soar extravagante, rico. Isso é um eufemismo. Nós éramos sujos, como gostávamos de provocar uns aos outros, duplo sentido e tudo. A casa de alguém sempre abria algum fim de semana aleatório porque todos os nossos pais viajavam com frequência,

especialmente os meus. Na verdade, em quase todos os fins de semana a festa era na minha casa. Mas não era por isso que eu governava o poleiro, por assim dizer. Não era nem porque eu era a mais rica. Meu pai era apenas o número quatro na lista. Não, eu dominava porque era a mais quente.

Você vê, eu sou uma das pessoas bonitas. Realmente soa muito estranho ter de explicar, mas é a verdade, no entanto. Eu sou bonita, e não é porque tenho uma boa dose de autoestima, apesar de eu ter muito isso. É evidente na maneira como eu me pareço no espelho, sim, mas ainda mais evidente na forma como todos me tratam. Eu governo este poleiro porque sou a mais procurada por todos os caras, e todas as meninas querem ser minhas amigas *por causa disso*.

— Como você *sabe*? — Ela perguntou novamente, agitada porque eu ainda não tinha respondido.

Isso fez o meu sangue ferver. — Cuidado, Sav. — Eu avisei. Ela tinha esquecido quem eu era e precisava lembrá-la.

— Desculpe. — Disse ela timidamente, se encolhendo ligeiramente em si mesma.

— Eu *sei* porquê elas sempre fazem. Além disso, quando eu estou satisfeita com seus meninos, dou-lhes de volta. Elas consideram pagas as suas dívidas.

— Confie em mim. — ela disse baixinho para a parede. — Elas não consideram suas dívidas pagas.

— É sobre Brock, Sav? — Eu bufei. — Deus, você é que nem um pirralho chorão. Se ele estava disposto a te trair tão facilmente, ele não valia a pena. Considere isso como um favor.

— Sim, provavelmente você está certa. — Admitiu ela, mas não soou verdadeiramente convencida. — Você me salvou, Soph.

— De nada, Sav. — Eu respondi docemente e acariciei sua cabeça.

— Agora, eu estou saindo para encontrar Brent.

Parei na frente do espelho acima da mesa de seu pai e me inspecionei.

Longos e sedosos cabelos castanhos lisos até meus cotovelos.

Tinha destaques loiros naturais por todo ele. Eu tinha cortado recentemente minha franja de modo que ela cai direto na minha testa. Eu afastei-a ligeiramente, colocando-a suavemente sobre minhas sobrancelhas. Estudei-a e senti meu sangue começar a ferver. A maioria das meninas no funeral de Jerrick de repente tinha o mesmo corte e isso regamente me irritou. *Deus! Percebam de uma vez, idiotas. Vocês nunca vão parecer como eu!* Eu franzi os lábios aplicando um pouco de brilho sobre eles. Meus lábios eram cheios e rosa o suficiente para eu não precisar de muita cor. Minha pele estava bronzeada de ficar demasiado tempo na piscina depois da formatura, e eu fiz uma nota mental para me manter dentro de casa um pouco. *Não precisa de rugas, Soph.* Meus olhos claros e dourados eram da cor do âmbar e eram perfeitos, mas notei que meus cílios precisavam de mais um toque de rímel. Eu fiz isso apenas para escurecê-los um pouco, não porque eles não fossem suficientes. Como disse, eu praticamente não tinha

falhas.

— Ele não vai saber o que o atingiu. — Eu disse a mim mesma no espelho. Sav confundiu isso, achou que falei com ela e eu revirei os olhos quando ela respondeu.

— Você joga um jogo doente, Sophie Price.

— Eu sei. — Admiti, virando em sua direção, uma expressão diabólica no meu rosto sem mácula.

Eu caminhei pela sala. Quando passei a multidão de pessoas alinhadas contra as paredes do salão que levava do hall de entrada para o salão enorme, eu recebi as vaias habituais e ignorei-as com todo o charme para flertar que era o meu forte. Eu era a rainha da sutileza. Eu poderia tocar um garoto como um violinista. Eu era uma mestra no meu ofício.

— Posso lhes conseguir alguma coisa, meninos? — Perguntei me aproximando do grupo de elite de gatos que incluía Brent de Ali.

— Eu estou bem, baby. — Graham flertou, como se eu *alguma vez* fosse me interessar por ele.

— Você parece. — Flertei de volta, mal sufocando a vontade de revirar os olhos.

— Já que você está oferecendo tão bem, Soph, — Spencer disse: — Eu acredito que todos nós poderíamos ter uma nova rodada.

— Mas é claro. — Eu disse, acenando levemente e sorrindo sedutoramente. Eu propositadamente virei para fazer o meu caminho em direção ao bar. Eu fiz isso por duas razões. Um, para fazê-los todos olharem a minha bunda. Dois, para fazê-los acreditar que eu tinha acabado de pensar no próximo passo do meu jogo. Virei rapidamente e peguei-os todos olhando, especialmente Brent. *Bingo*. — Vou precisar de alguma ajuda para levar tudo de volta. — Eu fiz beicinho.

— Eu vou! — Eles todos gritaram ao mesmo tempo, clamando em frente uns dos outros como gado.

— E se eu escolher? — Eu disse. Eu circulei o rebanho, correndo a mão ao longo de seus ombros enquanto eu passava por cada um.

Spencer visivelmente tremeu. *Ponto, Soph*. — Uni, duni, tê.

— Eu disse, parando em Brent. Eu segui a linha de sua garganta e tive um vislumbre dele engolindo em seco. — Será que você pode me ajudar, Brent? — Eu perguntei docemente sem qualquer paquera.

— Uh, com certeza. — Ele disse, pousando seu próprio copo.

Liguei meu braço através do seu enquanto caminhávamos para o bar.

— Então, como você e Ali estão? — Eu perguntei a ele.

Ele olhou para mim, não ouvindo uma palavra que eu disse.

— O que? — Perguntou.

Exatamente.

Três horas mais tarde e Brent era meu. Nós acabamos esparramados no antigo tapete turco no quarto dos pais de Sav, nossas línguas na garganta um do outro. Ele me jogou debaixo dele e avidamente beijou meu pescoço, mas parou de repente.

— Sophie. — Ele respirou sexy no meu ouvido.

— Sim, Brent? — Perguntei em êxtase, tendo conseguido o que eu queria.

Ele sentou-se e olhou para baixo, para mim, como se nunca tivesse me visto antes. Eu sorri lascivamente em troca, lambendo meu dente canino esquerdo.

— Jesus. — Ele disse, a mão trêmula pelo cabelo penteado: — Eu sou um idiota.

— *O que?* — Perguntei, sentando-me, atordoada.

— Eu cometi um erro terrível. — Ele me disse, ainda preso entre minhas pernas. Não há necessidade de dizer-lhe o quanto doeu. — Eu tinha bebido muito. — Ele disse, balançando a cabeça. — Sinto muito, Sophie. Você é a garota mais linda que eu já conheci e está nublando minha opinião. Eu cometi um erro terrível.

No mais afortunado dos momentos, ouvimos Ali chamando o nome de Brent no corredor do lado de fora e ele ficou tenso, seus olhos ficando arregalados. Eu poderia apenas interiormente sorrir para o que estava por vir. Antes que ele tivesse a chance de reagir à sua chamada, ela entrou no quarto.

— *Brent?* — Ela perguntou a ele. Ela viu a nossa posição e o reconhecimento que eu vi em todas as outras antes dela ficou obviamente escrito no rosto de Ali. Ela não ia lutar contra isso. — Sinto muito. — Ela disse educadamente, como se eu não estivesse em uma posição comprometedoras no chão com seu namorado. *Ela é tão patética*, eu pensei. Ela fechou a porta. Ouvimos ela batendo no chão pelas escadas, correndo em direção a Sav sem dúvida. Sav teria que fingir que ela não tinha ideia.

Ele se levantou de repente, abandonando-me a esmo sobre o tapete e imediatamente começou a persegui-la. *Bem, essa é a primeira vez*, eu pensei comigo mesma. Normalmente, eles vão de volta aos negócios, mas suponho que nós não tínhamos ido longe o suficiente. *Sim, é por isso que ele te deixou aqui deitada, semidespida, correndo atrás de sua namorada, Soph.*

Eu me frustrei com a minha própria idiotice e me levantei.

Caminhei para o banheiro dos pais de Sav e inclinei-me sobre o lado de sua mãe das pias duplas. Arrumei meu cabelo e deslizei minha unha ao longo da linha do meu lábio inferior, limpando qualquer mancha de brilho. Enfiei minha camisa listrada de preto-e-branco de seda com gola V, prendi o botão da minha saia apertada e olhei para mim mesma.

Uma única lágrima correu pelo meu rosto e eu fiz uma careta. *Agora não*, pensei. Eu era o meu pior inimigo. Essa era a minha fraqueza secreta. Rejeição. Rejeição de qualquer tipo, na verdade. Eu odiava

isso mais do que qualquer coisa.

— Você é bonita demais para ser rejeitada. — Eu disse ao reflexo na minha frente, mas as lágrimas não paravam.

Corri até a torneira e joguei um pouco de água no rosto antes de remover a pequena bolsa de cocaína que eu tinha escondida no meu bolso. Eu me atrapalhei um pouco com o envelope de plástico, derramando-o sobre o balcão de mármore e amaldiçoei a bagunça que tinha feito. Procurei por algo para alinhar e finalmente achei no armário de remédios de seu pai. Tirei a lâmina de barbear à moda antiga de seu pai e fiz minhas linhas. Lembrei-me que sua mãe mantém uma pequena pilha de papéis de carta em sua mesa no quarto e fui direto até lá, rolando o papel em um pequeno tubo.

As lágrimas não paravam e eu sabia que não seria capaz de cheirar com um nariz imprestável. Eu fui ao banheiro de seus pais e puxei alguns pedaços de papel higiênico, soprei meu nariz, em seguida, joguei-o fora. Limpei as lágrimas no meu rosto e me inclinei sobre as minhas linhas exatamente no momento que um policial veio correndo, me pegando mesmo antes do ato, pela segunda vez naquela noite.

— O que você está fazendo? Coloque suas mãos em sua cabeça. — Eu ouvi a voz profunda de um homem dizer.

Eu me endireitei languidamente de minhas linhas inacabadas e olhei para o espelho. Compartilhando seu reflexo comigo, estava um policial jovem bastante gostoso. *Merda*. Larguei os artigos de papelaria enrolados que cheiravam como uma mistura de velha senhora e lavanda, e preguiçosamente coloquei minhas mãos sobre minha cabeça.

— Vire-se. — disse ele, tocando as algemas no cinto.

Eu me virei e olhei para ele, seus olhos se arregalaram com a visão completa de mim. Ele tropeçou um pouco, depois avançou para mim. Ele pegou a minha mão direita lentamente, então a minha esquerda e engoliu como Brent tinha feito antes. *Te peguei*.

— Qual é o seu nome? — Sussurrei, seu rosto a meros centímetros do meu. A batida Dope Crunk de Beats Antique tocava bem alto lá em baixo. *Não admira que eu não os tenha ouvido entrar*.

— Isso não é da sua conta. — Ele disse, mas a hesitação em sua voz me disse que gostaria que fosse.

— Eu sou Sophie. — Eu disse-lhe quando ele fechou o primeiro anel da alga em volta do meu pulso.

Ele continuou estreitando os olhos para mim, mas eles deslizavam para os meus seios constantemente antes de voltarem para o meu rosto.

— P-prazer em conhecê-la, Sophie.

— Prazer em conhecê-lo, também... — Fiquei à espera de seu nome.

— O que você está fazendo? — Ele me perguntou, lançando olhares por cima do ombro, sem dúvida, preocupado que mais oficiais se juntariam a nós.

— Nada. Juro. — Eu afirmei, pegando a minha mão livre da sua e cruzando meu coração, que só aconteceu de estar na ponta do meu decote. Seu olhar deslizou rapidamente para baixo e ele começou a respirar mais forte.

— Casey. — Ele me disse.

— Casey. — Eu disse ofegante, testando o seu nome. Ele lutou contra um sorriso sonolento, aparentemente gostando da forma que eu disse, e sorri.

— M-me dê a sua mão. — disse ele.

Eu dei-lhe a minha mão sem hesitar, sem estardalhaço. Ele pegou e prendeu-a com a outra.

— Tudo amarrado agora, Casey. — Sussurrei, levantando as minhas mãos algemadas ao mesmo tempo que ele fechou os olhos, quase dando um passo para frente.

— Venha comigo. — Ele disse, puxando-me do balcão. Seus olhos olharam para minhas linhas e ele balançou a cabeça. — Porque você faz essa merda?

— Porque me sinto bem. — Eu disse a ele, virando em sua direção e sedutoramente deslizando minha língua ao longo de meus dentes superiores.

— Não o faça. — Disse ele — Ou eu vou te acusar de tentar seduzir um oficial bem como por posse.

— Faça como quiser. — Disse-lhe, dando de ombros. — Poderia ter sido legal. — Eu me inclinei para frente e cantei em seu ouvido.

— Tenho certeza. — Ele disse. Eu podia ver a surpresa em seu rosto por sua resposta inesperada e sincera. Eu decidi aproveitar isso.

— Aposto que se você me algemar à barra do armário um pouco além dessas portas, eu ficaria quieta como um rato até que você volte para mim. — Disse, deixando o duplo significado afundar-se.

— Pare. — Ele disse. A respiração que ele estava segurando assobiou de seu nariz.

— Quantos anos você tem, Casey? — Eu perguntei, inclinando-me para ele.

— Vin-vinte e dois. — Ele gaguejou.

— Huh, acontece que eu gosto de caras com 22 anos. Eles são atualmente a minha coisa. — Mentir.

Seus olhos vieram diretos para os meus e ficaram lá.

— Sério? — Perguntou ele, cético, mas, inadvertidamente, se inclinou para mim. A linha sombria

que tinha marcado seu rosto antes se transformou em um sorriso leve. *Sele o negócio, Sophie.*

— Mmmhmm. — Eu disse. Empurrei contra seu peito, meus seios esmagando contra seu colete blindado.

Eu timidamente beijei o pulso em seu pescoço, sabendo muito bem que, se ele realmente quisesse, ele poderia definitivamente me denunciar por isso.

Eu simplesmente não podia ir para a cadeia. Não outra vez. Eu já tinha ido uma vez por posse quando Jerrick morreu, e o juiz me disse que se aparecesse de volta em seu tribunal, eu estaria frita. Isto valia o risco.

— Jesus. — Ele murmurou.

Eu enfiei meus dedos através do cinto dele e o trouxe para perto de mim. Ele ferozmente pegou meu rosto no seu e beijou-me como se estivesse morrendo. *Que amor, pensei. Graças a Deus eu tenho um burro.* Suas mãos seguraram todo o meu rosto de forma que não tinha graça alguma. Se o cara não fosse tão sexy, eu não acho que poderia ter continuado com o ato.

— Oficial Fratelli! — Ouvimos vindo do andar de baixo e ele quebrou o beijo. — Fratelli!

— Estou-estou aqui em cima. — Disse Casey, afobado. Ele ajustou-se e limpou a boca.

— Tire isso de mim, — Eu disse, quase em pânico.

— Não posso. — Ele disse.

— Sim, você pode, Casey. Faça isso e eu vou retribuir de forma exponencial.

Ele gemeu, mas olhou para mim se desculpando.

— Quando você sair, venha me encontrar. — Ele disse em voz baixa quando o outro oficial entrou no quarto.

— O resto do andar de cima está seguro. — Disse Casey, como se ele não tivesse acabado de beijar meu rosto. — Ela era a única por aqui.

— Tudo bem. — Disse o policial mais velho. Eu pensei que ele ia sair, mas em vez disso se aproximou e examinou o banheiro em torno de nós. — O que diabos é isso? — Ele perguntou a Casey.

— O que? — Casey perguntou.

— Isso, — O homem mais velho disse, apontando para as linhas de cocaína.

— Uh, sim, ela estava experimentando uma linha quando a encontrei. — Disse Casey ao seu superior.

Fodeu.

— Eu vou limpar isso. — Disse o homem e acenou para Casey ir embora comigo.

— Sinto muito. — Disse Casey, quando estávamos fora do quarto.

— Eu tive que dizer a ele. Ele saberia que eu estava mentindo.

— Está tudo bem, Casey. — Eu disse com voz de sacarina. Beijeii sua boca, depois mordi seu lábio de brincadeira. — Teria sido a melhor viagem da sua vida. — Sussurrei. Seus olhos explodiram.

— Espere, o que? Nós ainda podemos ver um ao outro. — Casey desesperadamente implorou.

— Claro que podemos. — Menti novamente.

— Eu não ia dizer a ele sobre as drogas. — Disse ele de novo, sua voz trêmula. — Eu tinha apenas planejado levá-la por estar na festa.

Isso teria sido apenas uma multa, uma contravenção.

— Eu sei, docinho. — Eu disse a ele — Mas você ainda assim fodeu tudo.

Casey me levou pela escadaria sinuosa e eu senti como se o tempo estivesse parado. Todos os meus amigos, algemados, olharam para mim quando desci sobre eles. Eu sorri para eles encantadoramente e eles quase se encolheram na minha presença. Eu tinha sido a única que trouxe a cocaína, e meu sorriso deixou que eles soubessem que, se me denunciassem, eu não estaria afundando sozinha no navio. Se eles gritassem como os porcos que eram, eu tornaria suas vidas miseráveis. Há uma linha tênue entre amigo e inimigo no meu mundo.

Casey colocou-me na traseira de uma viatura quando chegamos à unidade de carros e afivelou-me ao entrar. — Diga-me, — Eu disse baixinho em seu ouvido, aproximando a minha boca. — De que exatamente eu estou sendo acusada?

— Você provavelmente será pelas drogas, mas se é o seu primeiro delito, você deve ser capaz de sair de ânimo leve.

— E se não é?

— Não é o que? — Ele perguntou, olhando por cima de seu ombro.

— Meu primeiro delito.

— Merda. Se não é, não há nada que eu possa fazer por você.

— Oh, bem, não há nada que eu possa fazer por você também, então. — Eu disse friamente, o calor da minha sedução explodindo frio com um balde de água gelada no desligar de um interruptor. A boca de Casey se abriu e ele pôde ver o que tinha sido. Desviei meu rosto do dele, tendo terminado de jogar com o meu peão.

Casey ficou no banco da frente e eu podia ver através do retrovisor que seu rosto estava pintado de vermelho com humilhação e decepção evidente por ele cair no meu jogo. Ele enfiou a chave na ignição e me levou para a delegacia.

Eu fui registrada, processada e examinada. Eu zombei das mulheres que tiveram de examinar-me antes de colocar-me na minha cela. Ficar nua para alguém do sexo feminino não era exatamente o que eu tinha planejado para a noite. Elas olharam para mim de cima, sabendo das minhas acusações, como se fossem de alguma forma melhores do que eu.

— Minha lingerie provavelmente custa mais do que o seu guarda-roupa inteiro. — Eu cuspi para a baixa e atarracada que me olhou com desdém.

Ela só podia sacudir a cabeça para mim.

— Bem, isso vai ser uma boa adição ao seu *novo* guarda-roupa. — A morena disse, entregando-me um macacão laranja.

Isso fez com que ambas as mulheres rissem. Coloquei o macacão nojento e elas me depositaram em uma cela.

Eu tremi na minha cela, sentindo os efeitos de estar alta se desvanecendo. Eu estava acostumada a esta parte, embora. Só cheirava cocaína nos fins de semana. Diferente da maioria dos outros que conhecia, eu tinha bastante autocontrole para fazê-lo apenas nos buracos. Era apenas o suficiente para abafar qualquer semana de merda que eu tinha tido por ser ignorada pela minha mãe e pai.

Meus pais eram estranhamente os únicos que eu conhecia que se casaram e ficaram assim. Claro, minha mãe era 15 anos mais jovem que o meu pai, então eu tenho certeza que ajudou e ela continuou numa forma incrível. Se você olhasse uma foto daquela época e uma de agora, você não seria capaz de dizer a diferença, e ela presenteou os genes incríveis para mim. Essa foi a única coisa que a minha mãe alguma vez se preocupou em me dar. Minha mãe e meu pai eram tão absortos em si mesmos, que eu não acho que eles se lembravam de mim alguns dias. Nasci por uma razão e uma única razão. Era algo esperado dos meus pais para que transmitissem a imagem de uma família.

Minha mãe era uma "dona de casa", e eu uso esse termo vagamente. Meu pai era o fundador e CEO de um conglomerado de eletrônicos, ou seja, computadores e softwares. Sua empresa era baseada no Vale do Silício, mas quando ele se casou com minha mãe, ela insistiu em LA, então ele voava com o avião da empresa para lá quando precisava. Era seguro dizer que um, se não dois ou três, dos produtos de meu pai estavam em todas as casas da América. Eu tinha um subsídio de cinco mil dólares mensais, se eu mantivesse minhas notas durante a escola preparatória, e essa é a única atenção que eu recebo de meus pais.

Eu tinha acabado de me formar, o que significava que tinha quatro anos para conseguir um diploma de algum tipo, em seguida, sair de casa. Eu ficaria com um subsídio mensal de 20 mil por mês, mas tinha que ganhar meu diploma primeiro. Isso foi o que meu pai disse em poucas palavras.

— Mantenha as aparências, Sophie Price, e eu vou te recompensar generosamente. — Meu pai me disse a partir dos 15.

E era um mantra habitual em minha casa uma vez por semana, geralmente antes de um jantar que eu era forçada a assistir quando ele estava recebendo alguns concorrentes que estava procurando comprar ou possivelmente um político oficial que ele estava tentando conquistar. Eu me vestia modestamente, nunca falava se não pedissem para falar. A timidez era uma farsa. Se eu parecesse doce e condescendente, meu pai dava a impressão de que ele sabia como gerir uma casa, bem como um negócio multinacional e multibilionário. Se eu fizesse isso, obteria um bom bônus de mil dólares. Eu era uma empregada e não uma criança.

— Sophie Price. — Alguém gritou do lado de fora da porta de aço grande que era a minha cela. Eu poderia apenas ver o rosto de um jovem policial na pequena janela. A porta abriu com um baque ensurdecedor. — Você teve fiança.

— Finalmente. — Eu bufei.

Quando saí, fiquei junto a um balcão e esperei que eles devolvessem os pertences que eu tinha trazido.

— Um par de sapatos, uma saia, um conjunto de... — O cara começou, mas olhou para a roupa com confusão.

— Ligas. — Eu cuspi. — Elas são ligas. Deus, apenas as dê para mim. — Eu disse, arrebatando-as das suas mãos.

Ele descuidadamente empurrou o resto dos meus pertences em uma pilha para mim e eu quase gritei com ele por estar lidando com um traje de dez mil dólares como se fosse do Wal-Mart.

— Você pode se trocar lá. — Disse ele, apontando para uma porta infinitesimal.

O banheiro era pequeno e eu tinha que equilibrar os meus pertences em um dissipador nojento.

— Bem, estas vão para o incinerador. — Eu disse distraidamente.

Vesti a saia apertada, devolvi meu macacão ridículo e entrei no saguão. Homens repulsivos e sujos estavam sentados esperando por qualquer preso tolo que eles se preocuparam em vir tirar. Eles me olharam com olhares indecentes e eu só podia encarar de volta, muito cansada para dar-lhes um pedaço de minha mente.

Perto das portas de entrada de vidro, o sol estava coroando o horizonte e eu vi a silhueta da pessoa que teria esperado vir em meu socorro.

De pé, com mais de um metro e oitenta, tão magro que os ossos eram salientes em seu rosto, mas com cabelo com estilo um pouco longo, que lembrava a década de 30, vestido em um terno italiano ajustado, estava Pembroke.

— Olá, Pembroke. — Cumprimentei-o com ácido. — Eu vejo que meu pai estava muito ocupado para vir ele mesmo.

— Ah, tão lindo ver você também, Sophie.

— Pare com a condescendência. — Eu zombei.

— Ah, mas eu não estou. É o ponto alto da minha semana, vir te tirar deste buraco esquecido por Deus cheio de bactérias. — Ele me olhou de cima a baixo com pesar. — Eu suponho que precisarei limpar o interior do meu carro de qualquer maneira.

— Você é tão inteligente, Pembroke.

— Eu sei, — Ele disse simplesmente. — Para comentar sobre a sua observação anterior, seu pai *estava* ocupado demais para você. Ele quer que você saiba que está muito desapontado.

— Ah, eu vejo. Bem, vou tentar com mais afinco na próxima vez para não ser pega.

Pembroke parou e apertou os dentes antes de abrir a porta do passageiro para mim.

— Você, juvenzinha, está extremamente inconsciente da gravidade dessa acusação.

— Você é um advogado brilhante, Pembroke, com milhões à sua disposição. — Eu disse, estabelecendo-me em sua Mercedes.

Ele caminhou ao redor da frente do carro e sentou no banco do motorista.

— Sophie. — ele disse suavemente, antes de ligar a ignição. — Não há dinheiro suficiente no mundo que pode ajudá-la se o Juiz Reinhold estiver presidindo o seu caso novamente.

— Dirija, Pembroke, — Eu exigi, ignorando o aviso. *Ele vai me livrar disso*, eu pensei.

Minha casa, ou eu deveria dizer, a casa do meu pai, foi construída um ano antes de eu nascer, mas desde então foi renovada recentemente no exterior, bem como no interior e apesar de eu ter crescido na casa, quase não parecia nada como era quando eu era pequena.

Era grotescamente grande, fixada em três hectares em Beverly Hills, Califórnia. Ela era inspirada em um Chateau francês com mais de 28 mil metros quadrados. Eu estava na ala esquerda, os meus pais na direita. Eu poderia passar dias sem vê-los, a correspondência só chegava por necessidade, geralmente, para informar-me que eu era obrigada a fazer uma aparição no jantar, e que normalmente era por nota entregue por um dos funcionários. Eu tive uma babá até aos 14, quando a demiti por tentar me disciplinar. Meus pais não perceberam por meses e decidiram que eu era capaz de cuidar de mim mesma depois disso e nunca se preocuparam em substituir a posição.

Liberdade é apenas isso. Absolutamente sem restrições. Eu me abandonei a todos os caprichos que sentia vontade. Tudo o que eu queria, eu fazia e cada desejo era extinto. Eu não queria nada.

Exceto atenção.

E eu a consegui, não das maneiras mais saudáveis. Eu não vou mentir para você, isso é gratificante... Em um sentido. Eu era um pouco sem impedimentos, com o meu tempo e corpo. Eu não era

diferente da maioria das meninas que conhecia. Bem, exceto o fato de que eu tinha exponencialmente melhor aparência, mas por que ficar batendo no mesmo ponto? A única diferença entre elas e eu, era que eu mantinha os caras querendo mais. Eu usei muitos, muitos, *muitos* meninos e joguei-os de lado, descartei-os, ironicamente, como muitos deles fizeram a tantas outras garotas antes de mim.

Isso era o que os mantinha interessados. Eu dava a eles um vislumbre do meu gosto e eles provavam o absinto. Eles ficavam fisgados por *la fée verte*⁵ como eu era muitas vezes chamada. Eu era "a

⁵ A fada verde

fada verde". Eu desfilava em sua vida, te mostrava o ecstasy, e te deixava dependente. Eu fazia isso por diversão, inferno, por atenção. Eu queria ser querida, e dou minha palavra que eles me queriam. Me queriam como o inferno.

Capítulo 02



Pembrook atravessou através da unidade de paralelepípedos da propriedade palaciana.

—Deixe-me cair fora pela entrada de serviço. — Eu disse a ele. Queria evitar encontrar meu pai, se possível.

Ele bufou.

—Eu tenho que ver o seu pai.

—Oh. —Eu disse.

Pembrook tinha seu próprio lugar no estacionamento na última das 20 portas da garagem. É assim, pois muitas vezes ele visitava nossa casa. Tanto quanto me dói dizer isso, Pembrook era como um tio para mim. Sempre que eu preenchia a papelada para os médicos que visitavam, por ser considerado muito „baixo“ para nós visitarmos um consultório, sob a guia "a quem devemos contatar em caso de emergência," eu sempre, sempre, sempre coloquei Pembrook.

Ele era o único confiável. Ele era o advogado do meu pai e ainda o único adulto na minha vida que tinha interesse no que eu fazia com a vida. Ele era Pembrook.

Pembrook era inglês, mas tinha vivido na América há cerca de trinta anos. Ele se especializou em direito internacional, assim me tirou de minhas pequenas desavenças legais. Assustadoramente, ele era magro, quase com a aparência anoréxica. Se eu tivesse que adivinhar, acho que provavelmente não tinha mais do que, talvez, um grama de gordura em seu corpo inteiro em qualquer momento de sua vida. Suas bochechas estavam um pouco afundadas e ele me lembrava muitas vezes uma das raras e magras criaturas góticas que existiam em minha escola preparatória, mas seu olhar era natural. Acho que isso é o porquê ele se inclinou em ser advogado, era um fator de intimidação adicional. Eu acredito que ele usava isso, quando possível. Eu também acredito que ele era virgem. Por uma razão: ele vivia e respirava o seu trabalho. Por outro lado, eu não poderia imaginar uma mulher solteira com pena do pobre homem. Então, novamente, ele era rico, quem era eu para dizer?

— Pembrook, quem você visita quando volta para Londres? — Eu perguntei, subitamente com o interesse de saber o que se passa lá quando ele nos deixa aqui.

Ele me olhou de forma estranha.

—Você é estranha.

—Pembrook, responda-me.

Ele revirou os olhos para mim.

—Eu visito minha irmã e sua família.

Eu verifiquei minha expressão chocada o melhor que pude.

—Você tem uma irmã? — Eu perguntei, incrédula.

—Por que isso é tão difícil de imaginar, garota, você é idiota?

—Eu não estou totalmente certa, Pemmy. Eu não posso invocar uma versão feminina de você, eu suponho. O que ela é? Outra Bram Stoker⁶ como caráter de inspiração?

Ele me olhou sarcasticamente com pena.

—Uma observação perspicaz vindo de alguém que não podia ouvir as sirenes tocando na rua de sua última conquista.

—Ponto, Pemmy. Ponto.

—Você está extremamente necessitada de orientação. — Disse mais para si mesmo do que para mim.

—Estou bem. — Eu cuspi de volta, cruzando os braços sobre o meu peito enquanto o cascalho rangia sob nossos sapatos.

—Claramente. — Acrescentou sarcasticamente.

Nós nos aproximamos da entrada de serviço mais próxima da garagem e Pembroke abriu a porta para mim.

⁶ Foi um romancista, poeta e contista irlandês,

Dentro estavam os membros da equipe. Gerald, o nosso chefe de cozinha, estava em um dos intervalos gigantes de Viking⁷ experimentando molhos sem dúvida, mas a tripulação restante estava espalhada pela grande cozinha industrial. Na cozinha, além do nosso pessoal, havia mais pessoas onde preparavam a comida para jantares mais formais e eu sabia exatamente por que meu pai estava realmente desapontado comigo.

Eu olhei em torno de mim perguntando-me por que não havia mais fogo sob as chamas. O pessoal estava sentado lendo, ouvindo música ou apenas olhando para o espaço. Acho que é muito cedo para fazer um trabalho de preparação. Eles não prestaram atenção imediata em mim, pois eu não era frequentemente vista entrando na casa do meu pai naquela hora. Eu usava a entrada de serviço para acessar minha ala da casa, a fim de evitar os meus pais. Eles não diriam nada ao meu pai e nem eu. Foi um acordo tácito entre todos nós. Olharam-me brevemente para confirmação, mas quando seus olhares se viraram para a figura por trás de mim, começaram se mexer ao redor. Pembroke certamente não era esperado e eu quase desatei a rir.

—Ah, deixa esse incessante zumbido. — Disse Pembroke, aparentemente sem rumo, com as mãos levantadas acima da cabeça, dando-lhe uma sensação de que necessitava ajuda. Eu esperei por presas, mas nenhuma veio. —Calma, seus tolos. Eu não sou o seu chefe, e eu não poderia me importar menos se vocês andam com uma faca em sua mão ou uma revista. — Mas a equipe continuou como se não tivesse ouvido uma palavra. —Muito bem. — Ele suspirou, gesticulando para eu continuar.

—Calma, Gerald. — Eu disse, saudando o chef. Ele sorriu e acenou-me.

Gerald era o único membro da nossa equipe que eu poderia suportar e isso era mais do que provável, porque ele era mudo.

Quando chegamos ao foyer grotescamente grande, fiz um movimento para as escadas sinuosas.

—Ah, ah, Sophie. — Pembroke disse e eu me encolhi em mim mesma. —Venha comigo.

—Você nunca disse que eu tinha que acompanhá-lo para ver meu pai.

⁷ Eu acho que ela está falando da série.

Isto era altamente incomum e fez meu coração bater descontroladamente no meu peito.

—Eu nunca disse que não. Venha. — Disse Pembroke enquanto ele fez o seu caminho em direção ao escritório do meu pai, várias portas além no primeiro andar ala oeste. Ele esperava que eu o seguisse, então fiz.

*Tock. Tock*⁸. Os dedos ossudos de Pembroke bateram na porta do escritório do meu pai.

—Entre. — Eu ouvi meu pai dizer.

Quando entrei, o meu pai estava com nariz profundamente em uma pilha de papéis sobre sua mesa, bem como sobre o telefone.

—Não! Quantas vezes eu te disse?! Isso é inaceitável, Stephen! Eu me recuso, recuso a reconhecer a sua tentativa desesperada de ter vantagem. Diga a eles que eu disse que a oferta fica até meia-noite e quando ela expirar, a oferta não irá se apresentar novamente. — Seu comparsa deve ter concordado e meu pai assentiu bruscamente uma vez, como se o homem pudesse vê-lo e imediatamente desligou.

Ele olhou para mim e eu quase vomitei no tapete aos meus pés. Eu tinha medo de poucas coisas, mas entre essas coisas, meu pai estava no topo da lista.

—Ah. — Disse ele, bebendo a minha aparência. —Eu vejo que você está viva.

Eu balancei a cabeça uma vez de forma sucinta. Eu estava de pé na porta e empurrei-me para frente de Pemmy. Olhei para trás brevemente com o cenho franzido antes de fixar o minha expressão para frente. Pembroke estava à beira de rir. Cai fora! Eu queria gritar, para emprestar uma frase do vernáculo de seu povo, mas eu mantive minha boca fechada uma vez que não queria acordar o dragão além de mim mais do que ele já estava acordado.

—Vamos ver. — disse ele, fixando-se em sua rangente cadeira de escritório, couro. Ele começou a encher o cachimbo. —Um segundo delito por droga, Sophie Price. Eu não estou exatamente certo de como pretendo manter isto fora da mídia desta vez. RP tem seu trabalho cortado para eles, ao que parece. Eu mal posso suportar olhar para você, então isso vai ser breve. Você é obrigada a participar de um jantar hoje à noite, formal. Eu espero que você durma um pouco, retire as olheiras hediondas debaixo de seus olhos, vista-se adequadamente e entretenha o filho do CEO da Calico. Você entendeu?

—Sim, senhor. — Eu guinchei.

—Você entendeu? Por entreter, quero dizer mostrar ao menino a casa, conversar. Eu não lhe oferecer nada ilegal.

—Eu nunca iria... — Eu comecei, mas meu pai me interrompeu.

—Você não? — Ele me olhou com severidade.

Eu afundei em mim mesma e, inadvertidamente, me apoiei em Pemmy.

—Ugh! — Eu o ouvi dizer antes de me corrigir e definir-me ao lado dele. Ele rolou os olhos.

—O jantar é às sete, Sophie. — Meu pai continuou, ignorando Pembroke e eu.

—Sim, senhor. — Eu disse, repetindo o meu reconhecimento de mais cedo.

Eu me virei, mal me contendo de fugir.

—Oh! E mais uma coisa. — Meu pai disse, fazendo-me virar para encará-lo. —Se você for pega de novo, vou deserdar você. Feche a porta.

Fechei a porta, meu peito bombeando ar a uma velocidade alarmante e quase corri para minha ala da casa. Eu conhecia meu pai o suficiente para saber que ele falava de verdade. Eu também não era uma garota estúpida. Eu sabia que havia coisas que eu precisava mais do que cocaína, e seu dinheiro era um deles.

Quando cheguei ao meu quarto, alguns minutos depois, abri as portas duplas de 15 pés e fechei atrás de mim. Eu comecei a me despir, tirando minhas roupas e jogando-as ao pé da minha cama. Eu precisava de um banho. Eu estava à beira de um dos meus colapsos e precisava de um lugar para me esconder.

Mas, primeiramente, as coisas principais.

Eu fui para a parede mais próxima da porta do meu quarto e apertei o interfone, ainda me despindo.

—Sim, Srta. Sophie? — Uma voz estática veio. Era Matilda, a governanta de casa.

—Sim, Tilda. — Eu olhei para o meu relógio de cabeceira. Oito da manhã — Você pode ligar para Katy em casa e deixá-la saber que vou precisar de seus serviços às quatro da tarde?

Katy era adorável. Alta e magra de cabelo loiro e apenas alguns anos mais velha do que eu. Ela era a esteticista que eu usava quando tinha um dos saraus do meu pai para participar. Katy nunca veio

sozinha, embora. Ela sempre trazia Peter, seu massagista, e Gillian, seu maquiador.

—É claro, senhora. Mais alguma coisa?

—Não, obrigada. — E com isso, eu fui em direção ao meu banheiro, trancando a porta atrás de mim.

O banheiro era quase tão grande quanto o meu quarto. Na parede ao longe havia uma lareira de porte. Era de inspiração francesa, a lareira de mármore que chegava até a metade da parede. Situada no centro, a gigante e polida banheira de ferro fundido e envolta em aço inox polido para um efeito espelhado, era a peça central. O andar inteiro foi banhado em três polegadas com azulejos octogonais de mármore de Carrara. O mármore de Carrara continuava nas paredes do esgoto. Pias fundas e ovais foram montadas nas tampas de mármore de Carrara com lavatórios personalizados. O quarto era quase uma réplica de um que eu vi quando tinha treze anos em uma viagem a Paris.

Entrei no banheiro azulejado e abri a água. Quente. Fechei a porta de vidro e decidi que era seguro. Eu deixei toda a infelicidade que teve residência interminável na minha alma e coração, e no estômago. Eu soluçava em minhas mãos e deixei a água lavar o sal. Meu coração estava em um perpétuo estado de tristeza e o alívio que eu poderia encontrar estavam naqueles gritos catárticos. Eu vivia uma existência frágil. Eu sabia disso, mesmo assim, fingia que não era mais fácil do que abraçar algo tão completamente assustador. Se eu enfrentasse o que realmente criei para mim, uma vida de devassidão e decadente cumprimento, sabia que não poderia ter vivido mais um dia, e autopreservação era muito viva em mim. Eu me amava demais para dizer adeus. Assim, gostaria de continuar a viver tal como tinha sido, porque ela era a única vida que eu conhecia.

Eu chorei por pelo menos meia hora antes de lavar e condicionar o meu cabelo e raspar minhas pernas e, mesmo assim, as lágrimas continuaram, mas eu tinha um trabalho a fazer naquela noite, e caramba, se eu teria olheiras debaixo dos meus olhos. Meu pai desmaiaria, ou o equivalente masculino, de qualquer maneira. Eu precisava dormir.

A vida vai continuar. Todo mundo vai continuar a sua adoração à você. Basta manter as aparências. Basta manter-se.

Quando eu terminei e tinha suficientemente controle de minhas emoções, desliguei a água e pisei no mármore aquecido sob meus pés.

Alcançando meu roupão, eu enrolei meu corpo e peguei uma toalha para o meu cabelo. Sentei-me na borda da minha penteadeira no meu quarto e hidratei meu corpo inteiro com o hidratante de quinhentos dólares 29ml, que minha mãe insistiu que eu usasse.

Até então, a sonolência foi tentando me reivindicar. Eu estava muito cansada para vestir o pijama, então eu só escorreguei sob as cobertas vestindo meu manto e a toalha ainda enrolada na minha cabeça. O sono veio facilmente. Ele sempre vem. Foi um verdadeiro refúgio seguro do inferno que eu tinha criado

para mim.

Tock! Tock! Tock!

Acordei assustada com o som de batidas na minha porta.

—Srta. Price!

—Entre! — Gritei.

As portas abriram, derramando Katy e sua comitiva.

—Ah, eu tinha esquecido que estava vindo. — Disse a ela.

—Obrigada. Prazer em vê-la também. — Brincou ela.

—Só um momento. — Disse-lhes.

Eu me alivio e escovo os dentes em seguida, encontro-me com eles no meu quarto. Peter já tinha montado sua cadeira de massagem portátil, modificada para Katy poder fazer as unhas enquanto ele fazia a sua coisa. Eu quase saí antes de perceber que ainda tinha que colocar roupas íntimas. Corri para o meu quarto de vestir e coloquei-as antes de juntar-me a eles novamente.

Sentei-me e Peter começou com a massagem.

—Qualquer lugar em especial que eu preciso focar hoje, Srta. Price?

—Não, Peter. Apenas o padrão.

—Muito bem, senhorita.

Eu já havia fechado meus olhos quando eu senti Katy aos meus pés, retirando minhas cutículas.

—E o que você veste esta noite, Srta. Price?

—Eu não tenho certeza. Vamos fazer uma francesinha. Isso é abrangente.

—É claro.

Muito bem, Srta. Price. É claro, Srta. Price. Eu quase gritei com eles para acalmar os chavões ridículos, mas deixei. Vai ser uma boa prática para esta noite.

Quando minhas unhas estavam secas, eles me sentaram no banquinho da cadeira de couro no meu banheiro em frente ao espelho.

Eu estudei a mim mesma, garantindo que a minha pele ainda estava impecável, meu cabelo ainda longo e bonito, meus olhos ainda brilhando. Eu nunca teria admitido isso para ninguém, mas entraria em pânico, se eu não tivesse visto um espelho em algumas horas, afirmando que ainda tinha a única coisa que me fazia ser tão adorada.

Katy e Gillian trabalharam sua magia e dentro de duas horas eu estava depenada, polida, lustrada e preparada para entreter o filho único de Calico, uma empresa da qual eu não sabia nada. *Merda.*

—Peter. — Eu liguei para o meu quarto, enquanto Katy terminava meu cabelo.

—Sim?

—Traga meu laptop aqui, você pode?

Ouvi o baralhar no meu quarto e, em seguida, Peter entrou no banheiro com o meu computador. Eu abri o monitor e coloquei minha senha. Meu pai me mataria se eu não soubesse sobre a empresa do pai do menino. Eu Googlei ‘Calico’.

Ah, plásticos. É um produto durável com isso. Na verdade, seus plásticos estavam extremamente perto do indestrutível. Fazia sentido que meu pai queria entrar com impermeáveis produtos eletrônicos, o faria incomparável. Ok, vamos ver. Fundada por Henry Rokul, casado com Harriet Rokul. Uma criança por Harriet chamada Devon. Devon Rokul tem 20 anos de idade, estudante de Harvard, do que mais, negócio. Eu ainda Googlei a imagem de Devon Rokul e tropecei em suas redes sociais. Eu me familiarizei com as atualizações de Devon no Twitter e quase engasguei com o quão mundano parecia ser.

Levando o cão para uma caminhada hoje.

Estudando para um exame.

Encontrar com Sam para um filme.

Blech! Chato! Mas ele não era um menino feio, e isso me fez não temer a noite. Eu também descobri que ele era alto e poderia ser capaz de usar salto, graças a Deus, ao contrário da minha última farsa, onde os convidados eram terminantemente baixos. Eu fui forçada a usar rasteiras naquela noite.

—Feito! — Katy disse, obviamente orgulhosa de si mesma.

Quando olhei para cima, vi que eu parecia como sempre parecia.

Impecável.

—Obrigada, Katy. — Eu disse secamente. —Acerte com Matilda, e eu vou garantir que ela inclua uma gorjeta.

—Ah, claro, Srta. Price. Obrigada.

Eu estava em pé, sem me incomodar em vê-los, e entrei no meu camarim. Meu closet era organizado de acordo com a cor e evento. Se eu não fizer isso, nunca encontro nada. A sala de mil metros quadrados estava cheia de roupas do chão ao teto para guardar um pequeno passo para o muro maciço de espelho. Meus sapatos estavam alojados abaixo do grande console no centro e o balcão segurava as minhas joias e chapéus.

—Vamos ver aqui. — Eu disse a ninguém. Eu fui para a seção não muito formal do meu guarda-roupa e escolhi um vestido de alta costura

Chanel. Preto e branco. *Suspiro.*

Chocante, não?

Eu me vesti e estava lá embaixo em meia hora, esperando os convidados na biblioteca, onde meu pai traz todos os seus convidados antes do jantar.

Minha mãe entrou cinco minutos depois.

—Sophie — Disse ela, mal me reconhecendo. Ela se inclinou sobre o espelho ao lado da porta e examinou a maquiagem.

—Olá, amor. — Meu pai disse para a minha mãe, quando ele entrou na sala. Ele a beijou com tal mania fervorosa, eu tive que limpar a minha garganta para alertar a minha presença. Nojento. A luxúria derramando fora deles. —Sophie. — Meu pai cuspiu, ainda olhando para a minha mãe.

—*Idiota*— Eu disse baixinho, mas ele não ouviu.

Finalmente, a campainha tocou e eu ouvi o clamor de pé no foyer de mármore. Nosso mordomo, Leith, levou a família Rokul para a biblioteca.

—A família Rokul. — Leith formalmente anunciou antes de sair rapidamente.

—Henry! Harriet! Devon! — Meu pai disse jovialmente, abraçando cada um como se ele não fosse o pau gigante que todos nós sabíamos que ele realmente era. —Esta é a minha adorável esposa, Sarah, e minha filha, Sofia.

Eu estampeei o sorriso mais genuíno possível e fiz meu caminho em sua direção, tendo cada mão depois que minha mãe fez.

—Que família linda que você tem, Robert. — Henry elogiou.

—Eu não poderia estar mais de acordo — Ele disse a Henry, agarrando-nos cada uma pela cintura.

Eu distraidamente reconheci que esse foi o primeiro contato físico que eu tive com meu pai em mais de seis meses.

Harriet e minha mãe sentaram-se juntas no sofá, e os homens, com exceção de Devon, observando o terreno pela janela. Devon deslocou-se de perto da porta.

—Então, eu ouvi que você frequenta Harvard? — Eu me aproximei e perguntei-lhe.

Ele pareceu suavizar à minha pergunta.

—Sim, eu estudo os negócios.

—O que mais? — Eu perguntei, não percebendo o quão rude que fui até que fosse tarde demais.

Um leve sorriso alcançou seus lábios.

—Eu sinto muito, foi incrivelmente rude de minha parte. — Eu precisava consertar antes que meu pai descobrisse. —Eu só quis dizer que faria sentido que você tivesse que estudar negócios vendo quem

é seu pai. Um sentido infalível de negócios deve ser herdado.

—E ela se recupera perfeitamente. — Brincou ele, fazendo-me sorrir genuinamente.

—O jantar está servido. — disse Leith, interrompendo o quarto.

Devon ofereceu o braço e eu peguei. Meu pai piscou para mim de aprovação e eu queria vomitar. O jantar foi servido na sala de jantar mais íntima, como éramos apenas seis. Devon puxou uma cadeira para mim, no final da mesa, em seguida, sentou-se ao meu lado, dois assentos completos nos separava de nossos pais.

—Obrigado por isso. — Eu secretei em seu ouvido.

—Meu prazer. — Ele flertou.

Devon foi um completo cavalheiro durante todo o jantar e eu encontrei-me incrivelmente atraída por ele. Quero dizer, é claro, todos os meninos em meu círculo eram absolutos cavalheiros. Era um produto de sua criação, mas Devon parecia genuinamente interessado em ser cortês apenas por uma questão de ser cortês.

Quando o jantar acabou, café e bolo foram servidos na biblioteca e eu segui meus pais para fora da sala de jantar, mas Devon me puxou à distância, fora do alcance.

—Nossos pais são um saco. Por que você não me mostra o seu jardim ao invés disso?— Perguntou.

—É claro. — Eu disse a ele antes de me inclinar para a biblioteca.

—Devon tem interesse em ver os jardins. Tudo bem se eu mostrar a ele?— Eu perguntei por show mais do que qualquer coisa.

—Eu não me importo. Você, Rokul? — Meu pai perguntou.

—Claro que não. Divirtam-se vocês dois— Acrescentou Henry.

—Venha comigo, Devon. — Sorri docemente, tomando seu braço mais uma vez.

Por mais que eu estivesse atraída por Devon, eu sabia que meu pai me mataria se eu não fosse nada do que ele achava que uma senhorita deveria ser, e eu já tinha feito planos para manter a calma com ele. Sem mencionar que eu não estava exatamente de bom humor depois do dia que tive.

Foi bom também, tipo, um cara prestar atenção em mim, porque ele era apenas educado, sem motivo. Eu não estava acostumada a isso.

Os jardins eram uma característica berrante de nossa casa e tinham sido desde que eu era pequena, mas minha mãe amava-os com os seus buxos cortados em desenhos geométricos, então eles ficaram e foram impecavelmente mantidos.

—É muito bonito aqui. — Devon entrou na conversa depois de uma volta tranquila ao redor do jardim principal.

—Mmm, sim. — Eu concordei educadamente.

—Não tão bonito quanto você, embora.

Piada.

—Obrigada. — Eu disse a ele, tentando o meu melhor para não explodir em lágrimas de riso.

Nós viramos as fileiras de bucho e entramos no labirinto do jardim.

—Talvez devêssemos voltar para a casa... — Eu comecei antes de Devon me empurrar para dentro do labirinto de arbusto espinhoso atrás de mim.

—Ou podemos ficar aqui. — Ele botou pra fora aproximando-se, beijando-me tão duramente que eu não era capaz de falar.

Eu o empurrei de cima de mim.

—Que diabos, Devon?

—Oh, vamos lá. Você sabe que você quer. — Ele continuou, segurando-me como se eu não tivesse acabado de arremessá-lo.

—Desculpe-me? — Eu disse, empurrando-o de volta, mas ele só voltou pela segunda vez.

—Por favor, Sophie. Eu sei, conheço a sua reputação, e você poderia fazer muito pior do que eu.

Meu queixo caiu para o meu peito. *O motivo.* Eu propositadamente fixei o meu olhar.

—Você está certo, mas não podemos fazê-lo aqui tão perto da entrada do labirinto, alguém pode ouvir.

Ele afastou-me por um momento.

—Mostre o caminho, Srta. Price.

—Siga-me — Eu flertei por cima do meu ombro. —Dessa forma.

Levei-o através do labirinto sinuoso e propositadamente em direção a um beco sem saída, mas perto de um banco para que eu pudesse apreciar o show. —Ninguém vai encontrar-nos aqui — Eu disse a ele. Eu agarrei a frente de sua jaqueta e o coloquei diante de mim, sentei-me no banco, reclinada sobre um braço. —Vá em frente.

—O-o que devo fazer?

—Tirar a roupa, é claro. — Eu alegremente brinquei.

—Você é uma puta pervertida.

O que, um elogio adorável?

—Você sabe disso.

Eu assisti Devon derramar cada camada de roupa cara até que não havia mais nada, mas a luz do luar em sua pele. Ele sorriu diabolicamente para mim. Eu não vou falar a forma irônica que o seu nome tornou-se de repente para mim.

—Aqui estou eu — Disse ele, abrindo os braços.

Eu estava devagar e caminhava sedutoramente em sua direção. Inclinei-me um pouco para recuperar a gravata da pilha e passar em torno dele. Coloquei a gravata em torno de seus olhos e comecei a dar um nó.

—Espere, o que você está fazendo? — Perguntou.

—Só um pouco de um jogo que eu gosto de jogar — Eu cantei em seu ouvido antes de beijar seu pescoço. Isto visivelmente relaxou a ele.

—Agora, eu quero que você conte até dez depois venha me encontrar — Eu disse apressadamente ao recolher todos os seus pertences até os sapatos.

—Espere, eu não acho que...

—Não pense. Sinta. — Eu provoquei.

Ele agarrou-me cegamente e evitei-o, fazendo um caminho mais curto para a saída do labirinto que eu costumava visitar a cada dia enquanto menina. É onde eu usava para me esconder das minhas babás. *Que tolo.* Eu fiz meu caminho do labirinto e, finalmente, deixei-me sorrir genuinamente pela primeira vez naquela noite. Eu joguei suas roupas no chafariz no centro das madeiras de buxo e virei-me quando ouvi Devon chamar meu nome. Ele foi mais rápido em encontrar seu caminho para fora do que eu esperava.

—O que você está fazendo? — Ele ralhou quando eu joguei o último sapato.

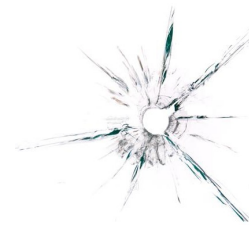
—Oops.

—Sua vagabunda!

Eu escalei o meu caminho até o caminho de cascalho e em casa sem me preocupar em olhar para trás. Eu continuei até o meu quarto determinada a não pensar nas consequências do que eu tinha feito.

—Ninguém se mete com Sophie Price — Eu disse em voz alta. —Eu não me importo com quem você é.

Capítulo 03



Meu pai explodiu em meu quarto sem bater. Eu tentei esconder o meu choque ao vê-lo do meu lado da casa.

—O que aconteceu esta noite? — Ele exigiu.

Minha mãe entrou no quarto e, silenciosamente, ficou ao lado de meu pai.

—Nada — Eu disse, inclinando-me sobre a minha penteadeira, removendo a maquiagem.

Meu pai encontrou-me na minha cadeira e virou-me duramente pelo braço para longe da minha tarefa.

—Eu estou cheio de você, Sophie.

—Sério? — Eu perguntei, surpresa com minhas próprias palavras.

—A última vez que verifiquei, nem você nem a minha mãe se deram ao trabalho de suportar qualquer coisa a ver comigo a menos que seja absolutamente necessário, ou se fosse um risco de publicidade. Fui criada por estranhos. Vocês não se colocaram para alguma coisa sobre mim, salvando o ocasional „ligar para o seu advogado.“ Assim, você pode me poupar a palestra. Você perdeu a oportunidade de ser meu pai há muito tempo atrás.

Ele me deu um tapa no rosto e eu tropecei para trás da cadeira da minha penteadeira, atordoada em silêncio. Minha mão foi para o meu rosto e segurei lá.

—Sua mimada, prostituta pequena egoísta — Ele me disse com os dentes cerrados. —Eu pago a sua vida e tudo o que pedi em troca foram muito poucas coisas. Fique fora do centro das atenções e apoie a imagem de que nós somos uma família saudável na empresa. Mas, aparentemente, foi demais para pedir. Você já fez danos irreparáveis desta vez, Sophie, e só há uma coisa que eu acho que posso fazer com você.

Ele tirou o celular do bolso de dentro do seu casaco, discou e segurou o telefone ao ouvido.

—Pembrook? Desculpe te acordar. Sim, como já discutimos — Ele disse, e desligou.

Meus pais deixaram meu quarto bruscamente e fecharam a porta atrás deles. Minha mão tremia em meu rosto, e caiu no meu colo. Eu tentei não pensar no que foi o assunto da conversa, tentei não levar a acusação do meu pai de que eu era uma prostituta sem coração, independentemente de quão verdadeira era, tentei não pensar em demasia no fato de que minha mãe o deixou me acusar sem sequer dar um pio.

Eu me levantei e saí da minha Chanel, deixando a roupa cair em uma pilha aos meus pés. Eu dormi

de calcinha e sutiã, indiferente de qualquer coisa em torno de mim.

É mais fácil fingir. Muito mais fácil.

De manhã, tomei banho e dispensei café da manhã, algo que eu fiz muitas vezes, como raramente comia. Uma menina tem que manter sua figura. Eu tinha planejado visitar Sav, para ficar longe da minha casa cheia de tensão, mas quando me aproximei da garagem, meu SLS se foi.

—Que diabos? — Eu perguntei a ninguém. Eu procurei a garagem inteira, mas ele não estava em lugar nenhum.

Ah, eu vejo. Ele acha que vai me punir.

Peguei meu celular e liguei para Sav, mas foi direto para o correio de voz.

—Tudo bem, você não se sente em responder, então vai ser grosseira?

Eu liguei pra Spencer e ele atendeu na primeira chamada.

—La fée?

—O que você está fazendo agora, amor?

—Eu estou levando você para sair, eu espero?

—Você leu minha mente — Eu flertei de volta. —Pegue-me em minha casa, digamos, em uma hora?

—Certo.

Eu desliguei e fui direto para o meu quarto para fazer a mala. Eu não preciso de muito. Eu planejava passar a maior parte do meu tempo na cama quente de Spencer.

Spencer estava na hora certa como eu esperava, já que ninguém me deixou esperando, nunca. No meu caminho para fora da porta, Sav ligou-me.

—Sav — Eu cuspi.

—Eu sinto muito, Sophie. Eu...

—Me poupe, Sav. Eu não preciso de você. Adeus.

Eu desliguei.

Spencer se inclinou casualmente contra a porta do lado do passageiro e parecia incrível. Pouco menos de dois metros. O guarda-roupa de Spencer veio do fundo fiduciário, mas seu rosto gritava como ele era regidamente robusto, não mimado de aparência e eu apreciava isso sobre ele. Seu rosto estaria gritando outra coisa na hora, se eu tivesse alguma coisa a ver com isso.

Eu tinha acabado de bater o último dos passos quando ele levantou seu corpo finamente esculpido e passeou na minha direção.

—Olá, linda — Ele sussurrou em meu ouvido quando cheguei a ele.

Ele me puxou pela cintura em direção a ele e levemente beijou minha orelha. —Eu estava perguntando quando seria a minha vez.

Meu estômago se apertou com a lembrança das palavras de meu pai, mas eu empurrei-as de volta para baixo.

—Parece que você era um vinho fino, Spencer. Você só precisava de envelhecimento.

Ele pegou minha bolsa e abriu a porta para mim. Eu me estabeleci para dentro, envolvendo o cinto de segurança em volta de mim, assim Spencer se juntou a mim depois de colocar a minha bolsa no porta-malas.

—Eu tenho que sumir por alguns dias. — Disse a ele, examinando-me no espelho de vaidade.

—Isso não deve ser um problema — Ele disse, sorrindo para mim.

Seus dentes eram brancos e perfeitamente retos. Ele era tão impecável quanto eu.

Ligou o motor que ronronava como um gatinho, mas eu tinha ouvido Aston Martins fazerem isso.

—Por quê? — Perguntou.

—Bem, depois da festa de Sav... — Eu disse, mas não havia necessidade para terminar.

—Ah, bem, eu poderia ter algumas coisas em mente para passar o tempo — Ele flertou. —Eu estava indo me encontrar com Brent para o almoço, mas posso reagendar se você não quiser.

Eu definitivamente não queria me encontrar com ele. Qualquer outra pessoa e eu teria concordado.

—Não, Spencer. Estaremos muito ocupados para almoçar com Brent — Eu provoquei.

A casa de Spencer era moderna na arquitetura palaciana, mas igualmente a dos meus pais. A casa toda parecia consistir em nada além de janelas e intermináveis níveis. Eu quase senti pena de sua equipe, quase.

Nós estacionamos em seu espaço e ele desligou o motor. Ele se inclinou e colocou a sua mão na minha coxa. Um ímpeto vibrou através de mim com a forma como sua mão estava quente.

— Boas notícias. Meus pais embarcaram esta manhã para a África de férias.

Revirei os olhos.

—Clichê.

—Diga-me sobre isso.

Ele saiu do carro e veio para o meu lado, abrindo a porta para mim. Ele me beijou de repente e meu estômago caiu na hesitação por um momento, como ele sempre faz, mas como sempre, eu trabalhei com isso e coloquei minha barreira. A mesma barreira que me permitiu que eu fizesse com todos os meninos.

Ele quebrou o beijo e agarrou a minha mão, então recuperado minha bolsa.

—Quem mais vai para a África? — Eu perguntei a ele enquanto subimos a íngreme e acentuada passarela.

—Os meus pais?

Nós rimos.

—Eu dei aos funcionários o dia de folga hoje — Ele mencionou distraído quando chegamos ao topo, deixando minha mão cair e sacou para pescar as chaves do bolso.

Quando a porta abriu, ele jogou minha bolsa em cima do balcão. Ele me beijou na soleira e fomos empurrando até o exterior engessado de sua entrada. Nós batemos na parede dura e minha cabeça reverberou um pouco com a força. *Ow.*

—Desculpe — Ele murmurou, mas continuou a me beijar. Eu trabalhei com a dor e beijei-o ferozmente em troca.

Ele envolveu um grande braço em volta da minha cintura e me levantou de meus pés, sempre me beijando. Ele orientou-nos para o hall de entrada e bateu com a porta fechando com o pé. Ele começou a desabotoar minha camisa e puxou-a para fora da minha saia, nunca quebrando o contato. Ele a jogou atrás de mim. Meus braços estavam pesados e meu coração sentiu uma bagunça. *Não está funcionando! Porque não está funcionando?*

Eu dobrei meus esforços e ele tomou isso como um convite para remover minha saia, desfazendo meu zíper lateral lentamente.

—Oh, Deus, Sophie — Exclamou, fazendo-me ter vontade de vomitar. —Você tem um gosto incrível.

Eu o ignorei e o sentimento e beijei-o mais duramente. Minha saia caiu aos meus tornozelos e eu entrei com ele, nós fizemos nossa maneira no sofá de seus pais. Ele parou de repente e me segurou no comprimento do braço.

—Jesus — Ele sussurrou, sugando a respiração. Seu olhar passou pelo meu corpo e reprimi um estremecimento. Eu estava na frente dele, em lingerie completa com ligas e saltos. Ele se aproximou de mim deliberadamente, suas mãos correndo pelo meu cabelo, então para baixo em meus ombros e costas antes espalmar minha bunda. —Você é mais bonita do que eu poderia ter imaginado, Price.

—Obrigada — Eu disse, desejando que pudesse correr.

Trabalhe com ele, Sophie. Você está apenas um pouco fora de seu jogo.

Ele beijou languidamente até meu pescoço para o meu queixo e em toda a minha linha da mandíbula.

—Você cheira como — Ele inalou, —casca de cereja e amêndoas.

—É o meu xampu.

—Eu amo isso — Ele me disse.

Ele me deitou no sofá de couro mais próximo da lareira e o sol da manhã estava entrando em ângulos aparentemente impossíveis. Era lindo. Muito bonito. Eu me senti mal em tudo o que foi me revelando.

— Muita luz — Sussurrei, não percebendo que eu tinha dito isso em voz alta.

—Podemos ir para o meu quarto —Ele disse. —É mais escuro lá dentro.

—Por favor — Eu disse, a necessidade de remover-me da exposição. Eu me senti desesperada.

Ele me pegou, colocando um braço sob os joelhos e outro em torno de minhas costas. Ele me trouxe de volta ao seu quarto e deitou-me em seus lençóis escuros.

O quarto tinha persianas e cortinas escuras que impediam cada centímetro de luz.

—Melhor? — Questionou.

—Muito— Eu respondi.

—Agora, onde estávamos?

Ele se arrastou em cima de mim e me beijou fervorosamente, as mãos espalhando-se em meu corpo. Ele deitou em cima de mim e segurou sua mão em volta do meu joelho, trazendo-os ao redor de sua cintura.

Foi quando eu quebrei. Eu não sei por que fiz isso, o que eu estava pensando? Por que minha barreira geralmente forte estava tão fraca, mas as lágrimas silenciosas começaram em cascata pelo meu rosto e Spencer se afastou.

—Sophie? Você está chorando?

—Não — Insisti, passando o meu rosto no escuro, esperando que ele não pudesse me ver. *Que humilhante.*

Eu nunca chorei na frente de ninguém. Nunca.

—Oh, Soph. — Ele acalmou. —Você está.

—Eu sinto muito. — Eu disse, empurrando os ombros para fugir.

—Espere. — Disse ele, puxando-me de volta para seu abraço. —

Fique comigo por um segundo. — Ele colocou-me de volta e sentou-me em seu lado, alisando meu cabelo atrás da minha orelha. —Nós não temos que fazer isso, Soph. — Eu esperei por ele, mas ele não se retratou de suas palavras. Em vez disso, ele continuou. —Você esqueceu que eu te conheço desde que éramos pequenos. — Eu não pude deixar de rir com a imagem de um tempo mais simples quando Spencer e eu costumávamos rir e brincar nos jardins da minha casa. —

Você está pensando em nossos jogos.

Eu balancei a cabeça contra seu peito.

—Eu estou arrependida — Eu digo novamente.

—Você sabe, eu vou confessar uma coisa para você — Disse ele, ignorando-me, tomando uma respiração profunda para se firmar. —Eu queria você desde que eu tinha idade suficiente para descobrir que eu poderia querer alguém. — Meu corpo ficou tenso ao lado dele, mas ele apenas segurou mais apertado. —Shh, pare. Ouça-me.

—Eu não posso mentir para você. Você é malditamente bonita, Sophie, e eu estou tão excitado agora que não consigo nem pensar direito, mas eu não vou ter você, não como está. Eu pensei que você queria isso.

—Eu queria. — Comecei a verdade, mas ele calou-me.

—Não há necessidade, Sophie. Apenas fique aqui comigo enquanto eu tento acalmar o inferno para baixo.

—Ok — Eu funguei.

Foi então que eu percebi que Spencer era um bom amigo, um verdadeiro amigo, provavelmente o único que eu realmente tinha.

Nós caímos no sono e acordei com Spencer roncando suavemente. Olhei para mim mesma e percebi que estava praticamente nua.

Vergonha aqueceu meu rosto e corpo e eu deslizei para fora de seu domínio para recuperar minha roupa da sala de estar principal. O quarto estava escuro enquanto o sol se pôs, não muito tempo antes e eu comecei a reunir minha saia e blusa do piso de madeira louro.

Eu tinha acabado de me inclinar para recuperar minha bolsa quando ouvi a porta da frente se abrir. Eu congelei de medo absoluto enquanto o pai de Spencer estava no espaço apenas fora do limite. Eu segurei a roupa frouxa contra o meu corpo.

—Bem, bem, bem, o que temos aqui? — Perguntou ele, passeando no ritmo de um caracol. Ele tirou as chaves da fechadura e as jogou em uma mesa próxima. Ele olhou mais perto de mim e realização o golpeou. — Ah, a menina de Price.

—Sinto muito. — Eu comecei, mas ele me cortou.

—Não há necessidade de se arrepender. — Ele disse, escorrendo bizarrice. —Eu não estou. — Ele percorreu meu corpo com apreciação óbvia e eu me virei para fugir de volta até as escadas para o quarto de

Spencer.

—Espere. — Seu pai gritou, agarrando meu cotovelo. —Se ele terminar, eu gostaria de ter um turno.

—Desculpe-me?

—Parece que você está terminando, não é? — Quando eu não podia responder-lhe, ele continuou.

—Minha mulher voou na minha frente.

Eu tive uma emergência no trabalho e tive que voar de volta a partir de

Atlanta. Eu disse a ela que me encontraria com ela mais tarde. Ela não está aqui.

—O que diabos isso tem a ver comigo? — Eu perguntei, perplexa.

—Eu posso dar-lhe as coisas que meu menino não pode.— Ele sorriu oferecido com o que eu tenho certeza que ele pensava que era um sorriso encantador. Tudo o que eu podia ver eram dentes de serpente.

—O que diabos está errado com você?

—Estou assumindo que Spencer está dormindo porque não está te usando agora. — Eu recusei a sua presunção. —Eu, uh, sei do problema que você recentemente trouxe a si mesma. — *Uh-oh.*

—O que exatamente você está dizendo?

Ele correu um dedo pelo meu braço e eu visivelmente convulsionei ao seu toque. Seus olhos se tornaram duros.

—Eu estou dizendo que se você quer que eu mantenha esta indiscrição tranquila para o seu pai, é melhor me acomodar.

Eu balancei a cabeça e ele puxou as roupas das minhas mãos antes de segurar meus ombros. Eu tremia, não tendo ideia do que fazer. Eu sabia que poderia gritar por Spencer, mas se ele entrasse, ele assumiria que eu tinha oferecido. Afinal, eu tinha uma reputação.

—Deixe ela de lado! — Ouvi por detrás de mim.

O pai de Spencer endureceu com a visão de seu filho e soltou meus braços.

—Spencer.

—Ah me poupe.

Ele desceu as escadas restantes desabotoando sua camisa e jogando-a sobre meus ombros.

—Você não vai dizer uma palavra maldita para seu pai, ou eu vou dizer para mamãe o que acabei de testemunhar. — Spencer recolheu minha saia e top e me levou de volta para o seu quarto, fechando a porta atrás de nós.

Ele correu a palma de sua mão sobre sua boca.

—Jesus, Soph, eu estou tão triste.

—Está tudo bem. — Eu disse, mas meu corpo tremendo disse o contrário. —Estou feliz que você

apareceu naquela hora. Eu sou a única que está arrependida. Eu apenas não sou pra qualquer um, sou? — Brinquei.

Spencer estreitou os olhos para mim.

—Você realmente se sente assim, não é? — Ele me perguntou.

—Hum?

—Você realmente, realmente acredita nisso.

Eu ofereci um sorriso hesitante e tentei sacudir a cabeça, para jogar isso fora, mas ele me ignorou.

—Sophie Price, você é uma bagunça. Vamos nos vestir.

—Para onde vamos?

—Eu acredito que você ganhou uma estadia no W, amor. Por minha conta.

Capítulo 04



Domingo à noite, enquanto Spencer e eu estávamos no Lucques para o jantar, eu recebi um telefonema de Pembroke. Isso não era incomum se eu tinha ido embora por dias em um tempo ele iria me ligar para confirmar que eu ainda estava respirando, então neguei a chamada, pensando em ligar de volta quando o jantar acabasse.

—Então Brown, hein? — Eu perguntei a Spencer.

—Sim. —Ele disse, folheando seu menu, mas brevemente olhando para cima para fazer uma cara de bobo. —Então, Yale, hein? — Ele brincou.

Suspirei de resposta.

—Como você acha que nós vamos resistir ao tempo?

—Estou pensando em acumular milhares de milhas de passagens frequentes. Eu não quero ir embora, para ser honesto.

—Porra, Spencer, isso quebra o meu coração um pouco.

—Eu sei, mas Brown é a instituição da minha família e — Ele deixou cair uma oitava, — *Não será o filho de meu pai que participará de qualquer outro lugar.*

—Você vai ficar extremamente chateado se eu te disser o quanto não suporto o seu pai e que, se fosse comigo, eu o desafiaria só para ferrar ele, sem trocadilho?

Expressão facial Spencer endureceu e me arrependi insultar seu pai. Isto é, até que ele disse:

— Ninguém pode ficar contra meu pai, incluindo meu pai. Ele é uma pessoa terrível e eu o odeio.

Sua expressão não mudou e eu percebi o quão profundo o ressentimento para com o seu pai era, realmente.

—Não vá para a Brown, então. — Eu simplesmente disse a ele.

—Eu não posso fazer isso — Disse, exalando forte e olhando para o vidro para a rua.

—Por que não?

Seu rosto suavizou.

—Eu preciso de seu dinheiro.

Spencer olhou para mim e eu não poderia deixar de olhar para trás. Estávamos todos no mesmo

barco, prisioneiros da ganância. De repente, meu estômago caiu fora debaixo de mim.

—Eu não quero ser como eles. — Admiti candidamente tanto para mim quanto para ele.

Spencer se inclinou e pegou a minha mão na sua, apertando os meus dedos a sério.

—Nem eu.

—Como é que vamos quebrar o ciclo?

Ele suspirou e afundou na poltrona de pelúcia, liberando minha mão.

—Eu não acho que nós podemos, Soph. Está feito.

—Não diga isso. — Eu desesperadamente argumentei. —Não diga isso. — Repetia, como se pudesse mudar isso.

—Por que não? — Ele me perguntou, franzindo as sobrancelhas em frustração. —Nós somos dependentes deles, totalmente. Eu não posso mais viver em um estúdio com dinheiro suficiente para mal me alimentar mais do que você pode. — Uma única lágrima caiu do meu rosto à verdade dessa declaração e Spencer limpou-a cuidadosamente à distância. —Nós estamos presos, Price.

—Eu não posso acreditar nisso.

—Bem, tente. Olhe para nós, Soph. Nós festejamos duramente nos Buracos nos fins de semana. Eu acho que todos nós temos tido relações sexuais uns com os outros pelo menos uma vez, além de você e eu, e eu ainda farei você admitir que gosta de mim tanto quanto eu gosto de você. — Eu me encolhi em mim mesma um pouco. Quando eu não respondi, ele continuou, voltando-se para estudar a vida noturna fora de nossa janela novamente.

—A única diferença entre nós e nossos pais é que somos jovens, usamos cocaína enquanto eles bebem, mas vamos nos formar, dependendo de como você olha, como eles fizeram. Nós não estamos casados, mas em breve vamos ser e de outros, mas isso não importa, porque nós vamos negociar parceiros como fazemos agora. Estamos viciados no estilo de vida. Eu não consigo ver uma saída para isso. — Ele se inclinou sobre mim. —E eu preciso lembrá-la, que você governa a todos?

—Isso não será necessário, Spencer, mas obrigada. Eu estou bem ciente da minha posição no nosso grupo.

Inesperadamente, eu queria ir para o mais longe de Spencer e minha vida o mais rápido possível, mas como poderia retirar a toxicidade quando eu era o principal componente na mistura vil que era a nossa vida?

No caminho de volta para o W, eu aproveitei a oportunidade para chamar Pembroke.

—Pemmy, é Sophie.

—Sophie, você precisa estar no tribunal às sete da manhã de amanhã. Não chegue atrasada. O

juízo será às oito e se vista adequadamente. Eu não acho que é necessário lembrá-la de manter uma tampa sobre suas atividades ilegais esta noite. Tente e esteja sóbria.

E com isso, ele desligou.

Minhas mãos começaram a tremer de frio, normalmente compostas, a trouxe à minha boca.

—O que há de errado? — Spencer perguntou.

—Eu tenho tribunal de manhã.

—Como isso é possível? Foi só sexta-feira que foi presa.

Olhei pela janela, para os carros ao nosso redor.

—Meu pai fez isso.

—Por que ele iria se incomodar?

Eu pensei de volta para a imagem de uma jaqueta flutuando em nossa fonte.

—Porque eu arruinei algo para ele e este é o meu castigo.

—Bastardo. — Ele olhou para mim. —Você não tem que ir para casa, você sabe. Posso deixá-la amanhã.

—Isso é muito doce, mas não tenho nada apropriado para tribunal amanhã.

Ele me deu uma expressão sarcástica e estendeu a mão em direção à fileira de lojas que alinham a rua onde estávamos viajando.

—Compre algo.

—Tudo bem, vire à esquerda aqui. Vou comprar o vestido longo posy que eu vi na janela de Temperley, na semana passada.

—Eu não sei interpretar qualquer coisa que você acabou de dizer além de virar à esquerda aqui, graças a Deus.

Eu só podia brincar de rolar meus olhos para ele.

Ele me deixou e procurou o estacionamento na parte de trás, enquanto eu esperava por ele na porta. Eu precisava de sua presença para me manter calma. Se eu estivesse sendo honesta comigo mesma, teria admitido que estava apavorada com o que estava para acontecer na manhã seguinte. Se o meu pai tinha condições políticas para obter uma data no tribunal criminal movendo-me para frente de uma fila já astronomicamente ocupada, eu não posso imaginar o que ele poderia estar ganhando com isso. Exceto vingança. O que significava que ele não tinha intenção de fazer minha vida mais fácil. Eu podia sentir Luques começando a vir à tona quando Spencer abriu a porta para

Temperley para mim. Respirei fundo para me acalmar. Eu estava sinceramente nervosa pela,

provavelmente, primeira vez da minha vida.

—Qual? — Perguntou ele, este salvador em me vestir.

—Um rosa suave pendurado na vitrine.

Ele me deixou passear enquanto cuidava da minha compra para mim. Eu sabia que esse pequeno ato apenas confirmou tudo o que havia acusado em nossa conversa no jantar, mas eu ainda me esforcei para segurar o menor fio de esperança de que nunca iria revelar-me tão pateticamente concordando como a minha mãe ou fria como o meu pai.

Mas você já não é, Soph? Você certamente deixará suas amigas de lado facilmente estragando seus namorados, não vai? Eu balancei a cabeça.

Construir o muro, eu pedi a mim mesma e tão facilmente, minha expressão facial diminuiu e meus pensamentos se voltaram inteiramente em uma diferente direção.

—Tamanho, senhorita? — Eu ouvi atrás de mim, virei a cabeça.

— Quatro, por favor. — Disse a balconista e ela rapidamente saiu correndo.

—É tudo o que você precisa? — Spencer perguntou ao meu lado depois de estarem ajustando a roupa com uma costureira. —Avistei uma loja de sapatos perto. Eu não me importo.

—Obrigada, Spence. Isso é bom. Vamos caminhar?

—É claro. — Ele virou a cabeça para o quarto dos fundos. —Nós vamos estar ao lado enquanto fazem as alterações — Ele gritou.

A funcionária saiu e acenou discretamente.

—Dê-me meia hora— Disse ela.

Spencer me levou para a loja de calçados ao lado e nós vimos as janelas enquanto passavam.

—O que você vai me dar por comprar estes para você?

—Um chute veloz no lixo?

Ele riu de todo coração.

—Eu tinha que tentar.

—Sim, sim — Eu provoquei.

No interior, eu imediatamente avistei um par de amanteigado-couro macio Peek-a-boo^[2] no canto.

—Aqueles — Disse a ele de forma sucinta.

—Porra, você não perde tempo.

—Eu sei o que eu quero, quando eu quero.

—Posso esperar... — Ele parou.

—Realmente, Spence?

—Sinto muito, mas eu continuo recebendo flashbacks da noite de ontem. Você estava malditamente quente em nada, mas sua lingerie...

Eu suspirei alto.

—Não, não, eu sei. Eu só estou frustrado, é tudo.

—Eu sinto muito sobre isso — Eu disse-lhe sinceramente.

—Não sente como eu, mas fará. — Ele piscou em tom de brincadeira. —Qualquer outra coisa, então? Bolsa, lenço, uma fuga frenética do outro lado da fronteira sul?

—Por favor, Spencer, se eu quisesse fugir, voaria. Eu não sou uma criminosa procurada, pelo amor de Deus.

—Ah, mas você seria tão quente nos cartazes. Os caçadores de recompensa em todos os estados hipotecariam suas casas para serem os únicos a te trazer para dentro.

—Você está seriamente começando a me irritar. Estou nervosa sobre como isto está.

—Sinto muito. — Disse ele, beijando minha testa. Eu podia sentir sua risada na minha pele. —Quer que eu vá com você?

—Vai ser humilhante o suficiente. Eu não acredito que a sua presença seria reconfortante.

—Porra, Soph.

—Eu peço desculpas, velhos hábitos costumam a morrer.

—Tudo bem, mas assim que estiver pronta, você vai me ligar?

Mordi o lábio inferior para pará-lo de tremer.

—O primeiro.

Sete da manhã é feito para pessoas que merecem nada além de morte. Se eu fosse um juiz, eu agendaria todos os horários de minha corte após 11 da manhã e acabaria com elas às três da tarde. Quero dizer, meu Deus, eles foram para a escola praticamente toda a sua vida de adolescentes e adultos, provavelmente, só para se formar e começar a trabalhar como compadrio em um escritório direito ou de um cargo político que tinha que cometer ao menos de 15 anos de seu tempo, entopem as vidas para apenas alcançar as aspirações de acordar ao romper da aurora para lidar com os mais humildes da classe baixa? Não, obrigada.

Mas todos nós realmente sabemos por que eles fizeram isso. Prestígio e poder. *É por isso que eles fizeram isso.* E quem pode culpá-los?

—Você está incrível, Soph.

—Obrigada, eu suponho.

Spencer puxou na frente e eu saí, nervosa como o inferno.

Ele baixou a janela enquanto eu comecei a subida para o tribunal.

—Não se esqueça de me ligar! — Ele gritou.

Eu me virei e acenei uma vez antes de reconhecer Pembroke no topo dos degraus.

—Em tempo. Obrigado.

—Alguma coisa sobre meu pai fazendo os tribunais concordarem com isso me fez menos confortável. Eu pensei que estar aqui no horário seria, oh, não sei, sábio?

—Ah, então hoje eu recebo a Sophie brincalhona. Como é delicioso.

—Eu sinto muito, Pemmy. — Eu suspiro.

—Está tudo bem. Siga-me — Ele mordeu.

Pembroke levou-me através dos postos de segurança e em um lobby de mármore cavernoso a um conjunto de elevadores. Eu contei os andares e passamos cada um. *Um ... Certamente a lição é na ameaça...*

Dois... Ele não arriscaria a publicidade... Três... Ele está fazendo isso porque ele me ama... Quatro... Ele me ama... Cinco... Eu sei que ele ama...

Seis... Ele tem que... Sete... Será que não?

O sino tocando anunciando nosso andar assustou meu corpo, ansiedade me montou, dura enrijecendo meus músculos como que na expectativa de uma surra. E era o que prometia naquela manhã. Eu sabia. Respostas curtas de Pemmy e sarcasmo mínimo me disseram melhor do que palavras jamais poderiam.

—Por aqui. — Eu mal ouvi Pembroke murmurar. Ele abriu a porta para mim e eu entrei no quarto afundado.

Os menores sons ressoaram por toda parte. O ranger da porta, os saltos dos nossos sapatos no chão de mármore frio, a ingestão de todos os trabalhadores respirando.

—Sente-se aqui. — Ele disse, apontando para um banco que lembra um banco da igreja, do lado de fora da câmara cercada na galeria pública.

Eu sentei e a madeira protestou debaixo de mim, avisando-me, pedindo-me para agir, para ser executada. Pembroke facilmente abriu as portas oscilantes que meio que separava a sala de audiências e se aproximou da mesa do procurador. Eu olhei em minha volta e notei que não era a única réu no tribunal, o que era confuso. Um homem singular sentou-se no canto oposto do meu lado da sala. Isso era típico

para a maioria dos menores processos judiciais criminais, mas por alguma razão, eu pensei que meu pai não gostaria do espetáculo potencial ou estaria disposto a arriscar a mim sendo vista e teria providenciado para uma audiência privada.

—Você — Um guarda corpulento, com cabelo vermelho brilhante disse, apontando para o homem solitário. —Você foi realocado. Você deve estar no Tribunal C agora.— *É claro.*

—Oh, desculpe. — O homem ofereceu. Ele se levantou e me deu um meio sorriso.

Eu queria vomitar as borboletas. *Preocupação.* Você pode ver isso em seus olhos. Tensão grossa parecia bojo das paredes em todo o seu sensacionalismo. Ela rastejou sobre meu corpo e se estabeleceu fortemente no meu coração.

Pembrook me chamou à sua mesa e sentou-me em uma cadeira giratória de couro. O assento com pele animal contra a minha própria pele, fria e dura ao toque. O peso de inquietação na sala caiu sobre mim com uma finalidade que me engasgou.

—Todos se levantam. — Disse o oficial de justiça, surpreendendo-me dos meus pensamentos. Eu olhei para cima a tempo de ver Reinhold entrar na sala. *Condenação.* —Este tribunal está agora em sessão, o Excelentíssimo Senhor Juiz Francis Reinhold presidindo.

Juiz Reinhold se recusou a olhar em minha direção.

—O que está em pauta hoje, Sam? — Perguntou ao oficial de justiça.

Ele quis dizer "cortar bloco". Reinhold sabia.

—Meritíssimo, o caso esta manhã é Price versus a cidade de Los Angeles.

Reinhold finalmente encontrou a minha cara com zero de expressão, mas seus olhos estavam calculando, medindo, avaliando.

—Vocês estão prontos? — Reinhold perguntou ao meu advogado e ao promotor.

—Sim, meritíssimo. — Pembrook disse.

O promotor assentiu com a cabeça com um simples

— Sim.

A porta da sala de audiências gemeu aberta neste momento e três pessoas que eu teria de pagar para não ver passaram através delas.

Meu pai e mãe viraram para sentar-se no banco que eu tinha sentado há poucos minutos mais cedo, dando a impressão de que tinha algum outro lugar que realmente precisavam ir, mas a brincadeira real, ao que parece, foi o Oficial Casey em toda a sua glória, jovem bonito e seu rosto mostrava volumes de ódio, luxúria, ira, e desejo.

Ele ganhou um breve olhar meu e me rendeu um sorriso cruel em troca. Eu mantive o meu olhar

sobre ele, inclinei-me imperceptivelmente em sua direção, toquei levemente a ponta da língua para o topo dos meus dentes, sorri e pisquei sem esforço. Isso o surpreendeu e seu próprio sorriso vacilou, gaguejou e caiu de seu rosto.

Eu me virei para Reinhold, ninguém na sala mais sabia, além de Casey e seu coração que trovejava.

—Eu entendo que um acordo foi feito? — Reinhold perguntou aos advogados.

Um acordo?

—Sim, meritíssimo — Os advogados disseram em uníssono.

—Srta. Price, por favor, de pé — Ele ordenou.

Eu obedeci, meu coração crescendo clamando para ficar firme, e levantei-me da cadeira.

—Eu prometi que da próxima vez que a visse no meu tribunal você não iria deixá-lo tão facilmente e ainda assim, aqui está. Agora, eu tenho acordado a este fundamento como barganha só porque sinto que pode ensinar-lhe o valor de sua vida muito melhor do que qualquer quantidade de reabilitação, encarceramento, ou serviço comunitário.

Eu passei minha mão em torno da outra para mantê-las de tremarem visivelmente. Eu não ousei a paciência e raiva Reinhold que já estavam num gelo já fino, perguntando o que o acordo efetivamente era. Eu me virei para olhar para Pembroke que estava ao meu lado, mas ele não retornou o olhar. Virei para Reinhold mais uma vez.

—Sophie Price — Ele disse com determinação, fazendo meu estômago se apertar. Meus olhos se fecharam firmemente em preparação. —Você está aqui condenada a seis meses em Masego. — E com isso, Reinhold bateu o martelo, enviando um arrepio gelado pelo meu corpo.

Eu estava de pé, a boca aberta na mesa abaixo de mim, como as pessoas restantes na sala estavam quando Reinhold saiu.

E assim, tudo estava acabado.

Quando a sala limpou, eu me virei para encontrar meus pais, mas eles já estavam saindo. Meu pai mal me reconheceu com um aceno de cabeça. Casey chamou perto das portas giratórias e eu virei em sua direção imaginando o que ele poderia querer.

Ele se inclinou para mim. Eu só podia piscar de onde estava.

—Boa sorte, princesa.

Ele saiu rindo baixinho.

Pembroke.

—Pemmy, o que... — Tossi de volta a sensação de asfixia que estava presa na minha garganta. —O que é 'Masego'?

Pembrook sentado em sua cadeira reuniu toda a papelada aparentemente desnecessária que ele tinha espalhado sobre a mesa antes da curta sentença. Ele ocupou as mãos e se recusou a me olhar nos olhos.

—Masego é um orfanato em Uganda, pertence a um amigo muito querido que eu tenho desde o primário. Eu espero que você trabalhe duro, Sophie. Eu espero que você não me envergonhe. Você sai em uma semana. O médico estará na casa de seus pais amanhã às três da tarde para administrar as vacinas necessárias. Esteja lá, ou verá a ira do tribunal. Além disso, aqui está um cartão que seu pai designou para você comprar as necessidades. Comprar calções, botas resistentes e coisas dessa natureza para enfrentar o clima duro de Uganda.

Finalmente, ele olhou para mim e deu um profundo suspiro.

—Eu vou arriscar-me por você, Sophie. Eu não faria isso por qualquer outra pessoa. Você precisa de uma dose dura de realidade e Charles será capaz de entregar isso para você.

—Você acha que vai me mudar, Pemmy?

—Você precisa mudar e logo, ou vai estar além do salvamento.

—Nada pode me impedir de me tornar o que eu já sou —

Proclamei, honesta comigo mesma pela primeira vez.

—É verdade. — Ele disse, colocando sua pasta de couro sobre a mesa. —Mas as pessoas podem mudar minha querida, e eu sei que você

é capaz de ser melhor do que esta menina que criou para si mesma. Eu nunca falei mal de seu pai se puder ser evitado, por razões óbvias, mas você tem sido tratada mal por ele e por algum motivo insondável eu sinto que é minha responsabilidade corrigí-la.

—Eu te conheço desde que você era pequena, doce e inocente,

Sophie. — Ele respirou fundo e espalmou as alças de sua pasta. —Eu não posso desfazer as coisas que você fez, mas vou ser amaldiçoado se seu futuro for tão sombrio quanto seu passado.

Pembrook beijou meu rosto levemente e peguei um pouco das lágrimas derramadas involuntariamente com ele. Ele me abandonou lá naquela sala fria. Eu estava sozinha.

Eu não sabia muito mais do que tinha naquela manhã. A ligeira consciência que eu tinha era de que em uma semana eu estaria em um avião para Uganda para ver um velho amigo de Pemmy e para ajudar em seu orfanato. Uma ideia tão simples com consequências enormes.

Eu belisquei o cartão estúpido que meu pai tinha me deixado entre o polegar e o indicador, esfregando o novo número frustrada. Eu sempre os considerei os pequenos abraços plásticos em vez de vê-los pelo que eles realmente eram. Para meu pai, eram obrigações. E se meu pai fazia uma coisa, ele sempre cumpria as suas obrigações.

Capítulo 05



Eu andei para fora e desci as escadas, sem saber para onde iria.

—Nenhuma chamada — Ouvi Spencer provocar ao meu lado. — Típico de Sophie Price.

Olhei em sua direção e o sorriso no seu rosto caiu quando ele leu minha expressão.

—Vamos lá, não poderia ter sido tão ruim assim. Umass poucas horas de serviço comunitário, no máximo.

—Não é bem assim, Spencer.

Spencer olhou visivelmente nervoso.

—O que você tem?

—Seis meses na África.

Spencer riu alto.

—Hilariante, Soph, um golpe com os meus pais. Engraçado. Agora, a sério, o que você pegou?

—Eu não estou brincando. Fui condenada a trabalhar seis meses em um orfanato em Uganda.

O rosto de Spencer caiu, suas sobrancelhas se estreitaram.

—Você está gozando comigo.

—Eu realmente não estou. Eu desejaria que estivesse.

Spencer me tomou pela mão e nos sentamos em um banco de pedra em frente ao tribunal. Minhas costas deitaram contra o encosto e Spencer se inclinou para mim, seu braço espalhado pelo topo.

—Onde? — Perguntou ele.

—Uganda.

Ele afundou-se um pouco.

—Eu gostaria de ter alguma ideia se isso seria perigoso ou não.

—Eu também. — Eu estoicamente acrescentei.

—Quando —Ele disse, antes de limpar a garganta —você vai?

—Na próxima semana.

—Putá merda, Sophie.

—Eu sei. — Eu disse, apertando os olhos fechados. Abri-os e me virei para ele.

—Torne esta semana para mim, Spence. Torne-a tão malditamente divertida que vai me segurar ao longo de seis meses.

—É claro, Sophie.

O clube em que ele tinha me levado era novo, tão novo que eu nunca tinha estado lá, o que dizia alguma coisa, mas estava lotado, que nem sardinha enlatada. Eu poderia dizer ainda que não tinha sequer pisado um pé lá dentro. O Aston Martin de Spencer estacionou na calçada do lado de fora e eu podia praticamente sentir os olhares dos patronos do clube na fila, pesados e cheio de admiração. O Spencer incrivelmente sexy casualmente saiu de seu carro e entregou as chaves para o manobrista. Um segundo manobrista tentou abrir a porta para mim, mas Spencer acenou e veio para o meu lado, balançando minha porta, abrindo suavemente e pegando em minha mão. Eu ouvi os suspiros das meninas na fila quando viram Spencer e isso me fez perguntar por que eu não poderia obtê-lo do jeito que ele estava por mim.

Minha mão agarrou as suas abatidas. Meu cabelo soprou para longe do meu rosto e eu tive uma boa visão dos olhos brilhantes dos admiradores por quase metade de um quarteirão. Minha descida do carro mostrando meus saltos, o coletivo gemido dos homens, com a visão da minha perna, fez Spencer piscar discretamente. Ele levantou-me e fechei a porta atrás de mim. Nos segundos que levei para virar, uma emoção secreta explodiu no meu peito, a inveja que emanava de seus rostos, mas nossas expressões nunca teriam transmitido isso. Não, nós fomos treinados desde o nascimento para afirmar desinteresse. Éramos os últimos e esnobes, percebendo isso, a emoção secreta rapidamente dissipou em vergonha. O que há de errado comigo?

O porteiro abriu a porta para nós e nos conduziu para dentro e as pessoas na fila não questionaram a mudança, assumindo que eram menos importantes do que nós, o que me fez pensar mais em por que a sociedade aceita tal absurdo, mas lá estava eu, deixando acontecer de qualquer maneira. Eu estava virando uma hipócrita enorme e tudo o que queria era voltar a ser como eu era.

—Podemos ficar um pouco Spence, e não ter que nos transformar em alguma coisa? — Eu perguntei a ele, sabendo que era uma jogada de vadia, mas estava precisando de um pouco de minha antiga vida de volta para que eu me sentisse sã novamente.

—Você está brincando, Sophie Price? Eu pensei que você nunca pediria.

—Isso foi diplomático.

—Eu não estava sendo educado. Quando Sophie Price lhe pede um beijo, você executa. Agora, se você precisar de qualquer outra, uh, execução, eu ficaria feliz também.

Isto parou meu coração.

—Talvez beijar seja uma ideia horrível.

—Não, não, esqueça tudo que eu disse. — Ele rapidamente nos levou à nossa mesa privada e puxou-me para ele. —Dance comigo.

Eu joguei minha bolsa pequena na cabine, em resposta, sabendo que o segurança no VIP guardaria desde que Spence entregou ao cara uma nota de cem e o deixei me puxar em direção a pista. Eu assumi a liderança e acabei meu caminho através da multidão com Spencer logo atrás de mim e encontrei um local em que duas pessoas poderiam caber confortavelmente. A escuridão nos cercava além das luzes dançantes, que tocavam o topo da multidão, mas ricocheteavam rapidamente.

A primeira música foi lenta e sexy. Spencer colocou as mãos sobre mim e eu deixei. Ele percorreu meu corpo em apreciação enquanto eu o usava. Influenciados pelo ritmo erótico, sua boca encontrou a minha, respondendo a minha pergunta anterior. A sensação quente de sua língua acalmou qualquer sentimento cru de moral contraditória que tinha tomado residência em meu coração. Eu gemia em resposta e os seus braços encontraram a minhas costelas, envolvendo-me com força antes de me dar um leve aperto e levantando-me um pouco do chão.

Eu beijei Spencer como se minha vida dependesse disso. Eu esperava que cada exalação em sua boca derramasse um pouco das minhas lutas recém-encontradas.

—Segure-me mais apertado. — Sussurrei contra os dentes. Ele agarrou-me mais perto, ainda não firme o suficiente. —Mais. — Eu exigi.

Spencer me atraiu mais firme contra ele e eu sentia cada cume de seu corpo.

—É perto o suficiente? — Ele riu na minha garganta.

—Perfeito. — Eu disse a ele. Eu não me sentia tão sozinha.

Spencer me beijou de novo, mas mais suave, como se soubesse do que eu precisava. Ele leu o meu corpo também, dando quando eu recuei, recuando quando eu dei. Tudo o que eu conseguia pensar era que ele faria alguma menina muito feliz um dia. Ele passou as mãos pelos meus cachos longos, segurando minha cintura um pouco acima do quadril envolvendo-me contra ele mais uma vez.

E de repente, o beijo muito aquecido ficou mais leve, diminuindo em um abraço desesperado. Eu senti naquele momento, como o fez. Foi flagrantemente óbvio para nós ali no meio da pista de dança lotada. Eu precisava ser necessária pra ele e ele precisava ser necessário para mim. Agarramos-nos um ao outro, não sei exatamente do que precisávamos um do outro, mas reconhecemos isso mesmo assim.

Quando a música terminou e uma música mais otimista substituiu, Spencer se afastou.

—Vamos dar o fora daqui. — Ele me disse.

Nós voltamos para minha casa, mas estacionamos seu carro no estacionamento dos empregados apenas no caso do meu pai estar à procura, embora eu duvide que ele estivesse. Meu quarto tinha sido arrumado desde que eu o tinha deixado pela última vez. Joguei as cobertas para trás e caí dentro, tirando

minhas roupas por debaixo das cobertas. Spencer jogou seu jeans na cadeira no canto junto com sua camisa, deitando-se comigo apenas de cueca.

Nós nos abraçamos a noite inteira, sem palavras ditas, mesmo assim, a noite silenciosa proferia muito.

—Srta. Price? — Uma voz me acordou. —Srta. Price? — A voz perguntou mais alto.

Meus olhos mal abriram e eu peguei na minha posição, deitada sobre um Spencer suavemente roncando. *Brilhante*.

Eu me virei e olhei nos olhos do Dr. Ford e sua enfermeira

Cassandra. *Apenas esplêndido*, pensei. Ele estava indo denunciar este pequeno incidente ao meu pai. Eu podia ver em seu rosto.

Cassandra estava muito distraída pelo peito exposto de Spencer para dar-me o seu usual rolar de olhos.

—Bom dia, Dr. Ford.

—Tarde. — Ele me corrigiu.

Olhei para o relógio e vi que era de fato três horas da tarde.

—Você está certo na hora, certo. — Eu cuspi para ele sarcasticamente.

—Srta. Price. — Ele começou, me ignorando — Prefere que Cassandra e eu deixemos a sala para você se vestir?

—Não é necessário. — Disse a ele.

Spencer acordou e estendeu ao meu lado, fazendo com que Cassandra aumentasse os olhos em seu rosto redondo.

—Não, a maioria destes vão na região posterior, de qualquer maneira? — Eu o provocava, fazendo Dr. Ford fechar os olhos em sinal de desaprovação. Spencer tentou esconder sua risada atrás de um punho fechado, mas ele não estava enganando ninguém.

—Eu só vou usar o seu chuveiro, Soph. — Spencer deslizou de debaixo das cobertas e atravessou o chão de cueca, sem qualquer sentimento de vergonha.

Piscando o olho, de fato, para Cassandra e fazendo-a se engasgar com nada.

—Tudo no mesmo, Srta. Price, prefiro que tenha pelo menos um roupão.

—Como quiser, Dr. Ford.

Cassandra pegou o de seda que pendia no final de minha porta e trouxe para mim. Dr. Ford virou a cabeça e eu estava afundando meus braços através das mangas do roupão que Cassandra estendeu para

mim.

—Delicioso, não é? — Sussurrei baixo, provocando Cassandra.

Seu rosto corou e ela estreitou as sobrancelhas para mim com desdém óbvio. Eu sorri.

—Você sorri agora — Ela causticamente falou — Mas você não tem ideia do que está reservado para hoje. — Ela sorriu de volta e o meu queixo caiu.

Engoli em seco e olhei para Cassandra com expressão média, chocada comigo mesma por não ser capaz de mostrar nenhuma emoção. A verdade? Eu estava com medo, apavorada porque eu realmente não tinha absolutamente nenhuma ideia do que realmente estava para ganhar. Não sobre as vacinas e certamente não Masego ou qualquer que seja o inferno que eles chamavam.

—Srta. Price — Dr. Ford disse, — Se você puder se sentar. Eu tenho aqui vários formulários para você assinar.

Ele me entregou uma pilha de papéis.

—O que é tudo isso? — Eu perguntei a ele, folheando de um formulário para o outro.

—Proteção de responsabilidade.

—Ah, então porque exatamente você precisa de proteção de responsabilidade?

Spencer entrou naquele momento e se sentou ao meu lado na cama, secando o cabelo molhado com uma toalha.

Dr. Ford suspirou e puxou minha cadeira da cômoda mais perto de mim. Ele abriu a pasta de couro e no interior, amarrado ordenadamente dentro de uma bolsa, tinha uma quantidade ímpia de seringas. Eu respirei e Spencer colocou sua mão em meu ombro.

—Adacel — Ele começou, a leitura de uma lista em seu colo, — que impede a difteria, tétano e pertussis acelular. Hepatite A e B que eu te dei vários meses atrás.

—Por quê? — Eu perguntei curiosamente, só agora me pergunto por que nunca perguntei antes.

—Por causa de seu — o Dr. Ford disse, limpando a garganta e olhando para Spencer, — aumento da atividade como a de hoje à tarde.

—Eu vejo — Eu disse simplesmente. Spencer riu e eu lhe dei uma cotovelada. —Continue.

—Eu vou dar-lhe uma reformulação da vacina contra a gripe.

Vamos ver — Disse ele, olhando para algumas folhas de papel diferentes. —Uma dose de reforço meningocócica, MMR ou sarampo, caxumba e rubéola. Uh, pneumocócica, muito importante, a poliomielite, a raiva, — Ele disse, olhando para um gráfico, — você vai precisar de uma reciclagem. Você vai precisar de febre tifoide, mas já teve varicela. — Ele olhou para mim. —Sim, é isso.

—É isso! — Exclamei, agarrando a mão de Spencer.

—Acalme-se, Srta. Price. Você precisará seguir as precauções estritas de água e alimentos, enquanto estiver no exterior. Consumir apenas enlatados ou bebidas comercialmente engarrafadas. Evite o uso de cubos de gelo, o que eu duvido que eles têm refrigeração aonde você está indo, o que também por isso que você só deve comer frutas e vegetais que você descasque e lave. Evite carnes frias, saladas, melancia, pudins.

Dr. Ford olhou para mim.

—Desculpe dizer, Srta. Price, mas tente evitar o contato sexual casual. Eu não posso forçar o suficiente. — Revirei os olhos para ele. —

Nunca use agulhas ou seringas usadas por outras pessoas. Evite compartilhar uma navalha ou escova de dente. Sem tatuagens ou piercings, enquanto estiver lá. Permaneça em áreas bem selecionadas com ar-condicionado, quando possível. Use roupas que cobrem adequadamente seus braços e pernas e use DEET contendo repelente de insetos, tanto em sua pele como nas roupas. Recuse transfusões de sangue a menos que seja em uma situação de vida ou morte e tente garantir que eles foram devidamente examinados em primeiro lugar.

—Sim, se eu estou morrendo e preciso desesperadamente de sangue, eu vou ter a certeza de perguntar se o sangue foi devidamente selecionado primeiro. — Desviei o medo através sarcasmo. *Legal, Soph. Ele só está tentando ajudá-la.*

O rosto do Dr. Ford tornou-se sério.

—Você não entende Srta. Price. Esta não é uma questão de brincadeira. Você está visitando uma área altamente doente. As coisas de que eu estou tentando protegê-la podem ser a diferença entre morrer de uma morte horrível... Ou não.

Bem, obrigado pela visualização, doutor.

—Cassandra estará trazendo um registro de imunização para manter com seus documentos de viagem. Não o perca. Eles não podem deixá-la voltar ao país, se você não puder provar que você tenha tomado medidas preventivas.

—Você está brincando comigo. — Spencer assobiou de dentro.

—Dificilmente. — Dr. Ford respondeu, agora a rolando seus próprios olhos. —Vamos começar? — Dr. Ford perguntou, virando-se para mim.

—Você vai ter febre e dor nas áreas injetadas, mas Tylenol deve ajudá-la. Descanse um pouco. — O Dr. Ford adicionou após as chocantes administrações dolorosas, logo antes de fechar a porta atrás dele e Cassandra.

—Você provavelmente deve tomar esses remédios para dor agora. — Disse Spencer. —Minha mãe

sempre me fez tomá-los depois das minhas vacinas quando eu era um garoto, tinha que evitar ficar doente mais tarde.

—Eles estão no meu banheiro. Prateleira. — Eu disse, deitada.

Algumas injeções tinham me machucado muito. Eu não estou brincando. As agulhas eram enormes e as injeções estavam quentes e invasivas.

Spencer trouxe-me um copo de água e um redutor de febre. Eu bebi rapidamente. Nós dois deitamos na cama de frente para o teto depois que eu liguei o aparelho de som em baixo volume.

—Bem, isso foi esclarecedor.

—Estou com medo além da crença, Spencer.

Ele suspirou alto.

—Eu sei, Soph. Eu posso dizer.

—É uma coisa boa que eu ainda não usei cartão estúpido do meu pai.

—Por que isso?

—Porque eu teria chegado de shorts curtos e top se eu não tivesse sabido que precisava usar mangas compridas e calças.

—Cristo, Soph. Isso está assustando a merda fora de mim e eu não estou indo. Eu estou em pânico por você.

Ele me arrastou até ele e me abraçou em seu corpo, alisando meu cabelo atrás da minha orelha. Foi a primeira vez que um cara tinha feito algo parecido com intenções completamente inocentes e lutei contra as lágrimas ardentes a derramar. Ele era tão bom para mim e eu não sabia realmente o porquê. Eu quero dizer, sim, ele queria dormir comigo. O cara não fazia meu tipo, se eu estivesse sendo honesta comigo mesma, o que era culpa minha, mas Spencer não estava me pedindo para fazer qualquer coisa. Ele estava oferecendo a si mesmo como conforto, sem qualquer expectativa de retorno.

Eu me virei e passei meus braços em torno dele. Ele me abraçou ferozmente em troca. Depois de alguns minutos, eu recuei e olhei em seus olhos.

—Você é um homem bom, não é, Spencer?

Ele riu de mim.

—Não, eu não sou, Soph.

—Você é um mentiroso.

—Eu não sou um bom homem.

—Então você não está ciente disso, mas você é.

—Tudo bem, tudo bem. Eu sou um santo maldito, yada, yada. Podemos comprar a sua merda antes que todas as lojas fechem? Eu quero essa merda de África pronta e, com isso nós podemos terminar a semana em deboche total.

Ele me fez rir, mas não estava me enganando. De alguma forma, crescendo na casa que ele cresceu, com o pai que ele teve, Spencer teve o inacreditável potencial para se tornar um grande homem. Ele me surpreendia. Suponho que as escolhas que você faz realmente são o que definem você.

Porque você não pode ficar com ele, então?

Eu peguei cartão do meu pai e o estourei. Eu comprei toda a bagagem nova, tela resistente porque minhas bolsas de couro macio de designer não estavam indo para lá, obviamente. Spencer me levou até a loja que sua mãe vai quando ela vai visitar um safári e o funcionário de lá foi extremamente atencioso, informando-me que seria melhor trabalhar em meados de África e o que eu poderia levar. Eu só comprei algumas coisas, mas ainda levei seus conselhos para minhas próprias lojas favoritas. O inferno que eu seria como uma pateta, se eu pudesse evitar.

Eu comprei 15 pares de jeans badass e um monte de blusas adaptáveis, assim como algumas botas de montaria na altura dos joelhos para usar com meus jeans. Isso não me define, que senso de moda, mas iria manter-me segura e eu tive que admitir que eu não ficaria como uma pateta total. Eu experimentei um conjunto completo para Spencer e desfilei em torno dele na loja.

—Você está transformada. Eu não estou acostumado a ver você tão casual. — Meus ombros caíram um pouco de decepção e meu beicinho de assinatura veio à tona. —Oh, por favor. — Ele continuou, — você parece sexy como o inferno, como se eu precisasse dizer isso. Sua bunda é a mais doce que eu já vi, especialmente naqueles jeans.

Eu sorri diabolicamente para ele.

—Obrigada — Eu disse a ele, saí fora, balançando os quadris de um lado para o outro. Seu gemido audível enviou essa emoção secreta através do meu estômago outra vez, mas foi de curta duração por essa sensação persistente de culpa. O que há de errado comigo!?

Quando Spencer me levou para casa e me ajudou a carregar todas as minhas compras para o meu quarto, nos deparamos com uma enorme pilha de coisas descansando em cima da minha cama junto com uma carta de Pembroke.

Pemmy me disse para ir com a impressão de que eu não teria eletricidade nunca, pois Masego tinha apenas esporadicamente e talvez por um dia.

Tudo o que traduziu para mim, quando escreveu era que eu não seria capaz de arrumar meu cabelo e não teria nada além de duchas frias no meu futuro. Ele incluiu uma enorme rede de cama para me proteger dos insetos à noite, um kit médico enorme contendo coisas que eu estou bastante certa de que apenas um médico com uma licença para trabalhar deve ter, vários sem prescrição médica, bem como antibióticos

prescritos do Dr. Ford, que, por sinal, parecia que eles vinham diretamente da prateleira farmacêutica. As garrafas, obviamente, com centenas de pílulas. Isso me deixou nervosa só de olhar para elas.

Pemmy terminou a carta dizendo-me que ele me amava como uma filha e desejava que fosse cuidadosa. Eu não sei o que pensar disso, mas estaria mentindo se dissesse que não me fez sorrir... Só um pouco.

Capítulo 06



Acordei às três da manhã tremendo. Dr. Ford tinha dito ao meu pai sobre a festa do pijama com Spencer e aquela foi à última noite que Spencer foi capaz de ficar para minha grande consternação. Se alguma vez eu precisei de um corpo quente ao meu lado, foi através das longas noites antes de minha partida. Noites de silêncio. Noites de pensamentos acelerados e cenários inventados de perigo e doença.

Eu estava no chuveiro por perto de meia hora, na tentativa de deixar o vapor acalmar meus medos, mas não adiantou nada, não bom em tudo. Eu saí da água e enrolei uma toalha em volta de mim. Eu estava na frente do espelho e dei uma boa olhada. Eu estava tão vazia quanto poderia me tornar, sem maquiagem, com o cabelo molhado, pegajoso. Eu odiava olhar para mim mesma neste estado. Eu não me sentia real. Eu me sentia muito exposta e isso me deixou muito nervosa, mas me fiz olhar naquela manhã. Eu memorizei essa menina.

Essa menina era o meu verdadeiro eu. Assustada. Inútil. Uma amiga terrível. Filha terrível. Bem educada, mas tão limitada em ideias de valer a pena. Bela, ainda repulsiva...

E, finalmente, honesta.

Spencer me pegou de manhã para o meu voo às sete da manhã.

Ele me telefonou de dentro de casa e eu o encontrei em pé no foyer próximo a Pembroke, nenhum sinal de minha mãe ou do meu pai.

—Sophie — Pembroke sorriu, —aqui estão todos os seus documentos necessários. Um cartão de emergência, bem como dinheiro. Mantenha estes perto de seu corpo. Você está voando para a Alemanha em primeiro lugar, em seguida, Dubai, ficando a noite. Os arranjos de hotéis estão em seus documentos de viagem. Um carro foi organizado para buscá-la lá. De Dubai você vai voar para Nairobi, no Quênia, onde um pequeno avião foi fretado para levá-la para Kampala, Uganda. Procure por um menino chamado Dingane para buscá-la. Eu tomei a liberdade de equipar o seu casaco com um telefone via satélite para...

—Emergências? — Eu perguntei, sorrindo de volta.

Os ombros de Pembroke visivelmente relaxaram e ele passou os braços longos e esguios em volta dos meus ombros.

—Tenha cuidado, minha querida. — Ele sussurrou contra meu cabelo antes de acelerar pelo corredor.

Eu suspirei enquanto o vi abrir caminho para as cozinhas. Eu me virei para Spencer e sorri

novamente.

Ele estendeu a mão para mim e eu a peguei. Ele apertou-a suavemente.

—Vai ficar tudo bem. — Ele tranquilizou, mas eu não acreditei nele.

Eu olhei em torno de mim, a forma como o foyer estava vazio e me senti um pouco decepcionada que Sav e o resto dos meus amigos não tinham aparecido. Eu mandei uma mensagem para eles na noite anterior, mas suponho que não havia nenhuma razão para dizer adeus a alguém com quem pouco se importavam.

Eu encontrei os olhos de Spencer mais uma vez.

—Eles não vieram. — Disse-lhe com naturalidade.

—Não, eles não vieram. — Afirmou.

—Não precisar ficar. Eu vou estar apenas por um momento. — Eu disse a ele e me dirigi para o escritório do meu pai.

Bati na porta e ouvi um fraco "entre". Obedeci e girei a maçaneta. A fumaça do charuto me envolveu antes de se dissipar atrás mim. A fumaça se dissipou e revelou meu pai, ocupado, como de costume, e em seu telefone.

—Não! Não! Eu nunca concordei com isso! — Meu pai virou em minha direção. —Só um minuto, por favor? — Perguntou ao receptor. — O que é isso? — Ele me perguntou.

—E-eu estou indo.

—Boa sorte.

E foi assim, ele estava imerso em sua conversa por telefone e eu fechei a pesada porta de madeira atrás de mim. No caminho de volta para o hall de entrada, eu passei por uma de nossas empregadas, Margarite, carregando toalhas dobradas para uma das suítes.

—Você já viu a Sra. Price esta manhã, Margarite?

—Sim, ela foi à cidade para uma manhã de compras.

—Ah, eu vejo. Diga a ela que me viu?

—É claro senhorita. — Os olhos de Margarite suavizaram. —Existe alguma coisa que você gostaria de me transmitir, senhorita?

—Não.

—Como quiser, senhorita. — Disse antes de ir para o seu negócio novamente.

Eu fiz o mesmo, mas podia sentir seus olhos me olhando como se ela tivesse pena de mim. Eu me encolhi com o pensamento de que minha empregada sentia pena de mim.

—Eu estou pronta — Disse a Spencer.

—Eu já carreguei as malas.

—Obrigada, Spence.

A viagem até o aeroporto foi estranhamente silenciosa. Eu contemplei as quase 20 horas de voo que tinha no meu futuro, não incluindo a minha pernoite em Dubai. Minhas mãos começaram a tremer e visivelmente Spencer acalmou-as com a sua própria. “*All the Rowboats*”, de Regina Spektor, começou a tocar e eu não podia evitar, mas deixei escoar a melodia assombrosa em minha pele. As palavras eram proféticas, embora os temas de sua canção fosse inteiramente objetos, mas quando realmente me defini, isso é o que eu era, um mero objeto e foi tudo por meu próprio fazer. Eu era um desses objetos, a respiração doendo desesperadamente para fugir, para viver, e de repente uma calma tomou conta de mim.

Toda a conversa de perigo, doença e devastação me assustou, mas eu estava pronta para uma mudança, tão desesperada e tão dolorida para escapar, para viver, realmente viver, como as músicas e pinturas em suas palavras.

Nos movemos até a zona de desembarque e Spencer abriu a porta para mim. Ele parecia vazio.

—Não se preocupe, meu muito bom amigo.

Ele sorriu, mas o sorriso nunca tocou seus olhos. Suas mãos cavaram nos bolsos.

—E isso é tudo que eu sempre serei para você, eu acho.

Meus ombros afundaram na porta do carro um pouco.

—Spencer, por favor...

—Shh. — Ele disse, apertando a ponta de seu polegar em meus lábios. Seus dedos roçaram meu rosto um pouco quando ele se afastou.

—Não se preocupe, Sophie Price. — Ele sorriu sinceramente e meu coração caiu um pouco por ele.

—Eu vou sentir muito a sua falta. — Admiti para o único amigo de verdade que eu já tive, mas realmente só muito recentemente realizado.

—Como eu vou sentir sua falta. Eu só descobri que você está tão perdida quanto eu estou e agora você vai embora.

—Por ordem judicial. — Eu brinco, fazendo meu sorriso mais largo.

—Eu vou te dar isso. — Ele suspirou. —Nós deveríamos encontrar o nosso caminho juntos, embora.

—Eu ainda vou estar tão perdida quando voltar. Podemos seguir a partir disso, Spence.

Spencer pegou minhas malas e as colocou no carrinho que o porteiro tinha trazido.

—Eu vou te ver em seis meses. — Disse a ele.

—Eu vou estar bem aqui. —Ele disse, apontando para a calçada. —Esperando.

Eu roço seu rosto e aperto os olhos dolorosamente.

—Não espere por mim, Spencer. — Eu sussurro ordenada.

Spencer puxou-me para ele.

—Eu vou fazer o que eu bem entender, Price. Agora vá.

Eu sorri para ele e segui o porteiro. Quando eu virei para uma última olhada ele já tinha ido embora.

Vinte horas de voo, apesar de uma noite de sono no The Palm em Dubai ainda me sinto com 20 horas de voo. Quando cheguei à África por meio de Nairobi, eu não tive a chance de absorver o continente, pois eu só tinha 20 minutos para pegar o meu Cessna, mas quando meu

pequeno avião fretado pousou, mal, e as escadas foram levadas para fora, a porta abriu, eu olhei para fora em uma visão mais maravilhosa, uma vista de tirar o fôlego. A visão de uma vegetação em um verde luxuriante, terra vermelha de ferro e do amplo, azul e deslumbrante lago Victoria. Minha respiração sugou para o meu peito enquanto eu levei tudo dentro. Era *incrivelmente* belo.

Desci as escadas e me deparei com minha bagagem a meus pés e um homem africano feliz com o rosto chocolate escuro e dentes brancos resplandecentes.

—Bem-vinda à África, senhorita. — Ele me cumprimentou com alegria. —Eu entendo que esta é a sua primeira visita?

—Sim, muito obrigada.

Ele sorriu o maior sorriso que eu já vi e eu me perguntei o que tinha feito esse cara tão feliz.

—Siga-me, senhora.

Eu pesquei na minha bolsa por uma nota de dez dólares. Um cara em Dubai tinha me dito que eles preferem moeda americana para que eu nunca trocasse as centenas que Pembroke tinha me dado. Nos aproximamos ao aeroporto e tudo o que eu podia pensar quando olhava era que os anos setenta tinham morrido e ido para o céu sobre esta pequena enseada. Minha pele ficou fria quando eu pensei sobre isso. Antes de chegar, eu li sobre Uganda e descobri que o aeroporto para o qual eu tinha voado também foi o local de uma situação de reféns muito perigosa envolvendo terroristas na mesma época. Eu tremia ao pensar sobre os detalhes. Fez lembrar onde eu estava e o verdadeiro propósito que esta visita implicava.

Quando o porteiro entusiasmado colocou minhas malas para dentro, ele sorriu para mim e eu quase ri de seu otimismo.

Eu não pude me controlar.

—Você está bastante animado, e por que está tão feliz hoje?

—Eu sou feliz a cada dia, senhorita, estou vivo e trabalhando. Eu tenho um telhado. Eu posso alimentar meus irmãos e irmãs. Sou muito, muito feliz.

Meu coração apertou e eu cavei na minha bolsa por mais dez, pensei duas vezes e peguei 50 antes de colocar o dinheiro em sua mão.

Seus olhos sopraram para proporções impossíveis e eu balancei a cabeça para ele, silenciando o protesto formado em seus lábios.

—Não foi nada. — Eu atirei e limpei a garganta. —Desculpe-me. — Eu disse a ele e peguei minhas malas às pressas antes de andar com o propósito para descer no corredor em direção ao que eu assumi ser a entrada da frente.

Eu tentei não pensar no que significava 50 dólares para o menino e sua família. Eu também tentei não pensar sobre o bracelete bobo amarrado no meu pulso que custou 500. Eu parei onde estava e recolhi-me, lembrando-me da minha agenda e deslizando-o para fora da minha mochila. Eu folheava as páginas e olhei para o nome que Pembroke me disse para não esquecer, mas mesmo assim fiz porque era um nome tão incomum.

—Dingane — Repetia em voz alta. —Que tipo de nome é esse?

—É Din-John-E — Uma voz profunda interrompeu e minha cabeça disparou.

Atingida. Sem fala.

Uma sensação profunda de perfuração inundou todo o meu corpo e eu quase caí de joelhos na forte impressão. Minha respiração tornou-se difícil e eu lutei para limpar a cabeça. Uma consciência amena, escaldante, mas incrivelmente excitante nadou pelo meu corpo. Uma neblina, emocionante agradável caiu sobre mim e... Queimou. Tão. Bom. Este foi um sentimento de realização. Eu fiquei lá, saboreando os efeitos.

Lembro-me de Sarah Pringle me dizendo uma vez sobre um rapaz que ela conheceu durante as suas férias na Europa. O jeito que ela o retratou me fez duvidar de sua sanidade.

—Eu não posso descrevê-lo, Sophie. — Ela disse, com as mãos cobrindo o rosto em desespero. — Era como se meu corpo soubesse imediatamente que ele era meu e que eu era dele.

—*Terrivelmente primitivo* de você admitir Sarah — Eu tinha escarnecido, fazendo com que todos ao nosso redor rissem.

Porém, agora eu sabia o que ela queria dizer. Agora eu entendi o que ela estava tentando passar para mim.

O menino que estava diante de mim estava à beira de se tornar um homem. Todo músculo tenso, magro, estreito onde um menino precisava ser e amplo onde um homem deveria ser sempre. Eu nunca

tinha conhecido uma pessoa que poderia ser desenhada para outro ser humano, especialmente um completo estranho. Seu rosto me cativou sem a capacidade de falar. Eu senti meu peito apertar por ar, mas não fui capaz de esconder a demanda febril, então eu estava estupidamente ofegante lá como um cão depois de uma corrida rápida. Ele se inclinou sobre mim, as mãos enfiadas nos bolsos da frente da calça jeans, puxando o tecido de sua camisa duramente contra os músculos, seus braços e ombros e me aprofundando mais na imediata obsessão.

Eu engoli a minha falta de ar e estudei-o. Ele era o completo oposto do que eu sempre imaginei que seria mais atraída.

Cabelo preto reto perto do seu queixo, mas escondido atrás de suas orelhas, olhos azuis da cor do céu olharam para mim estranhamente, seu lábio inferior cheio separado de seu lábio superior em questionamento. Ele estava olhando para mim com um nariz reto romano e seu queixo quadrado era apertado.

—Você é o que eles chamam de Sophie? — Ele perguntou secamente, já parecia irritado comigo.

—Eu sou.

—Eu sou Dingane. — Seu sotaque repetido.

Quando ele falava, meus olhos involuntariamente rolaram para o fundo da minha cabeça. Sua voz profunda e sedosa tomou conta de mim como a água quente em uma tarde fria e de bom grado me inclinei para mais perto dele. A proximidade era como combustível para o minha chama já fora de controle. Inclinei-me para longe dele para ganhar um pensamento racional e balancei a cabeça.

—Mas você é branco. — Eu estupidamente deixei escapar, me fazendo querer rastejar debaixo de alguma coisa.

—Você é incrivelmente astuta. — Ele disse firmemente.

—Eu sinto muito, eu estava, eu estava apenas esperando um Africano. — Gaguejei.

—Meu nome é Ian. Dingane é um apelido, mas eu sou africano. Meus antepassados vieram para África do Sul no século 17, da Inglaterra. — Ele explicou, embora parecesse irritado ao fazê-lo, como se eu não merecesse tal cortesia.

Seu sotaque soava como uma mistura de Inglês formal, australiano e holandês. Essa é a única maneira que eu poderia descrevê-lo. Eu nunca tinha ouvido igual. Era assim incrivelmente bonito e original.

Todo filme que eu já vi, que contou com o sotaque Sul Africano, foi completamente massacrado. Ouvindo-o era como ouvir veludo.

—Oh. — Eu cuspi, inteligente. —O que - o que Dingane significa?— Eu gaguejava, ainda incapaz de remover o meu olhar de seu rosto.

—Não se preocupe com isso. — Disse ele, aparentemente não mais brincando comigo e curvando-se para pegar a bagagem que eu apenas percebi que tinha caído.

—Eu posso pegar isso. — Eu disse estupidamente, atingindo em direção ao chão. *O que há de errado comigo? Eu sou a único que atinge homens, burra! Não o contrário!*

—Eu já peguei. Siga-me. — Ele ordenou, de pé em toda a sua altura.

Eu engoli a perda dos cinco minutos embaraçosos de sanidade e comecei a segui-lo como um rato manso. Eu não me sentia como eu mesma, não me sentia como Sophie Price. *Acorde, Sophie.* Segurei minha cabeça, lembrei quem eu era e encontrei cada passo que ele caminhou. Estávamos nuca e pescoço e eu poderia dizer que isso o surpreendeu pela forma como ele me via com o canto do olho. Eu mantive meu rosto neutro. Como o de *Dingane*.

Ele nos levou até um surrado jipe branco e eu parei, pouco menos de visivelmente recuando. Ele jogou minhas malas com pouco cuidado na parte de trás exposta e começou amarrá-las.

Eu o assisti trabalhar.

—Você está esperando eu abrir a porta para você? — Ele perguntou, seu sotaque chocou mais uma vez.

—Eu pareço esperar que você abra a porta para mim? — Eu morde de volta.

Ele estreitou os olhos para mim.

—Então por que está aí?

—Seria presunçoso de minha parte apenas sentar-me dentro do seu jipe sem você, você não acha? Possivelmente rude?

Suas mãos calejadas inesperadamente repousavam sobre as cintas apertadas e agora ele me olhou por mais tempo do que eu considerava confortável, me estudando, mas tão de repente, caminhou até a porta do lado do passageiro, como se tivesse lembrado e abriu-a para mim, sem dizer uma palavra. Eu subi para o jipe e o assisti fechar a porta atrás de mim antes de andar a frente do veículo e pular para dentro

— Quantos anos você tem? — Eu perguntei, virando-me para ele, depois de me afivelar dentro.

—Vinte. — Ele disse de forma sucinta.

Ele estava tranquilo quando ligou o jipe e correu através do emaranhado quase impossível de táxis insistentes à espera de passageiros. Eu admito, estalava tensa até que nos encontramos na estrada aberta.

—Vai levar uma hora para chegar à capital. — Ele gritou por cima do roncar do motor e das chicotadas de vento. —Kampala é uma cidade movimentada, Srta. Price, e não para, mas eu suspeito que vai ser a nossa única oportunidade de comer antes da longa viagem de volta ao Lago Nyaguo.

—Eu comi um pouco antes de desembarcar. — Eu menti.

Se eu estava sendo honesta, estava com medo de comer qualquer coisa diferente do que foi preparado no Masego. *Que droga Dr. Ford.*

—Se você está bem para seguir em frente, então eu também.

E essa foi a última coisa que Dingane me disse quase toda a jornada.

O silêncio me proporcionou paisagens surpreendentes de um país incrivelmente atraente. Ele também me deu tempo para chegar a um acordo com o quanto a minha vida iria mudar e quão dramática a mudança seria.

Quatro horas é um tempo muito longo. Tempo suficiente para refletir sobre minha reação muito física para o meu motorista e que estava indo viver e trabalhar com ele. Eu decidi que era apenas uma forte química, que eu não estava sem autocontrole. *Ah sim, você é a rainha da restrição.* Eu me virei para ele e bebi em sua figura, magra muscular.

Oh. Meu. Pai.

Capítulo 07



—Esse é o Lago Nyaguo — Disse Dingane, assustando-me. —O orfanato Masego fica ao norte do lago. Charles possui a terra por onde dirigimos agora.

—Quanto é que ele possui?

—Cerca de cinco mil hectares. Ele é dono da terra ao norte do lago, assim como o sul e suas linhas de propriedade vão para o leste a partir daí.

—Por que ele comprou terra em Uganda? —Perguntei, mais para mim do que para Dingane.

—Por que não?

—Bastante justo. — Eu concedi.

Dingane suspirou, exasperado.

—Este é o trabalho de sua vida. Ele queria a terra para realizá-lo. Surpreendentemente, a terra nesta parte do Uganda é barata. — Ele sorriu.

Meia hora mais tarde, nós arredondamos do lado leste do lago azul e estávamos em uma estrada reta de terra vermelha.

—Masego está há apenas cinco minutos até esta unidade. —Afirmou.

Minha garganta caiu para meu estômago e eu tentei engolir o sentimento de afundamento de distância.

—Como parece?

—É bonito. É horrível.

A respiração que eu estava segurando por sua resposta correu para fora de uma vez.

—Eu sinto que você deve se preparar. — Continuou ele.

Engoli em seco.

—Preparar-me para quê?

—Para as crianças daqui. — Um brilho inesperado veio a seus olhos e eu pude ver o quanto ele amava apenas falar deles. —Alguns são deformados.

—*Deformados?*

—Mutilados.

—Eu sei o que você quis dizer, mas *por quê?*

—Você não sabe nada da nossa instalação? — Ele perguntou, impaciente, brevemente estreitando os olhos na minha direção.

—Eu não sei nada. Sei apenas que é um orfanato.

Ele respirou lentamente.

—Estamos muito perto para começar a explicar agora. Charles ou sua esposa, Karina, devem te explicar tudo isso quando você chegar. Eu não tenho tempo. Eu passei o dia inteiro dirigindo para buscá-la e preciso recuperar o atraso em uma cerca remendada na borda nordeste da propriedade.

—Obrigada... *Por me buscar.* —eu expeli.

Ele se contorceu no banco e eu poderia dizer que eu tinha feito ele desconfortável. Muito desconfortável. Ele queria estar tão longe de mim quanto ele pudesse e confundiu o inferno fora de mim. Ele não me conhece.

Na distância avistei uma cerca, muito alta em torno do que eu assumi era Masego. Quando nos aproximamos de um muito robusto, pesado portão de aparência, eu reconheci a palavra Masego em um sinal caindo.

—O que Masego quer dizer? — Eu perguntei.

—Bênçãos.

Estudei-o.

—Você é um homem de poucas palavras, Dingane da África do Sul.

Isto surpreendentemente o fez lutar um sorriso e isso me chocou.

Ele rapidamente sacudiu-o e murmurou baixinho e saiu do jipe para abrir o portão. Seus músculos flexionados sob sua camisa, enquanto arrastava a barreira de madeira pesada e eu me sentei um pouco no meu lugar para vê-lo. A noite foi rapidamente chegando e os faróis do jipe ampliando o quão bonito ele era. Ele era surpreendentemente alto para um Africano. Então, novamente, o que diabos eu sei de africanos?

Ele pulou de volta para o jipe e conduziu antes de sair mais uma vez e fechar a porta atrás de nós. Amaldiçoei o pôr do sol, desejando que eu pudesse olhar para ele sem vergonha mais uma vez.

Quando chegamos a uma pequena distância para o que parecia um conjunto de aldeias, uma multidão de crianças com rostos escuros e dentes brancos veio saltando antes do jipe parar completamente.

—Dingane! Dingane! — Todos gritaram enquanto corriam em volta para seu lado do jipe.

Minha porta estava limpa das crianças e eu poderia sair facilmente, mas Dingane teve dificuldades para isso. Ele começou a rir, o que era ainda mais desconcertante para mim. Quando conseguiu me

libertar, ele começou a gritar em uma língua estranha. Estudei seu rosto e vi seus perfeitamente dentes retos, perfeitamente bonitos brilhando no sorriso mais perfeito para a multidão de crianças ao seu redor.

Foi quando eu vi, quando notei para o que Dingane estava tentando me preparar. As crianças, de todas as idades, faltando braços, olhos, partes de seus rostos, mesmo pernas. Eu segurei o meu suspiro e encontrei os olhos de Dingane. Eles eram quentes e cheios de compreensão, mas apenas para as crianças. Ele me olhou sério e seus olhos transmitiam o que ele queria que eu fizesse.

Eu olhei para baixo para eles, meio sorrindo, tentando muito olhar sinceramente quando tudo o que queria fazer era correr e me trancar longe de seus rostos terrivelmente chocantes. Eu nunca pensei na minha vida que os seres humanos poderiam suportar danos físicos, e sobreviver.

Dingane estendeu a mão para mim e me apresentou a eles, finalmente, usando uma palavra que eu reconheci: o meu nome.

—Sophie, Sophie, Sophie. — Eu continuei a ouvir mais e mais como as crianças testaram o meu nome em suas línguas.

—Olá! — Eu os cumprimentei timidamente.

Eu estava sobrecarregada e incrivelmente triste por eles, mas não tinha ideia do que dizer ou fazer. Eles olharam para mim, sorrindo, quando finalmente um rapaz se aproximou de mim e tocou minha roupa. Fiquei parada. Este foi um convite a todos eles para me cercar como fizeram em Dingane e eles me envolveram. Eles puxaram minha roupa falando animadamente numa língua que eu não sabia nada. Eles me forçaram a sua altura para que eu pudesse perfeitamente tê-los dentro de um abraço. Uma menina que não tinha o antebraço, outro menino que estava faltando uma perna abaixo do joelho, uma menina que tinha algum tipo de bandagem em volta do lado esquerdo de seu rosto. As lesões eram várias e várias, mas eles não pareciam se importar ou se lembrar de que não tinham braços ou pernas ou faces.

Eles continuaram alisando minha roupa com suas pequenas mãos ou correndo os dedos sobre o meu cabelo. Uma menina me disse em inglês que todos eles achavam que eu era suave.

Eu lutei contra as lágrimas e tentei manter em mente que, se eu começasse a chorar na frente das pequenas criaturas ante mim, eles não teriam ideia do porquê.

Eu fui engolida pelas crianças, mas ainda podia ouvir a voz de um homem em plena expansão vindo da direção da maior habitação no complexo. Digo habitação, mas estava longe de ser isso. Parecia um grande e degradado edifício feito de madeira muito antiga.

—Dingane, onde está a nossa prisioneira? — A voz do homem rachou pelo terreno, e fez as crianças correrem do meu lado e colar-se nele. —Sim, sim, vocês estão muito animados para ver nosso novo membro, mas vamos todos nos acalmar. — Eu estava em pé. —Agora, onde está ela?

O homem era alto, mas não tão alto quanto Dingane e ele era de meia-idade. Seu cabelo grisalho deitados contra sua cabeça, mas era bastante completo para alguém que eu acho ter em torno de 60.

—Ah, a nossa mais recente vítima. — Ele brincou, mas as palavras ainda me deixaram mais nervosa do que eu já estava.

Ele se aproximou e jogou os braços em volta de mim, me pegou em um movimento e balançando-me de brincadeira de lado a lado antes de virar-me à direita novamente. —Você deve ser a infame Sophie Price! Eu ouvi muitas coisas sobre você, criança! — Disse ele com um sotaque semelhante ao de Pemmy.

—Tudo bom eu espero?

—Não, não é tudo de bom — Afirmou, honestamente, me fazendo corar. Olhei na direção de Dingane por sua reação, mas seu rosto era estoico. —Mas isso não quer dizer nada. Isso a trouxe para nós, e isso é tudo que importa. Segunda chance. Eu sou tudo sobre segundas chances.

Eu poderia dizer que Charles era o tipo que encontra o lado bom em tudo. Eu não estava bem resolvida sobre se gostaria dele ou não. Eu estava particularmente inclinada a gostar dele, o que me surpreendeu. Eu olhei para a minha esquerda novamente e percebi que Dingane já começou a fazer o seu caminho em direção à cerca que alegou ser necessário remendar.

—Ah, ela está aqui! — Voz suave de uma mulher exclamou.

Olhei para a minha direita e notei uma mulher com cabelo vermelho escuro na altura dos ombros. Ela também estava em seus sessenta anos e era linda. Eu poderia dizer que ela era o tipo de mulher que, no seu auge, teria todos os meninos correndo por aí como imbecis.

Uma alma gêmea.

—Olá! — Ela disse, estendendo a mão.

Eu agarrei-a e ela me jogou em seus braços para o tipo de abraço que eu nunca tinha conseguido de uma mulher alguma vez, mas precisava tão desesperadamente. Foi o tipo de abraço que uma mãe dá à sua filha. Eu sei, tinha visto a mãe de Sav dar a ela muitas vezes.

—É muito bom conhecer você, Sophie! — Ela cantou com um sotaque inglês adorável, de Londres, se eu fosse adivinhar.

—É muito bom conhecer você também, Karina.

Eu silenciosamente agradeci a Dingane pela menção de seu nome anteriormente. Teria sido tão embaraçoso não ser capaz de dizer o nome dela depois do abraço caloroso.

—Acho que eu vou ajudar Din com a cerca então. Deixar as senhoras se conhecerem.

—Sim, sim. — Disse Karina, espantando Charles com a mão e levando-me para um conjunto de edifícios à esquerda do edifício principal. Ela parou e se virou para a esquerda. —Kate! Kate! Por favor, cuide para que todas as crianças se lavem antes de dormir?

—Eu vou. — Uma escura mulher bonita africana respondeu antes de reunir as mãos das crianças e

conduzi-las ao seu destino.

Kate era alta e requintada. Ela parecia uma supermodelo, para ser franca. Se eu a tivesse visto em Paris, presumiria que ela estava lá para as passarelas. Espantou-me que ela trabalhasse num orfanato quando havia tantas oportunidades fora para ela.

—Esse é o seu quarto — Disse Karina puxando-me de meus pensamentos e apontando para o que eu pensava antes que era uma casinha. Eu quase deixei escapar: "Você não pode estar falando sério", mas parei imediatamente, lembrando-me do braço faltando da menina de minutos antes. —É na verdade separado em duas salas. — Ela continuou, balançando a porta aberta para a sala à direita. Era quase tão grande como a sala de banheiro da minha casa. Eu olhei para dentro e conferi em seu conteúdo.

Embora tivesse um teto e chão, ele não tinha muito mais. Havia uma pia à direita, mas nenhuma torneira e uma cama simples, menor do que uma de solteiro, e sem pavimento realmente. Essencialmente, tinha tábuas irregulares de madeira no chão, paredes e teto e uma porta improvisada.

Karina levou meu rosto e sorriu.

—Não é o Ritz, eu admito, mas é um teto, minha querida. — Ela acrescentou docemente. —Eu vou pedir para Samuel trazer suas malas. Se você não tem rede, eu posso fornecer uma para você. —Ela virou-me para o caminho de terra vermelha e apontou para a porta ao lado. — Você compartilha uma parede com Dingane, mas ele está raramente lá. Além disso, você vai estar tão ocupada que no final do dia vai estar tão exausta, o seu quarto será usado só para dormir e não muito mais. Qualquer barulho não vai incomodar você. Você vai se acostumar com os ruídos da noite aqui também.

Engoli em seco, não tendo certeza se que eu poderia me acostumar com nada disso: alojamento conjunto ao lado de alguém que, obviamente, me acha repugnante, além de me encontrar um ímã a "ruídos noturnos" ou a parte da exaustão.

—Você já comeu? — Ela me perguntou.

—Sim. — Eu menti novamente. Muitas borboletas tinham tomado residência no meu estômago de qualquer maneira, mesmo se eu estivesse com fome suficiente para comer.

—Você tem certeza? — Ela perguntou de novo, olhando-me como uma mãe galinha.

—Sim, Karina.

Seus olhos plissados em torno de um sorriso.

—Venha. Vou mostrar-lhe os chuveiros.

Karina me levou ao ar livre e de volta para o portão onde avistei dois objetos, duas cabanas quadradas. Quando o alcançamos, percebi que estavam rastejando sobre eles insetos de 5 polegadas, que eu nunca tinha visto antes.

—Oh meu Deus! — Eu gritei, agarrando seu braço. Eu olhei para as criaturas extremas, com o

mesmo horror que se apresentaram a mim. *A terra de extremos.*

Karina riu.

—Eles não vão incomodá-la se você não incomodá-los.

—Est-estão sempre lá?

—Sim, amor, mas não se preocupe. Você se acostuma a eles.

Oh meu Deus, eu vou cheirar mal como uma aberração. Eu nunca vou ao chuveiro.

—Você tem que tomar banho, Sophie. — Karina entrou na conversa, revelando habilidades psíquicas. —Esta terra não é desse tipo. Você deve se lavar regularmente para manter-se livre de doença.

Engoli audivelmente.

—É, é claro.

—Minha querida, nós dormimos cedo aqui, pois quase nunca têm eletricidade e nós gostamos de levantar com o sol. Sugiro ir dormir agora. Eu adoraria dizer que a água é quente na maioria dos dias, mas não é.

—Eu vejo. — Estudei os chuveiros com uma expressão vazia. Eu estava indo para o acampamento, essencialmente, por seis meses.

Quando Karina me levou de volta para o meu quarto, o sol se pôs completamente.

—Boa noite, amor.

—Boa noite, Karina.

Eu entrei no meu quarto e quase gritei. Dingane estava ali com uma das minhas malas no chão.

—Samuel estava ocupado. — Ele disse para explicar sua presença.

Ele queria que eu soubesse que não queria estar lá.

—Ah, bem, obrigada, Dingane.

—Não há problema. —Ele disse, espremendo através do pequeno quarto para a porta. Eu sentei lá nadando no cheiro do seu sabonete.

Isso me fez delirar. *Meu Senhor!*

Ele virou-se e se pôs a um pé ante mim, quase pele com pele.

—Você vai querer trancar suas portas para que nenhum animal tente entrar. — Disse ele e me deixou para a noite de Uganda com o rangido da minha porta fechada batendo.

Isto ecoou através de mim e eu me sentei na minha cama sem olhar antes de me jogar para baixo, em cima de algo escorregadio e *se movendo*. Naturalmente, eu gritei e pulei. Dingane voltou correndo para o

meu quarto. *Sem camisa.*

—O que há de errado? — Perguntou.

—Eu-eu... — Eu comecei, mas não consegui finalizar. Eu só poderia apontar para a coisa preta e longa deslizando o seu caminho no meu colchão.

—Ah, é só uma centopeia. *Archispirostreptus gigas*, para ser exato. Tome cuidado se você entrar em contato com um, evite tocar os olhos e lábios. Eles podem ser prejudiciais.

—Tira isso. — Eu disse a ele, com os olhos cerrados. Eu ouvi a porta abrir e fechar, e quando abri os olhos, Dingane ficou ali olhando para mim como se eu fosse uma idiota. —Pare de me julgar.

—Quem disse que eu estava julgando? — Ele preguiçosamente demorou. Largas mãos calejadas descansavam em sua cintura estreita e exposta. Eu tentei tanto não olhar.

—Eu sei quando alguém está me julgando. Eu posso ler as pessoas com precisão impecável. Você está pensando que sou uma criança mimada que *não pode sequer lidar com um simples inseto. Como ela vai lidar com a África?*

—Não é um inseto. É um artrópode. — Ele brincou.

—Então você é um nerd. Ótimo, fico feliz que tenha esclarecido isso.

Ele estreitou os olhos.

—Sim.

—O que?

—Sim, eu estava pensando que você era uma criança mimada que não vai durar dois segundos aqui.

Meus olhos se arregalaram em sua resposta sincera. Fiquei surpresa. Minha boca se abriu.

—Eu vou lhe mostrar. — Eu ameacei, mas perdi o gás pela última palavra quando ele me olhou com dureza.

Dingane correu até mim naquele momento e o movimento roubou meu fôlego. Ele pairava sobre mim e eu lutei para manter minha boca fechada.

—Menina, você é a epítome do mimado. Eu posso sentir no cheiro de seu perfume caro, na qualidade de sua roupa ridícula, na pulseira embrulhada do pulso delicado. — Ele fechou a distância entre nós e todo o ar sugou do quarto. —Você não vai durar aqui. Você vai ficar cega para o ambiente que rodeia. Você vai viver em sua bolha, limpa e perfeita e retornar à sua vida elegante em seis meses. Você é... Você. Eu conheço o seu tipo. Eu já vi de tudo antes. Você nunca vai acordar. Nem para isso. — Explicou distante antes de se afastar, deixando-me no meu quarto, mais uma vez.

Senti as lágrimas queimarem, mas eu me preparei. Minha mão segurou a minha pulseira, e tirei do pulso brutalmente e eu enfiei meus dedos para baixo e deixei-a cair no chão. Eu puxei o saco que sabia

que continha toda a minha roupa de cama para o topo do colchão e abri o zíper, removendo todo o conteúdo que eu precisava.

Uma capa de colchão de ganso.

Um edredom de ganso.

Um travesseiro de plumas de ganso.

Uma rede de renda de alta qualidade.

Um conjunto de lençóis de algodão egípcio de mil fios.

Eu olhei para minha cama e senti o desejo de chorar escoar para fora de mim. Eu sufoquei-o com uma mão na minha boca. Sacudi-o e fiquei no colchão, coloquei a minha rede no gancho do teto antes de agitar a capa enrolada no colchão. Coloquei tudo como foi projetado para ser, tirei a minha roupa, coloquei meu pijama e fui para a cama.

Lembrei-me da senhora nas lojas dizendo-me para dobrar a rede no colchão e eu fiz o que ela me instruiu. Eu coloquei de volta na cama incrivelmente macia e fechei os olhos, mas tudo o que eu podia ver era a menina com o braço faltando...

E chorei de verdade.

Capítulo 08



Eu dormi horrivelmente. Pensamentos terríveis passavam pela minha cabeça e estava frio. Horrivelmente frio. Aparentemente, na África não tinha chegado o memorando que era Agosto e noites de 10°C não deviam ser possíveis. Caí da cama depois de agitar os insetos que tinham morrido na minha rede durante a noite. Eu espiei pela minha porta e parecia que o sol estava apenas subindo. Eu não acho que já tinha visto o sol nascer antes e vi como rosas e verdes, amarelos e laranjas dançaram e desapareceram sobre a paisagem incrível.

Peguei minha nécessaire de chuveiro e roupão e me dirigi ao chuveiro logo à direita da minha pequena cabana. Eu me senti tão incrivelmente sozinha lá. Eu sempre me senti sozinha. Toda a minha vida, na verdade, mas esta era uma solidão que senti insuportável. Eu sabia que podia sempre encontrar consolo em Karina, mas me perguntei se ela estaria muito ocupada para ser a amiga que eu precisava, e realmente não merecia uma. Eu sabia disso. Dingane estava certo. Eu era uma moleca, mimada e repulsiva, mas eu nunca tive alguém realmente dizendo isso antes na minha cara. Senti isso como um tapa, mas eu também senti um alívio, estranhamente, algo que eu não esperava. Nunca tinham dito a verdade de forma tão brutal antes e ele a lançou, não que eu fosse dizer isso a Dingane.

Independentemente disso, ele foi rude comigo, o que me irritou muito.

Ninguém estava lá, eu podia ver e estava grata por ter algum tempo para mim antes de ser jogada em qualquer situação assustadora que eu, inevitavelmente, seria lançada. Tomei um banho rápido e me atirei no roupão rapidamente, pronta para levar minha bunda de volta para minha cabana quando de repente tomei conhecimento de que não havia nem um único inseto ou *artrópode* à vista. *Huh*, era tudo que eu poderia juntar inteligentemente naquele momento.

De volta ao meu quarto, eu vesti o jeans, botas e uma camisa de botão, pronta para o trabalho. Eu trançei meu cabelo em duas tranças francesas abaixo dos lados da minha cabeça, deixando minha franja reta para secar sobre minha testa. Eu arrumei o melhor que pude, instalando minha rede e fui para a porta, minha mão apertou a maçaneta, congelada de terror absoluto.

Eu não sei quanto tempo eu estava lá antes de ouvir a voz de Karina cantando uma melodia doce. Eu olhei através das fendas da madeira em minha porta e observei-a passear em minha direção, na mão estava a mão da menina com o braço faltando. Eu estudei a menina, finalmente capaz de realmente olhar para ela.

Ela não tinha mais do que três anos, com grandes, redondos, olhos castanhos lindos, dentes brancos

perfeitamente retos e um sorriso tão largo quanto o Nilo. Elas estavam cantando e rindo juntas, jogando as mãos para trás e para frente, sem se importarem com o mundo.

Quando chegaram perto, eu recuei, minhas panturrilhas encontrando o pé da cama, deixando-me saber que não poderia ir mais longe.

Karina bateu suavemente.

—Sophie, querida. Você está pronta?

—Si-sim! — Eu saí após um momento de hesitação.

—Nós estamos aqui para orientá-la para o café. — Ela disse alegremente.

—Oh bem. — Eu disse através da porta. —Eu vou sair.

Eu pisei na frente do pequeno espelho quadrado que pendia frouxamente acima da pia e verifiquei a mim mesma. Maquiagem simples. Cabelo simples. Eu acho que nunca pareci tão divertida antes.

Eu queria rir de mim mesma. Não me atreveria a ir de volta para casa em público parecendo assim.

Eu abri a porta e entrei na frente do meu público de dois.

Karina engasgou.

—Oh, meu Deus, Sophie. Você me assustou. Eu não esperava que você estivesse pronta tão cedo. — Ela riu. Ela me olhou e suas mãos descansaram em seus quadris. —Bem, você está um espetáculo! Minha querida, você é uma menina de tirar o fôlego.

—Obrigada. — Eu disse a ela, sabendo que estava apenas sendo gentil.

—Vamos? — Ela perguntou, agarrando minha mão sem pedir. Ela começou nos levando para o segundo maior edifício na propriedade, à direita do edifício principal, o centro do círculo grande cheio de edifícios.

Para a direita das cozinhas estavam os banheiros. Para a esquerda do edifício principal e à direita dos aposentos restantes funcionários, era a casa de Charles e de Karina, eu deduzi. Eu poderia dizer, porque era um pouco mais estabelecida sobre as outras cabanas residenciais, tinha um teto adequado ao contrário dos telhados de colmo das outras construções. À esquerda da sua casa estava o que eu assumi ser a cabana de Kate e os outros da equipe e para a esquerda deles estava a minha e de Dingane. No centro da propriedade estava a maior árvore que eu já vi em toda minha vida.

—Que tipo de árvore é essa? — Eu perguntei a Karina, espantada que tivesse só então percebido.

—É um baobá. — Ela sorriu docemente para mim.

Parecia um bonsai gigante, tronco grosso, facilmente 20 pés em torno da base, e chegava a alturas impossíveis na copa plana e espalhava a um raio de cem pés facilmente.

—É lindo.

—Eu sei. — Disse ela, acariciando seu tronco quando passamos por ele.

—Ele sempre esteve aqui. Sempre.

—Robusto, não é? — Eu perguntei.

Karina sorriu para mim.

—Sim, muito parecido com o meu Charles.

Devolvi o sorriso fácil e senti um pouco de minha ansiedade começar a derreter.

As cozinhas eram pequenas e eu me perguntava como alimentavam todos eles com essas operações escassas. Eu olhei ao meu redor e vi as mesas repletas de crianças rindo.

—Quantos são? — Eu perguntei.

—Cinquenta e nove. — Ela disse de forma sucinta. —Nós só estamos equipados para lidar com 20.

—Como você consegue? — Eu perguntei calmamente, apreciando a imensidão das crianças.

—Nós apenas fazemos. Muita fé, meu amor. Ela sempre funciona no final. De alguma forma, transformamos 30 camas em 60. De alguma maneira nós esticamos nossos alimentos para medidas impossíveis. De alguma maneira nós sobrevivemos em nossa receita impossivelmente magra. De alguma forma, nós amamos todos igualmente. De alguma forma.

Engoli a minha descrença, porque não havia receita neste pudim.

De alguma forma, eles fizeram isso.

—Agora. — Ela começou brilhantemente, — Café da manhã não será o que você está esperando, eu estou supondo, mas são alimentos, no entanto, você vai se acostumar com isso. — Ela olhou para mim então.

—Eu continuo dizendo isso, não? — Ela riu alto. —Pobrezinha.

—Eu vou ficar bem. — Eu disse a ela sinceramente quando vi um menino com uma mão tentar pegar a tigela dele.

De repente, Dingane veio do nada. Eu não estava preparada para vê-lo ainda e meu peito parecia que estava batendo como a bomba atômica. Minhas veias corriam calorosamente por todo o meu corpo e meu rosto ficou vermelho. Eu vi quando ele colocou o que parecia ser um pequeno pedaço de borracha por baixo da tigela do garoto. Ele não se moveu do seu lugar e o menino olhava Dingane com um sorriso brilhante. Senti uma vontade incrível de abraçar os dois rapazes, talvez

Dingane um pouco mais perto do que era socialmente aceitável. Meu sangue correu quente naquele momento. *O que há de errado comigo?*

—Sente-se, minha querida. — Karina disse, apontando para uma cadeira em uma mesa perto da porta. —É aí que os adultos se sentam a menos que uma das crianças precise de nós, o que é quase o tempo todo. — Ela brincou. —Vou trazer o seu prato esta manhã. No almoço, basta caminhar até a janela e Kate vai entregar-lhe a sua refeição.

—Obrigado, Karina.

Sentei-me à mesa e a menina com o braço faltando veio até mim.

—Oi. — Ela disse timidamente.

—Você fala Inglês? — Eu perguntei a ela, perplexa.

—Karina me ensinou. — Ela respondeu trêmula.

—Qual é o seu nome? — Eu perguntei a ela.

Ela tocou no meio do peito com a mão restante e respondeu:

—Mandisa.

—É-É bom te conhecer, Mandisa. —Eu disse para a menina, sem jeito, tropeçando em minhas palavras. Eu estava tão desacostumada a falar com as crianças, e muito menos uma amputada.

Ela sorriu para mim e pegou a mão que eu tinha descansando na minha perna. Comecei a puxar a mão de volta, mas algo em seus olhos me disse que estava bem, que ela era apenas uma garota humana e uma bela.

Eu timidamente apertei sua mão pequena e ela riu, enviando uma sensação quente de formigamento no meu braço e no meu coração.

—Você já comeu, Mandisa? — Eu perguntei a ela.

O sorriso caiu de seu rosto e ela saiu correndo, desaparecendo por trás das portas da cozinha.

—O que eu disse? — Eu perguntei ao ar na minha frente, atordoada por ela fugir.

—Ela não come. — Ouvi uma voz dizer atrás de mim. Dingane.

Meu sangue começou a ferver mais uma vez.

Eu me virei para ele.

—O que quer dizer com ela não come? Como ela fica viva?

—Ela bebe. Nos dias depois que ela chegou, não conseguiram nem mesmo levá-la a fazer isso.

—Por quê? — Eu lhe perguntei quando ele sentou perto de mim.

—Nós pensávamos que era porque ela estava se recuperando da perda de seu braço, mas depois descobri que é porque ela sente falta de sua mãe.

—O que aconteceu com sua mãe? — Eu perguntei, exponencialmente com medo de ouvir a resposta.

Seus olhos encontraram os meus pela primeira vez naquela manhã e os lábios apertados, encolheu os ombros em resposta e meu estômago caiu aos meus pés.

—Nós complementamos o leite com todos os tipos de proteínas e vitaminas, mas ela ainda não está ganhando peso da maneira que nós precisamos que ela ganhe.

Dingane virou de mim e viu uma criança que precisava de ajuda. Eu não tinha nenhuma ideia de como ele viu, mas ele fez. Ele se levantou e ajudou um menino que não poderia alcançar sua cadeira para sentar-se com apenas uma perna. Eu o assisti. Ele não colocou o menino na cadeira como eu pensei que ele faria, mas o ajudou a descobrir como fazê-lo por conta própria.

—O que aconteceu com eles? — Eu perguntei a Dingane quando ele se sentou de novo.

—Há um homem incrivelmente mal chamado Joseph Kony^[3] que vaga no sul do Sudão e norte de Uganda em busca de crianças para criar seu exército de crianças chamado a LRA^[4] ou Exército de Resistência do Senhor. Ele invade aldeias inocentes, leva as mulheres jovens, por razões óbvias, e tenta sequestrar suas crianças. Se as crianças se recusam a vir com ele, cortam um membro para evitar que eles sejam capazes de se transformar em um soldado útil que pode se opor a ele mais tarde. Ele mata os pais e estamos com os órfãos que sobrevivem, quebrados, danificados e sozinhos.

Eu engoli o nó que tinha crescido na minha garganta.

—Por que ele faz isso?

—Eu acho que ele nem mesmo sabe. Ele alega que luta por paz e segurança em Uganda, bem como para os pobres. Estas são as suas proclamações, mas ele só trabalha para o diabo, na minha opinião. Ele é melhor no mal.

Examinei os rostos minúsculos que me cercavam e me senti tão incrivelmente triste por eles e seus destinos. Eu queria responder a tudo o que Dingane tinha me revelado, mas não podia. Não havia nada a dizer.

Depois do almoço, Dingane me disse que eu precisava segui-lo.

—As crianças geralmente recuperaram as coisas da escola agora. Karina, Kate e eu ensinamos das oito às duas da tarde, enquanto Charles e, ocasionalmente, eu fazemos reparos ou preparações para as atividades do dia. Quartas-feiras, eu estou no comando de fazer algum tipo de atividade ao ar livre com eles durante o horário escolar. Infelizmente, você foi designada para mim por insistência de Karina, assim você estará me acompanhando todos os dias.

—Sim, tão infeliz. — Eu cuspi de volta sarcasticamente.

Dingane parou entre a árvore baobá e nossas cabanas.

—Eu não gosto de você. É esta a tal surpresa?

—Francamente, sim, é. — Eu disse-lhe com franqueza. —Você não me conhece.

—Ah, mas você vê, eu conheço. Eu conheço você muito bem. Eu sei que você está aqui porque foi pega com cocaína *duas vezes*. Eu reconheci imediatamente o tipo de pessoa que você era antes mesmo de chegar.

—Eu fui pega com cocaína. Eu admito isso, livremente. Não tenho orgulho disso, Deus sabe, mas eu também sabia que vindo aqui todos estariam cientes do porque fui forçada a estar aqui.

—Forçada. — Ele repetiu, interrompendo-me no meio da frase e finalizando estreitamente. —Outra razão pela qual eu estaria tão satisfeito se você pulasse de volta no avião. Cada alma está presente aqui porque eles querem estar. Você só está cumprindo uma sentença.

Minha respiração correu dentro e fora de mim com raiva inebriante.

—De qualquer modo, — Rangi. —Eu gostaria que você descesse de seu pedestal hipócrita e viesse de volta a terra. Eu estou aqui para trabalhar. Então, vamos trabalhar.

Esse foi o momento em que eu percebi minha atitude em relação ao sentimento de ser enviada para Masego ser o castigo mais injusto do mundo tinha desaparecido no segundo que eu coloquei os olhos em Mandisa. Isto me surpreendeu, chocou-me, para ser honesta, mas isso não significava que estava indo apreciar o meu trabalho em Masego. Eu só quis dizer que, enquanto estivesse lá, não me sentiria como se uma grande injustiça foi feita contra mim. Tudo o que eu tinha a fazer era me lembrar da história de Mandisa.

Capítulo 09



—Venha comigo. — Um Dingane irritado ordenou. Ele me levou para o seu lado da cabana e eu o segui para dentro.

Sua cama parecia simples e pouco capaz de contê-lo, mas suas paredes estavam cobertas de uma variedade eclética de pertences de fotos das crianças atraídas para uma guitarra acústica.

Ele deslizou uma grande bacia para fora debaixo de sua cama e pegou uma pilha de papéis que eu tinha visto na parte de trás do jipe quando ele me pegou no aeroporto.

—O que é isso? — Eu perguntei.

—Atividades para as aulas. Toda vez que eu estou na cidade, eu tento conseguir o máximo possível.

Caminhamos para as salas de aula e meu coração começou a bater de forma irregular. Eu estava nervosa, muito nervosa. Gostaria de saber se as crianças viam através de mim, se sabiam que fraude eu realmente era, que não tinha nada para ajudá-las, como eu era a pior pessoa que eu conhecia.

A porta se abriu e eu vi 20 rostos sorridentes, felizes e rindo. Eles sentaram tranquilos logo que Dingane e eu entramos na sala. Engoli em seco. Audivelmente.

—Alunos, conheçam a senhorita Price...

—Sophie. — Eu interrompi. —Eles podem me chamar de Sophie.

Dingane estreitou os olhos para mim por interromper, mas continuou:

—Vocês podem chamá-la de Srta. Price. Devemos tentar falar em inglês hoje? Para torná-la mais confortável? — Perguntou-lhes amavelmente.

Oh, eu vejo, eu pensei. Eles pegam Dr. Jekyll e eu o Mr. Hyde, ^[5] *eu percebo.*

—Sim, Sr. Aberdeen! — Todos opinaram descontroladamente.

—Ótimo. Eu trouxe as novas atividades da cidade e gostaria de começar com estas primeiro. Oliver? — Ele perguntou a um menino na fila da frente.

O menino levantou-se rapidamente e começou a passar as planilhas ao redor.

Dingane fechou a distância entre nós e eu não pude controlar o quanto mais nervosa sua proximidade me fez. Tentei, mas não podia passar por cima de quanto atraente eu o achava.

—Pensei que você poderia lidar com a matemática. — Questionou.

—Eu vou tentar o meu melhor. — Zombei.

—Você é capaz? — Ele perguntou de novo.

—Desculpe-me, mas eu assisti a escola preparatória de elite na minha área e me formei com honras, não que isso seja da sua conta. Então, sim, eu acredito que sou capaz de lidar com a matemática da terceira série.

—Tudo bem. Tudo o que eu quero que você faça é circundar as mesas e certifique-se de que eles estão seguindo a lição.

—Eu vou tentar, sua majestade. — E isso me rendeu um revirar de olhos que, simultaneamente, me deu vontade de esbofeteá-lo e beijá-lo.

—Hoje nós vamos continuar com as equações e variáveis. — Eu me virei, esperando todos eles gemerem e lamentarem da forma como os meus colegas de sala fariam, mas eu olhei para os rostos pequenos e não vi nada, mas antecipação animada. Eles gostavam de aprender.

Eu escutei como Dingane lhes ensinou como resolver o "x" em uma variável simples e tentei não me distrair com as mãos, quando ele escrevia com fluidez sobre o quadro-negro. Quando a lição acabou, ele e eu dançamos desajeitadamente ao redor do outro na tentativa de evitar estarmos perto enquanto nós circulamos as mesas. Eu mal o evitava, quando notei uma menina girando o lápis na mão e olhando fixamente em sua mesa.

Inclinei-me e sentei-me sobre os calcanhares ao lado dela.

—O que há de errado? — Eu pedi muito duramente. Eu limpei minha garganta. —O que há de errado? — Eu pedi tão docemente quanto poderia.

—Eu não entendo. — Afirmou claramente, nenhuma emoção na voz.

—Aqui. — Eu disse inclinando-me um pouco, — Vamos tentar juntas, então.

Ela ficou mais perto de seu papel e preparou o lápis.

—Ok. — Eu continuei, — A equação lê: resolva para 'r' quando 'r' vezes três são vinte e quatro. Vamos imaginar que 'r' é um número. Que número multiplicado por três você irá obter 24?

Eu podia ouvi-la dizendo a tabuada sob sua respiração, e quando ela chegou à sua resposta, ela desabafou:

—Oito!

—Muito bem. — Eu disse a ela. —Eu queria que isso fosse simples para você entender. Entende o que estão tentando obter de você agora?

—Sim, Sophie. — Ela disse, fazendo meu coração disparar com a menção de meu nome.

—O-Ok. — Eu tropecei para fora, engolindo em seco. —Agora que sabemos o que eles estavam

tentando obter a partir de nós, vamos aplicar o método de Dingane. Vamos?

—Sim.

—Se nós sabemos que três multiplicado por oito nos rende 24, depois 24 dividido por três nos leva a oito ou 24 dividido por oito é três, certo?

—Sim.

—E se multiplicado por três 'r' é 24, então podemos tomar três deste lado da equação e dividir 24 por ele, o que vai render-nos 'r.' O que seria de nós se houvesse um sinal de divisão neste lado da equação? — Eu perguntei, apontando para o lado esquerdo da equação.

—Poderíamos multiplicar o número pela resposta para obter a nossa variável.

—Oh, minha palavra^[6], você é um gênio! — Eu disse a ela, apertando sua mão.

Ela sorriu para mim.

—Agora eu entendo.

—Estou tão feliz! — Disse a ela e eu estava. Feliz. Verdadeiramente.

—Qual é o seu nome?

—Eu sou Namono.

—É muito bom conhecer você, Namono.

Ela me surpreendeu, jogando os braços em volta do meu pescoço. Uma sensação de inchaço invadiu meu coração e eu não fazia ideia do que era, mas foi uma dor boa, uma dor que senti valer a pena. Eu sorri para mim mesma antes de olhar para cima. Dingane estava no canto da sala de aula, olhando na minha direção, mas eu não podia ler sua expressão. Meu rosto ardia um vermelho brilhante e eu virei um pouco em Namono para esconder a minha reação. Embora eu já não pudesse vê-lo, seus olhos ainda estavam pesando na minha cabeça e ombros. O que eu não teria dado para ler seus pensamentos naquele momento.

O resto da manhã foi cheia de matemática, matemática e mais matemática. No almoço, eu esperava na fila com algumas crianças abaixo de Dingane. Namono segurou minha mão, enquanto as outras crianças me bombardearam com perguntas.

—De onde é que você veio? — Um menino perguntou.

—Califórnia. Você sabe onde é? — Eu perguntei a ele.

—Não. — Ele disse, apertando os olhos como se pudesse imaginar.

—Tudo bem. Eu vou te mostrar quando voltarmos para a sala de aula. — Ele estava satisfeito com essa resposta.

—Você tem uma mãe e um pai? — Outro menino perguntou.

—Eu tenho. — Eu olhei para cima e percebi que Dingane tinha inclinado a cabeça, escutando.

— Como eles são? — Continuou ele, enquanto os olhos dos outros ficaram extasiados com atenção.

—Eles são bons. — eu menti.

—Você é casada? — Uma menina perguntou.

—Eu não sou. — Eu ri.

—Dingane não é casado também. — acrescentou ela com uma boa medida.

Eu quase caí no riso quando os ombros de Dingane ficaram tensos.

—Ele não é? — Eu perguntei. —Por que não? — Dingane parou de respirar por completo e eu sufoquei o riso ameaçando escapar.

—Ele diz que nunca vai se casar. — Uma menina respondeu.

—Nunca se casar. Que interessante. Você acha que isso é por que nenhuma menina quer ficar com ele? — Eu provoquei.

Ele virou-se em seguida e me lançou um olhar de matar, mas eu apenas dei de ombros em questão.

—Não. — Ela respondeu, — ele é bonito o suficiente. — *Não brinca, garota.* —Eu acho que é porque ele não acha que merece se casar.

—Tudo bem, isso é o suficiente! — Dingane disse, separando através da linha de crianças diante de nós como se ele fosse Moisés e estivesse no Mar Vermelho. —Eu tenho que falar com a Srta. Price. Desculpe-nos.

Ele agarrou meu braço.

—Ele gosta de Sophie. — O menino que tinha perguntado de onde eu era proclamou, me fazendo querer gritar de felicidade, enquanto Dingane queria, obviamente, se contorcer.

Eu olhei para ele quando me levou para longe, mas ele se recusou a reconhecer.

—Ele gosta? Eu não penso assim. — Namono acrescentou.

—Sim, ele a olhou na sala de aula durante toda a manhã.

Minha boca se abriu para Dingane e ele fechou os olhos com força antes de concentrá-los em mim.

—Eu não olhei para você. — Ele sussurrou.

—Quando eu disse que achava a garota mais bonita que já vi, perguntei se ele concordava e ele acenou com a cabeça, sim. —O menino adicionou para confirmação.

Dingane levou-me para frente da fila.

—Dois, Katie. — Ele pediu e ela entregou dois pratos de arroz e feijão. Eu levei um e ele me obrigou a sentar numa mesa perto da porta.

Nós sentamos e eu só o olhava enquanto ele começou a comer.

—O que? — Perguntou.

—Nada. — Disse a ele, protegendo a mim mesma.

—Eu não estava olhando para você. — Ele disse ao seu prato.

Inclinei-me.

—Você ouviu isso, comida do Dingane? Ele não estava encarando você.

Ele olhou para mim de mau humor.

— Eu não estava olhando para você.

—Eu nunca disse que estava.

—Eu estava apenas explicando que Henry estava exagerando. Eu não olhei para você.

—Ok. — Eu disse, implicando em meu tom que ele havia feito exatamente isso.

—Eu não o fiz. E-eu não estava.

—Eu acredito em você. — Eu disse a ele.

—Eu posso ter olhado para você algumas vezes para ter certeza de que estava fazendo o seu trabalho.

—Oh, eu entendo então.

—Mas eu certamente não estava olhando.

—Nós esclarecemos que você não estava olhando.

Ele respirou profundamente algumas vezes, com os olhos ardendo no meu.

—Bom.

Ele definitivamente estava olhando. As borboletas no meu estômago se agitaram e voaram.

Quando o almoço terminou, eu circulei as mesas das crianças enquanto Dingane ensinava caligrafia, que era tanto em inglês e o que eu aprendi que era Bantu. Ele, então, ensinou geografia, onde eu tive uma chance de mostrar a Henry e todas as crianças, onde era a Califórnia, ciências, e terminou o dia com uma hora de leitura, em seguida, discutir o que tinham lido.

Em tudo, eu fiquei impressionada com as atividades do dia e sabia que as crianças estavam realmente aprendendo lições valiosas que podiam tomar e criar vidas com isso. Depois da escola eu estava fora, todas as crianças se reuniram no pátio sob a árvore do baobá e jogaram futebol com uma

bola que era quase completamente murcha. Meu coração doeu um pouco quando vi isso. Eu vi um bando de meninas construindo pequenas bonecas de palha. Elas tinham, obviamente, interesse zero em jogar futebol, o que me fez rir.

Dingane me chamou a atenção e apontou longe das crianças.

—Kate, José e Ruth irão vê-los antes do jantar. Vamos.

—Para onde vamos?

—Nosso dia está apenas começando. — Explicou.

—Quem são os outros que eu vi esta manhã em torno de Masego?— Eu perguntei quando Dingane me levou para fora da propriedade cercada.

—Você conheceu Kate. José faz manutenção e guarda à noite, ocasionalmente, quando necessário. Ruth comanda a cozinha e ela e Mercy, que só trabalha a tempo parcial, cuidam da roupa, que é tarefa o bastante. Ruth é casada com Salomão, que faz a manutenção e ajuda a proteger também. Eles têm dois filhos, Sharon e Isaac. Eles têm a sua própria casa, apenas fora da propriedade.

Dingane parou e segurou sua mão sobre os olhos para ver mais longe em direção a um bosque de árvores.

—Não, nós vamos ter que buscar o meu jipe. — Ele me disse.

Eu o segui até o jipe e pulei dentro

— O que estamos fazendo?

—Recebemos um telefonema ontem que havia homens rondando o bosque de árvores, — Disse apontando para a distância, — perto da nossa piscina natural. Vamos ver se os rumores são verdadeiros, para verificar se há pistas.

—Por que eles estariam lá?

—Se eles são soldados do Exército de Resistência do Senhor, eles podem estar fazendo uma varredura, ou poderiam ter sido os homens que procuram apenas sombra e água.

—Como você pode reconhecer?

—O LRA usam botas de desgaste que a maioria aqui não pode pagar. É um bom indicador.

Nós tropeçamos ao longo de terrenos irregulares e eu tive que me impedir de correr em volta de Dingane várias vezes. Finalmente, chegamos a um ponto apenas dentro da copa das árvores. Dingane passou por cima de mim e meu sangue começou a ferver antes de congelar quando a arma que ele tinha puxado de seu porta-luvas veio à tona.

—*O que você está fazendo?*

—Estes homens, se eles ainda estão aqui, poderão estar armados, Sophie. Eu não posso arriscar. — Ele checkou para ver se a arma estava carregada e um sonoro som de clique ressoou na minha cabeça quando ele clicou no lugar.

Engoli em seco e saí, não muito sutilmente de perto de Dingane quando começamos a examinar o perímetro exterior.

—Ali —, Ele disse calmamente cinco minutos mais tarde.

Adrenalina passou por mim a uma taxa astronômica e eu agarrei o braço dele, pressionando-me em seu lado.

—O-onde?

Ele apontou para um pequeno grupo de plantas perto da terra e um esboço de lama de uma pegada grande brilhou entre elas.

—Jesus! O que isso significa? — Perguntei-lhe, minhas unhas cavando acidentalmente em seu braço. Ele olhou para minha mão, mas não disse uma palavra. Eu iluminei em minha espera.

—Isso significa que eles eram LRA, mais provavelmente. — Ele suspirou. —Os homens terão que tomar turnos ao longo dos próximos dias para observá-los. Esperemos que eles estejam apenas de passagem e não tenham nenhum negócio com a gente.

—E o que se faz se tiverem?

—Ore para que eles não tenham. — Foi tudo o que ele respondeu.

Capítulo 10



—Você viu alguma coisa? — Charles perguntou quando nós saímos do jipe.

Karina veio para o meu lado sorrindo e abriu a porta para mim.

—Sim, deixaram pegadas. — Dingane explicou.

O sorriso de Karina caiu, mas rapidamente o pegou de volta.

—Nós vamos ter que ajustar os tempos de relógio, então. — Charles disse, saindo com Dingane em direção à sua casa.

Karina deslizou seu braço no meu.

—Kate e os outros estarão observando as crianças no jantar esta noite. Pensei em fazer algo especial para a sua chegada. Eu mesma fiz o jantar para você.

—Obrigado, Karina. — Eu disse, mas mantive um olho em Charles e Dingane conversando animadamente na varanda da frente. —Vamos em frente.

Karina me trouxe à sua pequena varanda e os homens pararam de falar. A tensão era palpável, mas Karina me forçou através dela e entramos pela porta.

A pequena casa de Karina era além de charmosa. Era bastante vazia, mas as poucas coisas que ela tinha você poderia dizer, significavam muito para ela. Lotes de coisas antigas, um conjunto de sala de estar completo que parecia que saiu dos anos cinquenta, mas estava em boa forma, bem conservado. Ela tinha pelo menos um milhão de imagens de bonitos rostos sorridentes. Estudei-os um por um.

—Quem é este? — Eu perguntei a ela quando me deparei com um menino pequeno com Charles e Karina, que pareciam estar em seus vinte anos. Eu estava certa, é claro, ela era incrivelmente linda.

—Ah, esse é Isaac. Ele foi o nosso primeiro menino aqui. — Ela começou a rir e sacudiu a cabeça. —Ele era tão travesso e não tínhamos absolutamente nenhuma ideia do que estávamos fazendo. —Ela pegou o quadro e estudou. —Ele é como um filho para mim.

—Onde ele está agora? — Eu perguntei em voz baixa.

—América. Nós o ajudamos, ou melhor, Harrison ajudou, a chegar lá. Ele estudou e agora ele nos envia uma bolsa mensal que ajuda a alimentar os filhos aqui.

—Oh, meu Deus. — Eu sussurrei mais para mim do que para Karina.

—Ele é um menino muito bom. Está casado agora, embora nunca conheci sua esposa. Eles têm uma

menina. É tudo muito encantador.

—Parece ser. — Eu disse a ela honestamente. Eu pensei em algo.

—Será que Pembroke muitas vezes ajudou as crianças chegarem até lá?

—Eu não posso contar o número de vezes que Harrison ajudou a adotá-las fora ou ajudou a emigrar.

Eu me perguntava por que Pembroke nunca tinha falado sobre isso antes. Eu perguntei se ele me achava muito egoísta para trazer o assunto. Esse pensamento me mandou uma espiral de vergonha, eu precisava sentar por isso e me joguei em uma das cadeiras de Karina.

A casa de Charles e Karina era essencialmente uma sala gigante. A área de estar a partir da porta. A área de jantar e cozinha eram na parte de trás e compartilhavam um espaço. As únicas partes que eu não podia ver da sala principal eram o quarto e o banheiro e eu assumi que eram aqueles que estavam através das únicas portas que eu podia reconhecer além da porta de entrada. Ao todo, a casa inteira parecia ser de cem metros quadrados, o tamanho da despensa da casa do meu pai e ainda assim eles eram as pessoas mais felizes que eu já tive o prazer de conhecer.

Eu assisti Karina, Charles e Dingane tombarem para a pequena sala de jantar ao lado da cozinha minúscula, senti o aroma maravilhoso de tudo - alho infundido no prato que Karina estava cozinhando e ponderei sobre suas vidas simples, mas incrivelmente complicadas.

Uma coisa que eu poderia dizer com certeza era que eles estavam satisfeitos infinitamente mais do que eu já me senti a minha vida inteira.

Dingane, rindo ruidosamente, quebrou-me da minha folia.

—Venha juntar-se a nós, Sophie. — Karina disse, dando tapinhas na cadeira ao lado dela e Dingane no oposto.

Levantei-me e tropecei para a cadeira sentindo o dia de trabalho nas costas e pernas. Eu sorri para eles enquanto me sentei.

—Nós estávamos rindo de uma história muito antiga. — Charles ofereceu para me trazer para a conversa.

—Sim, antiga, mas muito doce. — Karina gritou de dentro.

—É a história de como eles se conheceram. — Dingane disse, me surpreendendo. Minha cabeça virou em sua direção e vi seus olhos se iluminarem quando ele olhou na direção deles dois.

—Como foi? — Eu perguntei.

Charles sorriu para sua esposa.

—Karina estava desesperadamente apaixonada por mim...

—Uma mentira! — Karina exclamou, rindo como uma colegial. —Você sempre me faz ser esta

criatura boba e eu não estava. — Ela virou minha direção, sóbria. — Charles exagera. Eu não estava apaixonada por ele. Na verdade, foi exatamente o oposto.

— Eu admito sem hesitação. Eu estava o mais decididamente apaixonado por Karina Smith a partir do segundo eu coloquei os olhos sobre ela — Acrescentou Charles.

— Smith? — Dingane perguntou. — Esse era o seu nome de solteira, Karina?

— Sim, e eu estava em uma série anterior do que Charles. Ele e eu nos encontramos em um evento da igreja para os adolescentes e ele educadamente se apresentou. Eu não tinha ideia de que ele frequentava a escola comigo, só imaginava que ele era um menino local, mas quando ele me informou que tínhamos química juntos eu estava forçando meu cérebro tentando me lembrar dele. Eu disse-lhe, finalmente: "Você não está na minha aula de química." Ao que ele respondeu secamente: "Eu discordo".

Então Charles era espirituoso.

— Fingi estar ofendida. — Ela continuou, — mas secretamente estava desmaiando por dentro. Todo dia ele ia me encontrar nas portas da frente escola, mas eu diligentemente o ignorava, mesmo indo tão longe a ponto de tomar rotas alternativas, mas ele sempre me encontrava.

— Eu era implacável. — Charles acrescentou.

— Aparentemente. — Eu provoquei.

Karina suspirou.

— Eu posso ter sido atraída para Charles, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Eu não estava autorizada a namorar. Meu pai teria me matado, mas Charles estava tão obstinado em sua insistência que um dia eu concordei em encontrá-lo em uma loja próxima da sorveteria. Eu tinha planejado lhe dizer que ele foi muito gentil, que o achava um menino doce, mas não poderia namorar, assim ele poderia muito bem fixar sua obsessão em outra.

— Para o que ele se recusou e, provavelmente, você a perseguiu com fervor ainda maior. — Eu disse.

— É claro.

— E você finalmente cedeu.

— Naturalmente. Olhe para ele. Quem poderia recusar. — Ela perguntou, alisando rosto de Charles com o polegar.

Eu assisti o sorriso de Dingane no casal mais velho e me perguntei sobre seus próprios pais. Os meus nunca seriam tão doces ou tão amorosos como Charles e Karina e decidi ali mesmo que eu estaria devorando-os, desde que eu tivesse a oportunidade. Gostaria de aprender com eles. Eu iria estudá-los. Eu iria me esforçar para ser como eles.

O jantar estava incrível e eu não tinha percebido o quão faminta estava. Eu comi mais do que a minha parte e logo em seguida me senti culpada pensando sobre Mandisa. A conversa foi animada entre mim, Charles e Karina ou entre Dingane, Charles e Karina, mas a conversa entre Dingane e eu era praticamente inexistente. Um "passe a tigela" aqui ou uma "me entregue a vasilha" lá.

Karina guardava os pratos e uma raiva hormonal construiu em meu estômago enquanto eu observava Dingane dobrar o guardanapo na mesa mais e mais e mais, vincando cada dobra firmemente com dedos ágeis. Eu queria arrancá-lo de suas mãos, limpar a mesa e atacá-lo com a minha boca. Como pode alguém jogar a merda fora de você, mas ao mesmo tempo faz com que você queira conhecê-lo intimamente com sua língua? Ele estava me deixando louca.

Todos nós nos despedimos na varanda e Karina beijou meu rosto depois a agradei pelo jantar.

Assim que minha cabeça bateu no meu travesseiro, eu sonhei com as mãos ridículas de Dingane.

Capítulo 11



Eu acordei com alguém me sacudindo.

—Levante-se. — Eu ouvi alguém sussurrar. —Levante-se. — Disse, balançando-me com mais rigor.

Eu choraminguei quando me virei.

—Dingane? — Eu perguntei, sentando-me e alisando o cabelo do meu rosto.

—Eu preciso de sua ajuda.

—O que?

—Eu vou explicar no caminhão. Não temos tempo. Se vista e encontre-me lá fora.

—Que horas são? — Eu perguntei, jogando para trás a minha rede.

—Apenas passou da meia-noite.

E com isso, ele me deixou sozinha, a minha porta rangeu balançando fechou atrás dele.

Levantei-me e imediatamente comecei a escovar os dentes enquanto me vestia, cuspi, enxaguei e amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo. Isto foi o mais rápido que eu já tinha ficado pronta, sem um ponto de maquiagem ou até mesmo sem uma escova em meus cabelos emaranhados.

Corri pela minha porta, colocando minha camisa em minha calça jeans com cinto. Cheguei até Charles, Karina e Dingane e me curvei para amarrar minhas botas.

—Ela não pode. — Disse Karina, torcendo as mãos.

—Ela vai ficar bem. — disse Charles, acalmando sua esposa. —Nós precisamos de você aqui para se preparar.

—O que está acontecendo? — Eu exigi, de pé.

—Houve um ataque a uma aldeia há duas horas e meia daqui e há crianças que precisam de resgate ainda. Temos medo do LRA ter vontade de voltar para eles — Disse Dingane.

—Então, vamos até eles. —Eu disse, sem pensar, surpreendendo-me.

—Eu não posso enviar-lhe para isso, Sophie. — Karina acrescentou rapidamente.

—Ela precisa ficar aqui, Sophie. — Charles explicou. —Para preparar uma pequena enfermaria médica. Nós ouvimos que são muitas crianças, mais do que estamos equipados para tratar por capricho de um momento. Ela é a única de nós treinada em medicamento fora eu, mas precisamos de pelo menos

quatro no caminhão e um deles deve ser treinado. Kate e Ruth são necessárias aqui e Mercy, não poderemos contar com ela por algum tempo. Estou pedindo sua ajuda. Você pode lidar com isso? — Ele me perguntou.

—Eu posso. — Eu disse, sem hesitar.

—Está resolvido, então. — Disse Dingane depois de examinar-me por um momento e foi em direção ao caminhão depois de pegar grande recipiente em seus pés.

Charles correu para buscar algo e Karina grudou ao meu lado, tomou minhas mãos nas dela.

—Os homens não irão prepará-la para isso, Sophie, então eu sinto que devo. O que você está prestes a encontrar revolta a vontade em você. Eu não estou exagerando. Eu quero que você se prepare. Coloque toda a emoção para a parte de trás da sua mente. Entre lá, leve-os para fora e volte inteira. Estou confiando em você.

—É claro. — Eu disse a ela, engolindo o nó que se formou tão rigidamente na minha garganta.

Karina correu em direção à escola, gritando para todo mundo que tinha começado a correr em preparação para receber as crianças que eu ajudaria a trazer de volta. Eu corri para o caminhão e Dingane tinha aberto a porta para mim, permitindo-me deslizar sem um momento a perder. Charles e Salomão saltaram atrás, armados e eu quase explodi soluçando. Medo, medo de verdade, rastejou através de meu corpo em um ritmo alarmante.

Dingane roncou o motor na noite de outra forma tranquila e eu pulei dentro de minha pele, enterrando as minhas mãos no meu colo.

—O que aconteceu? — Eu perguntei quando abriram os portões grandes. Eu me virei e o vi fechar atrás de mim.

—Eles foram atacados na noite, despreparados.

—Com muitos sobreviventes?

—Nós não estamos realmente certos. Fomos informados apenas para nos apressar e que pode haver mais do que a ajuda nas proximidades pode ser capaz de lidar.

Engoli audivelmente, voltando-me para Dingane. Seus olhos encontraram os meus brevemente e eles estavam vivos, cheio de ansiedade e medo.

—Eu nunca vou ser capaz de esquecer o que eu vou ver, vou?

—Nunca. — Ele disse em voz baixa, voltando-se para mim de novo.

As duas horas e meia restantes foram recebidas com silêncio.

Pensamentos circularam na minha cabeça e eu tentei, tão duramente imaginar, me preparar para o que eu estava prestes a testemunhar, mas nada poderia ter me preparado.

Eu senti o cheiro da palha queimada das casas da aldeia antes de realmente ver o que envolveu a cabine, me fazendo tossir violentamente.

Dingane jogou uma camiseta para mim para cobrir meu rosto, o que eu fiz. Finalmente, após o arredondamento do mato, que a pequena aldeia deve ter dobrado na tentativa de se camuflar, pequenas pilhas de chamas restantes piscaram e torciam em todo o campo aberto diante de nós. Não vi ninguém, mas ouvi os gritos e os gemidos fracos rasgando ao longo da noite. Meu intestino apertou e minhas mãos agarraram o painel na minha frente, meus dedos brancos com tensão.

Dingane parou o caminhão bruscamente e correu para o centro da aldeia. Saltei e segui atrás de Charles e Salomão, mas parei com a visão aterradora diante de mim.

Grupos de crianças pequenas esporadicamente espalhadas por todo o acampamento armado, e chorando, gritando para a noite sobre os cadáveres queimados de seus pais. Eu imediatamente caí de joelhos com vontade de vomitar, mas só poderia suspirar ao puro horror. O cheiro de carne queimada gravada em mim e eu tive que cobrir a boca de terror.

—Sophie! — Alguém gritou asperamente ao meu lado. Olhei na direção da voz e Dingane estava em cima de mim. Ele agarrou meus braços, levantando-me e me levou perto de seu rosto. —Você pode fazer isso? — Perguntou ele, mas seus olhos eram simpáticos. Ele tirou uma lágrima com o polegar, mas mais uma caiu em seu lugar.

—S-sim. — Eu gaguejava, empurrando toda a emoção, pensando no conselho de Karina.

—Siga-me. — Ele gritou sobre o fogo ardente e crianças chorando.

—Mas eles precisam de ajuda. — Eu soluçava, apontando para os meninos e meninas esparramados em pânico ao nosso redor.

—E nós vamos chegar a eles, mas temos de cuidar dos feridos agora. Eles são prioridade.

—Ok. — Eu disse a ele, correndo ao lado dele para o que parecia uma menina derrubada, pouco em torno de sete.

Passamos por Charles bombeando o peito de uma mulher para cima e para baixo para levá-la a respirar novamente e eu rapidamente inalei uma respiração afiada. Dingane e eu caímos de joelhos ao lado da menina, sua túnica estava coberta de respingos de sangue em seu peito.

Dingane puxou-a para trás e expôs a ferida. Pequenos buracos recheados em seu torso e eles pareciam ir mais fundo do que qualquer coisa considerada superficial.

—Oh meu Deus. — Eu sussurrei. —Por favor, diga-me o que fazer.

—Nós vamos fazer uma bandagem com força. Aqui, pressione esta gaze aqui. — Ele me disse e virou-se para o kit que eu o vi levar mais cedo.

Enquanto ele vasculhava o kit, eu apertei a gaze firmemente contra as feridas e seu sangramento e

me inclinei sobre sua cabeça minúscula.

—Isto vai ficar bem. — Eu acalmava, sabendo muito bem que nunca seria o mesmo para ela novamente, mesmo se vivesse.

Minha mão livre correu pelas bochechas do bebê. Pegajosas lágrimas misturadas com terra vermelha manchada, a parte inocente dela. Dingane adicionou mais gaze e eu me sentei em frente a ele, trocando a capa e cobrindo o tronco da menina com cuidado. Eu sei que machucava a cada vez que tinha de levantar a pequena para permitir que o curativo a envolvesse completamente, mas nem um único gemido foi ouvido de seus lábios e tudo o que eu queria era reuni-la em meus braços por causa disto.

Dingane a pegou cuidadosamente e a levou para a parte de trás do caminhão, colocando-a em um cobertor, em seguida, cobriu-a com outro. Ele falou com ela em Bantu e eu imaginei que a garantiu voltaria, porque ela assentiu uma vez.

Corremos de volta para a aldeia e encontramos mais duas crianças em extrema necessidade de atenção. Evolvemos-lhes, e os transportamos para o caminhão e voltamos mais e mais. Nós atendemos seis crianças feridas dentro de meia hora.

Dingane apontou para um grupo de crianças mais próximas de nós e corremos em direção a eles, chamando-os para nós e incentivando-os a entrar no caminhão rapidamente. Salvamos mais uma que se recusou a sair do lado de seu pai. Dingane puxou a criança pequena fora de seu pai morto e envolveu seus braços ao redor do menino, falando em seu ouvido enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto pequeno. Eu não conseguia evitar as lágrimas que caíram rapidamente no meu próprio rosto enquanto reunimos mais e mais crianças sem mãe. Eu contei 23 órfãos em tudo, não incluindo os que morreram durante a emboscada.

Eu olhei em volta para a mulher que Charles tentou salvar, mas ela não estava no caminhão e arqueei afastando para "nunca pensar novamente." Nem um único adulto sobreviveu, o LRA teve a certeza disso.

—Nós temos que sair! — Charles gritou sobre as crianças chorando.

Ele e Salomão pularam para o para-choque do caminhão e seguraram firmemente.

—Eles não serão capazes de aguentar duas horas inteiras assim! —Eu gritei para Dingane.

Seu rosto cansado encontrou o meu sobre o grupo de crianças.

—Eles vão. Nós já fizemos isso antes.

E isso me bateu.

Este não foi um incidente isolado. Esses ataques acontecem com frequência, sempre visando famílias inocentes, sempre deixando as crianças em uma já empobrecida nação sem ninguém para cuidar deles.

—Entre, Sophie! — Ele gritou e eu obedeci. Ele colocou um menino no meu colo e eu o embalava o melhor que pude, tentando decidir qual forma seria melhor para segurá-lo que iria dar-lhe o mínimo de dor.

Dingane empurrou mais dois filhos aturdidos entre nós e entrou, ligando seu caminhão e arrancando longe da cena com o propósito decidido.

—O LRA está voltando? —Eu perguntei.

—Eles costumam voltar. Usam as crianças como isca. Eles sabem que vêm em busca deles.

Virei a cabeça para a janela e deixei as lágrimas caírem livremente, mais do que eu já tinha me permitido, pela única vez eu chorava e tinha um direito verdadeiro para chorar.

Porque eu não estava chorando por mim mesma. Eu estava chorando pelos inocentes.

Capítulo 12



Os portões se abriram na expectativa de nossa chegada em torno de quatro horas da manhã, o sol ainda não tinha subido e eu me vi implorando a sua volta. A noite que eu encontrei uma vez incrivelmente calma e bonita, agora sentia insuportavelmente escura, como se a falta de esperança tivesse decidido nos envolver. Quando nós passamos, Kate e Mercy estavam do outro lado, se aproximando e correndo em nossa direção. Dingane atravessou e parou abruptamente, perto da escola, seus faróis iluminando a árvore baobá enquanto passávamos.

Ele correu para o meu lado e pegou o menino dos meus braços, correndo para dentro. Juntei uma das meninas, que tinha ficado inconsciente durante o passeio de volta para Masego, e levei-a para trás. Ele me passou de novo depois de deixar o menino e recolheu a menina restante na frente.

Charles e Salomão estavam levando aqueles que não podiam caminhar por conta própria e dentro de um minuto estávamos todos dentro, pairando sobre as crianças.

—Sophie, pegue o saco para mim! — Karina ordenou, apontando para um saco no chão de madeira que range.

Eu trouxe para ela e abri. Ela estava trabalhando na primeira garota que Dingane e eu tínhamos ajudado, a cheia de buracos no peito. Ela estava inconsciente. Karina se levantou rapidamente e correu para uma gaveta de um armário de metal que ela tinha rolado para o quarto. Berços improvisados espalhados em todo o quarto e cada leito ficou cheio de crianças sangrando.

Ela voltou, rasgando um papel e um envelope de plástico carregando um IV.

—Vou precisar de sua ajuda para remover os estilhaços. — Karina disse secamente.

Olhei para trás para ver com quem ela estava falando, mas não havia ninguém lá, todo mundo estava ocupado sobre as camas de uma das crianças. Eu olhei de volta e vi seus olhos treinados em mim.

—Eu não posso. — Eu disse a ela.

—Lave as mãos com Antisséptico. Há um lá. — Ela disse, apontando para um canto da sala.

O quarto estava inundado por luz de velas, já que não tinha eletricidade e eu mal conseguia ver nada. *Eles precisam de um gerador para estas situações!*

—Não deve ser Charles a ajudá-la com isso? Ele é treinado! — Eu estava em pânico.

—Ele está com outra criança, Sophie. Está tudo bem. Confie em mim. Ela está sangrando enquanto falamos, embora.

Eu corri para o canto e lavei as mãos, um dos órfãos mais velhos estava lá ao meu lado, pronto para enxaguar para mim na bacia esperando. Ela me entregou uma caixa de luvas de látex e eu peguei duas, colocando-as enquanto caminhava de volta para o lado de Karina.

—O que eu faço?

—Espalhe esta ferida aberta para mim. Eu não consigo alcançar o metal no interior.

Oh, meu Deus. Oh, meu Deus.

Debrucei-me sobre a menina e relutantemente puxei a ferida tão grande quanto eu poderia. As pinças de Karina estavam prontas e mergulhou sem hesitar, cavando para frente e para trás, fazendo-me estremecer. Ela pegou um grande pedaço de metal afiado que tilintaram em uma tigela de porcelana em uma pequena mesa ao lado da cama.

Um por um, ela tirou o metal incorporado no peito pequeno da menina.

—Há mais uma. — Ela apontou para outra ferida profunda, perto do coração.

—E se for muito profunda?

—Espalhe a ferida.

Eu obedeci e quase tive de desviar os olhos no sangue jorrando, mas me segurei. Depois do que pareceu uma eternidade, Karina pescou uma pequena parte substancial de metal e tilintou audivelmente ao lado dos outros estilhaços.

Karina trabalhou firmemente, costurando cada ferida, enquanto eu cortava tiras de gaze limpa e preparava a solução de iodo. Ela colocou a solução sobre os pontos, cobriu tudo com uma pomada antibacteriana e colocamos a gaze sobre cada um, finalmente embalamos o torço da menina da mesma forma como Dingane e eu tínhamos feito na aldeia.

Quando terminamos, Karina deu-lhe uma dose renovada de medicamentos para dormir através de seu IV e eu estava removendo minhas luvas sangrentas, joguei-as em uma caixa e entrei no ar da noite. O sol não mostraria sua face por pelo menos mais uma hora. Eu implorei para que ele subisse, para renovar o dia, para apagar a noite. Os gritos viveriam no meu subconsciente para o resto da minha vida.

O suor escorria pelo meu rosto e pescoço e encharcava minha camisa, que se agarrou ao meu corpo. A adrenalina estava deixando pânico em massa e minhas mãos tremiam com o lançamento.

Ouvi passos rangendo na madeira atrás de mim. Eu me virei para encontrar Dingane, sua camisa de linho branco tinha três botões desabotados perto de seu colarinho em vez do padrão de dois e suas habituais mangas cuidadosamente dobradas estavam em desordem.

—Como ela está? — Ele perguntou sobre a nossa menina.

—Ela está bem. — Fiz uma pausa. — Eu realmente não sei. Eu não perguntei. Eu não quero saber.

Dingane inclinou-se contra um dos postes de madeira que sustenta o toldo de alumínio e assentiu.

—Quantas vezes isso aconteceu? — Eu perguntei a ele, olhando para o contorno escuro da árvore do baobá.

—Muitas vezes.

—Por que eles não podem ser parados?

—Eles são ilusórios e obtêm proteção contra o norte do Sudão.

—Por quê?

—Quem sabe. Eles são o mal?

—Sem dúvida. — Olhei para trás na escola. —Como estão os outros?

—Eu acredito que não haverá mais mortes esta noite. —Ele disse solenemente.

Eu exalei uma respiração que não sabia que estava segurando e lágrimas tranquilas começaram a cair.

—Eu sinto muito por eles.

Antes de a última palavra sequer escapar dos meus lábios, os órfãos em suas camas acima da cozinha, os 59 originais, começaram a cantar suas belas canções tradicionais e isso fez as lágrimas caírem ainda mais. Eu não tinha ideia do que eles estavam cantando, mas suas vozes inocentes tocaram por todo o arraial e eu não podia deixar de me consolar com eles. Eu escutei por algum tempo, enquanto as lágrimas escorriam.

—Eu pensei que estariam dormindo agora. É perto de seis horas da manhã. — Eu disse, virando-me para Dingane.

—Eles não conseguiam dormir, eu acho.

—Compreensível. —Disse, olhando de volta para suas janelas.

Depois de alguns minutos da bela canção apoiada por uma sinfonia de insetos e animais cantando na noite, voltei para Dingane.

—Por que eles fazem isso?

—Porque lhes traz alegria.

—E o que há para ser feliz? — Eu perguntei honestamente, pensando nas imagens de crianças mortas enroladas em si mesmas na aldeia. Outra explosão de lágrimas silenciosas escorria.

—A vida, Sophie. Eles ainda vivem. Eles respiram, eles se amam, eles encontram a alegria no mundo ao seu redor por nenhuma outra razão que além de que são crianças. Eles são resistentes. Eles vão sempre acima. Sempre. É uma faceta curiosa do jovem inocente.

—Se eu não tivesse visto isso antes com meus próprios olhos, eu nunca teria acreditado. O cinismo vem com a dureza do mundo e apenas quando você começa a ficar mais velho. Eu daria qualquer coisa para ter sua felicidade inerente.

Dingane se virou para mim e eu para ele, inclinando-me sobre o poste ao lado dele. Olhamos um para o outro por um momento e uma sensação de compreensão passou entre nós. Eu não acredito que ele já goste de mim, mas depois da noite que tinha experimentado, acredito que ele seria mais tolerante comigo.

—Vocês dois deveriam dormir um pouco. — Disse Charles, quebrando o transe entre Dingane e eu.

—Você e Karina deveriam dormir. Eu posso ficar com eles. Eles vão dormir também. — Dingane disse a ele.

—Eu posso ajudar. — Eu adicionei e Dingane bateu a cabeça em direção a minha, acenando com a cabeça ligeiramente.

—Nós vamos cancelar as aulas de amanhã. — Disse Charles, quando Karina encontrou-se ao seu lado. —Sophie e Dingane vão vê-los por algumas horas. Podemos ter Ruth e Salomão para tranquilizá-los depois do café da manhã.

Karina concordou e ambos foram em direção à sua cabana.

Dingane sentou-se na porta e eu segui seu exemplo, sentada contra o polo oposto dele, as nossas duas pernas espalhadas ante nós. Eu cruzei meus tornozelos.

—Vou vê-los a cada poucos minutos. — Explicou.

—Estou feliz por Karina ter sedativos.

—É o nosso último suprimento. Eu não sei como nós vamos ser capazes de repor.

—Vocês não tem um fornecedor regular? — eu perguntei.

Dingane sorriu suavemente enviando borboletas esvoaçantes no meu estômago, a atração básica e eu a controlei não sendo capaz de negar isso, apesar de nossa situação atual. —Nós não temos nada parecido, embora eu gostaria que tivesse.

Eu só não poderia imaginar que este lugar muito desesperado não poderia receber ajuda da civilização ocidental.

—Uganda é um lugar esquecido, não é?

—Uganda, o Sudão do Sul, Quênia, África, realmente.

—Por quê? —Eu perguntei em voz baixa.

—Duas razões. As pessoas pensam que isso, a nossa situação, é um exagero ou eles estão em negação total. Fingir que não existe permite uma luz na consciência.

Eu zombei em descrença, mas depois pensei nisso. Eu nunca realmente ouvi desses lugares para salvar nos anúncios ocasionais na TV pedindo/implorando ajuda das pessoas. Eu nunca pensei duas vezes sobre isso. Envergonhada, eu virei minha cabeça.

—E o outro? — Perguntei-lhe diretamente depois de reunir a minha culpa.

—Eles assumem que alguém vai cuidar deles, seus governos realmente, mas tudo que precisam fazer é tomar o problema em suas próprias mãos. Os governos não são confiáveis, entidades corruptas. Só vai ser resolvido pelas mãos de muitos. Milhares de pequenas pedras, grandes respingos e tudo mais.

Ele ficou quieto por um momento e o ar da noite foi preenchido com insetos a cantar novamente.

—Uma vez, eu tive aula de estudos sociais. — Eu disse a ele. — Nela, lemos esta história sobre uma mulher atacada em um beco em Nova York. — Eu balancei minha cabeça. —Eu não me lembro dos detalhes. De qualquer forma, a essência foi que muitas pessoas que assistiram o ataque de suas janelas assumiram que alguém chamou a polícia e a mulher morreu ali, esperando por ajuda.

Dingane ergueu os ombros em reconhecimento, suas belas mãos bronzeadas levantaram como em esclarecimento.

Lembrei-me das visões de crianças mortas de novo e virei minha cabeça para evitar a humilhação de Dingane ver as lágrimas caírem. Eu torci de volta quando ele cutucou meu pé com o seu.

—Não é uma fraqueza. — Afirmou, simplesmente, os braços cruzados firmemente contra seu torso.

—O que não é? — Eu soluçava, enxugando o rosto com as mãos sujas.

—O medo, a tristeza. Eles não a fazem fraca. Elas estão dominando, definindo emoções. Elas fazem você humana, Sophie.

—São sinais de defeito — Eu disse a ele, revertendo de volta para superficial Sophie.

—Quem disse?

—Eu.

—Por quê?

—Porque eu - porque...

—Deixe-me adivinhar. Por que você não está orgulhosa de si mesma? Por que despreza quem você é? Por que, se você mostrar essas emoções, elas reconhecem esses pensamentos?

Eu fiquei em mortal silêncio por cinco minutos, pelo menos.

—Sim. — Eu disse, quebrando a ausência de som.

—Faça alguma coisa.

—Não há nada a fazer. Eu estou perdida.

—Mentira. Você realmente não acredita nisso. Você quer ficar com o que é fácil para você. Você prevê a quantidade de trabalho que seria necessário para transformar a si mesma e está com muito medo de abraçar o desafio. Agora, isso, Sophie Price, é uma fraqueza real.

Dingane se levantou e eu o vi verificar cada cama, viajando furtivamente de uma para a outra.

Capítulo 13



Dingane e eu fomos substituídos por Ruth e Salomão por volta das oito da manhã, depois do café, como prometido. Eu estava tão exausta, mas a ideia de dormir em meus lençóis depois de ser coberta de sangue e sujeira me deu arrepios. Eu queria, não, precisava, lavar a noite anterior.

—Eu tenho que tomar banho. — Eu disse a Dingane.

Seus olhos saltaram ligeiramente.

—Ah, tudo bem. Eu estava indo também. Você gostaria de ir primeiro?

—Não. —Disse-lhe — vá em frente. Eu vou reunir todas as minhas coisas.

—Tudo bem. — Disse ele. —Eu vou bater na sua porta quando estiver livre.

—Obrigada.

Quinze minutos depois, Dingane bateu e eu respondi. Ele balançou sua cabeça e seu cabelo que ainda estava molhado agarrou-se ao pescoço. Eu podia sentir o cheiro de seu sabão e eu inalei isso.

—Todo seu — Disse ele, movendo-se para ir antes de parar. —Uh, durma bem.

—Obrigada. — Eu disse, sorrindo ligeiramente.

Aproximei-me do chuveiro com hesitação sabendo que haveria insetos desta vez, mas fui surpreendida novamente para ver que estava totalmente limpo.

—Isso é estranho. — Eu disse em voz alta.

—O que é estranho? — Alguém me perguntou. Karina estava passando.

—Oh, não há insetos aqui.

Karina estudou o chuveiro.

—Isso é curioso. — Ela sorriu antes de correr em direção à escola.

Tomei banho rapidamente, limpando toda a noite o melhor que pude e me vesti de forma simples. Meus pés e os olhos estavam tão pesados no final que eu não tinha certeza se seria capaz de voltar para a minha pequena cabana, mas de alguma forma eu fiz, jogando minhas coisas para o lado e praticamente mergulhando em minha cama, enterrando minha rede o melhor que pude no colchão. Eu estava dormindo antes mesmo de meus olhos irem para o travesseiro.

Eu acordei por minha própria vontade, o que era estranho, mas ainda estava claro, o que me

surpreendeu sabendo como eu estava cansada. Eu balancei os insetos da minha rede, escovei os dentes e fixei o meu cabelo em duas tranças, como tinha feito no primeiro dia. Era para ser meu estilo padrão, eu decidi. Isso era fácil e não me demorava. Duas coisas que teria pagado que eu nunca teria associado que eu mesma pudesse fazer. Eu usava meu jeans padrão, botas e camisa de botão.

Lá fora, eu podia ouvir as vozes das meninas rindo e risos fartos dos meninos, sem dúvida apreciando seu dia livre de jogo. Quando eu deixei a minha cabana, minha vista era exatamente como esperava, exceto para um pequeno contratempo bonito. As meninas se sentaram sob a árvore do baobá, dançando e tocando, os meninos estavam há várias horas em um jogo de futebol, ao que parecia.

Meus olhos passaram através dos jogadores, todos correspondentes de altura, exceto um. Dingane jogou ao lado dos meninos, rindo com eles, driblando a bola ao seu redor e provocando-os por não serem capaz de apanhá-lo, o que me fez rir ainda mais. Dois meninos haviam caído de tanto rir. Quando ele me viu, seu sorriso não desapareceu e o reforçou para mim. Ele passou a bola para o próximo menino e eles continuaram a jogar.

Dingane correu em minha direção, sem fôlego quando finalmente me alcançou.

—Eles colocaram a comida, mas Kate salvou um prato.

—Ah, eu vou ter de agradecer a ela.

—Vamos lá. Eu vou te mostrar onde ela guardou. Eu não acho que você já esteve na cozinha antes.

— Disse ele, andando para trás.

—Eu não estive. — Admiti quando ele se virou. —Como estão as crianças da aldeia? — Eu perguntei.

Ele diminuiu para combinar com o meu ritmo.

—Muito melhor. Muitos de seus ferimentos eram mais superficiais do que se pensava inicialmente. A primeira menina que envolvemos, Olivia, é das piores, mas está consciente agora e faz perguntas. Nós temos grandes esperanças.

—Como eles estão lidando com isso? A perda? — Eu não poderia deixar de perguntar.

—Como esperado. Eles precisam de tempo.

—Não, eles precisam de seus pais.

—Isso é a própria definição de roubado, Sophie. Ninguém nunca pede permissão.

Quando chegamos à cozinha, ouvimos o tamborilar de pés descalços sobre o chão de ladrilhos, mas não vimos ninguém. Eu atravessei a porta de vaivém para o refeitório e olhei ao redor, mas não vi ninguém até que eu me virei e notei Mandisa, aquela que se recusava a comer, escondendo-se abaixo da linha de servir.

—Mandisa? — Eu a olhei, mas ela estava tremendo, com medo de sair, então fui para o seu lugar. —Mandisa, querida. — Eu disse, testando a palavra. Eu nunca tinha realmente chamado ninguém de "querida" antes, não sem condescendência. —Vem aqui.

Eu estendi meus braços e pude sentir Dingane se aproximando constantemente por trás de mim. Eu levantei a minha mão para ele ficar e o senti parar.

Mandisa balançou a cabeça para frente e para trás e fechou os olhos. Aproveitei a oportunidade para me juntar a ela debaixo da linha e Dingane agachou-se ao nosso lado. Quando Mandisa abriu os olhos, eles estavam cheios de lágrimas, então eu fiz a única coisa que poderia pensar em fazer. Agarrei-a. Eu a levantei no meu colo e a apertei ao meu peito. Eu esfreguei pequenos círculos em suas costas e sussurrei em seu ouvido. Isto era contra todos os instintos que eu tinha, mas mesmo assim eu fiz.

—Não está funcionando. O que devo fazer? — Eu perguntei a Dingane.

—Mantenha-a. — Ele sussurrou.

—Não está funcionando. — Disse a ele e tentei empurrá-la para ele, mas Dingane a colocou de volta nos meus braços, então eu a apertei novamente.

Ele colocou a mão no meu ombro e segurou firme.

—Ela precisa de afeto.

—Eu não estou fazendo a coisa certa. — Eu disse a ele, além do pânico.

—Sim, você está. — Ele me assegurou.

Dingane sentou ao meu lado contra a parte de alumínio e uma sensação instantânea de calma tomou conta de mim. Eu sabia que poderia fazê-lo. Eu sabia que se Dingane estava lá para me ajudar a ajudar Mandisa. Assim, permaneci em silêncio durante o que pareceu horas e tudo que podia pensar era se eu tinha em mim a calma para uma criança que tinha acabado de perder a mãe, que se recusava a comer e era uma completa estranha. Gostaria de saber se sua vida seria sempre cheia de conflitos, ela tão obviamente tem lutado. Eu me perguntei se ela iria continuar a morrer de fome pela tristeza, ou se seria capaz de alimentá-la através de um tubo. Eu me perguntei se ela seria uma criança normal novamente. Eu me perguntava se ela iria mesmo levar isso para a vida adulta, ou se estaria para sempre perdida para o mundo cruel que já havia sido submetida em uma idade tão jovem. Gostaria de saber sobre o que seria prático e o inviável e, enquanto eu ponderava sua jovem vida, ela se acalmou. Ela parou de chorar e se agarrou a mim com força.

Eu me virei para Dingane e senti seu alívio também. Nós éramos muito bobos, nós três, enfiados embaixo da linha de servir de alumínio, mas apesar do que pareceu para o mundo exterior, tínhamos acabado de conquistar uma montanha.

Dingane deslizou para fora do nosso local acolhedor, mas eu fui impedida pela criança, então ele

me arrastou pelos meus quadris e praticamente levantou nós duas fora do chão de uma só vez, provocando arrepios na espinha.

—Foi impressionante. —Brinquei.

—Obrigado. — Foi tudo o que ele respondeu, fazendo-me sorrir.

Segui Dingane para a cozinha e ele tirou a minha comida, jogando-a em uma panela para esquentá-la para mim. Tentei sentar no balcão com Mandisa em meus braços, mas falhei miseravelmente.

Dingane revirou os olhos e facilmente levantou Mandisa e eu facilmente para o balcão. Minhas bochechas inflamaram quando ele tocou minha cintura, mas ele não pareceu notar, também envolvido em se mexer. Eu o vi naquele momento e fui tomada pela atração. Parecia tão errado focar o menino na minha frente quando tinha uma menina muito carente em meus braços, mas eu não podia me controlar. Eu virei o rosto para longe dele e trouxe Mandisa mais perto de mim, coloquei minha bochecha em sua cabeça do jeito que eu tinha visto a mãe de Sav fazer isso milhares de vezes antes.

Capítulo 14



—Mercy volta hoje. — Dingane disse à Karina no almoço.

—Eu estava me perguntando quando ela estaria de volta— Eu disse.

Tinha passado uma semana desde que tinha visto Mercy, Dingane e eu tínhamos tomado conta dos deveres da lavanderia, enquanto ela tinha ido. Eu não estava imaginando, realmente, estava torcendo para ela voltar para casa. Ensinar todo o dia e toda noite fazendo a lavanderia estava se tornando insuportável, mesmo Dingane estava reclamando e ele nunca se queixava, nunca.

—Para onde ela foi? — Eu perguntei.

—Sudão do Sul. Sua família é de lá. Ela estava verificando eles.

—Não é bastante perigoso?

—Sim. — Respondeu Dingane brevemente.

—Tudo bem. — eu sibilei.

—Ele tentou convencê-la a não ir embora, mas ela não quis ouvir. Sua tia está doente por meses. — Explicou Karina.

—Oh, entendo.

Mercy escolheu esse momento para percorrer o refeitório e acenou para mim. Acenei com entusiasmo, sem saber se estava feliz por vê-la, ou porque eu não teria mais que cuidar da roupa, ou se era porque ela estava de volta sã e salva. Eu fiz uma careta para o meu prato. Quando ela se aproximou eu me encontrei pulando e abraçando-a. *Huh, acho que eu sinceramente senti falta dela.*

Ao longo das últimas semanas, Dingane e eu tínhamos, intermitentemente, examinado as partes em que os soldados suspeitos tinham nos perseguido. Nós não tínhamos visto qualquer sinal de marcas de botas desde o primeiro dia, mas Dingane se recusou a relaxar.

—Não é possível você se acalmar por alguns momentos? — Eu perguntei a ele na época.

—Você não se lembra da aldeia? — Ele me perguntou em resposta.

Esse foi o fim de tudo.

Dingane e eu tínhamos chegado a um entendimento. Eu me mantive o mais silenciosa possível, fiz o meu trabalho e ele me tolerava.

Mas depois, pouco depois da primeira semana, eu cansei da submissão, então mostrei a ele do que

era capaz. Eu mostrei a ele que tinha iniciativa suficiente, a energia o suficiente para atacar. Eu fui também, simultaneamente, reconhecendo algo em mim que não sabia que poderia existir.

Eu valia mais do que o sexo me definia.

No entanto, Dingane ainda me tratava com desdém latente.

As crianças sobreviventes da aldeia estavam se ajustando maravilhosamente, além de alguns soluços menores aqui e ali, mas nada que não pudessem lidar. Charles, Karina, o resto do pessoal e eu fomos nos tornando grandes amigos. Eu estava realmente me apaixonando por eles e meu propósito de estar lá, como eu descobri, era mais do que apenas cumprir uma pena.

Eu estava aprendendo Bantu, não o suficiente para manter uma conversa, mas o suficiente para perguntar aos mais jovens se eles necessitassem usar o banheiro, se tivessem fome, etc.

Mandisa tinha começado a comer de novo graças a Dingane e eu.

Depois de nosso avanço poderoso na cozinha, ela se apegou a mim, eu não tinha ideia alguma do porque na época, mas Karina me ajudou a ver que Mandisa escolheu quem ela pensou que poderia ajudá-la melhor e ela sentiu que era eu. Quem era eu para discutir? Se pudesse ajudar, eu iria. Ela ganhou quase sete quilos em duas semanas.

Mandisa tomava ocasionalmente uma soneca em minha cabana, tarde da noite, e dormia comigo. Eu não teria admitido isso para ninguém, mas ela era a minha favorita.

Uma semana depois de Mercy voltar, Dingane e eu tivemos que fazer outra patrulha perto da piscina natural. Depois das aulas, nós entramos em seu caminhão e dirigimos para lá.

—Oliver está me deixando louca. — Eu disse à janela.

—Ele impulsiona todos os nossos parafusos.

Eu ri.

—Ele é muito inteligente para nossas aulas.

—Eu sei disto.

—Então, por que não vamos alterar o seu currículo de acordo? — Eu perguntei.

—Essa é uma boa ideia. — Admitiu com muita facilidade.

Sentei-me um pouco e olhei para ele em choque.

—O quê? Nenhum argumento?

Ele apenas revirou os olhos.

—Não, é sério. Nenhum argumento? Não está me dizendo 'você que arranja isso' ou em demitir-me? Devo confessar, suspeito que esteja vivendo em um universo alternativo. — Eu fingia verificar pela

janela. — Não, os porcos não estão voando.

—Ha, ha. — Ele suspirou, estacionando o caminhão.

Ele inclinou-se e tirou a pistola no porta-luvas. Eu saí, não querendo estar perto dele. Eu tinha um respeito saudável pelas armas.

Muito saudável.

—Você está com medo disso. — Proclamou ao vento.

—Eu não estou. — Eu disse, movendo-me para o outro lado dele, o lado sem a arma.

—Depois de verificar as coisas, você vai atirar.

Minha boca caiu aberta para o meu peito.

—Absolutamente não!

Ele parou e sorriu para mim.

—Você absolutamente está. Eu não posso te ter assustada. E se houver uma ocasião para usá-la?

—Eu nunca vou ter necessidade de segurá-la, muito menos usá-la.

—Não seja ingênua, Sophie.

—Eu não preciso saber.

—Esta é uma situação 'apenas no caso de'. Uma vez que eu te ensinar como mirar e atirar, nunca vou pedir-lhe para usá-la novamente.

—Tudo bem. — Eu cerrei, continuando sem ele.

Eu podia ouvi-lo rindo baixo em respiração atrás de mim.

—Não é engraçado. — Eu sibilei.

—Eu discordo. Isso vai ser delicioso para mim.

Eu deliberadamente andei mais rápido.

—Pare. — Disse ele, pegando-me. — Vou parar de brincadeira. Basta ficar perto de mim.

Eu obedeci, mas não reconheci. Nós procuramos a região inteira e não encontramos nenhuma evidência de que alguém esteve lá. Nós rondamos todo o pedaço de terra e nos aproximando do caminhão. Eu fiz uma corrida louca em direção ao caminhão, esperando que ele tivesse de alguma forma milagrosamente esquecido a lição, mas não tive sorte.

—Caminho errado, Sophie. — Eu o ouvi dizer. Eu parei, interrompendo a poeira debaixo dos meus pés e virei, um pouco sem fôlego.

—Você não pode estar falando sério.

—Eu estou falando sério. Agora, siga-me.

Ele me levou para uma área coberta e encontrou um toco grosso apodrecendo, pegando-o como se não pesasse nada e o colocando contra uma árvore ainda de pé.

—Este é o seu alvo. — disse ele, verificando o cano da arma e descarregou todas as balas.

—Por que você está removendo as balas se isso é uma lição de tiro?

—Porque existem algumas regras que você precisa conhecer primeiro, e eu acho que estaria mais confortável segurando uma arma descarregada.

Ele estava certo.

—Tudo bem. — Ele continuou, — primeira regra é sempre usar uma arma como se estivesse carregada, mesmo que você saiba que não está.

Ele me entregou a arma e eu cheguei perto dele com o punho tremendo. Eu peguei e segurei na minha mão.

—É pesada.

—Em mais de um sentido.

—E agora? — Eu perguntei, olhando para o pedaço de metal frio deitado na minha mão.

Ele fixou o meu controle e apontou a arma. Suas mãos estavam quentes e minha respiração ficou um pouco presa.

—Regra seguinte. — Ele disse, — sempre manter uma arma de fogo apontada para uma direção segura. — Explicou suavemente. —Se você acidentalmente disparar, nós queremos a bala evitando os outros.

—Ok. — Eu chiei.

Ele tirou a mão da minha e eu descobri que podia respirar com mais facilidade.

—Avançando. Sempre mantenha seu dedo fora do gatilho e fora do protetor. — Disse ele, apontando para a seção de metal que protegia o gatilho. —Até que você tenha feito uma decisão consciente para atirar, mantenha o dedo fora do gatilho.

Eu balancei a cabeça e engoli em seco. Seu dedo mal tocou o meu, mas o mundo parecia ter desaparecido em torno de nós. Sua respiração combinava com a minha, mas eu fui positiva, ele estava apenas nervoso sobre me ensinar a atirar.

—Algo mais? — Eu perguntei, quebrando o transe.

Dingane sacudiu a cabeça e enfiou as mãos no bolso.

—Sim, uh, onde eu estava?

—Gatilho.

—Sim, uh, próxima regra é sempre estar ciente de seu alvo, atrás, e além. Certifique-se com cem por cento de certeza de que a sua linha de fogo está limpa de pessoas de bem. Não aceite a palavra de ninguém sobre isso. Você é a única responsável se algo acontecer, por isso certifique-se que não.

—Parece bom.

—Ok.

—Ok, o que?

—Verifique, Sophie.

—Oh! — Exclamei, percebendo o que ele quis dizer.

Entreguei-lhe a arma e circulei o meu alvo, reconhecendo que nada se colocava além da minha linha de fogo por quilômetros, além de grama e a árvore ocasional.

Voltei para o lado de Dingane. Ele me entregou a arma mais uma vez e eu a apontei para o chão com cuidado e fiz com que meus dedos ficassem nem perto do gatilho.

—Está limpo. — Eu disse a ele.

Dingane fisicamente girou meu corpo em direção ao meu alvo, então ficou ao meu lado.

—Uma vez que este é seu primeiro tiro, eu recomendo que você segure a arma com as duas mãos.

Coloquei minhas mãos da maneira que eu pensei que tinha visto os caras na TV segurando. —Tipo assim?

Ele riu. —Não, uh, tipo assim. — Disse ele, pegando minhas duas mãos e posicionando-as corretamente. —Você deve sempre agarrar no alto do cano. Isso vai permitir que você alavanque quando os tiros saírem e vai impedir que recue em seu corpo. — Minhas mãos começaram a tremer um pouco e ele as firmou com a sua. —A outra mão deve descansar no topo desta, debaixo do guarda gatilho, envolvendo sua mão no gatilho.

—Você terá que ficar com os pés e quadris na largura do ombro. — explicou ele, movendo-se atrás de mim, na parte de trás do meu corpo, enviando choques elétricos através de meus dedos.

Eu abro meus pés e fico parada, olhando para meu alvo. Dingane não disse uma palavra, mas lentamente usou seus pés para ajeitar os meus um pouco mais separados. Minha respiração engatou na minha garganta.

—Confortável. — Ele sussurrou em meu ouvido.

Eu engoli. *Não.* —Hum, sim.

Dingane saiu de trás de mim e a respiração que eu estava segurando em meus lábios, finalmente

saiu.

—Deixe-me ter a arma. — Disse ele, e eu entreguei a ele.

Ele começou a carregá-la e minha pulsação já rápida, aumentou com intensidade desconhecida.

—Faça um círculo com o polegar e o indicador, pegue um objeto em torno de você, mantenha-o no comprimento do braço e encontre o objeto dentro do círculo. — Ele fez uma pausa. —Entendeu? — Ele perguntou, ainda carregando.

—Sim.

Eu escolhi o seu rosto.

—Mantenha esse objeto dentro da vista, traga o círculo em direção a seu rosto. O círculo deve naturalmente gravitar em torno de um dos olhos.

—Meu esquerdo. — Eu disse a ele, e ele olhou para cima.

—O meu também. — Ele sussurrou. Eu deixei as minhas mãos caírem para o meu lado. —Esse é o seu olho dominante. Você vai usar esse para alinhar sua mira. — Ele me entregou a arma e ficou atrás de mim a segurando comigo. —Isso está muito carregado.

Você pode dizer isso de novo, eu pensei.

—Reconheça.

—Está carregada. — Repeti.

Dingane fixou-se com força contra minhas costas e meus olhos se fecham em seu calor e a sensação de seus músculos sólidos. Ele fixou a minha posição uma vez mais com os pés e eu podia sentir o sangue correr para a minha barriga. Sua boca descansou em meu ouvido e eu podia ouvir cada respiração que ele tomou, lenta e estável.

—Alinhe suas vistas. — Ele falou em meu ouvido.

Eu balancei a cabeça, o meu alvo à vista.

—Não aperte ainda. — Brincou ele.

—Por quê? — Eu mal saio correndo.

—Não puxe. Nunca puxe. Quando estiver pronta, aperte o gatilho, até sentir resistência, mas deixe que você se surpreenda. Não se prepare para a bala, concentre-se na aplicação de pressão direta e deixe-a mostrar-lhe exatamente o que se sente no segundo em que libera a arma.

Eu balancei a cabeça e tomei várias respirações para firmar, manter o meu alvo à vista. O tempo parecia abrandar para um ritmo de tartaruga. O mundo rodou tranquilamente em torno de mim, o único som significativo foi o aumento de profundidade e queda do peito do Dingane.

Meu dedo deixou sua posição reclinada e descansou em cima do gatilho. Meu corpo ficou tenso e eu podia sentir seu próprio corpo se segurar firmemente em torno do meu em preparação. Duas respirações profundas e os meus pulmões realizaram ainda quando meu dedo apertou o gatilho.

O mundo parou quando a bala saiu correndo do cano em direção ao toco. Os segundos a seguir marcaram-se na minha mente. A bala atingiu a casca, despedaçando em pequenas lascas para fora em uma auréola de farpas, caindo em cima da cama de vegetação rasteira morta abaixo. A bala deixando a arma empurrou meu corpo contra Dingane, mas ele parecia preparado para isso, ainda me segurando contra ele.

Quando tudo terminou, o mundo correu de volta para a realidade ao meu redor, as vistas e os sons altos contra os meus olhos e ouvidos. Comecei a respirar profundamente e Dingane lentamente virou-me para ele. Eu apontei a arma para a terra e olhei para ele, olhando diretamente em seus olhos.

—Você fez bem, Soph. — Ele começou suavemente. Ele nunca tinha me chamado Soph antes. — Sente-se bem?

Eu balancei a cabeça, incapaz de falar.

Ele manteve contato com os olhos, mas retirou a arma da minha mão, e voltou a mão no meu ombro. Ele me olhou intensamente e um dilúvio de emoções tomou conta de seu rosto. Suas sobrancelhas beliscaram juntas, como se ele estivesse tentando lutar contra algo. Finalmente, seu rosto relaxou em seguida, ambas as palmas das mãos arredondando até meus ombros, segurando minhas duas tranças.

—Elas estão desmanchando. — Finalmente falei.

—Elas sempre desmancham no final do dia. — Acrescentou ele, nunca quebrando o seu olhar, a centímetros do meu rosto.

Meus olhos fecharam quando ele puxou o elástico que segurava as duas tranças e escorregou em suas mãos. Seus dedos habilmente libertaram duas tranças dolorosamente devagar por todo o caminho até o topo da minha cabeça. Finalmente, senti seus dedos peneirando o comprimento até as pontas.

—É a parte favorita do meu dia.

Meus olhos se abriram preguiçosamente.

—O que você quer dizer? — Eu sussurrei.

—Quando você as desfaz e passa suas mãos ao longo das ondas. Essa é a minha parte favorita do dia.

Eu inalei lentamente pelo nariz para não cair com aquela revelação.

—Eu pensei que você me odiava. — Confessei.

Ele abriu a boca para responder, mas fomos surpreendidos de nossa proximidade quando o rádio no

caminhão tocava incessantemente.

—Dingane! Dingane! — Ouvimos mais e mais.

—Merda. — Ele disse, apertando os olhos fechados. — Eu me esqueci de dizer a eles que estaria disparando a arma.

Ele correu em direção ao caminhão, deixando-me lá estarecida apenas com o que aconteceu entre nós.

A viagem de volta para Masego foi insuportavelmente silenciosa, ambos satisfeitos, ao que parece, em deleitamos em nossos próprios pensamentos. Os meus foram inundados com o que tinha acontecido.

Meus olhos continuaram voando entre nós e eu me vi desejando que pudesse terminar o que mal tinha começado.

—Karina está chateada. — Disse ele, assustando-me.

—Por quê? — Eu perguntei.

—Eu deveria ter dito a ela que estaria disparando a arma. Nós a assustamos até a morte.

A culpa tomou conta de mim.

—Eu vou ter que pedir desculpas para ela.

—Por que você deve pedir desculpas?

—Porque eu disparei a arma.

—Não, eu vou fazer tudo me desculpando. A culpa foi minha.

—Eu não acho... — Eu comecei, mas fui interrompida pela visão de Karina em pé do lado de fora da cerca, dois punhos resolvido rigidamente contra seus quadris. —Uh-oh.

Dingane suspirou alto.

—Eu sei, eu sei. —Ele disse, saindo do caminhão e batendo a porta. Eu fiz o mesmo.

—Vocês dois! — Ela disse, atacando mais. Eu quase ri alto, mas parei quando vi a expressão em seu rosto. Medo e tristeza a banhou completamente, me moderando. Ela segurou em seu peito antes de se aproximar e abraçou Dingane com o abraço mais feroz imaginável. Ela acenou para mim e colocou o braço em volta do meu pescoço. Ambos Dingane e eu colocamos as mãos nas costas e olhamos para o outro. Nós dois nos sentimos tão culpados.

—Eu sinto muito. — Dissemos em uníssono, em seguida caímos na gargalhada.

—Sentem muito. — Disse Karina.

Ela se distanciou um pouco e enxugou os olhos.

—Eu estava me preparando para o pior. — Ela suspirou audivelmente. —Eu acho que Charles

perdeu cinco anos fora de sua vida. A família toda está em alvoroço.

A culpa tomou conta de nós novamente. Não havia nada a dizer.

—Vamos lá. — Disse ela, envolvendo um braço em volta de cada um de nós. —Vamos tranquilizar a todos.

Quando abriu o portão fomos engolidos por crianças, todas preocupadas.

—Como se diz 'me desculpe' em Bantu? — Eu gritei mais de suas conversas.

—A maioria entende inglês, Soph. — Dingane riu e começou a tocar suas cabeças. Depois de alguns minutos tranquilizando-os, cabeças pequenas saltaram para brincar antes de o sol se pôr, todos, exceto uma. Mandisa. Eu a peguei e a coloquei um pouco atrás do meu quadril. Eu não disse nada, apenas a abracei e andei com Dingane para o baobá. Nós três ficamos olhando os meninos jogarem futebol e as meninas conversando ou cantando ou pulando corda.

Quando o sol desapareceu no horizonte, deixando o céu cor de rosa e laranja, Kate, Ruth e Karina os chamaram para tomar banho e escovar os dentes. Tudo parecia tão normal, tão gloriosamente maravilhoso. Suas vidas eram muito ruins, estavam contaminadas com episódios de violência inexplicável. Isso me fez muito mais consciente do por que eu estava grata por Dingane me ensinar a atirar.

Eu descii Mandisa para se juntar às outras crianças. Ela beijou meu rosto e eu quase chorei.

Levantei.

—Obrigada. — Eu disse a Dingane, olhando para o céu colorido.

—Pelo quê? — Ele sussurrou para o mesmo céu.

—Por me ensinar. Vê-los me fez lembrar por que eu queria ser capaz de defendê-los. Eles são indefesos. Se for para proteger suas vidas, eu faria isso em um piscar de olhos. Eu não poderia hesitar.

Dingane virou para mim e eu o enfrentei quase com medo do que ele diria, ou mais sinceramente, do que ele não diria.

—De nada. — Afirmou, simplesmente, me desapontando.

Mas, então, seu olhar passou pelo meu rosto com uma intensidade tão poderosa, eu podia senti-lo derreter em minha garganta e ombros, enviando calafrios através de mim.

Ele fechou a distância entre nós.

—Você vai tomar banho hoje à noite? — Ele perguntou, surpreendendo-me.

—O quê? Por que você continua perguntando quando eu vou para o banho? Você me olha ou algo assim? — Eu provoquei.

Seu rosto ficou vermelho.

—Claro que não. — ele exclamou em voz alta, o que me fez rir.

—Então, por quê? — Eu perguntei de novo.

—Boa noite, Soph, — Disse ele, sorrindo, usando o apelido de novo e indo em direção à sua cabana, o que aconteceu por ser felizmente situada ao lado da minha.

—Boa noite, Ian. — Eu disse a ele.

Ele virou-se e lutou contra um sorriso, mordendo-o com os dentes.

Eu não estava cansada, então pensei em ajudar as mulheres a dar banho em todas as meninas. As mulheres conversando me fez sorrir quando me aproximei do banheiro comunal. Sete tendas cobriam as paredes, bem como sete chuveiros com cobertura de plástico pobres. Elas sempre banhavam os bebês primeiro e qualquer menina que poderia se lavar corretamente era dito para fazê-lo. As mulheres só supervisionam. Entrei no lado de Karina e Kate. Elas estavam rindo de algo quando me aproximei delas.

—O que é tão engraçado? — Eu perguntei.

—Oh, nada. — explicou Karina. —Então, você aprendeu a atirar com uma arma, não é? — Ela perguntou com ironia.

Baixei meu rosto para o chão de ladrilhos.

—Sim.

—Eu estou contente.

Minha cabeça chicoteou.

—Sim, eu estou feliz. Todos os adultos aqui devem ser capazes de fazer. Embora eu gostaria de ter sido informada. — Ela repreendeu.

—Eu sinto muito, Karina. — Eu comecei, mas ela me cortou, envolvendo seu braço em volta dos meus ombros.

—Pare. Eu sei que você está arrependida. Essa é a última vez que você vai ouvir isso de mim. — Ela beijou minha testa e eu me senti tão incrivelmente amada.

—Karina? — Eu perguntei depois de alguns minutos de silêncio.

—Hmm? Só um momento. Christine! Não, querida. — Disse ela, parando Christine de salpicar em Kate, cuja estava de costas para ela. Christine franziu a testa. —Desculpe. O que, meu amor?

—Ah, eu estava apenas curiosa sobre alguma coisa.

—O que? — Ela perguntou, distraída por Christine novamente.

—Por que Dingane fica tão interessado quando eu vou para chuveiro? Eu pensei que talvez você

pudesse saber.

Sua resposta me chocou sem palavras.

—Ele varre todos os insetos para você. Ele ouviu você dizer como você odiava. — Ela comentou distraidamente.

—Desculpe-me, querida. — Ela continuou, dirigindo-se a Christine.

Eu saí atordoada, não acreditando. *Mas ele me odeia. Ele pode estar atraído por mim, isso é óbvio, mas ele não se importava comigo.*

Eu bati a sujeira fora e fui direto para o chuveiro, a pequena luz iluminando-a fora no meio da nossa aldeia improvisada. Quando eu dobrei a esquina, eu brilhei a lanterna que eu carregava comigo em uma das barracas ao lado. Insetos. Em todos os lugares. As paredes de madeira estavam cobertas com eles. Eu quase não podia acreditar nos meus olhos. Cada centímetro parecia infestado. Eu deixei cair acidentalmente minha lanterna e me curvei para pegá-la. *Isso significa que ele tem acordado mais cedo a cada manhã para varrê-los para fora. Por que ele faria isso?*

—Ele gosta de você, idiota. — eu disse em voz alta.

Meus lábios se contraíram nos cantos e eu estava feliz. Eu praticamente corri para nossas cabanas, mas parei antes de bater meu punho na porta de Ian. Minha mão caiu ao meu lado. Eu não poderia confrontá-lo com a evidência. Se ele quisesse que eu soubesse faria isso, ele me deixaria saber. Meus dentes não podiam lutar contra o sorriso estampado em meu rosto. Era hora de dormir.

Capítulo 15



Foi a melhor noite de sono do que eu tive desde que cheguei. Acordei cedo, peguei meu balde do chuveiro e corri através do ar fresco da manhã à barraca de madeira e olhei para dentro.

Limpo.

Eu procurei pelo campo as costas de Ian marchando para o outro lado da árvore de baobá. Sua cabeça se ergueu como se sentisse o meu olhar e se virou, vasculhando a paisagem ao seu redor. Seus olhos encontraram os meus e o sol da manhã brilhava em seus brilhantes olhos azuis, tornando-os ainda mais vibrantes. Eu inclinei a cabeça em direção a ele e ele concordou sutilmente em troca. Borboletas palpitavam no meu estômago vazio.

Tomei banho, nem mesmo reconhecendo como a água estava fria de manhã, como fazia todas as outras manhãs. Quando eu me vesti no meu quarto, comecei a trançar meu cabelo, minhas mãos ficaram desajeitadas e nervosas. Eu estava tão espantada por mim mesma. Eu não podia acreditar que eu estava agindo do jeito que estava. *Eu, a rainha do controle. A rainha da atração. La Fée Verte.* O antigo nome penetrou em minha consciência e eu deixei cair minhas mãos, estudando-me no espelho. O que me fazia sentir tão feliz desfrutando de um momento antes, fazia-me sentir muito mal agora. Eu percebi que não merecia Ian. Recordando todas as coisas terríveis que fiz em casa fez as borboletas maravilhosas morrerem e náusea tomou o seu lugar. Eu endureci as minhas mãos, lutando contra a sensação de que estava sendo engolida por um buraco negro e terminei meu cabelo.

A batida de Karina na minha porta me lembrou de que eu estava lá para fazer um trabalho.

—Sophie, meu amor, você está vestida?

—Sim. — eu disse, abrindo a porta para ela. Seu rosto estava branco como um lençol. —O que há de errado? — Eu perguntei, meu estômago caindo no chão.

—Mercy está com sarampo.

—Sarampo? Como? Eu não entendo.

—Uma enfermeira confirmou na noite passada. Ela vai viver, eu tenho certeza, mas os mais jovens, nenhum deles é vacinado e duas das crianças têm febre. — Explicou Karina, torcendo as mãos.

—Por que você não podia vacinar?

—Temos falta de recursos.

—Ok, bem, o que isso significa? O que vamos fazer?

—Nós chamamos Pembroke.

Isso me surpreendeu.

—O que ele pode fazer?

—Há algumas opções, mas temos pouco tempo. Ele tem que trabalhar com curto prazo.

Peguei meu telefone por satélite e verifiquei a bateria. Já era quase inexistente. Eu liguei de qualquer maneira e me sentei na beira da minha cama enquanto Karina passeou frente e para trás no chão do meu chalé.

—Olá. — uma voz trêmula de Pembroke soou.

Eu tomei uma respiração profunda. Foi tão bom ouvir uma voz familiar.

—Pembroke! — Eu gritei para a conexão ruim.

—Sophie? É você? —A conexão quebrou. —... Você está?

—Eu perdi essa última, Pemmy. Eu estou bem, se você perguntou. Escute, eu preciso de um favor. Estou correndo com pouca bateria aqui e eu preciso de você para organizar uma expedição.

—O que... Para?

—O sarampo eclodiu aqui no Masego e nenhuma das crianças são vacinadas. Karina diz que há várias opções disponíveis para nós. Você pode entrar em contato com Ford e arranjar alguma coisa?

Alguns segundos de silêncio seguido e temia que o perdemos.

—... Eu vou contatá-lo esta noite. Carga... Se você puder.

—Obrigado, Pemmy! — Eu gritei antes que a conexão se quebrasse.

Karina sentou ao meu lado. Ficamos em silêncio por alguns minutos, deixando tudo afundar-se dentro.

—E se ele não puder fazer nada? — Eu perguntei a ela.

Karina torceu as mãos continuamente.

—Nós entramos em quarentena. Nós tratamos as febres. Nós hidratamos.

Eu suspirei alto.

—Jesus, Karina. Quando é que vai parar? — Eu me virei em sua direção.

—Não para, amor. — Disse ela, parando e descansando a mão no meu ombro, um sorriso pálido enfeitando seu belo rosto. —Nós fazemos o melhor que podemos quando podemos e temos fé que tudo vai dar certo. — Eu balancei a cabeça. —Vamos comer alguma coisa e discutir o que precisamos fazer com Charles e Din.

Sentamos nos à mesa, meu telefone via satélite descansando no centro do nosso grupo.

—Está acabando. — eu admiti, apontando para o telefone.

—Nós realmente precisamos de um gerador. — Ian disse calmamente.

—Nós não temos recursos para isso, Din. — Charles acrescentou.

—Ninguém vai ter energia elétrica nas proximidades. — Karina disse.

—E a cidade mais próxima? — Eu perguntei.

—A cidade mais próxima com eletricidade garantida? — Ian disse.

—Sim.

—Jinja? — Questionou Charles.

—Provavelmente.

—Quão longe é? — Eu perguntei.

—Duas horas e meia. Aproximadamente.

—Pemmy poderia ser chamado, então. — Eu disse a eles.

—É verdade, mas é nossa única opção. — Disse Charles.

Mandisa veio para o meu lado e eu a deslizei no meu colo sem pensar, descansando minha bochecha em sua cabeça.

—E se eu desligar, esperar algumas horas em seguida, e ligo eu mesma para Pemmy mais tarde. Dessa forma, poderia garantir-nos a informação?

—Eu não acho que há energia suficiente para ligá-lo de volta. — Ian observou. — Mas bom.

—Bom o quê?

—Pensamento. Ele foi brilhante.

Revirei os olhos.

—Eu estava sendo sincero. — Disse ele, ofendido.

—Oh. — Eu disse timidamente.

Eu me virei para a mesa mais uma vez e vi Karina olhando-me com interesse. Encolhi os ombros em questão, mas ela apenas sorriu e sacudiu a cabeça.

—Então vamos para Jinja. — Eu concedi, caindo um pouco na minha cadeira.

—Eu vou assumir suas classes. — disse Karina.

Um dos amigos de Mandisa passou e Mandisa escorregou do meu colo para eles.

—Menina boba. — Eu murmurei.

—Ela gosta muito de você. — Disse Ian, quando os outros se levantaram para pegar pratos para si.

—Eu espero que sim.

—Ela ama você.

Eu lancei meus olhos para ele.

—Você acha? — Eu perguntei em voz baixa.

—Eu sei que sim.

Isso me fortaleceu como nada jamais poderia. Se uma criança escolheu me amar, mesmo que eu fosse tão indigna, isso significa que eu poderia ganhar o amor de Ian? Poderia me tornar digna? Estudei seu belo rosto pálido, emoldurado com cabelo preto desarrumado e olhos azuis penetrantes. Deus, ele era tão fascinante de se olhar.

—O que? — Perguntou ele, passando as mãos pelos cabelos. — Tenho alguma coisa na minha cara? — Ele alisou suas mãos para baixo em sua expressão.

—Não, nada. — Eu respondi, levantando-me para pegar um prato.

Ian levantou-se e ficou atrás de mim alguns segundos depois e eu podia sentir o sorriso em meu rosto crescer para cumprimentos impossíveis.

—Será que Pembroke virá?— Ele questionou de trás da minha cabeça.

Agora, eu conhecia os rapazes. Bem. Ele sabia que Pemmy iria tentar o seu melhor. Ele só queria conversar comigo, o que trouxe de volta as borboletas.

—Ele vai tentar a merda dele. — Eu limpei minha garganta. —Você já foi vacinado? — Eu perguntei reticente, com medo de sua resposta.

—Eu fui na última vez que visitei a casa.

—Isso é bom. — Eu disse, aliviada, alinhando o linóleo com a ponta da bota.

—Jinja é um passeio perigoso. — Afirmou.

—Por que isso não me surpreende? — Eu acrescentei sarcasticamente. —O que é que este sangrento lugar tem? É a terra de cada possível extremo.

Ian agarrou meu braço inesperadamente, o calor de sua mão aquecendo-me a uma temperatura impossível, e virou-me para ele.

—Você está certa, mas com extremo sofrimento, não há felicidade extrema. Com terra extrema, há extrema beleza.

Eu pensei sobre o que ele disse e lembrei-me da vista do meu avião, quando eu cheguei.

—Você está certo. Lago Vitória foi um dos mais belos pontos turísticos que eu já vi.

—É incrível.

—As crianças aqui são extremamente adoráveis. —Eu declarei.

—Bom. — Ele disse, sorrindo. —Elas são.

Quatro meninas rindo andaram por nós de braços dados cantando uma canção tradicional, fazendo meu coração inchar.

Após o café da manhã, peguei o telefone por satélite e pulei no caminhão de Ian. Tomei nota do rifle preso atrás dos assentos e meu sangue começou bombear, adrenalina inundando meu corpo.

—Vai ficar tudo bem. — Ian me assegurou.

—Como você sabe? —Eu perguntei quando ele ligou o motor.

—Eu não sei. — Disse ele, — mas eu vou te proteger.

Meu coração começou a desacelerar e minha respiração acalmou...

Porque eu acreditei nele.

O barulho no caminhão era muito alto para realizar qualquer tipo de conversa, o que me decepcionou. Eu estava morrendo de vontade de falar sobre o que quer que seja que aconteceu entre nós no bosque. Eu estava determinada a ir a fundo como carregar o telefone via satélite.

Dirigir duas horas e meia era ridículo para mim, considerando tudo o que realmente queria era a eletricidade. Jinja era surpreendentemente bem desenvolvida uma vez que tudo que eu já vi de Kampala a Masego era terra subdesenvolvida, excluindo um posto de gasolina ao acaso aqui e ali. Ian me disse que era a segunda maior cidade em Uganda. Eu tinha que me segurar para não rir enquanto o olhava sabendo essas estatísticas. As principais estradas eram pavimentadas, o que era uma visão rara, mas elas estavam mal conservadas e cediam em muitos pontos. Os estabelecimentos eram abundantes, mas principalmente velhos. As estradas estavam cheias até a borda com ciclistas. Nosso caminhão parecia ser o único entre um punhado em toda a cidade.

—A fonte do Nilo é aqui. — Explicou Ian depois de estacionar em frente a um restaurante promissor para o futuro.

— Não brinca!! —Exclamei, genuinamente surpresa.

Ele abriu a porta para mim e eu entrei. Nós éramos os únicos. Uma mulher indiana nos chamou mais.

—Desculpe-me. — Ian disse, — Eu me pergunto se você não se importaria em exercitar sua bondade por pouco tempo. O telefone da minha amiga está quase sem bateria e precisamos carregá-la. Qual seria o custo para nós usarmos a sua energia por, digamos, oito horas?

Ela levantou as mãos para nos parar e foi atrás de uma porta, emergindo com uma caneta e um

pedaço de papel. Ela escreveu um número e me inclinei para examinar o que ela tinha escrito. Ele dizia "2 dólares americanos." Concordei com a figura e entreguei-lhe dois dólares do pequeno estoque que trouxe. Montamos o telefone para carregar e nos sentamos em uma mesa próxima.

De repente, as coisas tornaram-se desconfortáveis entre nós. Nós dois sabíamos que era a única privacidade em que estaríamos proporcionados por algum tempo e nenhum de nós foi ousado o suficiente para falar sobre o que pensávamos. *Isto é tão diferente de mim.* Olhei pela janela suja na minha frente, vendo os homens de calças ao longo das ruas. A mulher interrompeu o silêncio desajeitado colocando um bule de chá e duas xícaras na nossa mesa.

Ian agradeceu e serviu o chá em uma peneira para pegar as folhas, entregando-me um copo. Nossas mãos tocaram e uma faísca de eletricidade literalmente chocou nossas mãos à parte.

—Estática. — sussurrei. Olhamos um para o outro, nossas mãos a centímetros da mesa. Eu trouxe o meu olhar para baixo e inspecionei-as. —Fale: — Eu ordenei finalmente, tendo em seus olhos novamente.

—A aula. — Uma respiração assobiou pelo nariz.

—Eu pensei que você me odiava.

Ele balançou a cabeça, seu cabelo caindo um pouco em seus olhos.

—Eu não odeio você, Soph. Eu nunca odiei.

—Então, por que me trata como uma pária?

Ele se sentou de volta, mas manteve as mãos sobre a mesa, seus olhos olhando-me profundamente.

—Você está indo embora. — Eu balancei a cabeça em reconhecimento. —Em poucos meses, você vai ter ido embora, de volta para sua vida na América. Eu não pretendia ser seu amigo.

Eu suspirei alto.

—Para que todo chlique de saber quem eu era, que tipo de pessoa eu era. Era o que?

Seus olhos baixos.

—Não, eu, uh, não era. — Seus olhos encontraram os meus novamente. —Eu sou apenas, eu era rápido para julgar. Eu estava errado quando pensei que você não podia mudar. Então, poucos podem fazer isso.

Eu trouxe as minhas mãos para baixo e preendi-as entre as minhas pernas cruzadas.

—Você acha que eu mudei?

—Sophie. — Ele ofereceu como explicação, as sobrancelhas bem puxadas na testa.

Lágrimas brotaram em silêncio e em cascata pelo meu rosto.

—Soph. — Ele disse em voz baixa, estendendo a mão para mim, mas eu me recusava a ceder. — Você foi mudando com o tempo.

Eu sufoquei um soluço. Significou muito para mim ouvir essas palavras.

—Então, por quê?

—Eu disse a você. Você está indo embora. Eu me sinto como um idiota por admitir isso, mas confesso que não me faz bem quando as pessoas partem. Eu prometo a mim mesmo que não vou me apegar. É um mecanismo de defesa na minha linha de trabalho. — Ele admitiu com um leve sorriso.

—E agora?

—E-eu ficaria honrado em chamá-la de amiga. — Ele disse de forma sucinta, com uma finalidade estranha, como se quisesse dizer isso mais como um fato do que uma opinião.

Eu não tinha percebido o quanto queria ser sua amiga. Eu nunca tinha sido respeitada por um homem antes, não verdadeiramente.

Clique.

E esta foi a minha nova epifania. Os homens me queriam. Todos eles quiseram, embora brevemente, mas nenhum deles quis me manter. Isso é o que eu precisava. Eu necessitava ser propriedade, amada. Mas não por um homem. Eu sabia que nunca precisei ser mantida por um homem. O que eu precisava era me amar, de querer manter-me por perto. E por essa revelação, sabia que se eu quisesse me manter, que um homem querendo me manter seria apenas um subproduto. Quem não gostaria de manter alguém que respeitava a si mesmo?

—E eu ficaria honrada por você me chamar de amiga. — Finalmente disse a ele de uma vez.

Sua expressão se suavizou e ele sorriu para mim.

—Seu coração é de uma beleza surpreendente, Sophie. — Afirmou depois de um breve momento de olhares fixos.

Minha respiração sugou em meu peito a uma taxa alarmante. Ele não falou do meu rosto, minhas pernas, minha bunda, meus seios, meu cabelo, minhas roupas, o que eu usava ou como usava. Não houve menção a qualquer parte minha, que ninguém podia sequer ver. Eu tinha sido chamada de bela muitas vezes. Isto me gratificou, validou-me, mas era tudo vazio, uma fachada. Esta foi a primeira vez que alguém me chamou de bonita e realmente significava algo para mim. O elogio bateu em minha pele e permeou meu corpo, deixando-me corada e oprimida.

Minhas mãos apertaram sobre a mesa. Eu queria tanto correr para ele naquele momento, para colocar as minhas mãos através do seu cabelo de seda preta e memorizar sua boca com a minha, mas algo me parou. Eu ignorei o instinto, disse a mim mesma que Ian era diferente.

Decidi que iria deixá-lo tomar as rédeas porque eu nunca tinha deixado ninguém fazer isso antes. Eu

ia deixá-lo definir o ritmo, que ele me descobrisse por conta própria. Dando-lhe o controle me deu mais poder do que imaginei que poderia possuir. Deixá-lo se preocupar com o próximo passo foi incrivelmente libertador e eu sabia com certeza absoluta que o trajeto seria o melhor de toda a minha vida.

Sophie Price tinha acabado de aprender autocontrole.

—Obrigada. — Eu disse-lhe em voz baixa, — Muito obrigada. Esse é o melhor elogio que eu já ganhei.

—Certamente que não. — Ele disse, enigmático sobre a minha quietude.

—É.

—Curioso. — ele disse simplesmente.

Ele se inclinou para frente e apoiou os antebraços mais acima na mesa, mais perto de minhas mãos, segurando a borda. Tirei uma mão e peguei meu copo, tomando um pequeno gole. O chá foi surpreendentemente bom.

—Diga-me como é a sua vida lá na sua casa. — Ele perguntou.

Eu suspirei alto. Adrenalina passou por mim. *Seja honesta*, eu disse a mim mesma.

—Eu menti para as crianças. — Eu comecei.

Suas sobrancelhas comprimiram.

—O que você quer dizer?

—Naquele dia, quando Oliver me perguntou sobre meus pais, eu disse que eles eram legais. — Deixei um pequeno sorriso. — Eles definitivamente não são.

Ian me estudou com cuidado.

—Como?

Eu me preparei. Eu sabia que estava prestes a descarregar sobre esse cara. Este menino, perfeito altruísta que provavelmente não iria querer nada comigo depois do que eu estava prestes a revelar a ele, mas isso não importava. Era o meu passado. Eu simplesmente não podia escondê-lo debaixo da mesa.

—Meus pais são o epítome do egocentrismo. Eles são além de ricos, desinibidos, imprudentes, superficiais, toda combinação de terrível que você pode pensar. Desde que eu era criança, fui criada por uma babá. Eu estava entregue a níveis impossíveis e ao meu próprio detrimento, eu posso admitir agora. Aos quatorze anos, eu dispensei a babá e os meus pais decidiram que eu poderia me criar eu mesma, então eu fiz. — Eu hesitei e Ian apertou minha mão. Eu estava hipnotizada por um momento quando os seus dedos esfregaram o topo dos meus. Borboletas assumiram e minha respiração tornou-se difícil. Eu olhei para ele e perdi o controle dos meus pensamentos.

—E?

Fiquei surpresa de volta ao presente.

—E eu fiquei sem limites. Se queria dormir com um menino, eu fazia. Se queria experimentar uma droga, eu fazia. Se eu queria beber a ponto de excesso... — Comecei e diminui.

—Vá em frente. — Disse ele.

—Meu objetivo na vida era governar o meu mundo, uma pequena elite, então eu fiz. Eu manipulava, usava, desrespeitava e aproveitei cada pessoa que chamei de amigo. Não me interprete mal, nenhum de nós era santo, por qualquer meio, mas criei todos eles. Eu influenciei todos eles. Eu puxei e joguei com suas cordas de fantoches. Eu era a marionetista final. Eu era cruel e implacável. Eu não era melhor do que meus pais.

Eu continuei com detalhes de indiscrições do passado, terminando no dia que Jerrick morreu, no dia em que fui pega com cocaína, minha interação com o Oficial Casey e até mesmo Spencer e seu pai. Confessei tudo, derramei aos seus pés e a soma de todas as minhas ações surpreenderam até a mim. Humilhação encheu minhas bochechas e enfiei meu queixo em meu peito quando eu acabei.

Ian sentou contra sua cadeira e suas mãos soltando as minhas, deixando-as desprovidas do calor fervente que eu estava me tornando tão viciada. O ar deixou o peito em uma lufada e vergonha me inundou.

Meus olhos ardiam. Eu me preparei para a rejeição, por uma reação de desgosto, apertando os olhos fechados e virando o rosto para a janela de transeuntes, mas ela nunca veio.

Eventualmente meu olhar voltou para ele, e ele estava olhando para mim, com força.

—Meus pais são altos funcionários políticos na Cidade do Cabo. — Ele começou, surpreendo-me. —Eu fui criado por internatos durante o ano letivo e babás no verão. Meus pais só tiveram tempo para suas profissões, por isso eu e meu irmão encontramos consolo em muitos vícios.

Fiquei surpreendida com esta admissão.

—Qual é o nome dele? — Eu perguntei, de repente e escandalosamente curiosa para saber tudo sobre a vida de Ian.

Ele deu um meio sorriso.

—Simon.

—Vá em frente. — Disse, repetindo a sua frase.

—Quando eu tinha dezessete anos, em uma festa, estávamos todos bêbados e eu estava preso em uma situação comprometedoras com a filha de outro funcionário. Smartphones foram envolvidos. Desnecessário dizer que muitas fotos também foram envolvidas. E a mídia teve um dia de campo com

isso. A menina foi rotulada como uma prostituta, fui rotulado de bad boy da Cidade do Cabo. Meus pais não estavam contentes. Eu vivia uma existência totalmente egoísta, até um ponto, mas quando eu vi Mel, a menina envolvida, quando vi seu nome nas manchetes e o estigma que isto acabou anexando a ela, eu estava completamente envergonhado de mim mesmo. Tinha sido minha culpa. Eu deveria ter cuidado dela. Pobre Mel teve de transferir para os Estados Unidos para concluir a universidade. Ela ainda está lá, pelo o que eu já ouvi.

Fiquei chocada em silêncio por sua confissão. Eu nunca em meus sonhos pensaria que Ian teria sido definido como qualquer outra coisa além da perfeição, outra coisa que não infalível. Ele era humano, afinal.

—Então, como você foi parar no Masego? — Eu perguntei-lhe quando ele parecia ter parado em seus próprios pensamentos.

Ele tomou uma respiração profunda.

—Meus pais me expulsaram. Eu tinha terminado a escola. Eles haviam feito a sua parte, ou assim disseram que sim. Eles me cortaram depois de loucuras demais e eu fui empurrado pra fora. Eu tinha uma amiga chamada Kelly, que trabalhava com resgate de gorila no Congo. Eu me juntei a ela e um dia nós fomos chamados para Uganda, perto do lago Victoria. No fim, a polícia confiscou três gorilas bebês de caçadores e eles precisavam de resgate.

—Eu tinha estado com Kelly por seis meses e realmente gostei do que estava fazendo. Eu senti como se estivesse realizando algum bem, e eu estava, mas enquanto estava em Uganda, na nossa maneira de obter os filhotes, a coisa mais estranha aconteceu. —Fiquei fascinada e encontrei-me inclinando-se em direção a ele. —Nós tropeçamos com uma menina, não mais do que sete anos de idade, andando sozinha na beira da estrada por volta das duas da manhã. Paramos para perguntar se ela precisava de ajuda, mas ela nos afugentou.

—Kelly estava pronta para seguir em frente, mas eu insisti em ajudar a menina. Eu saí do carro e me aproximei dela. Estava, obviamente, desidratada e morrendo de fome. Eu podia ver suas costelas através de sua pele e meu estômago doeu por ela. Fui buscá-la e colocá-la na cabine com a gente. Eu fiz-lhe perguntas, mas ela estava desanimada, muito perturbada, com muita fome, muito incapaz de falar.

—Nós a levamos para Kampala com a gente, cerca de uma hora em que a tinha encontrado, e onde eram esperados para recuperar os gorilas. Enquanto Kelly preparou o caminhão para transportar os animais, eu levei a menina para comer alguma coisa, para levá-la para beber e até paguei algumas mulheres em um restaurante próximo para banhá-la, enquanto eu recolhia algo decente para vestir. Suas roupas estavam esfarrapadas.

—Quando tudo foi feito, a menina parecia nova, mais feliz. Ela finalmente falou comigo e me disse que seu nome era Ester. Ela me disse seus pais morreram e sua avó só foi capaz de cuidar de uma de uma criança, assim a menina escolheu sair para sua avó cuidar do irmão de três anos de idade.

Lágrimas que eu estava segurando caíram em uníssonos com a proclamação e Ian pegou minha mão.

—Ela tem um final feliz. — Disse ele, sorrindo e eu sorri de volta.

—Nós tínhamos tropeçado em cima dela tentando caminhar para Kampala por ajuda. Peguei a menina e descobri através dos moradores os nomes e número de Charles e Karina. Liguei para eles e vieram para buscá-la sem hesitação. Eu nunca fui de volta para o Congo com Kelly.

—Incrível. — Sussurrei.

—Eles são. — Ele respondeu.

—Não. — Eu empaquei. — quero dizer, sim, eles são incríveis, mas eu estava falando de você, Ian.

—Sophie, qualquer um teria feito o que fiz.

—Não, eles não teriam, Ian.

Ele brincando revirou os olhos e encolheu os ombros do meu elogio.

—Por que Ian? — Ele perguntou depois de alguns minutos de silêncio.

—Porque sim. — Eu ofereci sem mais explicações.

—Eu gosto. — Disse ele, olhando pela janela.

—Por quê?

—'Dingane' faz meu coração doer ao ouvir isso.

Sentei-me um pouco com isso.

—Por que eles chamam-lhe assim então?

—Isso significa algo para mim cada vez que digo isso. Faz-me lembrar de quem eu sou e quem nunca quero ser de novo.

—Qual a tradução?

Ele sentou-se comigo e olhou duro nos meus olhos.

—Exílio. — Ele disse de forma sucinta.

Eu caí para trás, em seguida me virei para perceber que o telefone satélite estava totalmente carregado.

Nós não estamos prontos, Ian Aberdeen, disse-lhe em silêncio.

E ele sabia disso. Eu podia sentir isso na carga inebriante no ar.

Ele sabia disso.

Capítulo 16



Joguei um extra de dois dólares no balcão quando saímos do restaurante e a mulher acenou para nós enfaticamente em apreciação. Ian e eu andamos silenciosamente para seu jipe, pensando, eu imaginei, sobre as notícias bombásticas que tinham acabado de cair um sobre o outro. Foi a primeira vez que eu tinha ficado vulnerável a outro e me senti esmagadoramente poderosa.

Enquanto caminhávamos, de repente senti uma lufada de ar quando Ian puxou-me para ele violentamente apenas a tempo para evitar o ciclista que tinha perdido o controle e foi deslizando em nossa direção. Ian me agarrou pela cintura, balançando-me e apressando-me de volta para a calçada e contra a fachada exterior do restaurante que tínhamos estado dentro apenas segundos atrás. Quando ele me pressionou contra ele, o calor induziu, mesmo assustada, até meu pescoço e rosto e uma de suas mãos viajou para a parte de trás do meu pescoço, enquanto a outra descansava no meu quadril. Meu coração batia na minha garganta, mas não pela colisão por pouco, não. Eu estava perdendo o controle da minha reação, o que nunca tinha acontecido comigo. Eu sempre fui metódica no comando do modo com que um menino me afetava. Sempre no controle. A proximidade de Ian Aberdeen foi a minha criptonita.

—Você está bem? — Ele sussurrou.

Longe disso, eu queria dizer, olhando para o rosto de tirar o fôlego.

—Eu estou bem, obrigada. — Eu disse calmamente, com medo de manchar o momento.

Estávamos andando em um fio de navalha e meu sangue pulsava perigosamente em minhas veias, acumulando na pele onde suas mãos repousavam, aquecendo-me o interior. Ele se afastou lentamente, mas os músculos de seus braços flexionaram quando ele forçou as mãos para deixar meu corpo. Eu me senti sozinha muito rapidamente, mas não havia nada que pudesse fazer. Na minha vida passada, eu teria o arrastado de volta para mim, mas eu não era mais aquela Sophie, assim segui seu exemplo muito delicado.

Corremos para o jipe e ele abriu a porta para mim antes de seguir para o seu lado, ajustando-se. Ele ligou o motor, mas eu agarrei seu braço antes que pudesse colocá-lo em marcha.

—Espere. — Eu disse a ele.

—Sim? — Ele perguntou, respirando invulgarmente duro e virou com a cabeça em minha direção.

—Eu deveria chamar Pemmy para uma atualização.

—Oh. — Ele começou antes de limpar a garganta e de frente para o para-brisa. — é claro.

Meu coração batia rapidamente à sua decepção óbvia. Eu o olhei por um segundo enquanto fingia discar o número de Pemmy. *Beije-me, então*, eu continuei ordenando-lhe em silêncio, mas ele nunca obedeceu. Em vez disso, ele agarrou o volante com tal ferocidade que eu acreditava que poderia quebrar. Eu disquei para Pembroke a sério e ele atendeu no segundo toque.

—Sophie!? — Eu ouvi na outra linha.

—Pemmy! Sim, é Sophie! Nós carregamos o telefone, por isso tem uma bateria completa. Se eu usá-lo com moderação, acho que poderia durar alguns dias. Você tem alguma notícia?

—Bom... Ouvir... O médico... Eu arrumei um avião. — Disse ele, quebrando de forma clara. —Eles devem estar em Kampala em 48 horas com tudo que você precisa. Eu só pude obter autorização de suprimentos médicos, Sophie, então Karina saberá que não poderia incluir alimentos ou roupas nessa carga. Arranjei escoltas armadas...De entrega para Masego.

Ele conseguiu sair neste momento e perdeu a conexão. Tentei novamente sem sorte. Virei o telefone por satélite fora e coloquei-o na bolsa de lona antes de olhar na direção de Dingane.

—Você o ouviu? — Eu perguntei.

Ele acenou com a cabeça.

—Quarenta e oito horas. — Ele falou em tom solene. —Vamos ter quarentena em três seções. Casos confirmados, casos suspeitos e crianças não mostrando sinais de doença.

—Quais são as chances de manter a maioria deles limpos? — Eu perguntei.

—Eu não tenho nenhuma ideia. — Ian virou-se para mim. —Vai ser você e eu, com as crianças mais doentes.

—Não sei se algum deles vai estar doente, Ian.

Seu rosto suavizou.

—Sophie, é uma inevitabilidade.

Ian colocou o jipe em marcha e saiu em disparada na direção de Masego em um céu brilhante. O sol estaria deixando-nos em breve, deixando-me nervosa por algum motivo que eu não sabia.

Uma hora depois que tínhamos deixado Jinja, a tensão no caminhão era palpável. Tantas emoções giravam em torno de nós e eu queria tanto encostar-me em Ian e cortar a tensão com a boca. Eu olhei pela minha janela, meu cotovelo descansando fora dela. Senti fios de cabelo chicoteando contra o meu rosto. Minhas tranças tinham começado a cair. Eu chequei o espelho para ver se elas precisavam serem feitas de novo ou se eu poderia apenas apertar o elástico. Estava uma bagunça.

Engoli ao saber que o simples ato de liberar minhas tranças era o mais íntimo momento que eu tinha experimentado em meus mais vulneráveis momentos com outros homens. Eu olhei para ele e trouxe a

minha mão lentamente para minha trança esquerda deslizando dolorosamente lento. Eu queria que ele percebesse.

Os olhos de Ian esvoaçavam em minha direção, sua respiração ficava mais e mais difícil, e eu podia sentir o calor de seu olhar na boca do meu estômago. Eu larguei o elástico no assento ao meu lado antes de levantar a mão para liberar a trança, mas a mão quente e calejada de Ian parou a minha. Ele diminuiu o caminhar um pouco antes de enfiar os dedos por cima do meu cinto e deslizando-me mais perto dele.

Meus olhos nublaram e minha respiração saiu correndo de mim. Ele me virou de frente para ele e com sua mão livre, desfez cada trança bem como tinha feito durante a aula. Quando terminou, ele levantou lentamente os seus dedos e segurou o lado do meu rosto, antes de virar a cabeça para mim. Eu não conseguia parar de colocar a mão no antebraço e fechar meus olhos, deleitando-me com o seu toque abrasador. Eu levei três respirações firmes e tentei desesperadamente não derreter dentro dele.

Abri os olhos para olhar para ele, mas ele olhou de volta para a estrada, estreitando os olhos ligeiramente.

— Não, — Ele sussurrou enquanto um feixe de luz inesperadamente brilhou na cabine. Ele chicoteou meu corpo para baixo e cobri minha cabeça com seu peito.

Eu estava muito abalada quando ele virou o jipe em uma curva acentuada, chegando parada abrupta perpendicular a estrada que estávamos viajando.

Antes que eu tivesse a chance de reagir, ele foi me empurrando para fora da porta do lado do passageiro ordenando-me para manter a minha cabeça para baixo. Adrenalina vazou pelos meus membros e eu obedeci sem hesitar. Com a velocidade que eu não acho ser humana, Ian deslizou para fora, abrindo o porta-luvas e retirando o seu revólver e entregando-me sem sequer uma palavra antes de se estabelecer perto de mim. Ele aproximou-se da porta do banco de trás, inclinando-se para recuperar o seu AK, quando a primeira bala entrou voando por cima do jipe. Meu coração gelou na minha garganta e eu abaixei mais, colocando-me contra o lado da minha porta. Ian deslizou para fora e bateu a porta.

—Merda. — Eu o ouvi dizer, enquanto ele desenrolava de forma constante o estoque de balas e engatilhou. —Mantenha sua cabeça para baixo, Soph. — Disse ele, deslizando para o meu outro lado e preparando sua arma sobre o capô do jipe.

Imediatamente, tiros tocaram durante toda a noite tranquila e meu próprio revólver tremeu em minhas mãos. Ian voltou ao fogo. Depois de um minuto, mas o que parecia uma hora, eu me acalmei o suficiente para segurar minha arma sem tremer. Eu ajustei meu corpo para ficar ao lado de Ian.

—Nem pense nisso. — Ian disse friamente à noite na frente dele antes de enviar uma saraivada de balas na direção do nosso assaltante.

—Eu tenho que ajudá-lo.

—Não, você só jogará fogo em sua direção se eles estiverem em cima de nós, Soph.

Outra rodada de balas gritou em nossa direção, quebrando o vidro do passageiro, que passou por cima de nossas cabeças. Ian agachou o suficiente para satisfazer os meus olhos e um milhão de promessas transferidas naquele breve momento. Ele desviou o olhar do meu e levantou-se abruptamente, reposicionando sua arma antes de disparar em sua direção.

—Dê-me uma dessas balas?

Estava escuro, mas os faróis do veículo de nossos atacantes acesos através do nosso jipe e eu vi uma das cargas que ele pediu. Eu peguei e entreguei para ele. Ele deixou cair a usada no chão e a substituiu tão rápido que eu mal registrei. Ele disparou de volta dentro de segundos.

—Quem são eles? — Eu perguntei.

—Ladrões.

—Com armas automáticas? — Eu perguntei, incrédula.

—Sim.

Ian desencadeou uma quantidade de balas em seu caminho e eles responderam em espécie. Eu cobri os meus ouvidos o melhor que pude e tentei tão dificilmente manter o chá dentro de mim. Apesar de todas as tentativas, eu não conseguia parar de tremer meu corpo.

E tão rapidamente como tinha começado, pareceu terminar. Ouvi portas batendo e seu motor rugindo para a vida, então os faróis desapareceram.

Ian ficou hesitante e eu segui o exemplo, deslizando ao lado dele e agarrando a camisa em uma de minhas mãos. Ele me colocou atrás dele quando vimos os atacantes desviar do nosso jipe e ir a outra direção.

Eu podia sentir meu sangue voltar para minhas extremidades e elas estavam pesadas, mas foi breve, quando os homens se viraram de repente e vieram voando em nossa direção, disparando balas por todo o caminho.

Ian virou-nos para o lado do jipe e nos empurrou para trás antes de ficar em cima de mim e enterrando minha cabeça em seu peito. Eu podia ouvir os atacantes quebrando o para-brisa com balas antes de acelerar para dentro da noite. Nós ficamos assim por vários minutos antes dele me deixar levantar a cabeça. Assim que eu levantei, ele me abraçou como se estivesse morrendo. Segurei sua volta, desesperada para estar o mais próximo possível dele, enterrando meu rosto em seu pescoço. Demorou uns bons quinze minutos para a nossa respiração ficar estável, mas ele ainda me segurou com mais força do que eu já tinha sido segurada em minha vida.

Ele, de repente, lembrou-se de si mesmo e pulou em uma posição sentada, procurando o meu rosto e corpo, passando as mãos onde seus olhos percorriam, verificando lesões e aquecendo-me por dentro.

—Você está bem? — Ele finalmente perguntou.

Sentei-me e me levei para seu próprio corpo.

—Eu estou bem. E você?

—Nem um arranhão. — Disse ele com um sorriso um pouco instável, fazendo meus olhos arderem de alívio.

Ele me agarrou e me abraçou novamente.

—Deus, Soph. — Ele respirou no meu cabelo. —Eu estava tão preocupado.

Foi quando notei que seu corpo tinha finalmente aceitado que acabou e ele começou a tremer contra o meu quando a adrenalina o deixou. Ele me puxou longe e passou as mãos em meu rosto e no meu cabelo, no meu pescoço e as apoiou em meus ombros um momento antes de trazer o meu rosto de volta em seu pescoço. Ficamos ali sentados na poeira, abraçados, moldando nossos corpos juntos tanto quanto nós poderíamos fazer, o medo drenava todos os poros.

Eu não podia acreditar o quão incrível ele tinha sido durante o ataque. Eu nunca tinha visto um homem se movimentar como Ian, nem tinha visto um tão rápido em seus pés e fácil de proteger. Foi a coisa mais sexy que eu já vi em toda minha vida. Tudo veio tão natural para ele, eu duvido que ele mesmo pensou duas vezes sobre cada ação. Ele foi calculista, consciente e surpreendentemente quente.

Minhas mãos apertavam contra os músculos duros em sua volta, ainda tensos e quentes do perigo que acabara de suportar. Sua camiseta se agarrou a ele e eu me vi correndo minhas mãos para cima dos músculos de seus ombros apenas para senti-los antes de envolver meus braços em volta de seu pescoço.

Ele me segurou mais apertado quando eu o rodeei com meus braços.

—O para-brisa já era. — Ele respirou na minha garganta, me trazendo de volta à realidade.

Eu puxei meu rosto para trás e corri minhas mãos em seu rosto.

—Será que vamos ser capazes de dirigir?

Ele me imitou e passou as mãos pelo meu cabelo.

—Nós vamos ter que nos cobrir e enfrentar o melhor que podemos, a poeira vai ser esmagadora, mas, sim, estamos apenas cerca de uma hora de distância de Masego.

Um pequeno rasgo caiu pelo meu rosto.

—Nós quase morremos, Ian.

Ele passou os braços em volta do meu quadril e trouxe minha cabeça em seu peito.

—Estamos vivos.

—Mas...

—Shhhh. — Ele falou em meu cabelo, — Eu disse que ia protegê-la, não foi?

—Você disse. — Eu confirmei em sua camisa.

—Eu *nunca* iria deixar nada acontecer com você, Soph.

Clareza veio a mim naquele segundo, porque eu acreditei nele.

—Obrigada. — Sussurrei, trazendo meu rosto perto dele. — Não é o suficiente, mas eu tenho que dizer isso. Obrigado por salvar minha vida.

—Foi um prazer absoluto.

Eu ri apesar de tudo.

—Tão educado.

—Confie em mim, Soph, eu estou tentando, está realmente difícil ser educado agora.

Minhas sobrancelhas franziram.

—Por quê?

—Bem. — Ele limpou a garganta. — Você está, uh, você está sentada em meu colo.

—Oh. — Corei. Na verdade corei! Sophie Price, que não tinha corado desde que ela era uma estudante, se sentiu envergonhada!

Eu saí correndo de seu colo e ele ficou de pé, oferecendo a mão para me ajudar a levantar. Ele enfiou a mão no porta-luvas novamente e tirou uma lanterna, iluminando nossa pequena área com um clique. Examinamos os danos. Como a maioria das janelas estava abaixada, exceto a do passageiro, nada quebrou, mas o para-brisa se foi. Vários buracos de bala ricocheteados nos lados do jipe, mas quando Ian levantou o capô, o motor parecia estar incólume.

—Graças a Deus. — Ele respirou.

—Concordo.

Ian circulou do lado do jipe e pegou suas armas, colocando-as de volta no porta-luvas e na parte traseira do veículo. Ele pegou uma velha t-shirt no banco de trás e sem esforço rasgou-a em duas.

—Aqui. — disse ele, entregando-me metade da camisa — amarre isso em volta de sua boca e nariz.

Eu a agarrei e acenei com a cabeça. Seguindo seu exemplo, eu enrolei meu rosto e amarrei tão firmemente como eu poderia por trás da minha cabeça.

—Nós parecemos que estamos prestes a roubar um banco. — Disse a ele.

Ele riu e os cantos de seus olhos vincaram com o sorriso que eu ganho tão raramente. Foi uma pena que eu não podia ver por mim mesma. Ele suspirou alto e abriu a porta para mim. Eu levantei e caí lá dentro. A hora até Masego foi terrível, a sujeira voou tanto que criou uma camada grossa sobre a nossa pele e roupas, mas nós poderíamos respirar pelo menos, apesar de quão difícil tornou-se ver. Demorou o

dobro de tempo para chegar em casa porque Ian teve que dirigir devagar o suficiente para que as rochas e os detritos não pudessem nos prejudicar muito.

Foi depois das 11 quando chegamos em casa, por isso não havia ninguém para nos deixar entrar. Eu saí com Ian e ajudei a abrir e fechar os portões.

—Eu não quero assustar Karina com a visão deste caminhão, por isso estou indo para estacioná-lo onde é semioculto.

—Ela está indo vê-lo de qualquer maneira. — Eu pensei.

—Sim, mas espero que ela vá me ver primeiro e me dê uma chance para explicar.

—Ah, eu vejo. Devemos ir em frente e acordá-los?

—Eu não vejo o ponto. O avião não estará aqui por mais dois dias. Deixe-os dormir.

A propriedade parecia tranquila e fez o meu coração e alma acalmar um pouco desde a catástrofe da noite. Ian levou o caminhão atrás de nossa cabana, fora da vista da cabine de Karina e Charles e nós saímos. Ele tirou sua metade imunda da t-shirt. Lutei com a minha, então ele deu a volta e me ajudou no trabalho através dos nós.

—Bom Deus, Soph, como você fez isso? Seu cabelo está preso nele.

— Ele riu de novo.

—Nota mental — Eu disse em voz alta, — Ian é mais feliz quando está em situações perigosas.

Ele puxou meu corpo ao redor e sua boca se abriu, mas ainda não conseguia esconder o sorriso.

—O que isso significa?

—Você já riu duas vezes hoje. Isso é o máximo que vi você rir, especialmente se nenhuma das crianças está envolvida com suas travessuras diárias.

—Então você me olha, hm? — Flertou, chegando perto.

—Tanto quanto você me olha. — Eu flertei volta.

—Eu-eu, uh. — Ele gaguejou.

—Isso é o que eu pensei. — Eu provoquei.

—Você tem de pegar um chuveiro? — Perguntou.

—Não, *eu não vou tomar uma ducha*. Eu estava esperando para nadar nesta sujeira toda a noite.

—Sarcasmo, notei.

Ele sorriu e foi a coisa mais gloriosa que eu já vi. Eu lutei contra a vontade de agarrá-lo e correr minha língua ao longo de seus dentes.

—Pegue suas coisas. — Continuou ele. —Eu vou te encontrar lá.

Ele me assustou, mas eu não deixei mostrar. Corri para a minha metade da cabana e joguei meu xampu, esfoliante corporal, etc., em meu balde antes de pegar meu roupão. Eu praticamente corri para o chuveiro e peguei Ian na metade da varredura.

—Eu sabia que você faz isso, a propósito. — Eu disse à suas costas, atordoando-o.

Seus ombros caíram e ele se virou e sorriu.

—Como?

Eu não estava a ponto de dedurar Karina.

—Isso está surpreendentemente livre de rastejadores a cada dia, Ian?

—Eu suponho que parece um pouco de sorte.

—Obrigada. — Eu disse-lhe em voz baixa.

—No começo eu fiz isso porque eu não queria ouvir você reclamar.

Eu me aproximei dele e o bloqueei para a tenda.

—E agora?

Ele engoliu em seco, mas olhando diretamente nos meus olhos.

—Porque eu quero. — A intimidade de seu olhar me chocou em silêncio, minha boca se abriu. —Eu volto logo. — Ele me disse.

Eu pisei de lado, contra a borda da barraca de madeira, para dar espaço para ele, mas seu corpo maciço ainda lentamente roçou o meu, roubando minha respiração distância. Eu me tranquei e me despi, jogando minha roupa para o lado e colocando meu balde sobre a pedra debaixo dos meus pés.

Liguei a água e comecei imediatamente a lavagem do meu rosto. A água estava fria, mas não fazia frio. Apreciei-a enquanto podia sentir a sujeira saindo meu corpo. Arrastou-se pelas minhas pernas e agruparam perto do ralo em uma névoa laranja. Fechei os olhos e deixei a água enxaguar a noite. Virei o rosto do fluxo e comecei a molhar meu cabelo. Quando abri os olhos, Ian estava na tenda em frente à minha surpreendendo-me novamente pela enésima vez naquela noite.

Ele estava olhando para mim, a água caindo na sua cabeça e para baixo de seus ombros. As barracas eram elevadas o suficiente para não expor mais nada. Ele só podia ver a minha face e parte superior de minha cabeça, mas só de saber que ambos estávamos nus e dentro de três metros de um para outro era o bastante para me fazer corar da cabeça aos dedões. Ele era de tirar o fôlego. Sexy de tirar o fôlego. Lindo de tirar o fôlego. Real de tirar o fôlego. Apenas de tirar o fôlego.

—Oi. — Eu botei pra fora.

—Oi. — Ele disse, sorrindo animadamente.

Eu não podia olhar para ele mais, então me inclinei para pegar meu xampu. Após o cair um punhado, levantei-me e propositalmente evitei seus olhos, embora o calor de seu olhar foi suficiente para fazer a água ferver. Eu trabalhei o sabão pelo meu cabelo da raiz às pontas duas vezes quase esquecendo isso, ou pior, rindo incontrolavelmente.

Eu abaixei debaixo da água corrente para lavar e peguei seu olhar novamente.

Eu sorri o maior sorriso que tinha, porque não poderia segurá-lo mais.

—Eu daria qualquer coisa para lavar o cabelo para você. —Ele disse, de repente, balançando-me ao meu núcleo e limpando aquele sorriso bobo direto do meu rosto.

—Eu daria qualquer coisa para você fazer exatamente isso. — Eu disse-lhe com franqueza. Desta vez, ele sorriu e pegou a garrafa do seu shampoo.

Ele ensaboou seu cabelo e eu mordi meu lábio inferior para não dizer algo estúpido como: "Deixe-me ajudá-lo" ou "Vamos economizar alguma desta água que estamos desperdiçando." Eu corei mais uma vez e ele percebeu.

—O que? — Perguntou.

—Nada. — Eu disse, virando-me para meu balde e pegando meu sabão de rosto.

Eu limpei o meu rosto muito mais profundamente do que suponho era necessário, mas simplesmente não conseguia olhar mais para ele.

Ele estava me torturando apenas por existir. Lavei o sabão do meu rosto e peguei meu condicionador, apliquei uma quantidade generosa e deixei o fixar no meu cabelo enquanto eu usei a bucha sobre o resto do meu corpo. Meu sorriso estava ficando maior e maior e embaraçosamente maior. Eu tentei evitar olhar para ele, mas seu riso fez nada para ajudar muito as coisas.

Finalmente, quando eu tinha lavado a última gota de sabão do meu corpo, fiquei embaixo do chuveiro e comecei a lavar o condicionador. Eu olhei em sua direção e era óbvio que ele estava pronto, mas ele estava furando ao redor para o show gratuito.

—Ainda aqui. — Eu perguntei.

—Se a situação fosse inversa? — Ele respondeu.

Fechei os olhos.

—Eu ainda estaria aqui. — Disse a ele, sorrindo novamente.

Quando abri os olhos novamente, ele apoiou os braços sobre o topo da borda da tenda, a água ainda em cascata para baixo de sua pele incrível.

Nós mantivemos contato com os olhos até que o condicionador saiu todo, nenhum vestígio mais, mas

eu continuei mais do que deveria, porque Ian Aberdeen e sua gostosura real estava tão encantado comigo quanto eu estava com ele. Eventualmente, eu desliguei a água e ele fez o mesmo. Eu comecei a secar meu cabelo com a toalha e ele envolveu sua cintura. Eu escorreguei no meu roupão e chinelos.

Nós dois ficamos lá esperando o outro para sair. Nenhum de nós querendo, incrivelmente frustrantes, mas totalmente emocionantes, os últimos minutos para o fim. Finalmente, Ian fez um movimento, destravando a porta. Segui seu exemplo e o encontrei no centro da passagem de pedra entre as nossas barracas.

—Oi. — Ele disse, olhando para mim.

—Já dissemos isso.

—Já? — Perguntou ele, distraído.

—Sim. — Eu disse, meus olhos pregados em seus lábios.

Ele respirava pesadamente seu nariz.

—Eu vou levá-la para o seu lado da cabana agora.

—Está bem.

—Eu vou escoltá-la. — Ele fez uma pausa, olhando para o meu rosto. —A qualquer momento. — Outra pausa grave enquanto seus olhos guiavam pelo meu pescoço. —Assim que puder arrancar os meus pés desta pedra, eu vou andar com você. — Ele sorriu na minha cara de novo.

Eu lutei contra meu próprio sorriso, quando ele pegou a lanterna pendurada no gancho acima de nós, seu peito largo expandido bem na frente do meu rosto. Nós paramos por um minuto.

—Vamos. — Eu disse a ele, indo embora primeiro.

Ele rapidamente me alcançou e segurou a lanterna adiante de nós. Nós não dissemos uma palavra na curta caminhada para a nossa cabana. Nós nem sequer olhamos em outra direção. Eu andei para o meu lado direito e entrei, virando-me para dizer boa noite, mas ele já tinha ido para o seu lado, deixando-me desapontada e só um pouquinho chateada.

Acendi a pequena vela na minha pia e vesti calças de ioga com uma camiseta de manga longa adaptada. Eu envolvi minha toalha molhada no pé da minha cama e joguei meu roupão no gancho. Eu mantive os meus chinelos por perto porque era Uganda e você nunca tem seus sapatos longe. Eu tinha acabado de escovar os dentes e o cabelo quando ouvi uma batida leve na minha porta.

Meu coração pulou na minha garganta.

—Sim. — Eu disse sufocando.

—Sou eu. — Ian disse calmamente. —Posso entrar?

Olhei em volta do meu quarto um pouco frenética. Eu recuei um pouco e fiquei ao lado de minha

cama.

—Entre.

Ian atravessou a porta, a rajada de vento apagando a vela, e ficou pairando sobre mim na minha pequena cabana. A porta atrás dele se fechou com um estalo, assustando-me.

E só assim, Ian Aberdeen correu para mim.

Ele agarrou meu rosto e pescoço com as mãos ásperas e me trouxe para ele, praticamente levantando-me aos seus lábios. Ele devorou minha boca com a sua e eu gemi em sua boca, estimulando-o. Sua língua encontrou a minha e era quente e tinha sabor de canela.

A descarga de adrenalina disparou pelo meu corpo e concentrou-se em minha barriga. Eu passei meus braços em volta de seu pescoço e ele me trouxe para mais perto dele, enfiando os dedos pelo meu cabelo, torcendo os punhos na parte de trás da minha cabeça, puxando levemente como se estivesse tomando todo seu controle para não me jogar na cama. Isso fez com que meus olhos rolassem na parte de trás da minha cabeça e eu apertei minhas pálpebras já fechadas.

Ele tirou os lábios dos meus e ficamos ofegantes, as estrelas mal brilhando pelas frestas da porta, mas o suficiente para iluminar o rosto. Eu reconheci sua expressão dolorosamente tensa. Ele não sabia se o que tinha feito estava tudo bem pra mim, e eu me encontrei atraída por ele por ser tão atencioso. Para tranquilizá-lo, eu corri minhas mãos em sua testa para suavizar as linhas.

—Ian. — Sussurrei antes que ele me atacasse de novo, me silenciando sobre o "n".

Segurei seus ombros enquanto ele duramente beijava meus lábios, então seguiu minha linha da mandíbula no meu pescoço, fazendo minha cabeça cair para trás.

—Sophie. — Ele suspirou entre cada beijo, fazendo meus dedos formigarem. Sua boca encontrou a minha de novo e eu o beijei com força, respirando-o na melhor forma possível. Minhas mãos encontraram o seu cabelo e eu os empurrei através do comprimento até que encontrei seu pescoço e depois subi de volta, enredando os dedos na massa úmida. Parecia que eu não poderia chegar perto o suficiente dele. Eu passei uma perna em torno da sua perna e ele gemeu em minha língua, vibrando no fundo da minha garganta. Eu tremia.

—Oh, Deus. — Eu respirei na sua boca.

Ele sorriu contra meus dentes e foi a coisa mais sexy que eu já senti.

—Você tem gosto de cerejas. — Ele me disse. Sua voz tremeu contra a minha pele, me fazendo sorrir de volta.

Ele descansou sua testa contra a minha.

—Você tem gosto de canela. — Retruquei.

Retirou-se embora e imediatamente eu o odiei.

—Boa noite, Sophie Price.

Ele se afastou de mim lentamente, nunca quebrando seu olhar ou seu sorriso. Ele abriu a porta e deixou-a cair novamente fechada.

—Durma bem. — Eu ouvi através das rachaduras.

Eu trouxe meus dedos aos meus lábios sorridentes e os corri através da pele inchada.

—Você também. — Respondi tão baixo que mal o ouvi eu mesma.

Eu tinha sido beijada antes, muitas vezes, mas nunca assim.

Capítulo 17



Eu acordei no meio da noite e senti que tinha adormecido ao lado de um aquecedor. Em uma névoa de sono induzido, eu percebi que era apenas a elevação das temperaturas externas. Por mais estranho que parecia o verão de Uganda ser durante o inverno da América, eu estava esperando por isso, mas percebi que o calor incomum estava um pouco quente demais.

Eu preguiçosamente abri meus olhos e eles se depararam com um par de olhos marrons sem brilho. Eu disparei para cima.

—Mandisa! — Ela não estava respondendo a mim e meu coração saltou na minha garganta. — Mandisa, baby. — Eu empurrei o cabelo para sair de seus olhos e tentei levá-la a olhar para mim, mas não adiantou. Eu pulei para os meus pés e empurrei abrindo minha porta. Ainda estava escuro lá fora. — Ian! — Eu gritei, em pânico.

Imediatamente, um Ian desgrenhado apareceu ao meu lado.

—O que aconteceu? — Perguntou.

As lágrimas começaram a derramar.

—É Mandisa. — Eu expliquei, apontando para a minha cama.

Ele correu para o lado dela e sentiu sua cabeça e pescoço.

—Ela está queimando.

—A cozinha — Eu disse, pensando na fonte de água mais próxima.

Ian pegou a pequena Mandisa em seus braços e praticamente engoliu seu pequeno corpo.

Corremos ao redor da árvore baobá para a cozinha e corri a água fria, entupindo o ralo. A pia de aço inoxidável era grande o suficiente para submergi-la.

Joguei um monte de toalhas de cozinha na pia para amortecê-la e Ian descansou-a na água. A água fria era chocante o suficiente, ela devia protestar, mas nem um piu veio de seus lábios pequenos e eu me encontrei tomando o meu pânico para o próximo nível.

Nós freneticamente a encharcamos para baixar a temperatura.

—Querida? — Eu perguntei a ela depois de alguns minutos, mas ela não respondeu. —Deus, Ian. — Eu respirava.

—Eu vou buscar Karina. — Ele disse e saiu correndo em direção a ela para a cabine de Charles.

Eu continuamente a cobri na água fria correndo e rezei como nunca tinha rezado antes. Pedi-lhe sob a minha respiração para responder a mim, mas ela apenas olhou fixamente para frente e meu coração afundou em meu estômago.

—Onde ela está? — Uma sonolenta Karina disse.

—Aqui. — Ouvi Ian explicar.

Karina veio para o meu lado e rapidamente afastou o cabelo do meu ombro com a mão, assegurando-me de modo como uma mãe faria.

—Ian. — Disse ela, olhando para Mandisa. —Pegue o meu kit, por favor?

Ian saiu correndo do quarto e voltou com o grande saco de remédios que Karina mantinha sempre à mão.

Ela tirou uma agulha e olhou para mim.

—É apenas uma injeção de paracetamol, porque ela não vai mastigar o remédio.

Eu balancei a cabeça como se a minha aprovação fosse mesmo necessária, mas Karina me deu esse respeito de qualquer maneira. Ela encheu a agulha e Ian me ajudou a levantar os ombros da menininha.

Karina secou e limpou a pequena parte carnuda do braço de Mandisa com álcool, em seguida, injetou o medicamento. Senti uma quase imediata sensação de alívio sabendo que estávamos cuidando do exterior e Karina cuidava do interior.

Karina sentiu a água na bacia e pediu a Ian para drená-la quando a temperatura do corpo de Mandisa se tornasse quente. Ele fez o que ela pediu, então conectando o ralo mais uma vez.

—Mantenha derramando a água sobre sua cabeça, Sophie.

Ian e eu trabalhávamos metodicamente, vazamento e drenagem, drenagem e vazamento. Vinte minutos se passaram e Mandisa estava visivelmente mais fresca, mas ainda sem resposta.

—Por que ela não está ficando melhor? — Eu perguntei.

—O medicamento vai fazê-la sonolenta. — Explicou Karina antes de pegar meu ombro e me virando para ela. —Ela também está muito doente, Sophie.

Karina tirou sua temperatura e estava dentro de limite mais seguro, Ian pegou uma toalha grande e envolveu seu corpo pouco acima. Peguei um pano limpo da roupa que parecia que caberia nela e ajudei Karina trocar Mandisa. Quando ela estava toda seca, fiz Ian levá-la à minha cabana para dormir enquanto descobrimos onde colocaríamos todos.

Karina foi à esquerda para verificar todas as crianças em seus dormitórios para se certificar de que ninguém mais tinha febre.

—Meu coração está na minha garganta. — Eu disse calmamente após Ian enfiar Mandisa na minha

cama.

Ele a cobriu vagamente em meu lençol e nós silenciosamente a observávamos. Ele passou o braço em volta do meu ombro e a inundação de memórias da noite anterior veio à tona, lembrando-me que eu tinha permissão para abraçá-lo. Agarrei-o e enterrei meu rosto em seu peito, tão grata por seu conforto. Ele correu suas mãos em meu cabelo e beijou o topo da minha cabeça, me fazendo suspirar.

Uma batida baixa soou na porta e nos separamos abruptamente.

Era evidente quando nossos olhos ficaram presos que não queríamos revelar-nos a Karina, ou qualquer um, até que tivéssemos realmente descoberto o que éramos um do outro.

—Entre. — Eu disse, e Karina entrou.

—Três mais. — Explicou ela, toda a vida drenada de seus olhos.

—Sophie e eu vamos cuidar dos doentes, Karina. Nós estamos vacinados. Nós conversamos com Pembroke ontem e ele está organizado um avião que deve estar aqui no prazo de trinta e seis horas.

—Graças a Deus — Ela sussurrou, segurando seu coração. —Nós vamos colocar todos os doentes em nossa cabine, então.

—Aqueles não afetados devem permanecer no dormitório, mas aqueles que suspeitamos que podem estar ficando doentes precisam ser divididos também. — Disse Ian.

—Salomão e Ruth, talvez? — Eu ofereci.

—Onde eles vão ficar? — Perguntou ele.

—Eles saíram com os seus filhos para a casa da irmã de Ruth. — Karina disse-nos.

—Eu posso entender. — Ian ofereceu em decepção.

—Quando ela acordar, — Karina disse, apontando para Mandisa —Mova-a para nossa casa.

Ian assentiu e Karina foi.

Olhamos um para o outro e tantas emoções esvoaçavam entre nós.

Pelos olhos de Ian li a gravidade da tempestade que estava se formando à nossa porta, a decepção egoísta por não podermos explorar o que estava acontecendo entre nós e vergonha óbvia que ele pensava de si mesmo, quando ele não deveria tê-la.

Eu não podia culpá-lo, porque estava pensando a mesma coisa. Eu agarrei a mão para tranquilizá-lo de que isso iria acontecer, de que iríamos ter o nosso dia. Ele sorriu suavemente, o que permitiu reconhecer a decepção. Tínhamos um peixe maior para pescar.

O dia seguinte foi em meio de puro caos. Mercy era a única adulta que parecia estar afetada, ao menos estava incubando, mas estava tudo bem conosco enquanto as vacinas chegassem logo. Ian e eu

passamos a noite seguinte repetidamente para cima e para baixo, cuidando de crianças muito doentes, reduzindo a febre, tratando os sintomas e trabalhando até o osso em uma tentativa fútil de desinfetar.

A cada poucas horas tínhamos uma criança nova. Estávamos correndo para fora com redutores de febre e sacos de soro fisiológico. Nossa única esperança era o embarque e que iria chegar mais tarde naquela segunda noite. Nós conseguimos falar com Pemmy mais uma vez e ele nos informou que eu, pessoalmente, teria de assinar para o embarque às sete.

Karina concordou em nos ajudar a colocar as crianças infectadas no melhor lugar possível antes de sairmos e ela se sentou com eles até que Ian e eu pudéssemos voltar. No total, tinham sete crianças doentes, e quatro suspeitos que acabariam por se tornar doentes. O restante, mantivemos o mais longe possível.

Quando estávamos tão preparados quanto poderíamos ficar, nós fizemos nosso caminho no caminhão de Charles. Karina ainda tinha que ver o jipe de Ian e queríamos mantê-lo assim. Charles estava nervoso que a notícia do nosso ataque mandaria sua esposa sobre a borda, por isso, o consertamos tanto quanto nós podíamos com o pouco que tínhamos e o mantivemos escondido.

Quando ele ligou o motor, foi mais tranquilo do que o jipe estrondoso de Ian. Eu descansei a parte de trás da minha cabeça contra o assento e fechei os olhos, bocejando.

Quando abri os olhos e olhei para trás, para Ian, ele riu.

—Você está exausta.

—Não diga, Sherlock.

Ele riu mais alto, fazendo meu coração pulverizar.

—Irritada quando você está cansada, não é?

Eu sorri através do assento para ele.

—Irritável, não é? — Eu imitei, pateticamente tentando seu *sotaque africano*, o que o fez rir ainda mais.

—Só um feixe de risos hoje. — Eu provoquei, tirando as minhas palavras da sonolência.

—Bem, eu estou um pouco delirante com apenas as... — Ele armou as sobrancelhas em direção ao teto do jipe, — sete horas de sono que eu tive nos últimos dois dias.

Eu bocejei alto com a simples menção de sono. Eu inclinei minha cabeça contra a janela.

—As aulas serão canceladas por dois dias depois que as crianças se recuperarem. Eu estou tomando uma decisão arbitrária e vou dormir por ambos.

—Então eu vou dormir com você.

Meus olhos saltaram da minha cabeça.

—Perdão? — Eu perguntei, incrédula.

Ian olhou para mim, os olhos arregalados.

—Eu apenas quis dizer... Eu quis dizer que, uh, que eu também queria dormir com você.

Eu ri alto.

—Quero dizer, não com você, mas dormir na minha própria cama durante o tempo em que você também dorme... Na sua cama. Nós estaríamos dormindo em duas camas separadas. Você na sua e eu na minha. — Uma de suas mãos saiu do volante e tinha o comprimento de seu rosto. —Deus, eu estou carente. — Um rápido olhar no meu caminho. —De dormir! Carente de sono! — Sua mão bateu na roda. — Deus, cale-se, Din.

Eu sorri para ele em voz baixa.

—Eu peguei você, Ian. — *Rapaz, eu nunca...*

Não é surpreendente que eu dormi a maior parte do caminho para Kampala. Chegamos pouco antes que o avião estava programado para aterrissar e corremos para o aeroporto.

—Será que isso traz de volta algumas memórias? — Eu perguntei a Ian.

Ele sorriu.

—Certamente que sim.

—Você me odiava.

—Eu definitivamente não te odeio.

—Oh, apenas admita. Você meio que odiava.

—Eu não achei que você valia o tempo de Masego.

—Ouch. Eu acho que, tipo, merecia isso.

—Não me interprete mal. Eu fiz um julgamento precipitado. Também não ajudou que você era tão malditamente bonita.

Minha respiração sugou em meus pulmões e eu não conseguia pensar em responder, assim o deixei pegar a minha mão e me levar até a pista, assim que o nosso avião pousou. Eu senti um peso nos meus ombros quando os pneus tocaram o solo. Nossas mãos se soltaram e corremos para o avião de carga. Eu não queria pensar o que custou para organizar isso. Quando a escotilha baixou, as lágrimas derramaram pelo meu rosto.

Pembrook, vestido com a roupa mais ridiculamente hilária que eu já vi, jeans e uma t-shirt estampada, pisou no chão. O mesmo chão que eu estava, Pembrook ficou em cima e senti como se um pequeno pedaço de casa o tivesse seguido. Eu posso não ter tido a melhor vida em casa, mas era tudo que

já tinha conhecido antes de Uganda. Eu era bem viajada, sim, mas eles não estão mentindo quando dizem que o lar é onde está o coração.

Minhas bochechas coraram quando me virei em direção a Ian que se aproximou de Pembroke, enquanto eu fiquei quieta alguns metros atrás. Ele era o meu novo lar. Ian era estar em casa.

Borboletas correram por todo meu corpo e minhas mãos apertaram a camisa que estava no meu estômago. *Oh, meu Deus.*

Pembroke acenou em minha direção e se aproximou de mim. Eu o encontrei na metade e gritei sobre os motores ensurdecedores.

—Pemmy! Eu não sabia que você estaria aqui.

—Nem eu, mas pensei em tirar alguns dias de folga e verificar você. Relatarei de volta para seu pai que você ainda está viva.

—Obrigada, Pemmy, mas nós dois sabemos que meu pai não se importa como eu estou.

—Isso não é... — Ele começou, mas eu o interrompi.

—Eu ainda estou feliz que você veio.

Ele sorriu e me abraçou calorosamente em Olá. Percebi então que Pembroke era minha família.

—É bom ver você também, Sophie. — Disse ele, batendo no meu braço de volta. Ele me puxou de seus braços e me examinou. —Você parece... Bem, não morta.

Ian e eu rimos.

—Nós estávamos até cuidando de crianças doentes, Pembroke, dê alguma folga, sim? — Eu provoquei. Ele me olhou por um momento como se ele não tivesse certeza se era eu ou não, e que me fez rir mais.

Ele limpou a garganta.

—Sim, sim. É por isso que eu estou aqui. Siga-me. — Ele ordenou e marchamos até a escotilha para o casco do avião. —Eu tomei a liberdade de obter o tanto quanto pude pensar para repor as fontes que você já usou, bem como para uso futuro.

Meus olhos tomaram as caixas e caixas de soro fisiológico, diferentes medicamentos, agulhas, luvas estéreis, etc., e eu quase chorei. Eu carinhosamente passei a mão em todo o topo das caixas de soro. —Eu estou muito grata.

—Por quê? Você pediu. Você é minha, ahm, empregadora, e eu concordei.

Eu me virei e revirei os olhos para ele.

—Obrigada de qualquer forma, empregado Pembroke. Você foi acima e além da exigência de

trabalho.

Ele sorriu em resposta.

—Eu vou ver se eu consigo permissão para trazer o caminhão de Charles ao redor. Volto já. — Disse Ian.

Eu assisti Ian em pé e continuei a observá-lo até que eu já não podia vê-lo.

Pemmy limpou a garganta, tirando-me do meu olhar. Eu virei para ele.

—Você está feliz? — Perguntou ele, simplesmente.

—Eu estou. — Respondi sem hesitar, surpreendendo até a mim com a forma como era fácil admitir isso.

De repente, uma ideia pegou. Natal. Ele estava apenas seis semanas de distância. Ele seria o meu primeiro Natal quente. Minha família sempre tinha voado para a Suíça para o feriado, por nenhuma outra razão que não fosse as amigas de minha mãe que passavam férias lá juntas.

—Ouça, antes da volta de Ian.

—Ian?— ele perguntou, divertido.

Eu acenei com ele.

—Dingane, que seja. — Mas fiz uma pausa, uma enorme necessidade de defendê-lo borbuhlava por diante. —Seu nome é Ian, você sabe.

—É mesmo? — Perguntou ele, estupefato.

Eu senti meu rosto quente.

—Sim, de qualquer maneira, antes dele voltar, eu preciso arranjar um retorno do avião aqui em algumas semanas. Podemos fazer isso acontecer? Você é o signatário na minha conta. Você pode usar os meus fundos privados se o meu pai não o deixar fazer de outra forma.

—Eu não acho que seja necessário. — Disse ele, confuso. —Seu pai me deu carta branca para lhe dar tudo o que você precisa.

—Honestamente?

—Sim, Sophie. O que você precisa?

Dei um suspiro de alívio.

—Um gerador, em primeiro lugar. Pelo amor de Deus, um gerador grande o suficiente para sustentar um orfanato durante semanas. Algo substancial, bem como as mãos necessárias para instalá-lo. —Eu assinalei centenas de coisas da minha lista mental, uma lista que nem sabia que vinha mantendo-me atenta. Huh. Tirei meus dedos. —Você sabe o que? Eu também gostaria que você arranjasse uma empresa

de construção para reconstruir a principal casa com uma cozinha industrial, grande o suficiente para preparar refeições para pelo menos uma centena de crianças, trazendo os suprimentos direto da América.

Minha imaginação estava correndo selvagem. Pembroke tinha enchido páginas do pequeno bloco em que ele estava escrevendo minhas exigências dentro. Ele ocasionalmente apertava sua mão, mas eu continuei, com medo que esquecesse, uma vez que escorregava da minha língua. Eu imaginei um Masego muito melhor quando eu tivesse que deixá-lo.

Tivesse que deixá-lo.

Eu tinha esquecido. Eu deixaria Masego em poucas semanas. Eu tinha dois meses. Isso era tudo. Um sentimento de medo me encheu.

—E eu gostaria de caixas de sapatos. — Eu mencionei freneticamente, - mais do que eles precisam, o suficiente para encher uma sala, incluindo roupas, vestidos para as meninas, uniformes para os meninos, tamanhos variados. Chame TOMS Shoes, em Dallas, que ele sabe o que está fazendo, e eles vão ajudar.

Mordi minhas unhas, algo que eu nunca fiz. Eu diria à Pembroke o tempo todo como isso arruinava as unhas de uma garota, apenas a destruía. Notei que ele me observava e puxei o dedo da minha boca.

—É-isso é tudo? — Ele perguntou, obviamente atordoado.

—Brinquedos. Vários. Por alguma razão, a única coisa que as meninas aqui gostam de brincar é de casinha. Por isso, muitas dessas porcarias. Os meninos podem pensar em nada além de futebol. Certifique-se de pegá-los antes do Natal. Duas semanas antes são suficientes?

—Sim.

Ele ficou em silêncio enquanto eu continuei a andar a largura do avião. Eu olhei para cima e percebi Pembroke de boca aberta.

—O que? — Eu perguntei.

—Nada. — Disse ele, examinando a sua longa lista, mas eu o conhecia bem o suficiente para reconhecer que o tinha surpreendido.

Senti uma pontada leve no meu peito que eu poderia tê-lo feito orgulhoso.

Eu ouvi o barulho do caminhão de Charles perto da escotilha do avião e me virei para Pembroke.

—Nem uma palavra, ok?

Ele acenou com a cabeça em reconhecimento.

Ian e eu ajudamos a carregar tudo o que a tripulação de Pembroke havia trazido e quando estava mais cheio que eu já tinha visto,

Pembroke me abraçou com força.

—Dê a Charles e Karina meu amor?

Eu balancei a cabeça, com medo de que se eu dissesse alguma coisa choraria. Pembroke apertou a mão de Ian e nós o vimos desaparecer atrás da escotilha subindo.

—Ele ama você.— Ian disse.

A lágrima se soltou.

—Eu sei.

Capítulo 18



Aparentemente, mais quatro crianças tinham ficado doentes durante as nove horas que tinham passado, quando chegamos por volta das cinco da manhã. Quando tudo que eu tinha pensado era dormir, Karina se aproximou de nós dois com dois copos gigantes de café. Eu egoisticamente me encolhi, mas rapidamente me repreendi. Nós todos descarregamos os suprimentos e nos preparamos para vacinar todas as crianças.

Nós administramos vacinas para todos os adultos então os enviamos em seu caminho para se instalarem em um dos três postos de quarentena. Eu secretamente fui até Mandisa e a vacinei logo que pude.

Eu queria que ela melhorasse imediatamente. Egoísta, eu sei, por colocá-la antes de qualquer uma das outras crianças, mas eu sentia como se Mandisa fosse minha. Eu posso honestamente dizer que não me arrependo.

Depois de cada criança receber sua vacina, substituímos sacos vazios de soro e o remédio para febre apenas quando o sol estava nascendo.

—Isso é quase vinte e quatro horas seguidas sem dormir. — Disse Ian sonolento, tropeçando em minha direção na cabana de Charles e Karina. Ele se atrapalhou no sofá, que eu estava espalhada e deitou ao meu lado, seus olhos se fechando rapidamente.

—Cuidado, Aberdeen. — Eu preguiçosamente demorei, um sorriso secreto enfeitando meus lábios.

Ele sorriu, suas pálpebras ainda aparentemente fundidas. Ele sabia exatamente o que eu queria dizer.

—Eu vou. — ele prometeu ao redor de dentes brancos brilhantes, jogando um braço sobre meus ombros. O sorriso lentamente escorregou de seus lábios e sua respiração se aprofundou e firmou. Depois foi a minha vez, mas eu tenho certeza que meu sorriso ficou.

Por volta das duas da tarde, eu acordei com o riso das crianças e um braço pesado colocado nas minhas costas. Eu tentei abrir uma fresta e encarei a parte de trás do sofá. Eu rapidamente a fechei, amassando meu nariz em um esforço de mantê-la fechada, e escutei por um momento.

—O que eles estão fazendo? — Eu ouvi Mandisa perguntar a alguém.

—Eles estão dormindo, Mandisa, deixe-os assim. — Respondeu Karina. Sua voz era mais leve e eu dei um suspiro de alívio. Eu poderia dizer que as vacinas estavam funcionando porque Mandisa estava

lúcida. Meu coração disparou.

—Ele vai esmagá-la. — Ela soltou.

—Ele não vai. — Disse Karina, rindo. Ela estava na cozinha, mexendo algo em um pote de metal. Eu podia ouvir o ritmo suave da colher raspando o fundo e para trás.

—Ele o fará. Ele é muito grande. Ele vai matá-la.

—Mandisa. — Karina advertiu brincando.

—Nós temos que tirá-lo dela.

—Mandisa, vem aqui e sente nesta cadeira. — Karina ordenou.

—Eu não posso sair. Eu tenho que assistir para ele não cortar seu ar.

—Eu tenho lápis de cor. — Karina tentou.

Ouvi hesitantes pezinhos caminharem até a mesa. Ela começou a pintar e eu podia ouvir cada curso individual contra o tampo da mesa de madeira.

—Eles são casados? — Mandisa perguntou depois de alguns minutos. Eu fui forçada a morder o lábio para evitar explodir em gargalhadas.

—Não. — Respondeu Karina.

—Mas a mão dele está em sua volta.

—Tenho certeza de que foi um acidente, Mandisa. Ele não estava tentando ser desrespeitoso com ela. Eles provavelmente estavam muito, muito cansados de cuidar de você e seus irmãos e irmãs na noite passada.

—Não há problema neste momento, então. — Mandisa concluiu.

—Sim, porque foi um acidente. — Disse Karina, embora um pouco alto demais.

Meus ombros balançaram com risadinhas silenciosas até que os dedos de Ian apertaram um pouco sobre a pele do meu ombro, enviando arrepios pelos meus braços e moderando-me rapidamente a partir do toque de sua mão. Seu rosto estava enterrado no meu lado esquerdo e eu senti um pequeno beijo contra a minha camisa. Era quente e doce e os meus olhos rolaram na parte de trás da minha cabeça. Eu reprimi um arrepio e aguardei a sua próxima jogada. Seu polegar acariciou pequenos círculos contra o osso do ombro, o movimento era tão suave que nem mesmo a minha babá de olhos de águia registrou. Ele enviou-me a um frenesi interno. Eu queria tanto que ele me colocasse no seu lado com força e beijasse meu pescoço até que eu caísse em pedaços.

Suspirei baixinho, inaudível, e senti Ian sorrir em meu ombro. Ele era tão incrivelmente sexy e eu acho que nem estava mesmo tentando.

Eu acalmei meu corpo em preparação para o que ele tinha planejado e pensei que estava pronta para qualquer coisa. Qualquer coisa, exceto o que ele fez em seguida.

Senti seu hálito quente, concentrada nisso, deleitava-me, pouco antes dele suavemente morder minha camisa e pegar um pouco de pele.

Minha respiração ficou presa na minha garganta e eu engoli em seco.

Ele pegou o movimento e senti seu peito inalar rapidamente contra a minha volta.

—Não se mova. — ele sussurrou tão baixo que mal o ouvi.

Meu corpo estava cimentado no lugar ao lado do seu, como se sua mera sugestão ditasse lei e eu fiquei impotente, mas obedeci. Ele enviou um zumbido emocionante permeando meu abdômen e peito, formigando direto até os dedos dos pés.

—Sinta isso. — Ele me disse antes de deixar seus dedos deslizarem como a água sobre as curvas da minha mão deitadas no sofá, longe de vista.

Fechei os olhos e me deixei drogar, sensações preguiçosas do seu toque arrastando pela minha integridade física, sedando ao ponto de dormência. Era um tal sentimento, inebriante, provocante. Senti minhas bochechas corarem um rosa brilhante. Meu corpo lavava com calor cada vez que a ponta de seu dedo encontrava a curva de meu polegar e novamente quando ele chegou à almofada do meu dedo anelar. Ele perseguiu esse calor tão lentamente, aparentemente alongando o tempo, e traçou como se ele não se importasse com o mundo... Exceto comigo.

Meu peito se encheu de algo que eu não conseguia entender, mas deixei saturar a minha alma e coração de qualquer maneira, porque foi a melhor sensação que eu já senti e teria pagado qualquer quantia de dinheiro para que ele continuasse.

Estávamos de repente assustados quando ouvimos a tosse de uma das crianças no quarto de Karina e nós dois fugimos de pé, pronto para ajudá-los.

Karina olhou para nós e sorriu suavemente.

—Eu cuido disso. Deitem-se. —Ela disse gentilmente.

Quando ela saiu do quarto, Mandisa a seguiu. Ian se sentou na minha frente, mas virou-se para mim e eu olhei para ele de forma diferente do que tinha na noite anterior.

Minha mão se moveu para o seu rosto e os meus dedos esboçaram seu queixo sólido, em torno de sua bochecha e até sua têmpora. Eu arrastei o meu polegar para baixo, até a ponte de seu nariz e por cima dos seus lábios. Seu lábio inferior mordeu um pouco expondo brevemente seus dentes perfeitos. Eu apertei as duas mãos nas suas bochechas e olhei fixamente em seus olhos quando ele levantou seus próprios braços e arrastou os dedos pelo meu cabelo e em minha têmpora, arrastando no comprimento nos lados da minha cabeça. Ele se manteve ali, encarando-me de volta.

Ouvimos Karina se mover em direção à porta e eu poderia dizer que nós dois estávamos relutantes em parar de tocar um ao outro. Pele a pele se sentindo tão bem, tão, tão, certo.

Nossas mãos suavemente caíram e o puxão de colocá-las de volta foi esmagador. Nós dois ficamos por um momento, olhando intensamente, então Ian passou por mim sem uma palavra para o quarto de Karina, cumprimentando-a na porta do seu quarto.

—Bom dia, Din. — Ela disse a ele.

Ele beijou sua bochecha.

—Bom dia, Karina. — Ele passou por ela em seu quarto, provavelmente para verificar quem estava tossindo e Karina se aproximou de mim.

—Bom dia, meu amor. — Disse ela, abraçando-me com força.

—Bom dia.

—Eu sei sobre o jipe de Din. — Ela falou em meu cabelo.

Meu estômago caiu no chão.

—Oh, uh, sobre isso...

—Está tudo bem. — Ela disse, escovando meu cabelo para trás. — Estou grata que vocês decidiram esperar para me dizer. Eu não acho que poderia ter lidado com isso de uma vez. — Ela sorriu docemente e beijei sua bochecha.

—Como estão as crianças? — Eu perguntei.

—Milagrosamente melhoraram. — Afirmou com uma piscadela.

Eu não conseguia parar o sorriso em meu rosto, nem que eu quisesse.

—Que alívio. — Suspirei, inclinando-me de volta para o sofá.

—Eu estou tão agradecida. — Ela disse, com os olhos mais brilhando.

—Eu também. — Eu disse a ela, acariciando-lhe, a mão relaxada no braço do sofá. — Estou incrivelmente grata. — Eu disse baixinho, mas a frase significava muito mais do que isso implicava.

Ao longo dos próximos dias, a vida voltou ao normal em Masego, nosso estoque foi reabastecido, as crianças ganharam energia e as aulas foram retomadas. Ian e eu não conseguimos dormir por dois dias, mas nós conseguimos voltar em algum tipo de rotina, o que tornou mais fácil ficar descansado. Gostávamos de verificar diariamente as pegadas que ficaram perto da fonte de água fresca e da pequena área arborizada perto da propriedade onde Ian me ensinou a lidar com uma arma.

Fomos sortudos ao não encontramos nada. Nós estávamos mais certos a cada dia de que quem tinha vindo anteriormente estava apenas de passagem.

Ian e eu flertávamos discretamente em todas as oportunidades que tínhamos, cuidando para não trazer nenhuma atenção a nós mesmos, e foi fácil. Descobri ao longo desses poucos dias que o meu coração sentia mais completo e eu estava caindo de amor com ele.

Cada vez que me aproximava de uma porta, ele acelerava em frente e tinha certeza que ele estava lá para abri-la para mim. Toda vez que eu fazia a menor menção de que eu estava com calor, ele estava lá com sombra. Se eu estava com frio, circulava os braços em volta de mim. Se eu estava cansada, ele estava lá para me apoiar. Ele era doce e atencioso, porém não me oprimia. Ele era sutil.

Ele me disse uma vez o quão forte ele me achava e como pensou que eu poderia fazer qualquer coisa, enquanto a única razão que me ajudava era porque queria, porque era puramente egoísta, disse ele. Foi incrivelmente lisonjeiro. Ele provou isso constantemente, deixando-me decidir quando e onde eu precisava dele. Eu estava aprendendo a língua e ficou mais fácil a cada dia.

—É sábado! — Karina gritou por cima do barulho das crianças conversando no café da manhã uma manhã e todos eles aplaudiram em resposta.

—Eles são adoráveis. — Eu disse a Ian e ele riu.

—E eu tenho uma surpresa especial para vocês! — Ela disse a eles.

—O que é isso? — Ian me perguntou, cutucando seu ombro no meu.

Eu balancei a cabeça.

—Eu não tenho nenhuma ideia.

—Está ficando quente de novo! — Torcendo. —Então, vamos nadar em nosso lugar favorito. — Todos aplaudiram.

Ian bateu palmas uma vez e esfregou as palmas juntas. Sua sobrancelha levantou um pouco e ele se inclinou para mim.

—Price, obtenha o seu traje.

E isso é tudo o que ele disse antes de pular para fora indo em direção à nossas cabanas.

As crianças começaram a comer rapidamente e deixaram suas tigelas com Kate antes de correr para os seus quartos para pegar qualquer equipamento de natação que tinham. Eu me perguntava o que eles tinham antes de um pensamento me ocorrer. Eu só trouxe um biquíni, nunca pensando que fosse realmente usá-lo. Eu sabia que não iria com Karina, porque as meninas de Uganda ainda não tinham sido autorizadas a usar calças e muito menos expor suas barrigas. Eu não poderia imaginar se Karina aprovaria.

Levantei-me e me dirigi a ela.

—Eu não acho que posso nadar, K.

—O quê! *Por quê?*

—Eu realmente não trouxe um traje decente.

—Oh, bem, você tem uma t-shirt? Shorts? — Eu balancei a cabeça.

—Você pode usar qualquer traje que trouxe. As crianças vão achar nada disso diferente desde que você usa jeans todos os dias, de qualquer maneira.

—Se você pensa assim. — Eu disse a ela e fiz meu caminho para a minha metade da cabana.

Eu podia ouvir Ian lutando em torno de seu quarto e sorri. Eu mudei para o meu traje e me senti praticamente nua. Não era considerado ultrajante em casa. Não era uma tanga, apenas um biquíni padrão, mas definitivamente não era apropriado em Uganda.

Eu me considerei no espelho por um momento. Eu tinha perdido qualquer gordura remotamente do meu corpo no trabalho duro que Masego tinha me colocado. Meus dedos correram pelo meu estômago e em cada músculo levantado. Meus pais tinham graciosamente pago Raul, meu personal trainer, dezenas de milhares de dólares para tentar me fazer ficar assim, porque eu estava determinada a ter esse corpo, mas ele nunca poderia fazê-lo, não assim de qualquer maneira. Eu queria estourar de rir pensando em como tudo o que eu precisava fazer era me voluntariar em um orfanato em Uganda, para ganhá-lo e agora eu não me importava com isso.

De repente, meu carinho sobre minha aparência foi superado pela saúde das crianças pequenas. Ironia, eu suponho.

Deixei meu cabelo cair livre pela primeira vez e sorri secretamente para mim mesma pensando em como isso iria deixar Ian louco. Puxei uma faixa em torno do meu pulso para mais tarde, joguei uma regata e um par de shorts jeans, que custam 300 dólares em casa. Lembrei-me de pensar como eu tinha feito um grande negócio sobre eles, o que me fez revirar os olhos para mim mesma. Eu descartei as botas por uma vez e coloquei meu velho tênis, os que eu havia trazido, sem intenção de levar de volta porque eles eram "da última temporada." Peguei uma bolsa e coloquei uma t-shirt para nadar, um frasco de protetor solar, e meu pequeno rádio. Eu rasguei um novo pacote de baterias novas para ele, concordando comigo mesma que esta ocasião justificava. Este era um momento de celebração.

P.S. Vou lançar um absolutamente alucinante fato. Eu não estou brincando, também. O país de Uganda está *obcecado* com Celine Dion.

Eles dedicam dias inteiros para transmitir sua música. Eles amam muito. Cinco palavras. My. Heart. Will. Go. On¹⁷¹. *Sim*.

Eu ouvi uma batida suave na porta e Ian a abriu. Eu tive que ver as suas pernas pela primeira vez desde que eu o conheci e não podia acreditar como um homem podia ser desenvolvido. Fiquei de boca aberta como um palhaço olhando para elas.

Quando eu finalmente me dei conta, meu olhar elevou para o rosto de Ian e fiquei chocada ao descobrir que ele estava igualmente absorvido como eu estava. Dei um riso assustado e ele balançou a cabeça.

Sua boca trabalhava um pouco e ele engoliu.

—Você, você está pronta?

—Sim. —Disse a ele.

Karina levou o caminhão de Charles e nós levamos o jipe e enchemos os dois com as crianças menores. As crianças mais velhas andaram os quatrocentos metros para a piscina natural com Katie e Charles. Mandisa foi sentar no meu colo imediatamente, e eu deixei, beijando o topo de sua cabeça, quando Ian ligou o motor.

Quando nós descarregamos o último do jipe e do caminhão, as crianças começaram a correr para a água, eu impulsivamente levantei meu rosto e as palmas das mãos para cima e deixei os raios do sol me lavarem. Estava brilhante e quente e senti isso tão bem na minha pele. Eu suspirei. Havia algo sobre o sol.

Eu bebia o seu calor profundo e respirava com facilidade, fechando meus olhos e perguntando a mim mesma por que nunca vi isso antes de vir para Uganda.

Eu descobri que o sol equiparava felicidade. Sua existência brilhante e encantadora encarnava a esperança. Ele expôs a escuridão, trouxe a luz e mostrou que não importa o quão forte ou opressiva a noite fosse, ele era infinitamente mais forte, exponencialmente mais substancial e apenas porque você não pode ver com seus olhos, não quer dizer que não estava ainda com você, que você não podia senti-lo ou que ele não iria voltar para você. Era forte e constante. Ele era infinito.

Segui o som de gargalhadas à beira da água.

—Nós vamos manter os menores aqui na borda rasa. — Ian disse.

—Isso está bem para mim.

Ele ergueu a mão esquerda e colocou a palma da mão na parte de trás do meu pescoço, enviando um embaraço de calor apertado pelo meu corpo apenas para repousar na minha barriga. Eu sorri para ele. Ele sorriu de volta animadamente, e eu mordi meu lábio inferior para não rir. Ele apertou um pouco e baixou a mão. Eu me senti um pouco triste pelo breve momento que sua pele tinha tocado a minha. Nunca parecia suficiente. Era incrível para mim que eu me sentisse assim.

Por todas as vezes que eu já tinha deixado um menino tocar meu corpo, senti de repente que era errado, de repente, pesava sobre o coração e alma e me encontrei lamentando minha vida passada.

Eu nunca realmente senti isso antes. Eu me preparei contra a culpa, porém, sabendo quanto sentia por ela. Eu estava mais alta, mais leve, sabendo que, embora a dor de arrependimento se colocasse

fortemente em meu coração, não quer dizer que eu não poderia seguir em frente, que Deus não me perdoaria. Também significava que eu poderia me perdoar, especialmente desde que soubesse exatamente o que significava ser tratada com respeito. E esse foi um sentimento inebriante e cheio de euforia.

Alguns minutos se passaram e as crianças mais velhas juntaram-se à bagunça. Eu nunca tinha visto essas pessoas puramente felizes na minha vida inteira. Eles gritaram com alegria, pularam e mergulharam, espirraram e tocaram com o outro. Eles tinham este momento e estavam em êxtase. Eles tinham essa alegria simples e era de graça.

Outra coisa que nunca pensei ser possível. Para mim, a única vez que eu já tinha me convencido de que era feliz era quando poderia sacar meu cartão de crédito e carregá-lo.

Eu vim para Uganda para cumprir uma pena obrigatória, mas estava sendo cumprida de maneira totalmente inesperada e feliz, com o meu pleno consentimento.

Eu vim para ajudar a ensinar essas crianças, mas em vez disso, eles estavam me ensinando.

—O que você está pensando? — Ian me perguntou, com os olhos rondando a beira da água e sua boca contando silenciosamente as cabeças.

—Nada. — Eu menti.

—Isso é uma inverdade. — Ele brincou, olhando em minha direção e cutucando seu ombro no meu.

—Tudo bem, se você tem que saber. — Eu felizmente o empurrei para trás, feliz pelo breve contato.

—Eu estou pensando que eu estou muito feliz de ter vindo a este lugar.

Seus olhos se arregalaram brevemente e ele me estudou atentamente.

—O que trouxe essa revelação?

—Eles. — Eu disse, apontando para os órfãos barulhentos rindo movimentando aproximadamente.

—E por que, Sophie Price, que lhes fez tão feliz, o que você acha?

—Eles são engraçados, representantes pequenos de simplicidade, de consciência. Ninguém está mais consciente de si mesmo como essas crianças estão. Eles não têm nada, não tem ninguém além de nós, não têm aparentemente nenhuma razão para ter esperança... Mas eles a tem. Eles escolhem serem felizes mesmo que a escolha obviamente mais fácil seria a de estar assustado ou triste e têm verdadeira razão de serem essas coisas também. Mas eles têm vida e fé, esperança e amor e eles escolhem essas coisas. Sua inocência é viciante, a sua esperança surpreende e estou feliz de estar cercada por eles.

Ian não respondeu, não reconheceu o que eu disse a ele. Em vez disso, olhou para mim. Realmente olhou para mim. Foi um olhar profundo e penetrante, que alguns meses antes teria me deixado tremendo em minhas botas, mas não mais. Então, encontrei-me abrindo ainda mais a janela para ele. Debrucei-me sobre a borda e estendi as minhas mãos até ele para trazê-lo mais perto ainda. Eu estava convidando-o a me ver como eu era porque não estava mais com vergonha. Eu tinha jogado as cortinas pesadas,

sombrias, removido o revestimento de sujeira e me abri.

Seus ombros tensos relaxaram e finalmente ele concordou, mas apenas uma vez. Nós dois voltamos para a água e fizemos o nosso trabalho.

Três horas mais tarde as crianças estavam exaustas e famintas.

Nós carregamos todos de novo, metade do nosso jipe já estava cheio de crianças dormindo e eu não pude deixar de rir um pouco com a forma como achei adorável. Ian e eu pulamos para os bancos dianteiros e ele ligou o motor, mas Charles inesperadamente correu para a janela de Ian.

—Karina e eu pensamos que vocês dois podem querer uma pausa à tarde?— questionou. —Eu poderia dirigir o jipe de volta e vocês dois podem ficar e nadar um tempo, enquanto vocês estiverem bem para uma caminhada.

—Sério? — Eu perguntei a Charles.

—Não fique tão surpresa, Sophie. Você e Din têm feito muito nos últimos dias. Todo mundo precisa de uma pausa de vez em quando.

Capítulo 19



Nós assistimos a poeira dos caminhões se movendo quando os jipes bombearam através do campo empoeirado em direção à Masego. Meu coração pulou no meu peito instantaneamente sabendo que Ian e eu estávamos sozinhos, realmente, pela primeira vez. Não haveria crianças prontas para saltar a partir de cantos ou adultos de Masego com seus olhos vigilantes, memorizando cada movimento nosso.

—Estamos sozinhos. — Ian sussurrou, assustando-me.

Eu me virei para ele, minhas pálpebras se sentindo um pouco pesadas demais com o calor do sol. Ou era o calor do seu olhar?

—Muito. — Era tudo que eu poderia reunir.

Os olhos de Ian viajaram do meu rosto para meu pescoço, e sobre o meu ombro, o olhar ardente de fogo me marcando uma vez que escorria sobre a minha pele e logo sua mão tocou o meu pescoço, meu ombro e braço até que se envolveu em torno de minha mão. Ele me trouxe para mais perto dele e sussurrou em meu ouvido.

—Corra. — Ele disse calmamente antes de um lento sorriso ardente dividi-lo de orelha a orelha.

Meu coração pulou em minha garganta quando eu vi o brilho em seus olhos. Ele piscou uma vez, como se estivesse em câmera lenta, o que foi a minha deixa. Eu saí correndo para a água, meus pulmões bombeando ar para dentro e para fora do meu peito enquanto andava sobre a vegetação e pedras. Os únicos sons que podia ouvir eram os rítmicos batimentos de sangue em meus tímpanos com a batida de cada passo das botas de Ian atrás de mim. A adrenalina correu através de mim sabendo que ele estava tão perto. Ele parecia estar ficando mais perto e eu não podia lutar contra o sorriso se espalhando lentamente pelo meu rosto em antecipação.

Um riso leve escapou dos meus lábios imaginando a perspectiva do que estava por vir. Eu peguei o som da respiração de Ian engatando antes de senti-lo mover-se ainda mais rápido, seu calor dando o quão perto ele estava.

Uma gargalhada saiu de mim quando suas mãos me pegaram pela cintura, arrastando-me para ele. Seus braços envolveram todo o meu corpo quando ele sabia que me tinha, suas mãos em meus ombros e caímos no chão um pouco abaixo da água. Nós dois estávamos rindo histericamente apesar do fato de que estávamos no lado profundo da lama.

—Você quase conseguiu. — Ele brincou em meu pescoço.

—Eu desacelerei de propósito. — Mentir.

Ele riu alto.

—Mentirosa.

Meu sorriso largo encontrou o dele.

Ele se levantou e me arrastou com ele.

—Quer me acompanhar? — Ele perguntou, tirando os sapatos.

Engoli em seco.

—Vire-se.

Ele parou em meados da curva para remover o sapato e me estudou.

—Para quê?

—E-eu só tinha essa coisa de biquíni que tinha trazido de casa e eu estou-uh-não exatamente decente, mas não quero entrar com esta t-shirt molhada...

—Você não pode estar falando sério, Soph.

—Fatal!— Eu provoquei.

—Você sabe que essa água é bastante clara, certo?

—Não tão clara, Ian.

Ele fez aquela coisa que meninos fazem onde eles puxam a camisa sobre a cabeça com um só golpe. Senti-me bêbada com consumo exagerado do olhar. O meu olhar percorria seu peito e estômago e incrivelmente minha boca ficou boquiaberta. Enfiei minha língua para trás em minha boca e mordi o lábio para não cair para trás. Ele piscou e eu ri alto.

—Você é ridículo. — Disse a ele, a minha estação do iPod aumentando o volume de *American Daydream* por Electric Guest.

—Sua vez. — Ele brincou.

—Não, não, não, Ian. Vá em frente e coloque o seu corpinho naquela água.

Ele se inclinou e beijou meu rosto antes de mergulhar rapidamente. Sua cabeça balançava para cima, a água escorrendo pelo pescoço e ombros, seu cabelo escuro molhado como noite. Borboletas cercaram.

—Fique de costas dessa forma. — Eu disse a ele.

Ele visivelmente suspirou, mas se manteve de costas para mim.

Inclinei-me para tirar os sapatos e deslizei meus shorts e t-shirt. Meus braços instintivamente

cobriram meu estômago sabendo o que Karina diria se me visse naquele momento.

—Apreste-se! — Ian gritou.

—Eu estou indo! Eu estou indo! — Sorri.

Eu testei a água e assobieei para o frio que estava. Eu odiava essa parte. Eu afiei meu caminho, encolhendo-me a cada passo até que meu corpo se acostumou à temperatura tão fria, *Avenue de Agnes Obel* começou a tocar.

Quando o meu ombro estava submerso o chamei.

—Ok, você pode virar agora.

Ele se virou e sorriu.

—Foi um esforço inútil, sabia? — Disse ele, perseguindo-me lentamente.

—O que foi? — Eu perguntei, apoiando-me já que ele alcançou em minha direção.

—Fazendo-me virar. Foi um esforço inútil. — Disse ele, fechando o abraço.

—Como assim? — Eu perguntei, engolindo uma risadinha tonta.

—Porque — Disse ele, atacando-me de brincadeira e envolvendo as mãos em volta da minha cintura. Minhas mãos repousavam sobre os ombros molhados. —Tsk, tsk, Srta. Price, pele com pele. O que Karina diria?

Eu empurrei seu peito.

—*Ian.*

—Eu estou apenas brincando. — Ele passou as mãos nas minhas costas e estabeleceu-as no meu pescoço. —Pronto. Confortável?

Brincando, o empurrei um pouco na resposta.

Ele ficou em silêncio por um momento. Ele estendeu as mãos e correu-as por cima da minha cabeça e reuniu o resto do meu cabelo, torcendo-o em um punho na parte de trás do meu pescoço.

—Eu estou indo para casa. — Ele disse à minha testa.

Meu coração parou.

—O que? — Eu perguntei, de repente confusa, o meu estômago misturando com meu coração.

—Meu irmão Simon me escreveu na semana passada, perguntando se eu viria para casa para uma visita de dois dias. Parece que ele tem algo a me dizer e que prefere fazê-lo pessoalmente.

—Oh, eu-eu-eu quero dizer, Sim. Aí, isso é ótimo, Ian. Quando você vai? — Eu perguntei, engolindo minha inquietação.

Eu não quero que ele vá. Percebi naquele momento que equiparava Ian com segurança. A ideia dele ir fez a pressão no meu peito apertar.

—Um dia depois de amanhã. — Ele me disse, correndo os dedos na minha testa e pelo meu rosto.

—Assim, tão logo? — Engoli em seco.

—Eu sei que é pouco tempo e tudo mais...

—Está tudo bem.

—Mas eu queria saber se, talvez, você poderia estar interessada em ir?

Meus olhos se abriram.

—Sério?

Ele sorriu.

—Sério. São apenas dois dias. Karina já disse que sim. Ela vai manter isso fora do relatório que está enviando de volta com você para o tribunal. — Ele piscou.

Meu coração começou a bater, mas desta vez de emoção.

—Oh, minha palavra, sim.

Ele me pegou e me girou na água.

—Bom. — Ele simplesmente declarou.

—O que você acha que Simon quer? — Eu perguntei quando ele me colocou de volta para baixo.

Ele deu de ombros.

—Não faço ideia, mas estou feliz que você vai encontrar minha família.

—Você, você está? — Eu perguntei, atordoada. Ninguém nunca tinha boa vontade, ou queria que eu conhecesse seus pais antes.

—É claro. — Explicou Ian, olhando para mim como se eu estivesse fazendo nenhum sentido. — Simon especialmente vai adorar você.

—Simon é mais velho ou mais novo? — Eu perguntei, curiosa.

—Ele é mais velho, 25, um sedutor. Meus pais o adoram. Ele também é o único que sempre ganha as meninas.

Eu recusei-me a isso.

—Meu Deus, ele é o único que ganha as meninas? O quê? Será que ele é feito de chocolate ou algo assim? Eu não posso imaginar alguém que estaria interessado em ninguém além de você, não importa com quem está competindo.

Ian me puxou para mais perto e beijou meu pescoço.

—Não precisa me bajular, Srta. Price. Eu acredito que sua isca funcionou. Eu fui fisgado. Com linha e anzol.

Eu olhei para ele, uma sobrancelha levantada.

—Eu mantenho puxando você, Ian Aberdeen, mas você está provando ser uma captura difícil.

—Bobagem. Porcaria total. Você estala o dedo e eu salto da água para o barco.

—É mesmo?

Ele acenou com a cabeça.

—Eu ainda estou debatendo a seus pés, como um idiota patético, esperando a sua próxima jogada e severamente sem ar.

Aproximei-me mais, descansando minha testa contra a dele.

—E se eu puser fim a sua miséria, então, hein?

Ian estreitou os olhos para mim.

—É uma agonia deliciosa indo embora.

Capítulo 20



Karina nos levou para o aeroporto, onde pegamos um avião para uma curta aventura de 12 horas de Uganda à Cidade do Cabo, África do Sul, com paradas em Nairobi e Johannesburg. Não parecia valer a estadia de dois dias, mas logo me lembrei de que totalmente valia a pena ver Ian fora de nossas vidas diárias em Masego.

Eu estava tão aliviada ao pousar na Cidade do Cabo que não percebi as diferenças surpreendentes entre as classes durante os 15 minutos em direção à cidade distante. Cinco minutos e minha visão do lado direito e esquerdo da rodovia foi um grande contraste para dizer o mínimo.

—Meu Deus, olhe isso. — Suspirei pela janela.

—O que? — Ian perguntou, correndo em seu assento ao meu lado, inclinando-se sobre mim para ver o que eu estava olhando.

Em nosso lado direito estavam decentes casas limpas, bem cuidadas e, obviamente, habitadas por proprietários mais abastados. À nossa esquerda era o que eu só podia descrever como uma favela.

Casas, se você poderia chamá-las disso, feitas de telhados de zinco, piso de terra, realmente uma cidade improvisada. Parecia um paraíso para a doença e eu estava disposta a apostar que tinha muito crime.

—Isso. — Eu disse, apontando para os dois lados da estrada com as minhas mãos.

—Ah, sim. — Admitiu ele, deslizando para trás em seu banco, obviamente acostumado com as vistas.

—É triste. — Eu admiti.

—Muito triste. — Ele concordou.

—É um contraste impressionante de condições de vida que se sente como um soco no estômago. — Eu estudei fileira após fileira de casas repentinamente. — Como uma americana, eu posso definitivamente identificar que o meu país tem pouca ou nenhuma ideia do que realmente é a pobreza. As piores condições de vida que eu já tinha sido exposta em casa são pálidas em comparação. É literalmente embaraçoso reclamar em tudo.

—Eles simplesmente não sabem, Soph.

—Eles só estão ignorantes, Ian. — Eu respondi em espécie para a qual ele só poderia sorrir. —E eu era provavelmente a mais densa de todos eles. — Sussurrei.

Ele deslizou sua mão sobre a minha e apertou suavemente.

—Não mais.

—Não mais. — Eu repeti, apertando de volta. Eu tomei uma respiração profunda. —Por que os responsáveis não fazem alguma coisa sobre isso?

Para isto Ian riu de repente e histericamente.

—O que?

—Oh, Sophie Price, você vai ter a oportunidade. Basta esperar. —Ele me disse, ainda rindo.

—Eu sinto como se estivesse perdendo alguma coisa. —Sorri de volta.

—Minha mãe é a prefeita executiva da Cidade do Cabo.

—Se eu estivesse familiarizada com a sua política, eu provavelmente saberia quão grave essa declaração é, mas eu não estou, então...

—O prefeito executivo da Cidade do Cabo é, essencialmente, o grande cão no bloco. Ela é o equivalente ao governador de um Estado americano ou o prefeito de Nova York.

Minha boca ficou seca e eu desesperadamente tentei engolir algo que não estava lá.

—A prefeita executiva. Por que diabos você não me explicou isso antes?

—Eu fiz. Eu disse que eles estavam na política aqui em baixo.

—Eu imaginei que eles eram pessoas do conselho ou algo igualmente mundano.

—Soph. —Disse ele, as sobrancelhas franzidas, - Por que o filho de um vereador daria um faturamento superior nos jornais daqui?

—Eu imaginei que notícia era um pouco lenta aqui.

Ian riu de novo.

—Cidade do Cabo é uma das maiores cidades da África, quanto mais da África do Sul. — Ele ficou sério. —Eu me identifico com você mais do que você poderia saber.

—Aparentemente. — Eu disse a ele, pensando nos trapos de fofocas em LA e como todos eles pouco moderam a oportunidade de expor a Price "a querida bebê do fundo fiduciário" como uma indecente viciada em cocaína quando Jerrick morreu e como eles me seguiram durante meses, tropeçando em si mesmos para me pegar vacilando novamente.

Eles saborearam o drama, na escuridão que era a sua profissão.

Eles eram pequenas cobras deslizando, suas línguas bifurcadas estendidas para pegar a mínima fofoca. Estremeci.

—Não se preocupe. —Disse Ian, tirando-me do meu transe, — Eles sabem que você está chegando

e provavelmente fizeram suas pesquisas.

—Não se preocupe. —Disse-lhe, em troca, - Meu pai deve estar consciente de que eles fizeram suas pesquisas agora e deve ter, provavelmente, já descoberto uma oportunidade de se familiarizarem.

—Certamente que não.

Eu balancei a cabeça para ele com falsa simpatia.

—Ian Aberdeen, você não tem ideia do que ele é capaz.

—Bem, ele vai estar em boa companhia, então. — Ele disse, passando o braço em volta de mim.

—Agora você está começando a me assustar. — Eu provoquei.

A casa dos pais de Ian se encontrava em Clifton Beach, uma área tão rica na Cidade do Cabo, que mesmo eu tinha ouvido falar dela, apesar de não estar muito familiarizada com qualquer coisa sobre a África do Sul.

—Você é rico. — Afirmei como fato, observando os seguranças verificar vários carros que tentavam passar os portões de entrada.

—Não, meus pais são ricos.

Eu sorri para ele.

—Eu vejo.

—Isso muda sua opinião sobre mim?

—Difícilmente. — Eu disse-lhe, esperando que ele nunca tivesse a oportunidade de absorver a monstruosidade fria que era a propriedade meus próprios pais.

A casa era enorme considerando como bem situado o bairro era.

Casas lotadas, mas extremamente luxuosas enfiadas até o lado da Table Mountain, sinuosa e em conformidade com a montanha. A casa de Ian era uma casa moderna de vários níveis que adaptava à face da rocha que se fixava dentro.

Quando o nosso pequeno carro puxava para a garagem, Ian teve que sair para abrir o portão deslizante de cedro. Eu vi como nós acabamos em um caminho escuro para a casa imponente que se instalava de modo ameaçador dentro na parte da frente do penhasco.

—Lar doce lar. — Brincou Ian.

Ele pegou minha bolsa, bem como a sua e subimos a íngreme passagem a uma larga porta de cedro. A adrenalina me inundou. Olhei para mim mesma e de repente me senti nervosa. Meu pai não aprovaria a minha escolha de roupa. Na verdade, haveria sérias consequências se ele descobrisse que conheci a perfeita executiva da Cidade do Cabo, África do Sul, em qualquer coisa que não seja Chanel.

Eu podia imaginá-lo.

—Sophie, isso é inaceitável. Eu pedi tão pouco de você. Mantenha as aparências, Sophie Price. Mantenha as aparências. *Manter as aparências.*

—Você está bem? — Ian perguntou, deixando cair sua bolsa e usando a mão livre para acariciar o lado do meu braço.

Eu estampeei um sorriso falso no rosto.

—É claro, apenas nervosa, eu suponho.

Ele sorriu genuinamente em troca.

—Não se preocupe, amor. Meu irmão vai te amar pelo menos, e é o único que precisa se preocupar.

—Que incentivo — Eu brinquei.

Ele deixou cair sua bolsa ao meu lado e segurou os meus ombros com as mãos largas.

—Confie em mim, Soph, mesmo que meus pais acabem por te amar, isso deve significar muito pouco para você. Eles estão impressionados apenas com o que os outros podem fazer por eles. Eles correm suas campanhas em servir os pobres aqui, assim como tantos antes deles, mas as favelas ainda estão aqui. Você as viu. Eles quase incentivam a dependência do governo. É repugnante.

—Eles são políticos.

—Sim, muito.

—Você não estava brincando quando disse que se dariam bem com o meu pai, então.

—Eu realmente não estava. — Ele suspirou. —Vamos entrar. Eles provavelmente estão nos observando pelas câmeras. — Disse ele, acenando com sarcasmo na discreta câmera escondida atrás de uma fenda.

Ele empurrou a porta pesada e revelou o interior. Setenta mil e quinhentos metros quadrados de arte moderna e só poderiam ser descritos como sombrio. Ardósia escura, grades frescas de níquel escovado cercam toda a propriedade de cinco níveis, em camadas. O piso plano incentivava a lotes de uma sala de estar externa e não decepcionou. Os espaços de convivências se abriam para o exterior por meio de portas sanfonadas de vidro. A arquitetura era um aceno para o clássico de meados do século e os móveis não eram diferentes. Estava frio e perfeito e tudo tinha um lugar. Isso fez o meu estômago revirar.

—Simon! — Ian gritou, assustando-me.

Ele largou as malas apenas dentro e caminhou com o propósito de atravessar a pitoresca sala de estar para as paredes de vidro. Ele deslizou um painel em outro até que encontrou a parede lateral que nos mostrou o ar rico do mar. O sal explodiu em minha pele e eu me alegrava com a sensação tangível. O fluxo e refluxo do oceano incrível na base da montanha acalmaram meus nervos quase imediatamente. Foi

então que eu soube que Ian tinha feito isso de propósito.

—Obrigada. — Eu disse a ele.

—Foi a única coisa que funcionou para eu crescer aqui.

Eu abracei seu lado enquanto nós verificamos em nosso entorno.

—Você sente falta? — Eu perguntei a ele.

—Nem mesmo um pouquinho.

A piscina com aparência tranquila abaixo de nós ostentava um chão de ladrilhos iridescente preto e eu encontrei-me quase assustada com isso. Eu imaginava que iria me engolir toda e eu afundaria em seu abismo escuro se ousasse colocar um dedo do pé nessa água sombria.

—Ian! — Eu ouvi atrás de nós.

Nós dois nos viramos e eu encontrei em uma versão mais antiga, um pouco mais alta de Ian. Ele era mais bronzeado do que o meu Ian e com o cabelo mais curto, mais bem aparado, embora eu ache que era apenas porque Ian não tinha um barbeiro à sua disposição tão facilmente como Simon. Ele usava uma roupa impecável com um toque europeu. Ao todo, Simon era lindo, mas faltava-lhe um fogo em seus olhos que Ian possuía. Sim, Ian era infinitamente mais bonito. As meninas podiam ficar com Simon Aberdeen. Eu tinha Ian.

—Simon! — Ian gritou.

Simon pegou Ian e o empurrou ao redor de brincadeira. Ele o cumprimentou no que eu assumi ser africano. Eles trocaram saudações e eu fiquei sem jeito contra a grade desejando por todos os santos que pudesse tê-los entendido. Eu me animei apenas quando Simon me olhou depois gesticulando e pedindo Ian outra questão em africano.

—Oh, eu sinto muito, Soph. Desculpe-me. — Ele disse, encontrando-me e envolvendo minha mão na sua, em seguida, puxando-me para encontrar seu irmão.

—Simon, esta é Srta. Sophie Price. Sophie, este é meu irmão, Simon.

—É um prazer conhecê-lo. — Eu disse, estendendo a mão.

Simon inclinou-se, deu uma piscadela em minha direção e beijou minha mão descaradamente.

—Um prazer, Srta. Price, tenho certeza. — Ele se endireitou. —Ian me falou muito sobre você. Eu sinto que eu já te conheço.

—Ele falou, é? Quais foram essas coisas? — Eu o provocava de volta.

—Não é necessário! — Ian praticamente gritou. —Vamos entrar, vamos? Mamãe e papai estão aqui? — Perguntou ele, praticamente me empurrando de volta para a sala de estar.

—Nah, mas estarão logo embora.

Meu estômago caiu um pouco.

—Onde eles estão? — Ian perguntou.

—Mamãe está em uma conferência de imprensa. Pai está em uma reunião. Eles disseram que estarão em casa pelas quatro.

—Então, qual é a notícia que eu tive de viajar metade de um dia para ouvir?

—Seria meio anticlímax, você não acha, se eu simplesmente soltasse lá fora?

—Acho que sim.

—Eu vou te dizer no jantar.

—Mamãe e papai não sabem, então.

—Não, você vai descobrir com todos juntos.

Ian olhou para ele com curiosidade.

—Onde vamos comer?

Simon limpou a garganta e olhou para o teto.

—É no Aubergine.

—Senhor, isso é sério. — Afirmou Ian.

Simon suspirou, passando as mãos pelo seu cabelo escuro. Ele sentou-se no bar da cozinha e afundou a cabeça em suas mãos.

Ele olhou para cima.

—Eu tinha que fazer. É o seu lugar favorito e eu preciso dela receptiva para hoje à noite.

Olhei de um irmão para o outro.

—E o que é Aubergine? — Eu perguntei.

—Aubergine é o restaurante favorito de minha mãe. — Explicou Ian. —O resto de nós odeia. Eles servem coisas ímpias como trio de codorna ou abalone temperado com rato e couve-flor. Essencialmente alimentos nojentos.

—Ah, eu vejo. — Eu respondi.

—Nós só vamos lá quando precisamos que a mãe veja o nosso lado das coisas.

—Ah, agora eu estou morrendo para saber.

—Você vai esperar como o resto deles. — Simon disse. Ele olhou para mim como se ele tivesse acabado de realmente me notar. —Espere um segundo. Você é uma menina.

—Astuto você. — Disse Ian, gesticulando para Simon.

—Não, não. Quer dizer, eu sabia que você era uma menina. Seria muito difícil não notar uma figura como essa — Disse ele e eu revirei os olhos, — mas isso não é o que eu quis dizer.

—Cuidado, Simon. — Ian rangeu.

—Você é a primeira garota que Ian já trouxe aqui.

—Certamente não. — Eu empaquei na direção de Ian.

—Não, você é a primeira. Uma vez, na escola, ele teve uma festa e, naturalmente, as meninas vieram, mas ele nunca trouxe uma menina singular aqui... Nunca. Isso-isso é bom. Você vai tirar um pouco do calor de cima de mim.

Ian passou a mão pelo rosto e soltou um suspiro.

—Simon, você tem sempre que me humilhar?

—Eu sinto muito, irmãzinho. — Disse ele, de pé e enganchando seu braço em volta do pescoço de Ian.

Ian sacudiu fora, mas sorriu. Foi a primeira vez que eu já vi Ian realmente vulnerável, quase como criança, e eu gostei. Eu supus que Masego era um "Forçado a agir com maturidade" tipo de lugar. Eu estava feliz por vê-lo jovem, ao ver que a testa franzida relaxava, mesmo que fosse apenas por uma pequena quantidade de tempo. Ian obviamente transportava as preocupações de Masego sobre seus fortes ombros de 20 anos de idade, e eles eram mais do que capazes de lidar com o peso, mas todo mundo precisa de uma pausa de vez em quando.

Só então a maçaneta da porta da frente começou a girar e todos nós olhamos diante. Eu não pude deixar de notar Simon e Ian trocarem um olhar antes de abrir, mas não podia lê-lo totalmente. Tudo o que eu capturei era ansiedade, mas havia uma chance muito boa de que era tudo por mim.

Eu estava tão sobrecarregada nesse momento. Eu queria correr e pular da varanda e afundar naquele abismo. Qualquer coisa soava melhor para mim do que conhecer os pais de Ian. Eu não sei o quanto eles sabiam de mim, ou o que esperar deles. Eu queria me chutar por não me preparar, o que meu pai me ensinou a fazer.

—Esteja sempre atenta, Sophie. Nunca deixe ninguém te pegar de surpresa. — Ele diria.

Sacudi os pensamentos.

Ian veio ao meu lado e colocou a mão na minha.

—Não se preocupe, Soph. — Ele sussurrou no meu ouvido, acalmando-me quase imediatamente.

A porta se abriu e duas figuras imponentes surgiram, falando sobre trabalho, ao que parecia.

—Não, Henrik. — A mulher, que só podia ser a mãe de Ian, disse.

Ela era alta. Cabelo preto escuro e pele clara como de Ian. Seu cabelo estava elegantemente curto e um pouco abaixo das orelhas. Ela era magra e marcante e incrivelmente intimidante. Ela era requintada e eu podia ver de onde Ian tinha aprendido a se "impor". Ela inventou a maneira como se comportava.

Ela parou de falar e ficou olhando para nós. Ela dominou um rosto inexpressivo, e o usou então. Não importou para mim, porque nesse momento me lembrei de minha criação e imediatamente exalei minha própria marca de imposição.

A projeção invisível a atingiu como a bomba atômica, e você poderia dizer que ela foi pega de surpresa.

Ela e o pai de Ian, Henrik, colocaram suas pastas para baixo no sofá de veludo rico, marrom seccional, antes de se aproximar.

—Simon. — Sua voz aveludada ronronou. —O que eu lhe disse sobre arregaçar as mangas de suas camisas. Você vai amassá-las. Você vai ter que mudar antes do jantar esta noite.

—Eu vou fazer isso. — Disse Simon, sorrindo para ela — mas fiz reservas no Aubergine, então eu acho que você vai me perdoar? — Ele jogou charme e de repente eu pude ver porque todas as meninas gravitavam em sua direção.

—Tudo bem. — Disse ela, com um sorriso apertado enfeitando seus lábios.

Simon beijou a bochecha da sua mãe antes de cair no sofá.

—Ian. — Sua mãe respirava. —É bom ver você de novo.

—Mãe. — Ian disse secamente, beijando a bochecha dela como Simon tinha antes de virar. —Pai!
— Exclamou com mais sentimento e bateu seu pai nas costas. —É tão bom ver você!

—Feliz de ver você, meu filho. — Disse Henrik, beijando seu filho e abraçando-o. —E quem é essa visão? — Henrik perguntou, apontando para mim.

—Pai, essa é Sophie Price. Sophie, este é meu pai, Henrik. — Ele se virou para a sua mãe. —Mãe, Sophie Price. Soph, esta é a minha mãe, Abri.

Ele pronunciou Ay-Bree.

Coloquei minha mão e balancei a de Henrik. Ele sacudiu-a vigorosamente em troca e com o calor. Eu me virei para Abri e estendi minha mão também.

Ela pegou e algo se passou entre nós.

Ela sabia.

Ela sabia quem eu era e quem era meu pai e, por qualquer motivo, ela queria que eu soubesse.

—Um prazer. — Ela disse, seu cabelo perfeitamente liso deslizando para frente um pouco quando abaixou a cabeça em um gesto completamente praticado.

—Da mesma forma. — Eu disse a ela na minha voz mais desinteressada.

Ela pode ter tido alguns centímetros de mim, mas era óbvio para todos na sala que eu era a maior presença. Senti-me bem. Eu me virei para Ian, olhando para o lado de Simon quando o fiz, e vi seus olhares perplexos.

—Então — Abri interrompeu o momento de espessura, — Sophie, Ian me disse que trabalha com ele no Masego?

—Sim.

—E eu também entendo que você foi pega com drogas de volta para casa e foi por isso que você ganhou esse privilégio?

Esta senhora não estava puxando qualquer saco.

—Moeder! — *Mãe*. Ian gritou em africano, vindo para o meu lado.

—Ongevraag! — *Desnecessário*.

Eu friamente inclinei-me para a bancada atrás de mim, examinando brevemente minhas unhas enquanto fazia isso.

—Está tudo bem, Ian. — Eu conheci o seu olhar completamente. — Sim, Abri, infelizmente eu fui, mas isso não importa agora.

—Isso é bastante atrevido. — Acrescentou ela, olhando à beira do riso. Ela pensou que ela tinha ganhado.

—Você entendeu mal. — Eu respondi. —Se a minha má decisão levou-me a um lugar como Masego e me expôs sobre como a vida é realmente, eu não teria feito de nenhuma outra maneira. Ocasionalmente, alguns têm que bater no fundo do poço para entender-se plenamente, você não acha? Estou pensando que eu jamais poderia ter tido essa chance e nunca teria conhecido Masego... Ou o seu filho.

—Bem dito. — Henrik disse na sala silenciosa, apontando para mim.

—Obrigada. — Eu disse a ele diretamente com um suave sorriso.

—Alguns conhecem a si mesmos sem ter que bater no fundo do poço. — disse Abri, desesperada pela a última palavra.

Deixei que ela tivesse isso com um aceno de cabeça. Ela estava certa, depois de tudo, mas ela também estava transparente para todos na sala e sua pequena declaração só ajudou minha causa.

—Vamos nos vestir para o jantar? — Simon pediu a todos, tentando quebrar a tensão.

—Vamos. — Abri disse, suas sobrancelhas beliscaram quando ela me examinou.

Capítulo 21



Eu tive a previsão para embalar um pequeno vestido Monique Lhuillier Cocktail de tule champanhe em casa, mas não previ para embalar os saltos, então coloquei em um bolso de minha mala um simples par de sapatilhas pretas Fendi com uma fita que envolvia o tornozelo. Eu estava tão grata que tinha feito isso, mas esqueci que levava dias para o tule deixar de ter “rugas” por falta de uma palavra melhor. Eu tinha pouco menos de uma hora e estava pirando um pouco.

Abri fixou os seus olhos em mim no momento em que entrou pela porta e me fez, para dizer o mínimo, um pouco desconfortável. A última coisa que eu queria era parecer despenteada ao ser examinada tão de perto. Eu não tinha certeza do seu motivo, mas eu sabia, sem dúvida, que Abri Aberdeen não confiava em mim. Eu não acho que poderia culpá-la, apesar de seu estilo de interrogatório deixar um pouco a desejar, porque, bem, ela era a perfeita executiva da Cidade do Cabo e eu acredito que ela se concentrava em posições políticas mais elevadas.

Eu era uma potencial responsabilidade.

Eu descompactei meu vestido e o pendurei no banheiro, tomei um banho bem quente, cortesia de seus quartos de hóspedes, e mantive o quarto quente e úmido, mantendo a porta fechada, enquanto sequei os cabelos enquanto o enrolava com um bastão estranhamente mantido na gaveta ao lado do secador. Isso era prestativo de Abri, manter os instrumentos disponíveis para suas visitas, mas também senti que ela ganhava dois pontos.

Quando a minha maquiagem e cabelo estavam prontos, o quarto tinha esfriado. As rugas desapareceram significativamente, mas não inteiramente. Pensei em abrir o chuveiro novamente, mas sabia que a água ainda não havia reaquecido. Eu só comecei a entrar em pânico quando ouvi uma batida na minha porta. Eu coloquei o robe curto de seda convenientemente pendurado no gancho na parte de trás da porta do banheiro, mais um ponto para Abri, e atendi.

Simon.

—Oi. — eu disse, minha testa enrugada em curiosidade. —Posso ajudar?

—Sim. — ele me disse: — eu queria dizer, enquanto eu tenho a oportunidade, em outras palavras, enquanto a minha mãe não está por perto, você está dentro.

—Eu estou?

—Sim, você está com a gente já. Os caras votaram e você está dentro.

—Caras?

—Bem, meu pai e eu.

—E eu estou?

—Sim. — Ele me olhou de cima a baixo. —Por que você não está vestida? Estamos saindo em 20 minutos.

A maneira como ele foi tão confortável comigo, eu acho que realmente estava "dentro", como ele chamava.

—Estou com um pouco de dificuldade. As rugas no meu vestido não vão sair.

—Não é um problema. Verifique o armário em seu quarto. Você deve encontrar um vaporizador portátil.

—Droga! Mais dois pontos. — Rangi, o meu punho batendo a palma da mão aberta.

—Hein?

—Nada. Obrigada. Eu vou estar pronta.

Eu fechei a porta atrás de mim.

O vaporizador estava onde ele disse que estaria e funcionou lindamente. O vestido parecia que eu tinha acabado pegar da loja, talvez até melhor.

—Droga você, Abri Aberdeen, e sua hospitalidade. — Sussurrei para o vapor.

Quando eu terminei, desliguei o vaporizador e retornei-o ao seu lugar de direito no armário. Eu deslizei meu vestido e sapatos, e me borrifei com uma das opções variadas de perfumes florais de Abri. Eu trouxe o meu pulso para o meu nariz e inalei. Maçã, pêssego e tuberosa encheram meus sentidos. Isto cheirava bem e meus lábios se curvaram. Eu borrifei um pouco mais atrás das orelhas. Eu devia a ela muito já, o que era mais um ponto?

Fiquei no espelho de corpo inteiro, um pouco chocada com a minha própria aparência. Eu não tinha levado tanto me preparando por meses o mês o que foi, desnecessário dizer, um pouco desconcertante. Eu não tinha certeza se eu gostei do que vi no espelho. Meu reflexo parecia um pouco demais, como meu velho eu e me fez desconfortável.

Olhei mais de perto.

Há diferenças. Minha pele estava bronzeada, meus músculos ainda mais torneados, mas a maior diferença estava nos meus olhos. Antes, quando eu me via, eles revelaram nada, além do oco. Eles eram vazios.

Mas agora, agora, eles estavam cheios de vida, cheios de compreensão.

De repente, eu não me importava com minha própria aparência.

De repente, vi uma pessoa completamente diferente de pé diante de mim. De repente, eu refletia amor, esperança e paciência.

Uma batida na porta mais uma vez me assustou. Peguei minha bolsa pequena, verifiquei meu brilho labial uma última vez e abri para um Ian de tirar o fôlego.

—Jesus, Sophie Price. — Ele me disse uma vez, passando os olhos de cima da minha cabeça até a ponta dos meus dedos dos pés e de volta.

Ele entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

—Eu não tinha ideia. — Ele me disse, chegando perto.

O dedo do pé de seus sapatos quase encontrou os meus e eu queria, não, precisava dele para me engolir toda. Ele estava incrivelmente delicioso, tudo nele. Eu podia sentir sua respiração no meu rosto enquanto ele me examinava, podia sentir seu cheiro picante, limpo de seu sabão, pude praticamente contar os cabelos em sua cabeça. Eu procurei seus olhos e esperei por ele, esperava a declaração, mas ela nunca veio. *Diga*, eu silenciosamente implorei.

Eu não tive tempo para ficar decepcionada, porque suas mãos encontraram meus ombros nus instantaneamente. Ele mordeu a minha pele e me empurrou um pouco longe dele para que pudesse absorver um outro olhar.

—Sophie Price, você é devastadoramente bela.

—Obrigada. Você também. — Eu disse a ele honestamente.

Ele não tinha me ouvido embora.

—Eu-eu só eu sabia que você era linda, sabia muito bem, mas é como se eu acordasse com a ideia. Há algo sobre você agora, Soph. Você exala alguma coisa e eu não consigo colocar o dedo sobre isso. Você praticamente brilha com isso. Você me *devasta*. — Disse ele, segurando em seu coração.

Aproximei-me mais dele e descansei a mão sobre a dele.

—Obrigada. — Eu disse a ele.

—De nada. — Disse ele, sorrindo para mim.

—Não, você não entende, eu não estou lhe agradecendo pelo elogio, Ian. Estou agradecendo a você por me dar a beleza que você vê.

—Eu não posso levar o crédito por isso, Soph.

Eu sorri para ele e ficamos em silêncio, nossas mãos uma na outra. Isso estava escrito em cima de nós. Havia algo praticamente tangível lá, como um raio de sol, aquecendo-nos através de nossas almas. Você poderia vê-lo, poderia sentir isso, mas não conseguiria capturá-lo em suas mãos. Isso não significa

que não estava lá, embora.

Ah, estava lá e pesava mil pesos deliciosos.

Eu deixei a pressão me inundar, deixei me amarrar a ele.

Entendimento. Eu estava apaixonada por Ian Aberdeen. Tão profundamente, tão incrivelmente. E era verdade, e era sublime e era meu.

Nada pode tirar isso de mim, o que estava absolutamente me libertando. Eu possuía esse amor. Eu o escolhi. Eu devia a ninguém por isso, porque não podia ter sido comprado. Ele pertencia a mim livre e esclarecido. Nunca me senti mais fortalecida.

A respiração de Ian se aprofundou quando ele freneticamente procurou meu rosto. *Diga.* Ele tinha que ter sabido. Ele tinha que ter sentido como eu... Mas as palavras não vieram.

Uma batida na porta veio assim que ele tinha começado a abrir a boca e o momento morreu em nossos pés, para nunca mais ressuscitar. Ele foi embora e meu coração caiu ao fundo. Eu sabia que minha expressão era de dor, de decepção, porque ele franziu as sobrancelhas e deslizou as mãos para o meu rosto, tentando forçá-lo a ficar bem. Eu já não iria mais disfarçar a mim mesma. Eu era uma pessoa diferente a partir de então. Vulnerabilidade era aceitável para mim, porque era real.

Ele balançou a cabeça, quando outra batida ressoou.

Ele limpou a garganta.

—En-entre. — Ele falou, ainda tentando suavizar a minha pele.

—Nós vamos descer, para os carros. — Disse Simon e ouvimos seus passos desaparecerem.

Ian virou a cabeça longe de mim e para a porta.

—Podemos ir com o meu carro, por privacidade.

Eu estava machucada e não era mais capaz de esconder o que sentia, então me virei em direção ao banheiro, fingindo que precisava de alguma coisa.

—Isso é bom. — Uma desconhecida voz quebrada soou de meus lábios.

Peguei a carteira que deixei em cima da cama em algum momento e fiz meu caminho em direção à porta.

—Soph. — Ian sussurrou, agarrando o meu braço. Deixei ele me parar, mas eu me recusava a encará-lo.

—Sim, querido? — Eu disse, tentando soar alegre.

—Não. — Ele implorou.

Eu olhei para seu caminho, mas ainda me recusei a virar.

—Não, o que? — Eu perguntei, com um falso sorriso educado estampado em meus lábios.

—Precisamos conversar. — disse ele.

Eu ignorei isso.

—Nós provavelmente deveríamos sair, Ian. Eu não quero sua mãe me odiando mais do que ela já faz.

Eu coloquei minha mão em seu braço e abri a porta, seguindo o pequeno corredor para a sala de estar e para a porta da frente. Eu podia sentir a forte presença de Ian logo atrás de mim, perto, ainda assim muito longe. Eu queria correr para ele e para longe dele, tudo ao mesmo tempo. Eu estava tão confusa. Eu amava. Eu jurava que ele me amava de volta, mas ele apenas ficou lá.

Desci até a calçada de pedrinhas e encontrei o caminho para os carros. De pé estava a família de Ian. Eu sorri para eles apesar do meu coração pesado.

—Você é uma visão, Sophie. — Disse Simon, chegando à minha mão e beijando minha bochecha.

—Muito linda. — Henrik acrescentou com um sorriso jovial.

Eu olhei Abri em seu vestido preto elegante e encontrei seu olhar.

—Muito bonita, Abri. — Eu disse a ela com sinceridade. Ela simplesmente assentiu.

Ninguém, a partir do que eu poderia dizer, sabia o que tinha acontecido entre Ian e eu naquele quarto. Ninguém, com exceção de Abri. Ela me estudou de perto, em seguida, seu filho, e de volta para mim. Seus olhos se estreitaram em nós dois.

Henrik abriu a porta do passageiro de um Audi prata para Abri e ela entrou, o olhar ainda estampado em Ian e eu. Simon entrou na traseira do sedan e Henrik caminhou até o lado do motorista. Eu assisti todos eles antes da mão de Ian encontrar a parte inferior das minhas costas.

—Eu estou aqui. — Ele sussurrou em meu ouvido, provocando arrepios na espinha apesar do que havia acontecido.

Ele me levou a um Mercedes preto G-Class.

—Este é o seu? — Eu perguntei a ele.

—Não realmente. É apenas o carro que eu usava quando morava aqui. Meus pais o compraram.

—Eu vejo.

Ele abriu a porta para mim e eu deslizei dentro, cheguei até o meu cinto, mas ele chegou antes de mim, envolvendo-me com ele e afivelando, ele beijou meu pescoço inesperadamente, desconcertando-me, e fechou a porta.

—O que foi isso? — Eu perguntei a ele quando ele entrou em seu lado.

—O que foi o que? — Perguntou ele, afivelando-se dentro.

—O cinto? O beijo?

—Eu precisava fazer isso, queria estar perto de você, eu acho.

Ele deu de ombros, como se isso explicasse e ligou o motor, apoiando a mão no meu encosto de cabeça enquanto ele saía da garagem.

Nós seguimos os seus pais a Aulbergine em silêncio. Ele nunca tirou sua mão fora do encosto de cabeça e o calor dela mantinha borboletas permanentes vibrando. Parecia agridoce, porque ao mesmo tempo, meu coração batia me machucado.

Só porque ele não disse que amava você não significa que ele não se importa, Sophie.

Eu estava sendo um pouco louca. Eu sabia. É apenas que, a coisa toda de amor era nova para mim. Eu nunca antes amei alguém como amava Ian.

Se dê folga então, mas siga em frente. Tenha os seus sentimentos, mas não espere reciprocidade. Deixe que venha, se vier.

Eu deixei a amargura derreter meu peito e deslizar para os meus pés.

—Eu não poderia dizer isso. — Desabafou.

Minha cabeça virou em sua direção.

—Eu sei.

—Você não entende.— Disse ele.

—Eu sei. — Eu disse a ele, descansando a minha bochecha contra sua mão.

Ele me olhou rapidamente e tentei transmitir-lhe que não havia pressão. Ele voltou-se para a estrada.

—Não, você realmente, realmente não sabe. — Ele tomou uma respiração profunda. —A verdade é que eu sou tão profundamente apaixonado por você que eu não consigo ver direito. A verdade é que eu tenho medo de admitir para mim mesmo, quanto mais para você. A verdade é que eu estou apavorado.

—*Por quê?* Sou realmente tão assustadora?

Ele sorriu para mim.

—Chocante assim.

—Ian.

—Você não tem ideia do que você faz comigo. Eu senti coisas por você nestes últimos meses que não parecem saudáveis. Eu queria você tão desesperadamente que tinha medo de que não pudesse ser natural. Você consome meus pensamentos, Sophie. — Confessou, aparentemente esquecendo que eu

estava lá. Ele falou para o para-brisa, uma espécie de neblina flutuando sobre ele. —Você prendeu meus sentidos e eu não consigo ter o suficiente de você. Isso é o que me assusta. Estou tão profundamente em você que não há tanto para mim. Já não sou eu, você entende?

Ajustei-me, então, olhei para ele.

—Não, eu estou com medo de não entender Ian. Enfeite para mim. Finja que eu sou um de seus alunos e não compreendo a lição. Entre em grandes detalhes... Mínimos detalhes. — Eu flertei, meu coração batendo no meu peito em sua proclamação.

Ele lutou contra um sorriso.

—Eu não sei por que abri esta comporta. Estou cansado, é por isso, e você parece tão malditamente encantada agora. — Ele suspirou.

—Em Masego, a maneira como você rola as mangas até os antebraços, destacando a sua pele bonita com os punhos perfeitos que encontram essas mãos incríveis. Eu tenho imaginado essas mãos em mim tantas vezes. — continuou ele, chocando-me e ainda mais em seus próprios pensamentos.

—Isso pode ter sido a primeira coisa que tomei conhecimento. Possivelmente é a maneira como o seu jeans abraça suas coxas cada vez que você dá um único passo, embora. Tudo o que eu posso pensar quando você está perto de mim são nessas pernas malditas, como elas se sentiriam em minhas mãos, como elas se sentiriam em volta da minha cintura. — Ele bateu um leve punho contra o volante e eu me sentei um pouco. —Elas estão me distraindo. Ou talvez seja quando o seu cabelo está solto e selvagem e para baixo de suas costas. Eu daria qualquer coisa para vê-lo através de seus ombros nus — engoliu — ou enrolado em meus punhos — declarou ele. Ele balançou sua cabeça para trás lentamente, com os olhos ainda treinados na estrada à frente.

—São, na verdade, todas essas coisas — Disse ele, de repente, — mas a maioria eu acho que é o seu rosto.

Eu me contorci tranquilamente no meu lugar, orando a Deus que eu não quebrasse seu transe aparentemente inconsciente. Minha pulsação batia de forma irregular na confissão. Senti minha garganta seca, meu estômago caindo e era tudo o que eu nunca tinha experimentado antes, mas sabia que era exatamente como isso que deveria sempre sentir. Minhas mãos agarraram o couro sob meus dedos para não me atirar para ele, envolvendo-me ao redor de seus ombros.

—Sophie Price, você é a garota mais bonita que eu já conheci. —Afirmou antes de virar em minha direção e me olhando cansado nos olhos. —Você é tão malditamente bonita aqui, — Disse ele, tocando meu peito, — que o que está aqui, — Ele falou, correndo o lado de sua mão no meu rosto, — é ampliado dez vezes e é um espetáculo para ser visto.

Minha boca se abriu. Eu estava em uma perda completa de palavras, todo o pensamento racional saiu, então eu fiz a única coisa que eu poderia pensar em fazer. Saltei até o assento e puxei a gola de sua

camisa para mim. No segundo seguinte, eu senti o SUV encostar e diminuir até parar, antes de ser arrastada para o colo de Ian ele estava explorando-me com a boca como ninguém jamais fez.

Suas mãos encontraram meu pescoço e as minhas enfiaram através de seu cabelo.

—Soph. — Ele sussurrou contra meus lábios.

—Sim? — Eu perguntei, com um sorriso puxando os cantos da minha boca.

Nós nos beijamos por Deus sabe quanto tempo antes de responder.

—Diga isso. — Pediu ele, arrancando o meu apelo direto anterior fora do ar.

—Eu amo você. — Eu disse a ele.

—Mais uma vez. — Disse ele, movendo-se ao meu pescoço.

—Eu amo você, Ian.

—Mais uma vez. — Ele pediu, puxando meu rosto para longe dele.

Eu olhei para ele, sem fôlego e disse:

—Eu estou apaixonada por você, Ian Aberdeen.

Ele atacou meus lábios com uma ferocidade sem precedentes, engoliu a minha respiração e provei a minha língua com a sua. Enrolei a dobra do meu braço em torno de seu pescoço para trazê-lo mais perto, furiosamente derretendo minha boca com a sua e sem saber onde eu começava e ele começava.

—Misericórdia. — Eu disse, quebrando o contato brevemente antes de juntar meus lábios nos dele mais uma vez.

De repente, seu celular começou a tocar e nós dois gememos.

—Seus pais. — Eu falei em sua boca.

—Cara, você sabe como estimular um cara ou o que?

Eu ri contra seus lábios inchados.

—Cale-se. São eles, tem que ser.

—Eu não me importo. — Ele disse, sua mão procurando o suporte para copos ao lado dele para o telefone. —A menos que seja Simon.

Nós dois nos viramos para ver que era, de fato, Simon.

—Olá? — Respondeu ele, sorrindo para mim. —Sim, nós paramos. Nós estaremos lá em breve.

Ele pressionou „End“ e eu afundei de volta para o meu lugar.

—Isso continua — Ele disse, beijando minha têmpora.

Senti que Aubergine era como uma continuação da casa de Abri Aberdeen. Ele gritava elegância e

contemporaneidade e não havia um momento em que não fizesse você dolorosamente consciente de si mesmo, de onde você colocava suas mãos, onde você olhava, o que você dizia e até mesmo como você se sentia. Se Aubergine era uma pessoa, seria Abri Aberdeen.

—Bem-vindo ao Aubergine. Nome? — Uma mulher jovem claramente desinteressada pediu-nos. Quando ela olhou para cima, porém, sua canção mudou um pouco. Ela sorriu para Ian.

—Estamos aqui com outro grupo. — Ian disse a ela. —Aberdeen?

Seus olhos ficaram redondos como pires.

—É claro que sim, perdoem-me por não reconhecer você. Este é o caminho. — Disse ela, correndo na frente de nós. —Mais uma vez. —Disse ela por cima do ombro, — perdoe-me. Eu sinto muito.

—Não é grande coisa. — Ian disse, encolhendo os ombros.

A jovem levou-nos até um lance de escadas que partia da sala de jantar principal para o mezanino. A família de Ian era a única sentada lá. A vantagem de ser a perfeita executiva, eu suponha.

Uma surpresa inesperada nos aguardava quando finalmente encontramos a mesa. Em vez dos três Aberdeens, um quarto cliente havia se juntado ao jantar. Uma jovem menina, requintadamente bonita com o cabelo caramelo e olhos azuis brilhantes. Ela parecia atordoada e com os olhos arregalados. Eu já tinha decidido a gostar dela.

—Se eu tivesse que adivinhar — Eu sussurrei direção de Ian, — Eu acredito que isso pode ser o tema da discussão de Simon.

Ele acenou com a cabeça.

—Aperta o cinto, Sophie Price. Eu acredito que as coisas estão prestes a ficar redondamente imprevisíveis aqui. — Ele disse, seu sotaque mais grosso do que eu ouvi em um tempo.

Simon e Henrik ficaram em pé quando nos aproximamos da mesa. Ian segurou minha cadeira para mim e eu me sentei. Os rapazes seguiram o exemplo. Todos nós sentamos em silêncio e desajeitadamente, esperando que alguma coisa, qualquer coisa, acontecesse. Pelo contrário, todos nós encaramos Abri na borda.

—Você está sendo rude, Simon. — Abri finalmente falou. — Introduza a sua amiga à Ian e Srta. Price.

Uh-oh. Não parece bom.

Simon suspirou audivelmente e apertou suas pálpebras fechadas por um momento antes de se inclinar em sua posição para nós.

—Ian, Sophie, esta é Imogen. Imogen, este é Ian e Srta. Sophie Price.

—Um prazer. — Sorri e ofereci minha mão.

Os ombros tensos de Imogen relaxaram uma quantidade infinitesimal e ela pegou a minha mão estendida, sacudindo-a.

— Prazer em conhecê-la também.

Simon apresentou a sua própria mão e fez o mesmo.

Formalidades acabadas, todos nós olhamos Abri, mas ela não deu nenhuma indicação de que estava tudo bem para falar. Eu me surpreendi. Eu não podia acreditar que estava me curvando para essa mulher ridícula e sua intimidação ultrajante. Eu decidi ignorá-la. Ela já sentia desprezo insano por mim, que mais danos eu poderia fazer?

Virei em direção a Imogen.

—Você é inglesa. — Eu disse com um sorriso. —De que parte você vêm?

—Manchester. — Disse ela, sorrindo, seus ombros relaxaram mais um centímetro. —Alguma vez você já esteve lá?

—Eu estive. — disse a ela. —É adorável.

—Você é gentil. — Ela riu.

—Eu realmente me hospedei em Chester. — Eu corriji.

—Oh, sim, é muito charmoso lá.

—Concordo. — Eu disse, tomando um gole da minha água.

Aproveitei a oportunidade para estudar a mesa e notei uma Abri quase muito perto olhando em nossa direção. Eu sorri suavemente, como se não tivesse conhecimento de que ela estava secretamente fervendo por dentro antes de voltar minhas maneiras a Imogen.

—O que a traz para a Cidade do Cabo? — Eu perguntei a ela.

—Simon.— Ela disse, rindo. —Nós frequentamos a escola de pós-graduação em Oxford juntos.

—Sério? — Eu perguntei, inclinando-me mais em sua direção, seus ombros relaxaram mais um centímetro. —Como vocês se conheceram?

—Em nossa classe de Análise Estocástica⁽⁸⁾. — Disse ela antes de olhar para Simon.

—Goddard! — Disseram em uníssono antes de romperem em gargalhadas.

Isto morreu rapidamente quando Abri limpou a garganta antes de tomar um gole de sua própria água.

—Fascinante. — Eu disse, virando-me para Ian. —Você nunca me disse que Simon foi para Oxford.

—Simon foi para Oxford, Sophie.

Revirei os olhos. O quadro parecia estar ficando mais confortável a cada momento. Os ombros de Imogen estavam quase completamente à vontade e Ian colocou o braço na parte de trás da minha cadeira.

Henrik e os quatro de nós continuamos com a nossa conversa até que o garçom levou os drinque pedidos.

—Nós vamos ter quatro copos de seu melhor tinto. — Abri ordenou.

—Ah, é só trazer a garrafa. — Disse Henrik.

A mão de Abri repousava sobre seu marido.

—Henrik. — Ela disse, jogando seus olhos em minha direção.

Imogen olhou para mim, mas eu revirei os olhos e balancei a cabeça. Ela assentiu com a cabeça em compreensão.

Henrik estreitou seu olhar para a esposa depois de volta para o garçom.

—Traga a garrafa. — Disse ele, entregando-lhe a carta de vinhos.

Quando o garçom se afastava, Abri sentou-se na cadeira.

—Por que você não acaba logo com isso, Simon?

A mesa inteira ficou em silêncio.

Simon limpou a garganta e pegou a mão de Imogen debaixo da mesa.

—Tudo bem. Mãe? Pai? Imogen e eu vamos nos casar.

Eu sabia! Esta notícia fez-me tonta por dentro. Eu escapei de minha própria decapitação quando Ian ficou com uma mão no meu ombro, impedindo-me de gritar os parabéns equilibrados na ponta da minha língua.

Abri silenciosamente levantou o guardanapo do colo e o colocou em seu prato. Eu adivinhei corretamente que era um mau sinal.

—E você pensou que me trazer aqui seria o local ideal para tal anúncio?

Simon afundou em sua cadeira, passando a mão sobre o rosto.

—Este não é o fim do mundo, mãe. A maioria das pessoas se alegram quando suas crianças anunciam o seu noivado.

Abri se inclinou mais perto para ele, equilibrando-se sobre a mesa.

—Nós não somos a maioria das pessoas. — Ela trincou os dentes.

—Adorável impressão que você está dando à nossa Sophie.

Eu sutilmente balancei a cabeça para ele. Um silencioso *Não me traga para isso!*

—Talvez eu devesse ir — Eu disse, quando o olhar arrepiante de Abri afundou através de mim.

Fiz uma tentativa de me levantar, mas ela me trancou no lugar com um único olhar.

—Não, isso teria explodido em todos os jornais amanhã, se você deixasse nossa mesa antes de

sequer chegar o nosso vinho.

—O que? — Eu perguntei.

—Você parece estar sob uma impressão equivocada. Olhe ao seu redor, Srta. Price. Existem dois paparazzi esperando pelo valet, bem como um jornalista do Cabo Times na sala de jantar principal.

—Eu vejo. — Eu disse, não balançando o bote¹⁹. Eu sentei na minha cadeira, colocando o guardanapo no colo mais uma vez.

—Sim, isso, mesmo que eu deteste ter você a par da discussão da minha família, que, devo acrescentar, pode ser extremamente prejudicial, ser divulgada. — Ela perfurando-me com outro olhar depreciativo — Você fica.

—Ficar. Entendi. — Eu disse, afundando-me em minha cadeira.

Abri enfrentou Simon mais uma vez.

—Por que agora? — Ela perguntou, estreitando os olhos. — Você está quase se formando. Por que agora? — Repetiu.

—Porque eu a amo e não quero esperar. — Firmou como um fato.

Eu mal mordi meu "aww" de volta.

—Algo está errado. — Ela disse, batendo as unhas no tronco de seu copo de água, o único sinal de que não estava completamente sob controle de suas emoções.

Imogen remexeu-se na cadeira, olhando para seu colo, evitando contato com os olhos.

Uh-oh.

A mandíbula de Simon se apertou.

— Eu sei o que você está querendo dizer.

—E? — Abri perguntou, considerando uma Imogen obviamente nervosa.

—Não é que uma coisa tenha a ver com a outra, mas, sim, Imogen está esperando. — Simon disse, soltando a bomba como se ele estivesse anunciando que choveria na terça-feira. — A única influência que isso teve sobre a minha decisão foi *quando* iria me casar, não *se*.

Yowza. E aww.

Desta vez, mesmo Henrik perdeu sua sempre presente "Está tudo bem" expressão facial.

—Não novamente. — Abri disse, caindo na parte de trás de sua cadeira.

Eu me virei para Ian e seu rosto estava desprovido de cor. Eu coloquei minha mão dentro da sua, lembrando-lhe que eu estava lá. Ele apertou meus dedos.

—Ela está de apenas seis semanas, agora, Mãe. — Simon continuou. — Nós podemos casar em um

local secreto e em breve. Nós estávamos pensando em algum lugar tropical, dar a impressão de que estamos planejando um casamento secreto por meses. Ninguém vai pensar de maneira diferente desde que Imogen tem estado fixa em minha vida há mais de dois anos. Na verdade, eles estão esperando por isso. E em um par de meses, anunciamos sua gravidez.

—Bem, você já pensou em tudo isso, não é, filho? É tudo bonito e arrumado, não é? Só que você se esqueceu de uma coisa.

—O que?

—Reeleições são este mês e precisaria ser imediata. Ninguém iria acreditar que estávamos planejando um casamento tão perto do fim da minha campanha.

—Jesus, mãe. Você sabe o que? Você está certa. Vamos aguardar. Sim, vamos esperar e anunciar quando Imogen estiver mostrando e então você realmente terá um escândalo em suas mãos. Ouça, nós só estamos fazendo isso por você, porque não queremos comprometer sua carreira. Se fosse por nós, esperaríamos até a escola terminar e que o bebê nascesse, em seguida, nos casaríamos em Londres na igreja em que Imogen cresceu.

—Você espera que eu seja grata? — Abri gritou um sussurro, surpreendendo Imogen. —Deus, isso é Ian tudo de novo.

—Abri. — Henrik disse —Suficiente.

—Isso é. — Ela começou, mas Henrik silenciou com uma mão sobre a dela.

—Eu disse, o suficiente, Abri.

Abri olhou adequadamente decepcionada e isso me fez ter um pouco mais de respeito por Henrik. Isto não era tarefa simples ou fácil, eu primeiro pensei. A mesa ficou em silêncio mais uma vez quando o garçom trouxe nossas bebidas e tomou pedidos de nossos pratos.

As refeições haviam chegado e ainda nem uma palavra tinha sido falada. Surpreendentemente, nenhum de nós estava com fome e todos nós empurramos a nossa comida em torno de nossos pratos.

Eu limpei minha garganta, incitando a ira potencial de Abri, mas não me importei.

—A empresa do meu pai é dona de uma ilha.— Eu anunciei para a mesa. —Posso oferecer à vocês a discrição.

Capítulo 22



Long Street na Cidade do Cabo era mais agitada do que o French Quarter^[10] no Mardi Gras^[11]. A rua parecia cheia de gente, um mar de cabeças cobrindo cada centímetro. A Cidade do Cabo me lembrou tanto da América, que era assustador. A única diferença real eram os sotaques e, ocasionalmente, alguém falando uma gíria que era tipicamente Africana, mas, além disso, se eu tivesse fotografado a cena de quando cheguei e posto ao lado de uma imagem Fat Tuesday estilo NOLA^[12], você não seria capaz de dizer a diferença. Até mesmo a arquitetura Long Street era uma reminiscência de Nova Orleans.

Eu fui inesperadamente atingida por uma onda de saudade no momento e me esgueirei mais perto de Ian enquanto serpenteávamos o nosso caminho através da multidão. Eu não sei como poderia sentir falta de um lugar que totalmente definiu uma vida horrível, mas sentia. Fiquei impressionada com a necessidade de dormir na minha cama, entre meus travesseiros de plumas e lençóis Frette. Para ter Margarite me trazendo o meu café da manhã na cama. Para ter Katy, Peter e Gillian, para massagem, cabelos, unhas e maquiagem.

—Você sente falta de Mandisa? — Ian me perguntou, interrompendo meus pensamentos.

—O que? — Eu perguntei, vergonha aquecendo meu peito.

—Você parecia triste por um minuto. Você sente falta dela?

Eu pensei de volta no bebê em Masego e senti um desejo esmagador para segurá-la. Conforto, casa, rapidamente se infiltraram na minha consciência e minha mente fez um caminho mais curto em direção à Mandisa.

—Eu sinto falta dela como louca. Ela é o meu sol em miniatura.

Ian passou o braço em volta do meu ombro e beijou meu pescoço.

—Fique dentro destes braços a noite toda?

—Você não poderia me arrancar.

—A rua pode ficar um pouco selvagem embora. Segure firme.

—Isso realmente não será um problema. — Eu brinquei.

Ian conduziu-me como um guarda-costas na rua, até que chegamos na entrada de um edifício rotulado com um sinal vertical que se lia *Goes the Boom*.

—Este é o lugar onde meus velhos amigos e eu gostávamos de ir nas noites de sábado. Era puro, diversão não adulterada para mim. Eu gostava de dançar.

Eu arqueei um sorriso provocante em sua direção e passei minhas duas mãos em torno da volta de seu pescoço.

—Eu tenho um sentimento que terei muitas surpresas hoje à noite.

Ian torceu as mãos através do cabelo no topo da minha cabeça e ficou lá.

—Prepare-se, Price, porque eu estou a ponto de abalar o seu mundo.

Tarde demais.

Goes the Boom não era o seu clube de dança típica. Por dentro, era uma história, duas belas paredes vitorianas com interiores renovados reciclado de madeira escura e paredes de tijolo, mas contemporâneos pisos de concreto. E o baixista estava tocando positivamente, algo que você nunca esperaria do ambiente com baixa iluminação que exalava sofisticação, mas era convidativo. Eu encontrei-me atraída como um ímã para a pista de dança, mas Ian me arrastou para o bar em vez.

—O que você vai querer? — Questionou.

Eu procurei o bar e vi o que eu queria. Uma garrafa de Glenlivet, malte, envelhecida 21 anos.

—Whisky, puro. — Eu disse a ele, — Aquela garrafa.

—O mesmo. — Ian disse ao barman. —Porra, Sophie. — Disse ele, virando-se para mim, — Eu não tinha ideia de que você bebia como um homem 50 anos de idade.

Eu ri alto.

—Você tem 16 — Eu disse a ele, pintando o quadro, — seus pais trancaram seu armário de bebidas, a cozinha é ocupada por pessoas em todos os momentos, a única bebida disponível que você pode encontrar está escondido em uma gaveta na mesa do seu pai e é um uísque de malte puro. Que gosto você acha que você poderia desenvolver?

—Coca-cola?

Eu ri novamente.

—Não, se o seu nome for Sophie Price.

—Eu vejo. — Disse ele quando o bartender entregou as nossas bebidas.

Nós dois pegamos nossa bebida, tomamos um gole pequeno, então bebemos todo o conteúdo, batendo os copos vazios, uma abordagem não convencional para o fim do uísque. Ficamos ali, em silêncio, desafiando um ao outro para tossir. Meus olhos começaram a lacrimejar. Eventualmente, eu tive que limpar a garganta, *tive que limpar*, isso queimou tão mal. Ian apenas friamente me encarou, aparentemente não afetado. Eu balancei a cabeça para ele.

—Você é um Hoss^[13]. — Eu finalmente cedi.

—Obrigado. — Ele disse, com a voz levemente rouca do uísque.

Minha mão pegou meu copo e eu virei de cabeça para baixo, girando o fundo côncavo com meus dedos. Ele ficou mais perto de mim, The Fear começou a derramar nos alto-falantes e ficamos em silêncio, examinando o outro, até que o baixo tocou uma nota sutil e ressoando através de nossos corações.

Sua mão encontrou a minha, parando o vidro. O calor de seus dedos enviou arrepios em meu braço.

—Outro. — Ele sussurrou em meu ouvido.

—Não, obrigada. — Eu respondi baixinho.

Ian me olhou, passando a mão no meu rosto, continuou no meu pescoço para o meu ombro e meu lado até que repousou sobre o osso do meu quadril.

—Vem comigo, então. —Ele disse, colocando-me ao seu lado e levando-me à pista de dança.

A música mudou para *Drivin' Me Wild* de Common.

Na beira da pista, ele apertou-me tão perto que eu podia contar cada plano rígido individual de seu corpo. Minha respiração ficou difícil, quase hiperventilando na proximidade. Ele agarrou meu pescoço com uma mão e colocou seu rosto perto do meu ouvido, balançando o meu corpo contra o dele. Levei vantagem da proximidade e respirei fundo, inalando seu cheiro incrível de bosques e água e os meus olhos rolaram na parte de trás da minha cabeça. Eu pressionei minhas pálpebras fechadas, tentando desesperadamente ficar de pé.

Como se ele soubesse que eu estava lutando, a mão em volta da minha cintura me puxou mais perto.

—Soph. — Ele respirou no meu ouvido, mandando-me para a borda.

Chupeei uma respiração profunda quando a sua boca encontrou a minha. Ele tinha gosto de doce e de terra como o uísque. Eu gemi em seus dentes e ele me beijou ainda mais duro. Suas mãos deslizaram para a parte de trás do meu vestido e segurou o tecido lá. Isto enviou as borboletas esvoaçando em torno de meu estômago na ultrapassagem.

Meus braços se apertaram ao redor de seu pescoço e minha perna direita ao redor de sua panturrilha. Ele curvou-me um pouco como se pudesse trazer-nos mais perto e eu empurrei-me ainda mais contra ele.

O beijo foi chocante, frenético mesmo. Eu nunca tinha sido beijada com tal querer antes. Queríamos tanto. Nós precisávamos.

—Deus, Soph. — ele soprou em meu sorriso. —Você tem um gosto incrível.

Eu coloquei meus dedos em seu cabelo e levei a cabeça para cima. Eu precisava olhar em seus olhos.

—Quando partirmos amanhã à noite — Disse a ele, de repente com medo, — não muda nada?

Ele sorriu para mim verdadeiramente.

—Nada.

A música mudou novamente para algo com uma rápida batida, enquanto cantávamos a letra e praticamente perdemos nossa respiração dançando eu percebi que Ian Aberdeen era o mais divertido com quem já estive ou estaria.

Nós não saímos até perto das três da manhã. Eu tinha tirado os sapatos por esse tempo e Ian levou-os para mim, as fitas de tornozelo enrolado sobre um de seus ombros largos e eu nas suas costas. Cantamos a música que estava sendo bombeada para as ruas e ri todo o caminho para seu carro apesar do fato de que a única coisa que tinha bebido a noite toda foi o único copo de uísque, queimado horas antes.

—Oh, merda! — Eu disse, lembrando a mim mesma. —Eu preciso do seu telefone —Disse a ele, quando ele me colocou perto de seu carro.

Ele o tirou do bolso de trás da calça jeans e me entregou.

—Posso ligar para fora do país? — Eu perguntei, quando ele abriu a porta para mim.

—Sim, eu tenho um plano internacional, por razões óbvias.

—Legal. — Eu disse, sentada quando deslizei o botão de desbloqueio. —Huh.

—O que é isso?

—Há 15 chamadas não atendidas no meu telefone via satélite.

—Sério?

—Eu não estou brincando. Deve ser Karina. Devemos chamá-los de volta?

—Sim, provavelmente é nenhum grande negócio, embora. Vá em frente e ligue para Pembroke primeiro. Tire isso do caminho para que Simon não me bombardeie incessantemente amanhã.

—Você realmente ama o seu irmão, não é?

Ele acenou com a cabeça a sério.

—Como-como um irmão.

—Você acha que é engraçado.

—Eu faço. Para os dois.

—É doce. — Eu disse enquanto discava à Pemmy. Eu fiz as contas rapidamente na minha cabeça e quase limpei o suor da minha testa quando eu percebi que era uma hora decente em L.A.

—Olá? — Pembroke respondeu.

—Pemmy! — Eu gritava.

—Sophie? — Questionou.

Eu limpei minha garganta, minha pele ruborizou com a minha explosão incomum.

—Desculpe, uh, eu tenho um favor a pedir-lhe.

—Onde você está? Você está bem? — Ele interrompeu.

—Eu estou bem. Na verdade, eu estou na Cidade do Cabo. — Eu respondi.

—O quê! Sophie, você está sob as ordens do tribunal para não deixar Uganda!

—Não é um grande negócio, Pemmy. Karina e Charlie aprovaram. É só por dois dias. Eu vou voltar para Masego amanhã à noite.

Ele estava respirando profundamente, na outra extremidade, obviamente, tentando manter-se sob controle.

—Se a corte sentir uma brisa disso, você está acabada, garota.

Meu estômago caiu um pouco em sua declaração, mas eu insisti para ele que tudo ficaria bem.

—E qual foi o seu propósito em ligar?

—Oh! Certo! Eu preciso que emprestem a ilha do pai em Belize para a família de Ian. Você pode deixar-me saber que data está disponível?

Ouvi papéis baralhar no fundo.

—Estou muito ocupado, Soph. Você está pensando em escapar através de Cidade do Cabo?

Eu imediatamente me senti ofendida, mas sabia que Pembroke só estava olhando para mim.

—Não, eu lhe garanto. É tudo muito inocente. É possível ou não?

—Sim, está tudo bem. A ilha está totalmente aberta este mês inteiro. Sinta-se livre para oferecê-la. Apenas deixe-me saber a data e eu vou organizar o pessoal.

—Obrigada, Pemmy. Eu aprecio isso. — O silêncio desceu sobre a linha e eu estava com medo de que eu o perdi. — Pembroke? Você está aí? Acho que perdi ele. — Eu disse ao questionar do rosto de Ian.

—Não, não, eu estou aqui. Eu estou aqui. Você apenas nunca me disse isso antes.

—O que? — Eu perguntei, confusa.

—Que você me aprecia.

—Bem, isso é uma vergonha. — Disse-lhe sinceramente, — Porque eu faço. Eu sempre faço. Sinto muito.

—Está tudo bem, Sophie. Obrigado. — Ele disse, mas eu poderia dizer que seu coração estava o mais leve.

—Ok, eu vou te ligar quando descobrir uma data. Obrigada novamente, Pemy.

E com isso, nós desligamos.

—Simon e Imogen têm que escolher suas datas.

—Obrigado por isso. — Disse ele, beijando minha têmpora e ligou o motor.

Ian me deixou na porta da suíte de hóspedes com o beijo de um *cavalheiro*. Ok, talvez não o beijo de um cavalheiro, mas eu acabei por fechar a porta com ele, do outro lado. Isso conta!

Baixei o vestido e pulei no chuveiro, desesperada para tirar o cheiro de fumaça de fora da minha pele e do meu cabelo. Murmurando *Drivin 'Me Wild* sob a minha respiração, eu lavei o condicionador e desliguei a água. Minha mão disparou para o rack de toalha para pegar a minha toalha, mas não estava lá. Eu tateei o metal por ela, mas percebi que deve ter caído no chão.

Eu rolei a porta de trás alguns centímetros e enfiei a cabeça para fora para encontrá-la, mas fui recebida com uma mão a segurando em vez disso.

—Ah! Oh meu Deus! — Eu ofegava. —Abri, o que você está *fazendo* aqui?

Minha mão puxou a toalha, enrolando-me antes de sair do chuveiro.

—Eu estou aqui para uma conversa. —Ela disse.

—Isso não pode esperar? — Eu perguntei, apontando para o quarto.

—Não. — Ela disse, saindo da porta e sentando-se casualmente na minha cama.

Agradei a Deus que eu tive o bom senso de colocar para fora o meu pijama antes de tomar banho. Reuni-os e voltei para o banheiro para me vestir.

Quando eu voltei para fora, Abri ainda estava lá, provando que não era um pesadelo. Eu desajeitadamente descansei contra o armário de hóspedes, a toalha secando meu cabelo.

—Eu conversei com Pembroke, advogado do meu pai, e ele me avisou que sua família poderia ter qualquer dia deste mês no Ribbon Caye. — Eu pensei que isto ajudaria o silêncio desajeitado que havia entre nós, mas isso não aconteceu. —O jantar foi bom. — Eu acrescentei, tão desesperada ao ponto em que estava chegando.

—Quando você parte de volta para a América? — Ela perguntou, me impressionando.

—Desculpe-me? — Eu perguntei, confusa.

—Quando você volta? Para a *América*? Quando é a sua sentença de novo?

Fui levada de surpresa.

—Hum, trinta de janeiro, um mês depois do Natal. Parto antes de fevereiro.

—Outras seis semanas então. — Disse ela, estudando seus pés brevemente antes de fazer contato visual novamente.

—Sim. — Eu disse, tirando a palavra.

Sem outra palavra, ela saiu do quarto, fechando a porta atrás dela.

—O que foi isso? — Eu perguntei a ninguém.

Fiquei lá, esperando, por algo, mas Abri nunca mais voltou.

Eu estabeleci-me em minhas cobertas e coloquei minha cabeça para baixo antes de me levantar e fechar a porta.

Acordei com Ian gritando em africâner.

—Tudo bem! Miskien sal ek kom nie terug Ooit weer hier! — *Tudo bem! Talvez eu não volte aqui nunca mais!*

—Se nie dat, — Henrik implorou. *Não diga isso.*

—Ek é jammer, pa, maar sy é buite onredelik! — *Sinto muito, papai, mas ela está além de irracional!*

Passos barulhentos ressoaram nervosos.

—Simon? — Ian disse. Não houve resposta. Seu telefone celular. — Você pode vir pegar Sophie e eu em meia hora? Sim. Obrigado, mano.

Os passos avançaram mais perto da minha porta. Eu joguei as minhas cobertas e corri para abri-la.

Do outro lado, Ian estava no meio da batida e sem fôlego de frustração.

—Você está bem? — Eu perguntei.

—Você pode estar pronta para sair em meia hora?

—É claro. — Eu disse.

Ele entrou no quarto e sentou-se na borda da cama, no mesmo lugar que sua mãe esteve naquela manhã. Eu decidi que essas informações só dariam a ele mais raiva e gostaria de mantê-lo para mim. Eu sabia que Abri o tinha irritado, não sabia o porquê.

Abri o guarda-roupa e removi minha mochila, fixando-a sobre a cama. Separei o que eu queria usar na viagem de avião naquela noite e coloquei o restante no interior. Eu embalei em menos de cinco minutos.

Ian colocou sobre a cama ao lado da minha bolsa, não disse uma palavra e enterrou a cabeça no meu travesseiro.

Eu escovei os dentes, me vesti e coloquei minha maquiagem antes de trançar meu cabelo em um rabo de peixe bagunçado, colocando-o em meu ombro. Eu saí, coloquei o que faltava de volta na mala e a fechei.

—Este travesseiro cheira como você. — Disse Ian distraidamente.

Ele virou, colocando uma mão atrás da cabeça, esticando a camisa contra os músculos em seu bíceps.

—Você está bem? — Eu perguntei a ele novamente.

—Eu vou estar. — Disse ele quando eu rastejei ao seu lado, coloquei minha cabeça em seu ombro. Ele trouxe o braço em volta e me abraçou. —Eu liguei para Charles de volta esta manhã. — Ele continuou.

—Ah, sim. — Eu perguntei. —O que ele precisa?

—Eles confirmaram a presença de soldados da resistência na piscina natural e desta vez parece um pouco mais perigoso.

Meu coração trovejou no meu peito.

—O que você quer dizer?

—Eles encontraram várias balas deixadas perto de suas pegadas.

—O que vamos fazer?

—Chegar em casa.

Minha mão seguiu um rastro confuso da colcha e encontrou seus dedos. Eles avançaram o seu caminho até a minha palma da mão, até que chegou no meu antebraço e segurou lá, o polegar esfregando a pele lá para trás e para frente, para trás e para frente.

—Estou dividido entre a vontade de deixar você aqui com Simon e levá-la comigo para que eu possa protegê-la.

Eu balancei a cabeça para ele.

—Se você pensa por um segundo que eu vou abandoná-lo ou Masego agora, quando eles precisam de toda a ajuda possível, você está fora de sua mente. — Disse a ele.

Ele relaxou para uma posição sentada, seu aperto ainda no meu antebraço e inclinou-se na minha cara. Ele me beijou suavemente.

—Eu devo ser a pessoa mais egoísta neste planeta, porque não vou brigar com você sobre isso. Eu quero você perto de mim. Sempre. — Ele me beijou mais uma vez, desta vez muito mais difícil, antes de puxar distância.

Tock. Tock.

Eu desci para fora da cama e atendi. Era Simon.

—Pronto quando você estiver, princesa. — Ele brincou, puxando uma vez na minha trança. Ele acenou para seu irmão antes de sair.

Ian levantou-se e agarrou a minha bolsa para mim. Eu deveria almoçar com seus pais, estava fora de questão.

Quando chegamos a porta da frente, percebemos que ambos os pais de Ian estavam de pé no fundo da passagem, conversando com Simon. Pareciam numa discussão profunda, mas aliviou-se quando nos aproximamos.

—Foi um prazer conhecê-la. —Henrik disse para mim, me abraçando e beijando minha bochecha. —Eu espero que não seja a última.

—Espero que não também. — Disse a ele, sorrindo. Eu beijei o rosto de volta e me virei para Abri.

—Obrigado por me receber Abri.

Ela acenou meu comentário fora como se fosse um mosquito circulando a cabeça e evitou o contato visual. Eu estava disposta a apostar que é com o que ela me equiparava. Eu não iria estourar minha bunda para provar nada para ela. Eu tinha acabado de deixar o tempo fazer isso.

Ian colocou as malas na parte de trás do pequeno carro esporte de Simon. Permaneci por eles, quando Ian voltou a dizer adeus a seus pais. Ele tinha abraçado seu pai, mas não sua mãe. Ele abriu a porta do passageiro e tentou entrar no banco traseiro pequeno, mas eu parei e empurrei meu caminho.

—Não vá colocar seu rabo alto lá. Eu faço isso. — Eu lhe disse, mas balançou-me para trás de brincadeira e fui posta de lado...

—Não vá colocar o seu rabo ossudo lá. Eu faço isso. — Brincou ele, apertando seu corpo incrivelmente grande no menor banco de trás do menor que eu já tinha visto.

—Você é louco. — Eu disparei, estabelecendo-me ao lado de Simon.

Fomos almoçar com Simon antes de nosso voo e Imogen nos encontrou lá. Ela era incrivelmente adorável e trocamos e-mails antes de nos dizermos adeus. Nós também solidificamos que eles queriam Ribbon Caye em vinte e seis de janeiro para que pudessem ter mais tempo para se preparar e dar aos seus convidados pelo menos um mês para fazer arranjos. Eu tinha ligado para Pemmy, mesmo não estando em uma hora tão decente, oops, e ele confirmou que eles poderiam ter uma semana inteira lá e que meu pai, surpreendentemente, não se importava, provavelmente por causa de quem os pais de Simon eram.

Capítulo 23



Masego estava como tínhamos deixado, ainda completamente diferente para mim, naquele momento. Suas portas representavam algo que eu não conseguia colocar em palavras...

—É bom estar em casa. — Ian disse a Charles, suspirando.

... E como uma lâmpada, Ian tinha acendido um interruptor.

Masego era como uma casa para mim. Todo mundo que eu tinha aprendido a amar tão ternamente residia lá. Ian, Mandisa, Karina, Charles, Kate, Mercy, as crianças, e o resto do pessoal. De repente eu sabia que faria qualquer coisa para protegê-los, qualquer coisa para mantê-los seguros.

Quando Pembroke chegasse com a equipe de construção, eu sabia que eu iria levá-lo a organizar tudo para a proteção, algum tipo de segurança. Isso era, imediatamente, minha prioridade número um.

Quando os portões se abriram, eles revelaram uma Karina sorrindo e a árvore Baobá, forte como sempre. Lembrei-me de uma vez que Karina explicou, desde que a árvore estivesse em Masego, ela sempre estaria e isso me fez aquecer por dentro.

Nós chegamos tarde demais para as crianças nos cumprimentarem, mas Kate e Mercy tinham ficado com Karina para nos ver chegar em casa. Uma vez que tinha estacionado, eu pulei do jipe e abordei Karina no maior abraço.

Ela riu em voz alta.

—Pare, você, garota boba. — Ela disse, mas me abraçou com força.

—Eu senti sua falta, K. — Eu disse, batendo no seu rosto com um beijo.

—Eu senti sua falta, também, Sophie.

Ela me puxou de seu abraço e me inspecionou mais.

—O que? — Eu perguntei, sem fôlego de tanto rir.

—Você parece... Eu não tenho certeza. — Disse ela, inclinando a cabeça para o lado. —Você está em êxtase, feliz.

—Então, e se eu estiver? — Eu a provocava, batendo meu quadril com o dela.

Seus olhos explodiram brilhantes, refletindo as estrelas acima.

—É um olhar muito bom para você, meu amor.

Ela me agarrou pela cintura e fizemos o nosso caminho em direção a Ian, Charles, Kate e Mercy para que ela pudesse dizer oi a Ian também. Ele a agarrou e girou em torno dela e ela gritou.

—O que no mundo deu em vocês? — Ela perguntou, confusa.

—Nada. — Respondemos ambos simultaneamente.

—Se você acha que isso é ruim — Charles disse — devia ter visto como eles agiram quando me viram.

Minhas bochechas ficaram vermelhas e eu nunca fui mais grata ao céu e à noite.

—Vamos para a cozinha. — Disse Karina, sorrindo e acenando em sua direção. —Eu fiz um pão para o regresso a casa.

—Que tipo? — Ian perguntou, envolvendo seu braço grande em torno de seus ombros minúsculos, pequenos.

—Banana, claro. Que outros frutos vamos encontrar por aqui? — Ela riu.

Entramos na pequena cozinha juntos e acampamos com pratos, copos, etc., para a nossa festa em miniatura. Karina descobriu uma panela de boa espessura com pão de banana e minha boca começou a salivar.

Sentamos e começamos a comer em silêncio.

Bem vindos ao lar, sim. Mas também havia uma discussão.

—O que vamos fazer? — Ian perguntou a Charles.

Charles ingeriu.

—Honestamente? — Seu rosto era desprovido de cor. —Eu não sei por onde começar. Eles nunca chegaram tão longe ao sul antes. Eles têm, sem dúvida, nos espionado por vários meses. Não há nenhum engano sobre isto, é uma bomba-relógio agora.

Kate começou a chorar, levantando-se e retirando-se para o seu quarto.

—Kate! — Karina chamou, de pé para ir atrás dela, mas Kate sacudiu a cabeça e Karina sentou-se.

—Nós precisamos agir, em seguida. — Ian disse, assumindo o comando e fazendo-me muito orgulhosa dele. —Nós temos que nos armar. Obter os moradores para nos ajudar em turnos.

A mesa ficou quieta.

—O que? — Perguntou ele, a tensão saindo dele em ondas.

—Nós já lhes perguntamos — Karina disse, seus olhos nunca deixando o seu pão.

—E eles *recusaram*? — Ian perguntou, incrédulo.

—Você não pode culpá-los. — Karina tentou explicar.

—O inferno que eu não posso! — Ian exclamou. —Nós faríamos isso por eles. Nós temos feito isso por eles!

—Eles têm famílias, Din. Eles não podem correr o risco.

O pescoço e as orelhas de Ian ficaram vermelhos de frustração.

—Então iremos. — disse ele.

—Onde? — Mercy perguntou.

—Em qualquer lugar. — Respondeu ele.

—Nós não temos onde colocar as crianças, Din. — Karina disse, parecendo irritada com o que sua voz transmitia.

—O que você sugere? — Ian perguntou, suas sobrancelhas franzidas.

—Que fiquemos bem onde estamos e mantenhamos os turnos. Charles parece pensar que podemos fazê-lo por conta própria.

—Charles — Ian disse, virando-se para ele, — Você sabe que é temerário. Não podemos correr o risco.

—Onde é que vamos? — Perguntou ele em troca.

—Em algum lugar. Em qualquer lugar, menos aqui.

—A linha da propriedade vai até ao sul? — Eu perguntei.

—Apenas o sul do Lago Nyaguo. — Charles respondeu: — Mas não tem importância, porque não temos forma de construir um acampamento, não há maneira de cuidar das crianças, uma vez que estivermos lá.

Eu respirei profundamente. *Aqui vamos nós.*

—Eu-eu preciso dizer a todos vocês algo. — Confessei.

—O que é? — Karina perguntou, colocando uma mecha solta de cabelo da minha trança atrás da minha orelha.

—Eu tinha planejado surpreender a todos na próxima semana, mas arranjei para um grupo nos Estados Unidos para virem aqui e construir uma casa nova, cozinha nova, instalar um novo gerador, fazer reparo e criar um espaço de concreto para as crianças para brincarem, bem como uma área de jogos. Era suposto ser para o Natal, mas eu posso ver que é uma bênção disfarçada. O que vocês diriam se construirmos a nova construção no lado sul de Nyaguo? Nyaguo estaria ao norte de nós e iria fornecer proteção, a gente só tem que se preocupar com o nosso Leste, Oeste, Sul e fronteiras.

A mesa ficou quieta, muito quieta, e eu me perguntava se tinha ultrapassado os meus limites. Meu

rosto ardia de vergonha e eu estava perto de explicar tudo, desculpando-me e oferecendo-me para cancelar, mas Karina foi a primeira a quebrar o silêncio em seu lugar.

—As nossas fronteiras. — Disse ela, com os olhos vidrados de lágrimas não derramadas. —As nossas fronteiras.

—As nossas fronteiras. — Ian disse, repetindo e sorrindo em minha direção.

—As nossas fronteiras. — Disse Charles, sua mão desembarcou na minha.

Realização ocorreu-me.

—Sim, nossas fronteiras.

—Muito obrigada, Sophie. — Karina disse, cobrindo minha mão descoberta com a sua própria. — Você deu esperança à nossa situação desesperadora.

—Você está me agradecendo? — Eu perguntei, espantada. —Não. — Eu disse a eles tudo, sufocando um soluço. —Eu preciso agradecer. Você me salvou. — Eu sorri para cada um deles em troca. —Era apenas a minha vez de retribuir o favor.

Ian me beijou na minha porta docemente naquela noite. Todos nós tínhamos um plano e havia esperança. No dia seguinte, todos nós decidimos que iríamos começar os preparativos para mover as crianças.

Eu tinha chamado Pembroke e disse-lhe o nosso novo plano e ele prometeu obter os grupos de homens mais cedo, com novos planos de criação de um complexo inteiramente novo.

Nós todos decidimos que quando o inesperado vinha, por vezes, novos arranjos poderiam se tornar muito mais extraordinários.

Capítulo 24



Mas, com o novo e extraordinário ainda tinha o inesperado...

Naquela manhã, todos nós acordamos de novo, com uma missão. Nós informamos às crianças de seu presente de Natal, um novo lugar para viver. Muitos se sentiram desconfortáveis sobre o movimento em potencial, mas apaziguado todos os medos, deixamos saber que seria mais seguro e que eles teriam um parque infantil, o que parecia animá-los o suficiente para levá-los animados.

Com isso, nós fomos embalar os quartos em preparação. Nosso plano era montar acampamentos temporários dentro do novo território.

Pembrook, de alguma forma, organizou CHU militares ou Unidades de contentores de Habitação para serem entregues dentro de três dias, o que nos permitiria abrigo e cuidar das crianças durante as semanas da construção nova. Eu não queria saber o quanto isso estava custando ao meu pai e esperava que ele não quisesse.

Até o momento do CHU chegar, estávamos preparados para o transporte. A maioria das coisas das crianças foi embalada e estavam prontas para ir também.

Não havia nenhum sinal adicional de que o LRA estava perto ou se aproximando. Estávamos confiantes e felizes.

Na noite antes de nós definirmos a transferência de todos e de tudo, Ian e eu estávamos fazendo nosso caminho para o CHU, 20 minutos a sul da então Masego atual. Nós só precisávamos fazer uma parada rápida um quilômetro fora dos portões para reunir um dos gados desaparecidos e consertar uma cerca quebrada.

—Ela é uma idiota teimosa. — Eu disse, empurrando a vaca para a cerca danificada.

Por fim, a velha vaca pulou e se mexeu tão rapidamente como uma novilha podia se mover em direção a seus companheiros sinuosos.

Ian e eu nos jogamos no chão ao lado da cerca e rimos, sem fôlego de tanto empurrar o bovino rabugento. As luzes de nosso jipe acesas atrás de nós, banhando-nos em um brilho etéreo. Ele se inclinou para mim, envolvendo sua mão ao redor da minha nuca e puxando-me para ele, beijando-me suavemente nos lábios.

—É Natal. — Ele me disse, olhando para mim e escovando o seu polegar sobre meu lábio inferior.

—É verdade. — eu concordei.

—Eu te amo. — Ele professou, correndo os dedos pelo meu cabelo antes de encontrar minha nuca mais uma vez.

Anteriormente ele havia desfeito as minhas tranças para mim e eu pensei que nunca tinha experimentado nada tão sexy como a forma que seus olhos dançavam quando caíam sobre meus ombros.

—Eu te amo. — Eu disse a ele, a minha mão foi descansar em seu antebraço, que estava no meu pescoço.

Seu rosto tornou-se sério e eu procurei os seus olhos, a testa franzida.

—Fique comigo. — Ele sussurrou, a mão que tinha sido apoiada no meu quadril mudou-se para o outro lado do meu pescoço.

Engoli em seco, forçando o olhar para baixo. Eu não tinha ideia de como responderia isso porque era um tema proibido, um pensamento proibido. Eu estava com medo.

—Eu não sei o que dizer. — Disse-lhe a verdade.

—Diga que você vai ficar. Desista de tudo, Soph. Você não tem nada realmente para voltar, você mesma disse para mim.

—Perdão? Eu tenho muito para voltar. — Eu disse, ofendida.

—Sim, mas nada disso significa.

Ele estava certo, é claro, mas eu não gostei de como ele descartou minha antiga vida tão facilmente. Sim, eu estava diferente desde Masego, mas ainda podia ter um futuro justo nos Estados Unidos. *Mas você pode deixar Ian? Realmente deixá-lo? E também Mandisa?*

Eu balancei os pensamentos da cabeça.

—Eu não tenho uma escolha. — Eu disse a ele.

—Você tem. Me escolha, Soph.

Mas com Ian vem a responsabilidade. Eu poderia escolher uma vida em Masego para mim? Para o resto da minha vida? Poderia me comprometer com ele?

Eu me encolhi.

—Estou voltando ao tribunal no fim da minha sentença, no entanto.

—Então eu vou com você e vamos voltar juntos. — Ele disse, abraçando-me o peito com força. — Provavelmente seria bom ter um representante de Masego lá, de qualquer maneira.

Eu o empurrei ligeiramente.

—Nós não temos que decidir agora. — Disse a ele.

Ele alargou o distanciamento que eu tinha criado.

—Por que está sendo tão difícil sobre isso?

—Eu não estou. — Eu disse. —É uma decisão muito pesada, Ian. Eu quero ser cuidadosa.

—O que há para decidir? — Ele perguntou, irritado. —Se a situação fosse inversa, eu não hesitaria!

—É claro que não! Você já vive aqui!

Suas mãos caíram para o lado dele e minha pele estava desprovida de seu calor. Eu perdi o seu toque quase que imediatamente. Eu só parei para pegar aquelas mãos e coloca-las de volta. Meu peito doía de nossa briga e eu não sabia como seguir com ele. Isso era uma coisa enorme. Eu só queria que ele entendesse que se era uma decisão tão grande, eu precisava de tempo para chegar a um acordo com ele.

—Eu vejo. — Disse ele, desanimado.

Ele se levantou e fez o seu caminho para a parte traseira do caminhão para pegar suas ferramentas. Eu me levantei e hesitei em chegar até ele, como meu estômago estava gritando para eu fazer. *Não perca ele!* Incomodava-me. Segui-o para trás para ajudar, mas ele já tinha conseguido o que era necessário e estava fazendo o seu caminho de volta para a cerca.

Eu estava ao lado dele segurando a estaca solta e a calma era uma coisa inebriante. Isso pesava sobre meus ombros como nada antes, uma tonelada de pressão não solicitada. Sempre que eu já tinha sido confrontada com uma decisão difícil, eu corria. Sempre. Corria o mais rápido que podia e nunca olhava de volta, constantemente me distraia de fazer qualquer tipo de decisão que alteraria a minha vida, de uma maneira ou de outra.

Mas Ian não merecia isso. Ele estava apaixonado por mim e ficou triste que pudesse me perder. Como eu poderia ficar brava com isso? Como eu poderia possivelmente dizer não? Masego me fez mais feliz do que nunca. Ian era o amor da minha vida, eu tinha certeza, apesar da minha pouca idade. Era ele.

—Ian, eu... — Eu tinha começado, mas ele me parou.

—Você está sentindo esse cheiro? — Perguntou ele, distraído.

—O que? — Eu perguntei, respirando fundo.

—Alguma coisa está queimando. —Ele disse, de pé rigidamente reto e olhando em direção de Masego.

Estava muito longe para vê-lo, e se havia fumaça não podíamos vê-la no escuro da noite.

—Eu senti, também. — Eu disse, preocupada que pudesse haver um incêndio na grama se aproximando. —O que devemos fazer?

De repente, tiros foram disparados na direção de Masego. Eu pulei, agarrando o braço de Ian. Meu coração caiu e um nó se formou na minha garganta.

—O que foi isso? — Eu perguntei a Ian.

—Entre no jipe, Sophie.

Ian baixou as ferramentas onde estavam e pulou no banco do motorista tão rápido que eu mal tive tempo de registrar o seu comando. Eu rapidamente obedeci, arrepios subiam na minha pele quando cinco disparos consecutivos soaram novamente. Um soluço desmarcado irrompeu da minha garganta.

—Não! — Eu gritei quando Ian ligou o jipe e correu para trás da cerca. Corremos, as luzes do jipe mostrando um aparentemente interminável mar de grama gritante. O único som era do vento batendo contra os lados e nossas respirações quando nós seguimos o comprimento da cerca para chegar à entrada.

—Por favor. — Eu implorei em voz alta, meus dedos brancos contra o painel.

Eu olhei para Ian e pânico estava escrito sobre cada linha de seu rosto. Meu estômago despencou ainda mais com sua expressão. Mais seis tiros consecutivos saíram de Masego e Ian apertou o acelerador ainda mais, agarrando-me pelo braço e arrancando-me do seu lado.

—Espere. — Disse ele firmemente, antes de atravessar a cerca para chegar a Masego mais rápido. Quando o caminhão parou, ele disse: — As armas, Sophie.

Peguei seu rifle pendurado na parte de trás do nosso banco traseiro e descansei a coronha contra o chão perto de sua perna, em seguida, abri o porta-luvas e retirei o revólver. Instintivamente, como Ian me ensinou, eu removi o pente e verifiquei as balas antes de substituí-lo. Eu coloquei a arma no meu colo. Minhas mãos tremiam enquanto amarrava meu cabelo para trás em um rabo de cavalo.

Masego ficou à vista e meu coração se apertou na pior dor que eu poderia imaginar. Ele estava em chamas. Não parecia haver um centímetro de sua posse incólume. Mais e mais tiros soaram e a adrenalina tomou conta. Eu estava pronta.

Pronta para defendê-la.

Pronta para salvar os outros, se eu pudesse.

Pronta para morrer por eles... Especialmente Ian.

Parecia que não conseguia chegar perto o suficiente, rápido o suficiente. Os centímetros arrastados.

Dez metros dentro de suas barreiras, porém, pudemos ver soldados do LRA, óbvio, abrindo fogo em qualquer coisa que se movesse, correndo em direção aos prédios tentando obter pessoas, crianças, para fora.

—Se não sairmos fora destes vivos Sophie Price, quero que você saiba que nunca amei alguém tanto quanto eu te amo. Você é tudo para mim. — Ian disse, roubando minha respiração e as minhas palavras de antes.

As lágrimas derramaram em meu rosto. Ele beijou-me com força e rapidamente.

—Fique aí. —Ele disse, empurrando a minha cabeça em direção ao assento.

Ele saiu do veículo antes que eu tivesse a chance de dizer qualquer coisa para ele. Criou distância entre ele e o jipe, provavelmente para manter as balas se afastando de mim, antes de abrir fogo ele mesmo.

—Não! — Eu gritei um milhão de vezes, com lágrimas caindo. —Eu não cheguei a dizer-lhe! — Eu chorei. —Você deveria me deixar te dizer!

— Eu botei na dor. —Não. — Eu disse novamente, quando as balas pareciam voar para a direção que eu pensei que ele tinha ido.

Eu não hesitei, não pensei duas vezes. Eu voei para cima da minha posição agachada, rastejei e abri a porta do lado do motorista, fixando-me atrás como um escudo improvisado. Eu coloquei minhas mãos na borda da janela e avaliei o campo.

—Dois soldados na parte de trás de nossas cabanas, três na porta da cozinha. — Meus olhos seguiram para o outro lado. —Sete na varanda de Karina e Charles. Dois na porta da casa das crianças. Cinco na de Kate. — Todos os prédios estavam em chamas, exceto a cabana de Karina e Charles e de Ian e eu.

Ian estava longe de ser visto, o que me confortou. Ele não estava metido na área comum, o que foi mais um cheque para manter minha sanidade. Eu fiz a varredura da área mais uma vez e parei diante de nossa robusta árvore Baobá, sua totalidade irrompendo em chamas. Mal-estar começou a se estabelecer através de mim.

Eu não ouvi nenhuma das crianças.

—Por favor, Deus. Apenas, por favor. *Por favor.*

Faça alguma coisa, Sophie. Meus pés pareciam estar enraizados onde estavam, embora. *Salve-os.*

A motivação é uma coisa engraçada. Ela pode vir do nada. Por exemplo, o grito de uma criança. Da minha cabana.

Eu surgi em ação, superando a cerca invisível do pátio e aproximando da minha cabana e de Ian. Eu levantei minha arma e para o lado, afiando meu caminho em direção aos dois soldados perto da volta, com as armas levantadas, prontos para disparar.

Lentamente, muito lentamente, eu me inclinei, para ter uma visão suficientemente boa. Eles estavam dentro do alcance e não tinham conhecimento de mim. Levei três respirações profundas, preparando-me para matar dois homens que eu não conhecia. Dois homens que estavam prontos para tomar parte no abate de minha família adotiva.

Parar eles.

Eu verifiquei a segurança, coloquei o dedo no gatilho e apontei para a cabeça do primeiro. Meu dedo estava pronto para apertar, mas do nada, os homens caíram no chão sem a ajuda das minhas

próprias balas. Eu me reboquei de volta para o lado da minha cabana.

De repente, uma mão veio ao redor da minha boca. A mão me girou em direção a ele. Um dedo estava sobre os seus lábios. Ian.

—Eu lhe disse para ficar no jipe, Sophie.

—Eu te amo. — Eu soltei, frenética e um pouco agitada das mortes dos soldados. —É o tipo de amor que eu nunca pensei que teria, nunca pensei que eu merecia, mas que é para sempre, Ian. Para sempre.

Ele acenou com a cabeça uma vez em reconhecimento. Todo negócios.

—As crianças estão a salvo. Elas estão escondidas no lado leste da propriedade. Kate as tem, de alguma forma. — Eu respirei um suspiro de alívio. —Siga-me. — Ele ordenou, então parou. — De perto.

Corremos para frente de nossas cabanas, primeiro a inspeção a de

Ian, então a minha pela criança que tinha gritado. Um par de olhos arregalados encontrou os meus debaixo da cama.

—Shh, Mandisa. — Ian murmurou com um sorriso. —Somos nós. Fique aqui, ok? —Ela começou a chorar em protesto. —Mandisa. — Ian disse severamente. —Fique aqui, fique escondida, fique quieta. Ninguém vai chegar perto desta cabana, você entende? Fique escondida, baby.

Nós puxamos meu edredom pesado para baixo, até ela, na esperança de que iria sufocar qualquer ruído que ela ouvisse. Beije-a e corri para fora com Ian. Seguimos a linha de edifícios e Ian furtivamente tirou os sete da varanda de Karina e Charles sem piscar um olho.

—Cubra-me, Soph. — Ian disse, deslizando aberta uma janela rasa da casa das crianças.

Eu apontei minha arma dentro enquanto ele entrava, meus ouvidos abertos para o menor ruído. Ian me puxou pela janela como se eu pesasse pouco. Eu mordi de volta minha surpresa. Enfiou-me atrás dele mais uma vez e escalou as paredes, ouvindo antes de entrar cada quarto com um floreio elevando a arma. Cada quarto estava vazio, os soldados ociosos do lado de fora da porta da frente se foram, provavelmente, fugiram.

Saímos pela mesma janela que entramos e nos aproximamos da cozinha e refeitório em silêncio. Ian olhou através de uma janela baixa, na parte de trás do edifício.

—Merda. — Disse ele em voz baixa. —Isso mesmo, tem um punhado de crianças que estão sendo mantidas reféns na frente do edifício. Karina está com eles.

Eu olhei pela mesma janela para ver por mim mesma. Com certeza, cinco crianças e Karina estavam amontoados. Você poderia dizer que Karina estava assegurando-lhes, tentando acalmá-los. Meu estômago despencou o comprimento restante do meu corpo para os meus pés.

—Como é que vamos tirá-los? — Eu perguntei.

—Fique aqui. — Ele me disse, de pé.

—Espere. Espere. O que você está fazendo?

—Eu estou indo pegá-los.

—Ian, não. Vamos pensar sobre isso.

—E enquanto nós pensamos, eles podem ser mortos. Não há tempo. Fique aqui ou eu juro por Deus, Soph...

Ele moldou-se para a parede, batendo lentamente e desaparecendo da minha vista. Levantei-me apenas o suficiente para ver através da janela para o outro lado a tempo de ver Karina notá-lo. Minha respiração se acalmou quando os soldados falaram um com o outro, inconscientes de sua abordagem.

Eu não conseguia ouvir nada, mas de repente vi Karina arregaçar as crianças em si, protegendo-os.

Esperei o tiroteio, mas nenhum veio.

A respiração que eu estava segurando correu de mim e a adrenalina liberada fez meu corpo tremer. Os soldados depuseram as armas em seus pés antes de se ajoelhar, com as mãos acima da cabeça e Karina puxou suas armas fora de alcance.

Eu corri ao redor do prédio para ajudar e notei que Mercy tinha estado entre os amontoados. Ela era tão pequena que achei que fosse uma criança. Duas crianças correram e me abraçaram, chorando.

Eu afundei até os joelhos.

—Shh. — Eu lhes disse quando eles envolveram seus braços em volta de meu pescoço e cintura.

Mercy agarrou um enrolado em Karina, bem como outro. Ela correu com eles para se juntar aos outros que já tinham escapado e Ian os acompanhou. Karina pegou uma das armas dos soldados e apontou. Eu levantei minha própria arma para assegurar-lhes que não fossem a lugar nenhum.

Enquanto esperamos, eu reparei os dois homens lá, eles eram praticamente meninos, 17 no máximo, com corpos apenas à beira de se tornarem homens, realmente. Seus rostos ainda exalavam inocência. Eles eram uma dicotomia andante. Bebês que enfrentaram assassinos.

De volta para casa, esses meninos teriam sido colegas, com vida própria. Vidas roubadas por um psicopata, e eu quase me vi sentindo pena deles. Quase.

—Alguém está ferido, Karina? — Eu perguntei a ela, sentindo-me fora do ar.

—Não que eu saiba. De alguma maneira, pela graça de Deus, as crianças saíram disso ilesas. Eles abriram fogo contra eles quase imediatamente.

Eu soltei uma respiração estremecida.

—Eu sinto muito que não estava aqui.

—Você estava fazendo seus trabalhos, Sophie. Todos nós. Nós estávamos apenas um dia muito atrasados.

—Está tudo bem, embora. — Eu disse a ela. —Podemos sair esta noite. Graças a Deus os CHU estão lá.

Ela assentiu com a cabeça.

Depois de alguns minutos, Karina se aproximou de um dos meninos.

—O que você está fazendo? — Eu perguntei a ela, nervosa.

—Estou checando para ver se ele tem alguma outra arma escondida.

Eu balancei a cabeça, colocando a minha arma mais perto de suas cabeças.

Karina deu um tapinha no comprimento das pernas do primeiro menino e levantou a parte de trás de sua camisa para revelar quaisquer armas. Ela o fez virar de costas e fez a mesma coisa para o seu lado da frente.

—Nada. — Ela disse, relaxando um pouco. —Você. — Disse ao outro, — Mova-se para...

Mas ela não teve a chance de terminar a frase, porque o segundo rapaz se lançou para o fuzil em torno de seu ombro, puxando-o sobre sua cabeça. Eu levantei minha própria arma para matá-lo, mas o primeiro menino caiu para frente, para mim. Eu não hesitei, atirando-lhe na cabeça uma vez e o deixando cair onde ele estava.

Virei-me para defender Karina, minha amiga, praticamente uma mãe substituta para mim, uma mãe substituta para todas as crianças de lá e alguém que eu tinha crescido sendo tão querida... Mas era tarde demais.

O segundo rapaz já tinha a empurrado para o chão, seu rifle apontado para o peito e disparou um único tiro.

Era o único tiro que ele iria dar, porque eu levantei minha arma e atirei duas vezes na cabeça. Eu caí ao lado dela, gritando, mas percebi que ela ainda estava consciente. Distraída, ouvi vozes gritando sufocadas, vindas do leste.

—Karina? — Eu perguntei, com mais medo do que eu já estive. — Espere por mim, ok? — Tirei o botão para cima e pressionei-a em seu peito para retardar o sangramento, mas dentro de segundos ele estava encharcado.

Minhas mãos trêmulas vibravam sobre ela. Eu não tinha ideia do que deveria fazer. As mãos ensanguentadas de Karina pararam as minhas enquanto ela embalava-as na sua. Ela olhou para mim e sorriu, sacudindo a cabeça para eu parar e fechando os olhos.

—Não, não, não, não. — Eu ficava resmungando baixinho, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, esperando por Charles nos encontrar. — Charles nos encontrará. Charles vai corrigir isso.

Eu embalei sua cabeça bonita em meu colo, segurei-a com força, como se eu pudesse amarrá-la no meu mundo terreno. O calor de sua árvore baobá queimando aquecendo nossos corpos com calor, de tal forma que as lágrimas eram frias contra meu rosto e peito.

—Oh, minha linda, linda, Karina. — Eu balbuciei, passando minhas mãos sobre seu cabelo sedoso. —Oh, Karina. — Um soluço explodiu de meu peito com o nome dela.

Seus olhos se abriram preguiçosamente e seu rosto refletia sua idade, pela primeira vez desde que eu a tinha conhecido.

—Não chore por mim, meu amor. — Ela sussurrou, levantando a mão terna e limpando meu rosto. Ela sorriu suavemente, e me relaxou instantaneamente, mesmo nessa hora óbvia de sua morte. —Eu vivi a vida mais extraordinária e posso realmente dizer que eu não desejaria a vida de ninguém. Mesmo agora. Mesmo enquanto fico aqui manchando o chão debaixo de nós... — Ela tossiu, e eu a segurei mais apertado —... Porque não era o que eu tinha decidido para mim.

—Foi melhor. Melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter conjurado por minha conta. Então, eu estou dizendo a você, minha linda Sophie Price, não chore por mim. — Ela tossiu novamente e desta vez acompanhado do sangue dela.

—Karina, não vá. — Eu implorei.

—Prometa-me uma coisa. — ela pediu. —Prometa-me que vai dar tudo a Deus e deixar que Ele decida por você. Ele vai estar presente, você não se arrependerá.

—Shhh. — Eu disse a ela, escovando o cabelo para trás quando ela inalou e engasgou com o ar. — Salve sua respiração, Karina.

—Você pode ter miséria. — Continuou ela, ignorando o meu apelo, — Você pode perder a esperança na tristeza de uma vida não planejada, mas enquanto você tiver fé e confiança na adoração, no afeto, no amor, a tristeza vai se transformar em felicidade. E isso é uma constante, querida. — Ela respirou fundo e de forma constante por um momento, aparentemente recuperando o fôlego.

—Ninguém pode conhecer a felicidade sincera, Sophie, sem primeiro ter conhecido a tristeza. Nunca se pode apreciar a enormidade e a raridade de uma felicidade ardente sem ver a miséria, no entanto, tão injusto quanto possa ser. E você vai conhecer a felicidade honesta. Disso eu tenho certeza. Certeza porque é por isso que você está aqui e também porque *aqui* é a sua inevitabilidade.

Eu a abracei, chorando em seu ombro e, silenciosamente, pedindo a Deus para salvá-la, em silêncio gritando por Charles para estar lá. Eu estava preocupada com ele.

Sua respiração parecia molhada e difícil e eu roubei um momento longe do abraço para olhar para

ela. Eu balancei a cabeça quando ela se tornou pálida.

—Diga-lhe que ele foi a minha maior aventura. Diga a ele que eu o amo. — Ela respondeu asperamente.

Eu balancei a cabeça. Ela cuspiu seu último suspiro e morreu em meus braços.

—Não! — Eu gritei para ela. —Não!

Um barulho se aproximou e eu levantei uma arma tremendo para ele, gritando abertamente. Era Ian. A arma estava esquecida.

Ele parou com a visão, balançando a cabeça para trás e para frente em descrença. Os seus olhos vidrados refletiam, à luz do fogo. Ele correu para nós, deslizando diante de nós. Ele ergueu as mãos diante de mim, as palavras escaparam dele. Eu não poderia explicar. Eu perdi a minha voz. Eu só podia oferecer-lhe lágrimas como explicação. Eu assisti suas mãos instáveis no cabelo suave de Karina para seu rosto e um soluço rompeu por entre os lábios.

— Karina? — Ouvimos chegar perto de nós. — Karina? — Charles perguntou desesperadamente e meu coração já doía severamente por ele. —Karina! — Ele exclamou, encontrando-a sangrando em ambos os braços, de Ian e meus. —Karina!— Ele gritou, histericamente agarrando sua esposa. Ian e eu lhe deixamos com ele e ele segurou-a de perto. — Oh meu Deus! Meu Deus! — Ele agarrou-a ferozmente. —Karina, meu amor. Karina. Karina. Karina. — Ele poderia apenas repetir o nome dela mais e mais.

Podíamos ouvir as vozes das crianças se aproximando e eu corri para impedi-los de chegarem mais perto. Guardava-os em cima do muro, impedindo-os de ver qualquer coisa. Olhei para cada um de seus rostos incertos e estava perto de estourar. *Como vamos dizer a eles?*

Eu verifiquei Ian e Charles e notei que Charles tinha começado a levar a sua esposa para sua cabine, lutando em sua idade avançada para levar todo o peso dela.

Quando Ian tentou ajudar, Charles se recusou, levantando-a nos degraus da varanda e fechando a porta atrás deles.

Ian viu a porta por um instante antes de virar minha direção. O sol estava começando a se levantar, mas os edifícios estavam ardendo, carbonizando os restos e, na manhã cinzenta, lançava uma mortalha escura sobre Masego.

Estudei o estado desesperado dentro de seus muros, os meus olhos caíram sobre a árvore ainda em chamas, já não o imponente soldado, confortando, com o que eu contaria tanto

Enquanto a árvore baobá estiver aqui, eu vou estar...

Capítulo 25



Nós enterramos Karina no novo imóvel no prazo de 24 horas, porque não havia maneira de preservar seu corpo. Ele estava tão bem, nenhum dos nós teria ofendido sua beleza, mesmo se tivéssemos sido capazes de mantê-la por mais alguns dias.

Naquela noite, nós levamos as crianças ao CHU, colocamos as crianças mais velhas com as mais jovens, para que tivesse alguém para vigiá-los também.

Nenhum deles recebeu a notícia de sua morte bem, mas um punhado de crianças ficou fora de si e levou dias para levá-los a sentir que estavam fora de perigo.

Charles caiu em uma depressão profunda, que tendia a mantê-lo muito em sua CHU. Nós levávamos bandejas de comida para ele, mas só ficavam perto da borda de sua cama. Parecia que estávamos indo apenas substituir a antiga comida intocada, mas eu era diligente.

Eventualmente, ele precisaria comer e eu queria que estivesse disponível para ele quando chegasse o momento. Pobre Charles, toda vez que batia e entrava, ele ainda estava em sua cama, mas sempre rolava para sorrir para mim, pegava minha mão e dizia-me que eu era uma boa menina. Gostaria de manter uma cara séria para ele, mas no segundo em que a porta do CHU caía fechada, eu tinha que abafar um soluço.

Pembrook chegou dois dias antes do que ele estava originalmente programado, o que ajudou muito. No segundo que o avião tocou no chão, no campo ao lado da nova comunidade, ele perguntou onde a sala de Charles estava. Eles desapareceram no interior e eu só tinha chegado a vê-lo quando pegou os dois jantares naquela noite.

Pemmy me abraçou com força e eu devolvi o abraço, um pequeno pedaço de volta à segurança. Eu sabia que demoraria um pouco ele reconstruir tudo o que foi perdido e eu não tinha certeza se faria completamente, algum dia. Meu mundo inteiro havia sido tirado fora de seu eixo. Quando eu pensei que poderia encontrar consolo nos braços de Ian, descobri que ele estava inteiramente muito ocupado, muito exausto e muito desgastado para eu esperar algo dele de forma justa.

Na verdade, eu trabalhei incansavelmente para apaziguar qualquer encargo que eu possivelmente podia conseguir dele. Egoisticamente, eu admito que também me fez sentir mais perto dele. Ele estava tão fechado que eu o sentia inatingível.

Ele estava movimentando Masego por si mesmo, ao passo que supervisionava a construção, providenciava preparações alimentares, e assim por diante e assim por diante e *assim* por diante. Ele era

um fino fio esticado, muito, muito, muito fino.

É por isso que eu não tinha mencionado que sua mãe me ligou alguns dias depois que tínhamos enterrado Karina...

—Olá? — Eu perguntei, não reconhecendo o número do meu telefone via satélite.

—Srta. Price, aqui é Abri Aberdeen.

Eu estava perplexa.

—Olá, Sra. Aberdeen. Como você está?

—Eu estou bem. Obrigada. Eu preciso falar com você.

—Achei que sim desde que você ligou para meu telefone via satélite. Deve ser bastante importante para você ligar agora, — Eu estava irritada, — ainda mais que acabamos de enterrar Karina. Será que Ian deixou você saber?

—Sim, sim, — Ela levianamente reconheceu, — Eu sinto muito e tudo isso, mas... — E tudo o que? —Eu precisava falar com você. — Meu sangue ferveu nas minhas veias.

—Eu posso ver que deve ser urgente então. Existe alguma coisa que eu possa fazer?

Ela limpou a garganta.

—Eu, bem, eu preciso ser franca com você, Srta. Price. — Ela fez uma pausa.

—Vá em frente. — *O quê? Você precisa de um convite? Ou você está hesitando porque sabe que está prestes para fazer danos irreparáveis?*

Um mal-estar, preguiçoso, enrolado, revolvendo todo o meu corpo e eu fiquei tensa, me preparando.

—Eu preciso saber a extensão de seu relacionamento com o meu filho.

—Sinto muito. — Eu dei uma gargalhada.

—Você está com ele? Juntos?

Engasguei com minhas próprias palavras.

—Por que você precisa do esclarecimento? O que é que tem a ver com você?

—Por quê?! — Ela exclamou, toda a polidez evaporada. —Você sabe quem eu sou? Conhece as minhas aspirações políticas? Se a mídia soubesse que você, de todas as pessoas, está com ele, eles teriam um dia de trabalho com isso! Eu não posso pagar isso agora. Eu preciso de todos os meios de comunicação ao meu lado. Eu sou a candidata líder agora!

Eu mal sufoquei um grito pronto para irromper da minha garganta.

—Abri. — Eu disse com a voz mais recolhida que poderia imaginar

— Eu não tenho tempo para isso agora. Nós acabamos de enterrar

Karina. Você sabe o quanto ela significava para o seu filho? E nós estamos mudando o orfanato inteiro, Abri. Desculpe-me se eu não sou capaz de ver o quão importante esta eleição é para você. Na verdade, eu espero o melhor para você, mas o peixe fritando em minha panela é tão grande, que o óleo está se espalhando, queimando tudo em seu caminho.

—E se eu pudesse consertar isso para você? — Ela perguntou, sua voz marcada com desespero.

—O que você poderia fazer? — Eu perguntei, curiosa.

—Eu tenho laços políticos em LA, eu posso providenciar para você voltar para casa mais cedo. Isso seria o suficiente?

—Você está brincando comigo. Você deve estar. — Eu ri. — Abri, me desculpe, mas eu não preciso, nem quero a sua "ajuda". Eu ficarei aqui, independentemente se você conseguir uma redução da pena. Eu preciso ir. Tenha um bom dia.

—Só mais uma coisa, então. — Abri disse, sua voz fervendo. — Deixe de estar com Ian ou eu o deserdo. Ele nunca mais vai ver um centavo de mim. — Então ela desligou.

Eu tinha desligado o telefone, sentei-me, tremendo da raiva pelo o que ela me fez. *Suborno! Ameaças!* Eu me desliguei dela naquela noite, tentando não sentir a inquietação que nossa conversa tinha me dado. Eu não estava brincando com ela, eu tinha cerca de um milhão de coisas no meu prato.

Mal sabia eu que seu pedido irreal seria o fio solto para desvendar meu mundo inteiro.

Um dia antes da véspera de Natal, as coisas estavam se firmando e olhava para fora esperançosa novamente. Gostaríamos de surpreender a cada criança com uma roupa nova, novos sapatos e dois brinquedos no dia de Natal, a construção estava se movendo para frente sem problemas, e até mesmo Charles tinha vindo para o ar para ajudar de vez em quando. Sim, eu, nós, tínhamos todos os motivos para ter esperança.

Acordei naquela manhã com uma batida na minha CHU.

—Pembroke? O que há? — Eu perguntei, sorrindo.

Ele parecia visivelmente tenso.

—Posso entrar?

—Claro. — Eu disse, balançando minha porta aberta para ele. Sentou-se na pequena cadeira na pequena mesa embutida e eu me sentei em frente a ele na minha cama.

—Só cuspa. — Eu disse, enterrando a cabeça em minhas mãos. — Eu não acho que qualquer coisa que você disser poderia fazer nossas situações piores. — Ele balançou a cabeça sem responder e meu estômago caiu. —O que é?

—De alguma forma, os tribunais tornaram-se cientes de sua viagem programada à Cidade do Cabo. Um mandado de prisão foi emitido e você tem até dois de janeiro para voltar.

Eu parei, minhas mãos indo para a minha cabeça.

—Não há nenhuma maneira... — Eu disse, começando a andar. —Ela não faria isso.

—Quem não faria? — Perguntou.

—Abri Aberdeen. Mãe de Ian.

—Sim?

—Ela ligou alguns dias atrás e, essencialmente, me ameaçou para deixar o filho sozinho. Ela sentiu o jogo imprudente, considerando tanto as nossas histórias passadas, sentiu que seria prejudicial para seus atuais objetivos políticos. Ela queria que eu promettesse deixá-lo sozinho.

—Absurdo! — Pembroke exclamou.

—Ela admitiu ter laços políticos em LA. Não há outra pessoa que eu poderia pensar que iria fazer isso. Será que o meu pai teria feito isso? — Eu perguntei a Pemmy.

—Não, ele sabia da viagem, estava em êxtase sobre a conexão potencial.

—Figuras. — Eu disse, rindo. —Assim, resta Abri. Eu simplesmente não posso acreditar que ela faria isso. O que devo fazer?

—Você não tem escolha, Sophie. Você vai voltar para casa e enfrentar Reinhold.

—Eu não posso deixá-los agora, Pemmy. Eu apenas não posso. — Eu disse, esforçando para não quebrar. —Não, faria as coisas muito piores.

—Se você não enfrentar Reinhold agora, seus problemas legais serão compostos. Seria mais sensato para você apaziguá-los agora.

Olhei para Pemmy.

—Ele vai me colocar na cadeia.

Ele deu de ombros em resposta.

Eu sorri para ele, incrédula.

—Eu estou pagando pelos meus pecados passados, Pembroke.

—Oh. — Ele disse, pegando a minha mão — Eu acredito que você já pagou por eles dez vezes, Sophie. Quando você vai dizer ao Ian?

Ian!

—Eu não posso dizer a ele. Não agora, Pemmy. A notícia de que sua mãe fez isso iria enviá-lo ao limite!

—Ele vai saber que você se foi, amor.

—Eu sei. Acho que vou tentar escorregar para fora com você esta noite quando o seu avião chegar.

— *Eu sou uma covarde.*

—Você não vai mesmo pensar na ideia de deixá-lo saber que sua mãe fez isso?

E arriscar que ela o corte também? Nunca!

—Não, eu não posso, iria matá-lo, Pembroke.

—Então você vai deixá-lo acreditar que o traiu? É realmente um destino melhor?

Eu balancei a cabeça, revelar a tática da chantagem, só iria ferir.

—Traído por alguém que ele mal conhece há seis meses ou por sua mãe? — *Não mencionando sua pouca ameaça.*

—Mas por que ser o bode expiatório? Por que permitir que ela escape intacta? — Perguntou ele, desconfiado.

—Porque eu o amo, mais do que você poderia imaginar. — Eu confessei a verdade. *Deixei-o ter, no entanto, o que ele desejava.*

Pembroke sorriu para mim, mas sua expressão era triste.

—Que altruísta. — Ele me disse, me envolvendo em um abraço. — Quem teria pensado que tal ato altruísta, por sua vez, lhe causaria tanta dor?

—Não eu. — Confessei abertamente.

Pembroke deixou meu CHU e eu olhei ao meu redor, certa de que não precisava ter de volta uma única coisa. Eu discretamente dei todas as minhas coisas, deixando Mandisa me consolar. Gostaria de voltar para casa com apenas um único par de jeans, camisa, botas e escova de dentes.

É por isso que Ian não tinha pensado em nada estranho, quando fomos dizer adeus à Pembroke juntos.

—Você vem? — Ian perguntou quando ele passou pela minha CHU.

Eu balancei a cabeça, uma sensação incômoda residia na boca do meu estômago.

Eu o segui de perto, ouvindo-o encher Pembroke de tudo o que seria necessário em breve. Pemmy obedientemente ditou tudo em seu bloco. Eu não tinha dúvida, Pembroke não hesitaria em acomodá-los. Gostaria de assegurar que era o meu dinheiro que pagava por tudo, embora.

Eu assisti as mãos de Ian enquanto gesticulavam, quando ele falava e mesmo elas pareciam cansadas. Calos nas palmas das mãos e os dedos gritavam que eram necessários cuidados, mas eu o conhecia bem o suficiente, ele iria ignorar o apelo. Suas próprias necessidades nunca vieram antes de

Masego, o que era infeliz porque Masego sempre teria necessidades.

Eu olhei para ele sabendo que estaria dizendo adeus a ele em breve e o vazio familiar começou a se infiltrar aqui dentro, já me fazendo sentir frio e sozinha. Meu intestino torcido com o pensamento de como ele reagiria, como interpretaria a minha partida. Eu estava determinada, no entanto. Eu não seria responsável por sua mãe fazer sua vida miserável, não quando ela tão insensivelmente e facilmente fez a minha vida atual um inferno.

Quando chegamos ao avião, eu gritei para ele ficar para trás de mim. Ele obedeceu sem pensar muito nisso, abraçando Pembroke em adeus.

Charles, a quem eu, chorando, disse adeus antes, esperou Pemmy abaixo da escotilha e falaram um ao outro brevemente antes de Pemmy embarcar no avião.

—Ian. — Eu disse suavemente, lutando contra as lágrimas.

Ele se virou para mim, sua expressão preocupada ferindo meu coração já ferido. Algo em seus olhos brilhou em entendimento.

—Eu...

—Não se atreva, Soph. — Ele disse. Um músculo tremeu em sua mandíbula. —Eu juro por Deus, Sophie Price...

—Ian. — Eu disse, as lágrimas não derramadas cedendo.

Ele chegou mais perto, mas eu dei um passo para trás, incapaz de lidar com o seu toque, sem quebrar completamente. Ele reconheceu isso e me agarrou pelos braços, trazendo-me perto dele.

—Você me deve. — Ele trincou. —Por quê?

—Eu-eu tenho a oportunidade de ir para casa e decidi que era o melhor.

—Mentira. —Ele disse, balançando-me um pouco em sua frustração. —Você está mentindo. Eu conheço você e você está mentindo.

Eu evitava contato com os seus olhos, concentrando-me nas pontas das minhas botas gastas. As mesmas botas que trabalharam incansavelmente comigo dia após dia para cuidar de Masego. As mesmas botas que usava enquanto me apaixonava por ele.

—Olhe para mim, porra!

Eu levantei meu olhar para ele.

—Responda-me. — Ele exigiu. —Por quê?

—Eu-eu já te disse. A minha resposta não vai mudar. Eu acho que é o melhor. —Menti.

Ele balançou a cabeça para trás e para frente.

—Você não pode ir. — Ele pediu, abraçando-me a ele como se ele pudesse me segurar lá para sempre.

—Por quê? — Sussurrei em seu ouvido.

—Porque eu estou apaixonado por você.

Cerrei as pálpebras e beijei sua bochecha bronzeada.

—Eu também te amo. — Confessei... E fui embora.

—Soph. — Ouvi por detrás de mim.

—Sophie. — Ele suplicou, mais suave.

—Soph. — Ele mal sussurrou.

Mas eu não respondi. Eu só ficava em pé, as lágrimas em cascata diante de um mar de dor excruciante.

—Sophie Price. — Ele gritou, agonia e um traço de animosidade cada palavra. Eu me virei para encará-lo. —Você me deixou assim, sozinho aqui, e eu nunca vou ser capaz de perdoá-la. Não se incomode em tentar voltar. Você entra nesse avião e eu terei terminado com você!

Minha respiração engatou na minha garganta, derramando lágrimas quentes de novo. Eu balancei a cabeça, sufocando outro soluço. *Por ele. Por ele. Por ele*, eu ficava cantando. Um rugido grande berrando retumbou atrás de mim, quebrando meu coração em milhões de pedaços. Engoli em seco o meu próprio grito de volta, colocando um pé pesado na frente do outro, recusando-me a girar ao redor. Eu sabia que se eu o visse, tivesse um segundo sequer para olhar para ele, eu renunciaria todas as ameaças e arruinaria qualquer futuro que ele poderia ter, se ele deixasse Masego.

Por ele, eu respirei internamente, fechando a escotilha atrás de mim.

Capítulo 26



Meu celular tocou e me acordou.

Desorientada, eu examinei meu redor. Meu quarto. Em L.A. Ele estava tranquilo e frio. Silencioso, frio e vazio. Nenhuma voz doce de bebê me acordando. Eu nunca mais acordaria com a visão do rosto angelical Mandisa ou o baobá forte, nunca comeria o jantar estranho com Charles ou Karina novamente. Meu coração bateu mais forte com dor.

Karina.

A voz cantante da minha linda Karina nunca cumprimentaria meus ouvidos novamente. Eu nunca iria ficar na fila do almoço com Ian e conversar com nossos alunos, provocando ou brincando com eles.

Ian. Ian. Ian.

Meu coração estalou com a miséria excepcional. Eu nunca tinha conhecido tanta tristeza antes, nunca seria capaz de transmitir totalmente o quão mal eu estava, disposta a ser esticada e rasgada em pedaços, se isso significava que iria parar a dor no coração, apenas para manter-me de nunca saber as dores da falta de Ian novamente.

Eu rolei para o meu lado e meu celular soou mais uma vez. Minha mão se estendeu diante de mim e eu o peguei.

—Olá. — Minha voz falhou.

—Sophie Price, porra! — Uma voz masculina gritou ao telefone. Spencer.

— Oi, Spence.

—Oi, Spence? Oi, Spence? É tudo o que eu ganho? — Ele brincou.

—Eu acho que, no mínimo, mereço um Oh, Spencer! — Ele cantava em falsete zombando. —Vamos lá! Eu não tenho visto ou ouvido falar de você em cinco meses, Sophie.

Sentei-me, limpando o sono dos meus olhos.

—Oh, Spencer. — Eu brinquei.

Ele riu muito e respirou fundo.

—Deus, é bom ouvir a sua voz, Sophie.

—Como você está? — Eu evitei.

—Eu estou fantástico, agora que você está em casa. —Ele disse. —Eu estou na sua garagem, na verdade. Coloque sua bunda linda para cá. Vou levar você para almoçar, baby. A celebração das espécies.

—Eu não estou realmente pronta para isso. — Eu disse a ele.

—Sophie, eu não estou levando um não como resposta. Se você quiser, eu posso buzinar até que seu pai chame a polícia.

—Tudo bem. — Eu cedi. —Dê-me cinco minutos.

—Cinco?

—Sim, cinco minutos, por favor.

—Mas eu não a acordei?

—Sim, e daí?

—Sophie Price só precisa de cinco minutos para ficar pronta?

—Calado, Spence. Eu estarei bem.

Fiquei ali por um minuto apenas para irritá-lo, em seguida, lentamente escovei os dentes, vesti um par de jeans e uma t-shirt, e alguns Converse pretos. Eu agarrei um capuz do meu armário, depois de colocar um pouco de maquiagem. Eu corri uma escova no meu cabelo reto. Meus olhos arderam pensando nas ondas nas quais Ian gostava de correr as mãos quando secavam depois de serem trançadas. Eu borrifei um pouco de perfume e não olhei duas vezes para o meu reflexo.

Saí na minha porta da frente e segui o caminho dramático até seu carro. Eu sufoquei um rolar de olho na reação de Spencer.

—Quem diabos é você? — Ele me perguntou.

Minhas mãos subiram para meus quadris.

—O que você está dizendo?

—Eu quero saber o que você fez com a deusa do sexo Sophie Price?

O título fez meu estômago turvar.

—Eu não sou aquela garota mais.

Ele me estudou atentamente, a cabeça inclinada para um lado.

—Aparentemente. — Afirmou, e eu não tinha certeza de como interpretar a reação dele até que ele pegou-me em seus braços e me virou. —Eu gosto desta Sophie. Você parece relaxada e capaz de se divertir. Você ainda está linda como sempre, mas adicione despreocupada à mistura e essa é a Sophie nova. Eu gosto. É um bom look em você.

Inclinei minha cabeça.

—Obrigada.

Ele abriu a porta para mim e eu entrei.

—Como você saiu cedo? — Spencer perguntou, deslizando para o elegante banco do motorista.

Eu bufei.

—Você não quer saber. — Sentei-me um pouco no meu lugar. — Como você soube que eu estava em casa, de qualquer maneira?

—Pembroke me mandou uma mensagem.

Eu não sabia o que me deixava mais atordoada. O fato de que Pemmy contatou Spencer ou o fato de que ele tinha feito isso por mensagem. Eu sorri sabendo que ele tinha feito isso porque sabia que eu precisava de um amigo.

Eu não estava prestando atenção para onde estávamos indo até que ele puxou para The Ivy.

—Oh não, não, não. Não aqui. — Eu disse a ele, sentada rigidamente. Meus dedos preocupados em meus lábios, desesperados para sair.

—Por que não? — Ele perguntou, confuso.

—Eu não estou preparada para ver alguém que conhecemos aqui.

—Merda. —Ele de repente.

Sav bateu na minha janela, assustando-me. Virei na direção de Spencer e lhe dei o mais sujo olhar.

— Desculpe, — Ele murmurou.

Saí e ela me olhou com desdém óbvio à minha aparência.

—Sophie? — Ela perguntou, erguendo os óculos de sol odiosamente como se isso mudasse o que eu estava usando. Um riso saiu de seus lábios antes que ela se contivesse. —Hum, como você está? — Ela perguntou, deixando seus óculos caírem de volta no nariz de plástico.

—Eu estou bem. Como você está? — Eu perguntei.

—Eu nunca estive melhor. —Ela disse, não disfarçando o prazer óbvio que ela sentia de ver a queda da rainha poderosa. Mal sabia ela o quanto eu poderia me importar menos com o que ela ou qualquer um dos outros pensavam de mim. Eu só não queria ser chutada quando já estava para baixo.

Savannah nos levou ao restaurante e Spencer caiu ao meu lado.

—Se eu tivesse alguma ideia, eu nunca teria feito isso, Sophie.

Envolvi meu braço em mim para tranquilizá-lo.

—Está tudo bem, Spencer. Eu vou sobreviver. — Disse-lhe, com um sorriso.

Seus olhos explodiram largos por um momento antes de ele verificá-los.

—Ainda sinto muito.

Eu apertei o braço para tranquilizá-lo que estava tudo bem.

Sentamos em duas mesas juntas. Dois a dois, todos eles vieram esvoaçando, dramaticamente anunciando-se com um floreio ostentando seu material ridículo. Todo lugar que eu olhava, um lenço Hermès, a bolsa Fendi, um relógio Patek Phillippe, piscavam no meu rosto. Antes, tudo o que eu podia pensar quando via essas coisas era que eu queria ou precisava tê-los também, mas depois de Masego? Tudo o que eu conseguia pensar era se penhorando esses itens, poderia comprar-lhes comida para um ano, comprar um novo gerador, ou mesmo um novo edifício.

Fui recebida por todos com olhos incrédulos e desprezo esnobe. Eu queria gritar na cara deles, "*É o dinheiro dos seus pais! Não seu!*", mas não teria feito nada de bom. À minha direita Graham, Sav e Brock, aparentemente reunidos, sentaram-se, então Spencer, e Victoria. Eles mantiveram a conversa dentro de si mesmos, excluindo-me de propósito. A cereja no topo do bolo foi quando Ali chegou com Brent.

Meu rosto inflamou vermelho brilhante quando Brent acenou para mim em vez de falar seu Olá. Ali colocou o braço através de Brent em uma palpável tentativa de mostrar propriedade. Quis Deus que todos desaparecessem, exceto eles, para que eu pudesse ter pedido desculpas. Olhando ao redor da mesa, eu percebi que tinha prejudicado cada um dos convidados do meu almoço. De repente, a vontade de fugir era discernível.

Sentei-me calma, rezando para que acabasse rapidamente para mim. A garçonete veio e tomou ordens de todo mundo me pulando por acidente. Spencer tinha a chamado de volta. Eu senti como se tivesse levado um soco no estômago quando todos zombaram baixinho de mim, escondendo seus risos atrás de suas mãos manicuradas.

Mas então lembrei que eu merecia isso a partir de um grupo tão egoísta e sem sabedoria como aquele, porque eu os criei. Eu nunca tinha realmente lamentado tudo o que tinha feito antes de Masego, mas eu certamente lamentei muito depois.

—Então, a África? — Victoria perguntou, seu sotaque de menina do vale rindo ao pronunciá-lo Africaw.

—Sim. — Eu disse a seus olhares rebitados, esperando que uma palavra de resposta fosse suficiente.

—Será que, você, tipo, viu leões e essas merdas? — Graham perguntou.

—Às vezes. — Disse-lhes.

— Qual, leões ou merda? — Acrescentou como se ele fosse inteligente.

—Ambos.

—É como você se parece agora? — Sav perguntou, fazendo a mesa explodir em gargalhadas.

—O quê? Confortável? Ou sem uma quantidade notável de costura nauseante em mim?

—Será que o seu pai perdeu todo o seu dinheiro? — Sav alfinetou, ignorando minhas próprias perguntas.

—Não que eu saiba. — Eu disse.

—Você está seriamente precisando de uma reforma. — Acrescentou Victoria, suas unhas delineando uma caixa em volta do meu rosto.

—Eu tive uma. — Disse implícita, referindo-me ao meu coração e alma.

Cada um deles olhou entre si pretensiosamente e silenciosamente reconheceram com unanimidade o que exatamente eles pensavam de mim agora, exceto por Spencer. Spencer parecia alegremente inconsciente que todos eles eram burros, mas ele estava claramente consciente de quão desconfortável eu estava.

—Sophie e eu temos que ir, pessoal.

Ele se levantou abruptamente, colocou algumas notas em cima da mesa e acompanhou-me do meu assento. Quando saímos, uma explosão de gargalhadas repugnantes ressoou na mesa de uma só vez.

Meus ombros afundaram em si, mas Spencer passou o braço em volta de mim e me corrigiu.

—Você quebrou o ciclo. — Ele sussurrou em descrença, os olhos brilhantes de admiração.

Capítulo 27



Eu tinha estado em casa por dois dias e ainda não tinha visto meus pais. Eu não poderia dizer se tinha sido porque eu estava praticamente morando na minha cama, mais deprimida do que jamais poderia ter imaginado, sentindo falta de Ian, ou porque não podiam ter se incomodado para passar por aqui e me ver mesmo que eu tivesse ido por meses.

Minha manhã na segunda era difícil, eu teria que comparecer a um tribunal, em frente de Reinhold. Eu acordei, vesti um jeans e uma camiseta, não dando a mínima. Eu sabia que seria jogada na cadeia naquele dia. Este era o momento que Reinhold estava esperando.

O tribunal era exatamente como eu me lembrava. Frio, desolado e sem esperança. Era como se minha respiração tivesse sido sugada do meu peito no segundo em que eu coloquei um pé lá dentro. Eu reconheci Pembroke em sua mesa e me sentei.

—Esta é uma simples audição. — Ele me disse, arrumando sua sacola sobre a mesa. Ele serviu-me um copo de água e colocou-a na minha frente. —O juiz irá indicar do que você está sendo acusada e você entrará em um fundamento, que, naturalmente, será um "não culpada". Eu aconselho a não dizer uma palavra.

—Pembroke. — Eu disse a ele, vendo sua aparência gritante: — Por uma vez, você não pode agir como o meu "advogado" aqui?

Ele sorriu gentilmente.

—Fique calma, querida. Eu vou cuidar de tudo.

Isso fez com que meu coração doesse, mas eu assenti meu consentimento. Cuidar de tudo. Tudo, mas tudo não era o que eu queria de volta.

Reinhold entrou no cômodo, suas vestes balançando atrás dele. Imediatamente, eu queria vomitar.

—Todos se levantam. — Disse o oficial de justiça, — Este tribunal está em sessão, Excelentíssimo Senhor Juiz Francis Reinhold, preside.

Reinhold sentou e todos seguiram o exemplo. Ele começou a filtrar através de documentos de papéis por trás de seu banco e o silêncio era ensurdecador. Minhas mãos começaram a tremer assim que eu as coloquei em meus lados e olhei para os meus pés. Vislumbrei atrás de mim quando as portas se abriram e Spencer entrou, acenando e sentando em um banco atrás de mim. Ele era a única presença lá, mas foi reconfortante o suficiente, então isso permitiu que o meu corpo se acalmasse um pouco. Eu ainda estava

tremendo, mas a náusea tinha desaparecido.

—Sophie Price. — A voz de Reinhold trovejou. Ele olhou para mim e perfurou-me com um olhar penetrante, — Você está acusada de violar os termos de sua sentença. Como você se declara?

Pembrook e eu quietamos.

—Minha cliente se declara inocente. — Pembrook anuncia.

—Eu vejo. O que diz a Acusação?

—Meritíssimo. — Disse o promotor, dirigindo-se ao tribunal, — Nós nos movemos para dispensar a Srta. Price do tempo de serviço.

Minha respiração voou de meus pulmões de uma vez e eu comecei a engasgar. Pembrook comicamente bateu nas minhas costas para me fazer respirar, encolhendo os ombros na direção de Reinhold. Reinhold prendeu-me com um olhar que gritava „componha-se“! Eu tossi de volta a minha asfixia e preendi meus lábios.

—Gostaria de explicar? — Questionou ao promotor.

—Sim, nós gostaríamos de chamar uma testemunha para depor, Meritíssimo.

—Você sabia disso? — Ele perguntou a Pemmy.

—Não, Meritíssimo.

—E você objeta?

—Se a Acusação se move para dispensá-la, então minha cliente e eu, estamos confortáveis com a sua testemunha.

Reinhold ficou em silêncio por um momento, pensando se ele iria permitir a testemunha e eu preendi a respiração.

—Continue. — Disse ele. —Você pode sentar-se, Defesa.

Pembrook e eu nos sentamos.

—Pemmy, quem é? — Eu perguntei sob a minha respiração.

—Eu não tenho sinceramente nenhuma ideia. — Ele disse.

Só então, as portas se abriram e eu pensei que meus olhos estavam me enganando. Pisquei lentamente antes de limpar meus olhos. Quando os abri, descobri o que eu só pensava que era uma ilusão.

Ian.

Eu me levantei e comecei a correr em direção a ele, mas Pemmy prendeu-me com um braço. Ele balançou a cabeça para trás e para frente e fui obrigada a me sentar. Vendo-o pela primeira vez desde que eu o tinha deixado, senti-me incrivelmente esmagada. Eu precisava de seu toque, mas ao mesmo tempo,

eu estava com tanto medo de que ele ainda pensava o que tinha dito. Eu não queria saber, mas estava desesperada para saber ao mesmo tempo.

Ele mudou-se para o banco das testemunhas com apenas um olhar breve em minha direção, espetando-me no intestino. Quando ele se aproximou do banco das testemunhas, o oficial de justiça se aproximou dele, a bíblia na mão.

—Coloque a mão direita sobre a bíblia. — O oficial de justiça ordenou e Ian cumpriu. —Diga seu nome. — Ele disse.

—Ian Aberdeen.

—Você solenemente afirma que o testemunho que pode dar na causa agora pendente no tribunal deve ser a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade, com a ajuda de Deus?

—Eu juro.

Engoli em seco audivelmente.

—Senhor Aberdeen. — O procurador começou, — Qual é a sua posição no orfanato Masego de Uganda?

—Sou tecnicamente um professor lá, mas eu suponho que você também pode considerar-me um pau para toda obra. Eu pacifico, faço o nascimento de um bezerro ocasionalmente, auxílio na emergência médica, esse tipo de coisa.

—O senhor estava presente no Masego no tempo de permanência da senhorita Price?

—Eu estava.

—E você é um representante autorizado da Masego?

—Sim, eu sou.

—Diga ao tribunal então, Senhor Aberdeen, sua experiência com Srta. Price durante sua estadia no Masego.

—O dia que Sophie veio para Uganda. — Ele começou...

Pela próxima hora e meia, Ian disse a nossa história inteira para o tribunal deixando de fora a parte em que caímos perdidamente um pelo outro. Foi uma incrível história para ouvir tudo de uma vez e eu me vi chorando ao conto. Olhei ao meu redor e percebi que não parecia ter um olho seco na sala. Mas ele nunca, nem uma vez, fez contato visual durante a coisa toda, o que feriu o meu coração já sangrando. Ele estava vindo me ajudar, sim, mas não queria nada a ver comigo além de salvar minha pele.

Quando ele terminou, a promotoria o dispensou e ele sentou-se no lado oposto da sala do tribunal para aguardar a decisão do Juiz de Reinhold. Eu olhei para ele, pedindo-lhe para olhar para minha direção, mas seu olhar estava na frente da sala do tribunal, imóvel.

—Sophie? — Eu ouvi.

Eu me virei para Reinhold.

— Uh, eu sinto muito, você disse alguma coisa? — Eu perguntei a ele.

Reinhold respirou profundamente. Com um toque breve de seu martelo:

— Eu dispenso seu caso, bem como o tempo de serviço. Você está livre para ir, Srta. Price. — Reinhold ficou e o resto da sala do tribunal seguiu o exemplo. Ele fez um movimento para ir, mas se conteve. — Antes de eu sair, Srta. Price. — Disse ele, virando-se para mim — Sei que isso, o seu castigo, é o mais gratificante que eu já dei. — Ele inclinou a cabeça para fora com respeito e eu assenti uma vez em troca.

Quando Reinhold se foi, eu me virei, pronta para ir em direção a Ian. Eu corri ao redor da mesa, empurrando cadeiras fora do meu caminho, meu coração saltando em minha garganta, sem nunca tirar meu olhar de seu rosto celestial.

Todos correram de uma vez, me parabenizando e tentando me abraçar. Spencer me bombardeou, beijando minha bochecha, e me pegou. Eu lutei para descer, ainda olhando em direção de Ian.

Finalmente, ele fez um contato visual breve antes de caminhar pelas portas duplas e fora da minha visão.

Eu me libertei e corri para ele.

—Ian! Ian! — Eu gritava antes de um oficial de passagem ordenar-me ficar quieta.

Eu corri o comprimento do corredor, mas ele estava longe de ser encontrado. Apertei o botão do elevador para o primeiro andar, mas estava muito impaciente para vê-lo subir lentamente para mim, então eu arranquei, abrindo a porta de saída de incêndio e corri os quatro planos para o piso térreo. Eu estava ofegante quando estourei da porta.

Meus olhos procuraram por ele em todo o lobby de mármore. Ele não estava lá. Eu corri para as largas portas de entrada de madeira descendo degraus. Encontrei-o assim que ele entrou em um táxi. Eu corri para baixo os degraus, chamando seu nome e agitando os braços sobre a cabeça, mas ele se foi. Minha decepção foi esmagadora. Eu caí dura para o fundo da escada e chorei em minhas mãos.

—Por que ele apenas saiu assim? — Spencer perguntou friamente ao meu lado, olhando para a direção em que ele tinha fugido. Eu olhei para ele. Suas mãos repousavam em seus bolsos.

—Porque ele pensa que eu o traí. —Eu disse.

Ele desviou o olhar para longe da rua e observou-me abaixo dele.

—Você não fez isso? — Questionou.

—Não, eu fui chantageada.

—Escândalo. — Ele disse, inclinando-se para sentar-se ao meu lado. Recostou-se nos cotovelos. Ele olhou de volta para a rua, evitando contato com os meus olhos.

—Você está apaixonada por ele. — Afirmou como um fato.

—Sim.

Spencer suspirou, virando-se para mim.

—Então, o que diabos você está fazendo aqui, Sophie Price?

—Eu não sei onde ele vai ficar. — Eu expliquei.

—E quando algo tão pequeno como isso já parou uma força de furacão como você, menina?

Eu sorri para ele.

—Nunca. — Disse a ele a verdade. Seu sorriso vacilou um pouco. — Sinto muito, Spencer.

Ele balançou a cabeça.

—Não sinta, querida. — Ele disse, piscando. — Elas estão fazendo fila. Elas estão esperando por mim enquanto falamos. — Disse, estendendo seus braços.

Ele brincou, mas a tristeza me incomodou. Eu amava Spence muito, mas sabia que não poderia dizer o mesmo, seria cruel. Então, eu só sorri para ele, empurrando meu ombro no dele.

Ele se levantou e limpou a parte de trás de suas calças. Eu me levantei e joguei meus braços em torno dele.

—Sophie Price, você vai ser a única que escapou, estou com medo.

— Ele falou em meu ouvido. Ele se afastou. —Você sabe como resolver esse problema? — Ele perguntou. Eu balancei minha cabeça, não. — Com problemas maiores.

Ele beijou minha bochecha e saiu, girando as chaves na mão e assobiando enquanto fazia o seu caminho para o seu carro.

Capítulo 28



Bati duas vezes, mas não houve resposta.

Impaciente, eu voltei até ao saguão de Ian.

—Desculpe-me. — Eu disse ao porteiro, — Mas você pode verificar para ver se um hóspede chamado Ian Aberdeen ainda está aqui?

—É claro senhorita. — Seus dedos racharam as teclas de seu teclado. —Sinto muito, mas o senhor Aberdeen fez check-out.

Meu coração disparou.

—Obrigada. — Eu disse a ele antes de me puxar de volta para o meu carro, saltando e correndo em direção a casa.

Eu disquei no meu celular.

—Pemmy?

—Sim, querida? Trabalho fantástico hoje no tribunal. — Disse ele.

—Eu estava apenas dizendo a seu pai isso.

Um nó se formou na minha garganta.

—Eu-Pemmy, escute, eu preciso que você me faça um favor. — Eu trancei entre duas ruas, quase um desvio. *Não é de admirar que você não deveria falar ou enviar texto enquanto dirige.* —Você pode descobrir se Ian está voando de volta hoje à noite?

Ele suspirou.

—Venha para casa primeiro, seu pai precisa falar com você.

—Pemmy! — Eu gritei, exasperada. —*Por favor*, Pemmy, você pode apenas verificar para mim?

—Venha para casa, amor. Eu vou ver o que posso descobrir para você.

—Obrigada. — Eu disse, pressionando final e jogando o telefone no assento do passageiro.

Quinze minutos mais tarde, eu estacionei meu carro na unidade dos meus pais e puxei para dentro do meu espaço da garagem. Eu desliguei a ignição, tentei sair, mas percebi que tinha deixado o meu telefone. Inclinei-me de volta para recuperá-lo.

—Você é rica. — Ouvi por detrás de mim, fixei-me no lugar.

Minha boca ficou seca instantaneamente, minhas mãos tremiam, minha respiração ofegante. Eu saí do meu carro e fechei a porta, inclinando-me contra a armação.

—Não, meus pais são ricos. — Eu disse-lhe, imitando o que ele me disse fora de sua própria casa, na Cidade do Cabo.

Ele sorriu para mim.

—Eu vejo.

—Isso muda sua opinião sobre mim? — Eu perguntei.

—Difícilmente. — Ele me disse, com um sorriso malandro jogando um rosto travesso.

Ficamos ali olhando um para o outro.

—Minha mãe me contou tudo. —Ele disse.

—Eu sinto muito.

—Não. Sinto muito. Pelo o que ela disse. Pelo o que eu disse. Eu estou apenas... Desculpe.

—O que você fez por mim no tribunal... Isso foi... Incrível. Obrigado.

—Eu teria feito isso de novo e de novo se isso significasse libertar você.

Eu sorri. Ficamos nos olhando novamente.

—Quem era aquele cara no tribunal? — Ele perguntou, com os punhos involuntariamente apertados em seus lados.

—Aquele era Spencer.

—Spencer. O Spencer que te levou a dançar aquela noite?

—Sim

—Ele é apaixonado por você, sabe.

—Não, eu não sei.

—Ele é. Eu podia ver. — Ele respondeu friamente, se aproximando. — Mas não significa nada.

—Oh? — Eu perguntei, uma sobrancelha levantada em questão.

—Sim, porque você me pertence, Price. — Eu abri minha boca para confirmar o que disse, mas ele me cortou. —E antes que você discuta comigo... — Ele continuou, agarrando-me rapidamente e puxando-me perto de seu peito, sugando muito ar de mim.

Ele trouxe as duas mãos até o meu pescoço. Eu podia sentir as batidas de seu coração contra o meu próprio.

—Gostaria de saber como eu sei disso?

Eu simplesmente assenti com a cabeça, incapaz de falar.

—Assim. —Ele disse antes de bater sua boca na minha.

Epílogo



Ian caiu em cima de mim no colchão, beijando languidamente meus ombros e clavícula e então, como se não pudesse esperar, seus lábios arrastaram em meu pescoço em um ritmo furioso para a minha boca. Eu sorri em seus lábios.

—Isso funciona melhor quando o vestido está fora. —Brinquei com ele.

Ele sentou-se antes de me arrastar para fora da cama e eu fiquei de pé em frente ao espelho.

—Você sabe, eu geralmente odeio casamentos, mas este... — Ele disse diminuindo, escovando meu cabelo para o lado e por cima do meu ombro.

—Não foi tão ruim. — Eu completei o pensamento. —Além disso, Ribbon Caye é bonito nesta época do ano.

—Hum, hum. — Um distraído Ian respondeu, abrindo o zíper por trás. —Foi agradável de seu pai doá-lo para Masego.

—Ele realmente está chegando lá. — Eu disse, pensando em como meu pai tinha mudado.

Ele doou Ribbon Caye para nós e isso tornou-se uma forma de fornecer uma fonte estável de renda, alugando-o regularmente. Ele também concordou com uma doação de cem mil dólares anuais. Ele nos permitiu trazer as crianças em um ambiente mais seguro, bem como nos ajudou a pagar 24 horas por guardas armados, algo que ele insistiu, o que nos surpreendeu. Dentro de seis meses, o meu pai também completamente reconstruiu Masego. Era o melhor lar para crianças que já havíamos encontrado em Uganda, na África, e realmente poderia abrigar mais de 200 crianças de uma só vez.

Quando eu disse ao meu pai meus planos de me mudar para Uganda permanentemente, ele não lutou contra isso como eu havia previsto no início. Em vez disso, ele disse que só tinha dois pedidos. A primeira era que eu o deixasse apoiar a minha causa, no entanto, como ele bem entendesse. Ele tinha uma necessidade incessante de controle. Mas se ele seria aquele a ser generoso, eu não iria recriminar isso. A segunda foi que ele e eu começássemos de novo, que eu iria ajudá-lo a tornar-se um bom pai porque, e cito, "*se transformou em uma magnífica filha e filhas magníficas merecem bons pais*".

Ian jogou meu vestido branco de seda para o lado e olhou para meu reflexo. Ele passou as mãos pelos meus ombros, nas laterais e descansou-as em meus quadris, sorrindo maliciosamente.

De repente, eu estava presa e jogada de costas na cama, me fazendo rir. Meu cabelo se espalhou ao redor de seu rosto. No momento em que a diversão desapareceu rapidamente para algo urgente.

—Eu te amo, Sophie Aberdeen.

Eu beijei seus lábios suavemente.

—Eu também te amo, outra metade.

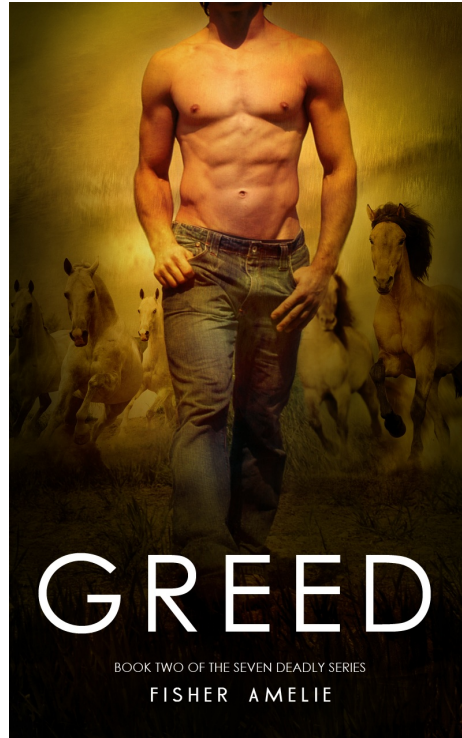
Ele sorriu para isso, então nós dois rolamos mais uma vez. Ele se estendeu e aumentou “*Between two points*” de The Mob Glitch tocando no nosso iPod.

Ele me beijou profundamente, nossas línguas entrelaçadas e disse meu nome, trazendo meu ouvido a sua boca. Ele mordeu minha orelha sussurrou:

— A menor distância entre dois pontos é a linha de mim para você. Ele era bom com suas palavras.

FIM

Greed



Aproxime-se, amor, porque eu quero você. Eu quero o que você tem, eu quero o que você não tem, eu quero mais do que eu já tenho. Eu quero.

Mas se você sequer pedir algo em troca, vá em frente e vá embora. Saiba que se você quiser jogar no meu mundo, é cada um por si e os fracos tornam-se meu. Sanguessugas serão apagados porque eu faço o meu trabalho para destruí-los. Eu protejo o que é meu e eu levo o que é seu... porque é isso que eu faço. Eu quero.

Minha história não vai me encarecer a você e, francamente, eu poderia me importar menos se isso acontecer, porque eu estou nessa pelo dinheiro e nada mais. Não há nada sobre redenção a respeito de mim. Eu sou um corrupto, com fome de dinheiro, idiota imoral de Los Angeles. Eu sou o pior pesadelo de cada homem e fantasia de cada mulher.

Estou Spencer Blackwell... E esta é a história de como eu fui de o cara mais cobiçado do mundo para o cara que ninguém queria por perto e por isso que eu não trocaria isso por nada no mundo.

- [11](#) Duas drogas sedativas e alucinógenas.
- [12](#) Material transparente ou com pequenos orifícios.
- [13](#) Joseph Kony é líder da LRA que visa estabelecer um governo Teocrático, ele é um dos 10 homens mais procurados pela Corte Penal Internacional.
- [14](#) Lord's Resistance Army em inglês.
- [15](#) Referência a o médico e o Monstro
- [16](#) Tipo, Oh meu Deus- usado pelos cristão para não falar o nome de Deus em vão.
- [17](#) A música do Titanic
- [18](#) **Padrões estocásticos** são aqueles que têm origem em processos não determinísticos, com origem em eventos aleatórios.
- [19](#) Rock the boat, expressão usada para “evitar problemas”.
- [10](#) French Quarter é um bairro francês de Nova orleans.
- [11](#) Mardi Gras é um festival de carnaval da cidade de Nova Orleans
- [12](#) Fat Tuesday é o último dia do Mardi Gras, NOLA é referência a Nova Orleans.
- [13](#) Sentido literal: velha carcaça